ENIGMAS E MISTÉRIOS DO UNIVERSO

JAMES CHURCHWARD

O CONTINENTE PERDIDO DE MU

DECIFRANDO O ENIGMA DAS TABUINHAS SAGRADAS

Confraria dos Livros Bons

Hemus

JAMES CHURCHWAKD

O CONTINENTE PERDIDO DE MU

DECIFRANDO O ENIGMA DAS TABUINHAS SAGRADAS

3ª. Edição

2003

HEMUS

PREFÁCIO

A tradução de duas séries de tabuinhas antigas servem de apoio a todos os problemas científicos tratados nesta obra: as tabuinhas Naacal que descobri na Índia abrangendo muitos anos, e uma importante coleção de pedras gravadas, mais de 2.500, descobertas mais recentemente por William Niven, no México.

Estes diversos documentos possuem a mesma origem; são extratos das Escrituras Inspiradas e Sagradas de Mu.

As tabuinhas Naacal apresentam os símbolos e letras Naga e, segundo a lenda, foram redigidas no próprio país de origem, trazidas

para a Birmânia e desse país para a índia. A sua grande antiguidade é confirmada pelo fato histórico que os Naacals saíram da Birmânia há mais de 15.000 anos.

O lugar onde foram escritas as tabuinhas mexicanas é problemático. Elas trazem os símbolos e as letras usadas no Norte, ou seja, em Uighur. A própria escrita, nestes dois documentos, é a mesma de Mu, a pátria de origem. Não posso dizer se elas foram escritas no México ou no país de origem, mas em todo caso, elas têm mais de 12.000 anos, como aparentam algumas delas. Entre as tabuinhas mexicanas várias falam de Mu e outras trazem detalhes que faltam na relação da Criação Naacal, tratado numa edição anterior. Eu as acrescentei no texto desta nova edição, explanando-as e fazendo a sua tradução.

As tabuinhas americanas têm por tema uma descrição da Criação, nos seus menores detalhes, a Vida e sua origem, bem como as origens e as influências das "Quatro Grandes Forças Cósmicas". Mais de mil tabuinhas são dedicadas a este assunto, bem como a criação da mulher.

As tabuinhas Naacal que encontrei no Oriente são muito menos completas e as do México confirmam aquelas e as completam.

Passei muitos anos a provar o mais possível a autenticidade dos fatos revelados nestas tabuinhas. Consagrei cincoenta anos de minha vida nestas pesquisas e explorações,

a fim de descobrir a prova de que as descrições feitas nestas tabuinhas Naacal eram perfeitamente autênticas. Não encontrei nenhuma que não fosse verdadeira.

Os Mexicanos, como os Naacal, afirmam de forma irrefutável que existiu sobre a Terra, na noite dos tempos, uma civilização que era, em muitos aspectos, superior à nossa, e muito avançada em tudo que diz respeito às coisas essenciais da vida que o mundo moderno apenas começou a conhecer. Estas tabuinhas, bem como outros documentos muito antigos, são testemunhas do fato extraordinário que as civilizações da Índia, Babilônia, Pérsia e Egito e do lucatã não passam de últimos lampejos daquela grande civilização.

As tabuinhas Naacal mencionadas na primeira edição desta obra representam uma história maravilhosa do homem dos tempos primitivos. As pedras mexicanas de Niven são também maravilhosas e instrutivas. Elas confirmam a minha teoria, segundo a qual os vestígios mais antigos da presença do homem sobre a terra não se encontram no Egito nem no vale do Eufrates, mas na América do Norte e no Oriente, onde Mu fundou suas primeiras colônias.

JAMES CHURCHWARD

CAPÍTULO I

ALFA — O INÍCIO

Em época muito remota, existiu no Oceano Pacífico um grande continente, cujo centro se achava situado um pouco ao sul da linha do equador. Esse continente chamava-se Mu. A julgar pelos vestígios que permanecem atualmente na superfície dos mares, sua superfície cobria cerca de 10 mil quilômetros no sentido leste-oeste e quase 5 mil de norte a sul. Todas as ilhas do Pacífico, isoladamente ou em arquipélagos, faziam outrora parte do continente de Mu, que foi devastado há cerca de 12 mil anos por um cataclismo. Tremores de terra e erupções vulcânicas destruíram uma civilização inteira, e as águas do Pacífico submergiram uma população inteira de mais ou menos sessenta milhões de habitantes. As ilhas de Páscoa, Taiti, as Samoas, as ilhas Cook, as Tongas, o arquipélago das Marshall, as ilhas Gilbert, as Carolinas, as Marianas, o Hawai e as ilhas Marquesas são tudo o que resta desse imenso continente, cuja existência é confirmada por inúmeras lendas hindus, chinesas, birmanês, tibetanas e cambojeanas, bem como pelas tabuinhas, inscrições e símbolos descobertos no Iucatã e América Central ou nas ilhas oceânicas, sem falar nos vestígios pré-históricos da América do Norte, as obras dos filósofos da Grécia antiga e as inscrições dos egípcios.

Todos esses escritos provam que esse grande continente existiu, e que foi nele que o homem fez o seu aparecimento sobre a Terra, há 200 mil anos. O continente de Mu é o Jardim do Éden mencionado na Bíblia.

Quando da destruição de Mu, sua população era extraordinariamente civilizada e seus progressos científicos ultrapassaram tudo o que podemos conhecer atualmente, o que não é de admirar, considerando que esse povo tinha 200 mil anos de experiência, ao passo que o nosso conhecimento científico não vai além de 500 anos!

As grandes civilizações dos antigos impérios orientais — Babilônia, Índia, Egito, etc. — não eram senão os últimos lampejos da civilização de Mu, seus rebentos que pereceram quando ele desapareceu.

O Jardim de Éden não ficava na Ásia, mas sim sobre esse continente atualmente submerso no fundo do Oceano Pacífico. As narrações bíblicas da Criação — os sete dias e as sete noites — não tiveram origem nas margens do Nilo nem no vale do Eufrates mas sobre um continente desaparecido, chamado Mu, a Mãe-pátria do Homem.

O que afirmamos foi provado com documentos complexos que descobri graças ao auxílio das tabuinhas sagradas da Índia, há muito tempo esquecidas, e através de vários documentos escritos provenientes de diversos países. Todos se referem a essa nação estranha de 6 milhões de habitantes que, há 50.000 anos, fundara uma civilização superior à nossa, em muitos aspectos.

Eles descrevem, entre outras coisas, a criação do Homem no misterioso país de Mu.
Comparando-se esses escritos com os documentos de outras civilizações antigas, narrativas, ruínas pré-históricas ou fenômenos geológicos, descobri que todos esses centros de civilização obtiveram sua cultura de uma fonte comum, Mu.
Podemos, pois, ter certeza que a narração bíblica da Criação tal como a conhecemos hoje em dia foi extraída da história impressionante descrita nessas tabuinhas, a história de Mu, que remonta a 500 séculos.
Para saber como foi conhecida a descrição original da criação, é preciso recuarmos no tempo, mais de cinqüenta anos.
Houve uma fome na Índia. Estive lá para ajudar a socorrer as vítimas, juntando meus esforços com os de um notável padre de uma escola religiosa. Logo fiquei sabendo que ele se interessava muito pela arqueologia e pelos escritos antigos, e que era mais versado do que qualquer outra pessoa neste setor.
Quando me viu, certo dia, tentando decifrar um curioso baixo-relevo, interessou-se por mim, e essa foi uma das amizades mais verdadeiras que tive a felicidade de cultivar. Ele mostrou-me como resolver o mistério daquele baixo-relevo e propôs dar-me instruções que me possibilitassem realizar um trabalho muito mais difícil.
Durante mais de dois anos, estudei minuciosamente uma língua morta que, na opinião do meu erudito amigo, tinha sido a língua primitiva da humanidade. Disse-me que essa língua era

conhecida por apenas mais dois grandes sacerdotes da Índia. O que aumenta a dificuldade é que, aparentemente, as inscrições mais simples tinham significados ocultos destinados aos Irmãos Sagrados — os Naacals — uma irmandade religiosa enviada pela Mãe-pátria às colônias para ensinar as escrituras sagradas, a religião e as ciências.

Um dia, estando de bom humor, disse-me que existiam tabuinhas muito antigas nos arquivos secretos do templo. Não sabia do que se tratava, pois havia visto somente os cofres que as continham. Se bem que ele tivesse direito de examinar esses escritos, nunca havia tentado, pois os mesmos eram sagrados e não deviam ser tocados.

Acrescentou algumas palavras que espicaçaram a minha curiosidade no mais alto grau. Ele já me falara da lendária Mãe-Pátria do Homem, o misterioso país de Mu, mas deixou-me admirado agora contando-me que acreditava que essas preciosas tabuinhas tinham sido escritas pelos Naacals, tanto na Birmânia como na Mãe-pátria.

Durante dias a fio, tentei achar um meio de me aproximar dos tesouros guardados, porém meu amigo, embora fosse cortês, recusou-se terminantemente.

Passaram-se seis meses. Acabei por fazer-lhe ver que essas tabuinhas valiosas não poderiam ficar para sempre dentro de seus cofres, pois corriam o risco de se estragar e que nós poderíamos, pelo menos, nos certificar que elas estavam em bom estado. A inquietude, ou a curiosidade, serviram

finalmente de motivo para que o padre uma tarde, ao chegar em seu quarto, colocasse duas das tabuinhas, à sua frente, sobre uma almofada.
Examinei-as com o maior interesse. Eram feitas de terracota, ao que parece, e muito empoeiradas. Limpei-as com o maior cuidado, e tratei de decifrar as letras, que eram aquelas da língua morta que eu havia estudado com meu amigo.
Estávamos com sorte aquela tarde porque essas duas valiosas tabuinhas de terracota revelaram fatos de tal importância que nós percebemos que se tratava realmente dos arquivos verdadeiros de Mu. Entretanto, a narrativa se interrompe bruscamente no momento mais interessante, na parte inferior da segunda tabuinha. O próprio sumo-sacerdote não pôde conter seu desejo de ver o resto.
— Não podemos parar nesse ponto, meu filho — disse ele. Trar-lhe-ei as outras, amanhã.
Felizmente, as primeiras tabuinhas que examinamos a seguir não pertenciam à mesma série, mas tratavam de um assunto totalmente diverso, de maneira que para encontrar a seqüência da primeira narrativa era preciso desencaixotar tudo. Foi bom ter feito isso pois muitas das tabuinhas estavam tão mal acondicionadas que se achavam quebradas. Nós as consertamos, colando-as novamente. Quando as guardamos, envolvemos algumas delas em papel de seda e algodão.
— Meu filho, disse-me o padre, — tenho a impressão que o senhor foi o emissário de um

mandamento divino, ordenando-me a salvaguardar essas relíquias.
Passei vários meses traduzindo as tabuinhas, mas o resultado justificou amplamente meus esforços. As narrativas descreviam com minúcias a criação da terra e do homem, e o lugar onde este apareceu pela primeira vez: Mu.
Quero agora estudar os escritos de todas as civilizações antigas, para compará-los com a lenda de Mu. Descobri que as civilizações da Grécia antiga, da Caldéia, da Babilônia, da Pérsia, do Egito e da Índia haviam sido claramente precedidas pela civilização de Mu.
Prosseguindo com minhas pesquisas, descobri que esse continente perdido se estendia do norte do Hawai até as ilhas Fidji ele um lado e a ilha de Páscoa do outro. Ele havia sido, sem dúvida alguma, a habitação primitiva do homem. Fiquei sabendo que neste belo país havia vivido um povo que tinha colonizado a terra e que o continente tinha sido tragado em conseqüência de violentos tremores de terra, desaparecendo num incrível turbilhão de água e fogo, há 12.000 anos.
Fiquei sabendo também a verdadeira história da criação do mundo. Foi sobre o continente de Mu que o homem fez a sua primeira aparição.
Acompanhei a rota dessa mesma história de Mu na Índia, onde se estabeleceram os primeiros colonos do continente desaparecido, da Índia ao Egito, do Egito ao templo do Sinai onde Moisés a copiou, e de Moisés à tradução errada do livro de Ezra, 800 anos mais tarde. A veracidade destes acontecimentos se tornará evidente mesmo para

aqueles que não estudaram o assunto a fundo, podendo constatar a grande semelhança entre a história da criação tal como a conhecemos e a tradição originária de Mu.
As tabuinhas tratam de diversos assuntos, cada um deles sendo aprofundado entre várias delas. Os mais breves requerem duas tabuinhas, e os mais extensos, seis. Por sorte, achamos duas tabuinhas que fornecem a chave dos diversos símbolos e hieróglifos. Classifiquei as tabuinhas, como segue:

- Série 1. Uma descrição da criação até o aparecimento do homem.
- Série 2. O desprendimento das montanhas sob a ação do "fogo interno" (o gás) e as providências para evitar a sua repetição.
- Séries 3 e 4. As origens e as influências da grande força primária da terra, dividida em duas partes.
- Série 5. A origem e as influências da grande força atômica da terra, primeira parte de uma série anterior.
- Série 6. A origem da força que criou e mantém a vida, segunda parte da série 4.
- Série 7. As origens da vida, tal como ela é, e sua evolução.
- Série 8. A criação do homem, mostrando o que é o homem e no que ele difere dos outros seres.
- Série 9. A chegada do homem sobre a terra, o lugar de sua primeira aparição, chamado nas tabuinhas a "Mãe-pátria do Homem". Elas

representam indiscutivelmente o começo de uma longa série, sem dúvida, a primeira História de Mu.

- Série 10. É formada de duas tabuinhas, muito maiores que as outras, servindo de chave para as escrituras e para os símbolos das outras tabuinhas.

Foi graças a essa chave que nós pudemos traduzir inteiramente o documento, pois sem ela, a possibilidade de decifrar esses sinais, seria mínima. Além disso, nosso trabalho tornou-se mais fácil devido à incrível soma de conhecimentos do passado revelada por esse grande sacerdote. Bastava decifrar a primeira linha de uma tabuinha, para saber também do que se tratava e o que ela continha.
Colocadas na devida ordem, as tabuinhas começam assim:

"No início, o universo não passava de uma alma ou espírito. Tudo era inanimado, sem vida, calmo, silencioso. A imensidão do espaço era o nada e trevas. Apenas o Espírito Supremo, o Grande Poder, o Criador, a Serpente de Sete Cabeças, existia neste abismo de trevas. Sentiu o desejo de criar mundos e os criou; sentiu o desejo de criar a terra, habitada por seres viventes e, criou a terra e tudo o que ela contém".

E eis como foi criada a terra e tudo o que ela contém:

"As sete inteligências máximas da Serpente de Sete Cabeças estabeleceram sete mandamentos".

O primeiro mandamento intelectual era:

"Que o gás sem forma e espalhado pelo espaço seja reunido para formar a terra: o gás se reuniu em forma de turbilhão."

O segundo mandamento era:

"Que o gás se solidifique para formar a terra: o gás se solidificou então, sendo deixados partes dele para formar as águas e a atmosfera; e esses volumes de gás envolveram o novo mundo. As trevas imperavam e não havia nenhum som, porque não havia ainda sido formada a atmosfera, nem as águas''.
Vem a seguir, o terceiro mandamento:

"Que o gás do exterior se separe e que forme a atmosfera c as águas: e o gás se separou; uma parte formou as águas, que se espalharam pela superfície da terra e a cobriram, se bem que não aparecesse nenhuma ilha. O gás que não formou as águas, passou a constituir a atmosfera e "*a luz foi incluída nessa atmosfera*".
"E os raios do sol se encontraram com os raios da luz na atmosfera e formaram o dia. Dessa forma, fez-se a luz. *E o calor foi incluído também na atmosfera.*
"E os raios do sol se encontraram com os raios de calor e trouxeram a vida."

O quarto mandamento:

"Que o gás que está encerrado no interior da terra a faça subir acima da superfície das águas: então o fogo do centro da terra fez surgir as ilhas e os continentes, e as águas se afastaram."

O quinto mandamento foi:

"Que a vida apareça nas águas: e os raios do sol se encontraram com os raios da terra no lodo das águas e se formaram os ovos cósmicos (germes de vida) entre as células do lodo. E a vida surgiu desses ovos cósmicos, segundo o mandamento".

O sexto mandamento foi:
"Que a vida apareça sobre a terra: e os raios do sol se encontraram com os raios da terra no pó e se formaram os ovos cósmicos; e desses ovos cósmicos surgiu a vida, segundo o mandamento."

E quando tudo já estava feito, foi dado o sétimo mandamento:

"Criemos um homem à nossa imagem e se dê a ele o poder de reinar sobre esta terra".
"Dessa forma Narayana, a Inteligência de Sete Cabeças, o Criador de todas as coisas do universo, criou o homem e colocou em seu corpo um espírito vivente e imperecível, e o homem tornou-se uma inteligência, como Narayana. E a criação foi perfeita."

Os sete mandamentos indicam, sem a menor dúvida, sete períodos diferentes. Um período não pode ser medido em um determinado número de anos. Isso pode significar um dia, um ano, milhões de anos. Assim, as tabuinhas não indicam o tempo gasto na criação. Ela poderia ter sido feita em dez milhões ou cem milhões de anos. É apenas mencionado que a terra foi criada em sete períodos de tempo, e não em sete dias como diz a Bíblia.

Mas a semelhança entre o começo das tabuinhas Naacal e o Gênesis é notável, como também são notáveis as diferenças com os trechos da Bíblia que vêm a seguir. Entre todos os povos da terra existe uma lenda da Criação e em todos os casos fiquei admirado pela semelhança entre essas lendas, e não pude deixar de concluir que elas tiveram uma origem comum, e que a sua origem foi Mu.

O sétimo mandamento foi o mais difícil de traduzir. A decifração em si foi bastante fácil, mas ficamos impossibilitados de descobrir as palavras em nossos idiomas modernos que tivessem exatamente o mesmo significado que os dessa língua morta. Por exemplo, "alma" e "espírito" foram as mais próximas que pudemos atribuir para "o que foi colocado no corpo do homem"; a palavra "vivente" não podia ser exatamente o que haviam pensado os autores do texto original. A palavra "imperecível" é, sem sombra de dúvida, perfeitamente exata. Mas o que quer dizer exatamente "à nossa imagem"? Não é certamente uma semelhança física. Ela se refere

provavelmente aos poderes mentais e místicos, confirmados pela seguinte frase: "Dê-se ao mesmo o poder de reinar sobre a terra".
A Bíblia utiliza um bom símbolo quando fala do "sopro de Deus". Seja ele qual for, é claro que isso significa os *poderes especiais recebidos de Deus,* podendo assim o homem ser considerado como uma parcela de Deus, como uma folha faz parte de uma árvore. O homem derivou de Deus e a Ele deve retornar.
No início de nosso estudo, meu amigo informou-me que seria impossível decifrar as tabuinhas e as inscrições antigas se não fosse conhecido o que ele chamava o idioma Naga-Maya, porque todos os escritos antigos que se referem a Mu estão nesse idioma e porque todos os documentos Naacals possuem um sentido oculto (ou reservado) conhecido apenas pelos Naacals e por aqueles a que eles se referiam. Havia a chave dessa língua mística, e quando a aprendi, ela mostrou ser um verdadeiro "abre-te sésamo" que me abriu portas misteriosas.
Durante quase dois anos, estudei essa linguagem antiga e utilizei-a para decifrar as tabuinhas.
Quando terminamos nossa tarefa, meu velho amigo e mestre hindu observou:
— Meu filho, conhecemos agora o sentido geral, mas não os detalhes.
Devo reconhecer francamente que sem o auxílio desse velho amigo, eu não teria podido decifrar essas tabuinhas.

Descobri o reflexo de seus ensinamentos na antiga literatura hindu e em outros documentos. Por exemplo:

O *Manava Dharma Sastra,* Livro 2, versículo 74: "No início existia apenas o infinito chamado Adite". Livro 1, vers. 8: "Este germe tornou-se um ovo". Livro 1, vers. 10: "No início reinavam as trevas". Livro 1, vers. 9: "Ele criou em seguida as águas e nelas depositou um ovo".

No *Rig Veda* (2.000-2.500 a.C.), Livro 3, pp. 316-317: "Neste ovo foi reproduzido o *intelecto* do Ser Supremo *sob a forma de Buda* cuja união com a deusa Maya, avó de todos os deuses e de todos os homens...'' (Isto corresponde a Adão e Eva, 1.700 anos mais tarde.) Página 3: "Ao seu redor, nada existia; reinavam as trevas''. Página 4: "Aquele que mede a *claridade do ar*".

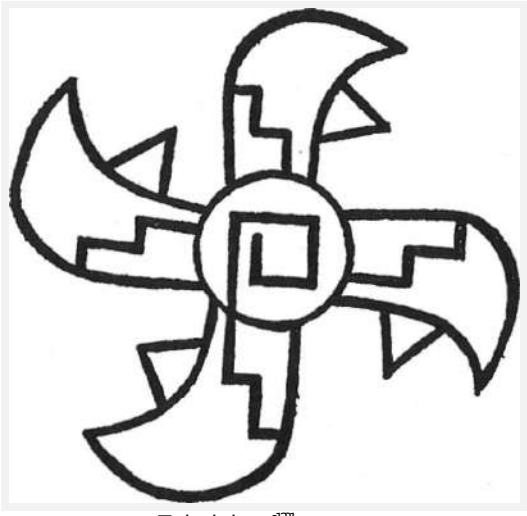
Ninguém põe em dúvida, e tanto a história como a lenda afirmam, que esses livros foram escritos segundo os antiquíssimos arquivos do templo, que os Naacals são os autores desses arquivos, e que eles ensinavam a religião e as ciências.
Existem numerosas versões da história da criação nas várias partes do mundo, o que se deve sem dúvida alguma à maneira pela qual ela foi transmitida de geração em geração. Por mais surpreendente que possa parecer, a versão mais científica — e aquela que, mais que todas as outras, com exceção dos Naacals, pode ser confirmada pela geologia -— é a que encontramos

entre as raças semi-selvagens das ilhas do Pacífico, principalmente nas ilhas Marquesas.
Os hindus, os caldeus, os egípcios, os maias e os gregos mais tarde, eliminaram o aspecto científico em suas narrações da criação, e descreveram os acontecimentos comuns por meio de símbolos, sem explicar por que. O motivo desse procedimento é dado por Clemente de Alexandria, que diz:

"Os egípcios mantinham o segredo de seus mistérios e não corrompiam o seu conhecimento das coisas divinas, entregando-as aos profanos; eles a reservavam para o herdeiro do trono, e para os padres que sobressaíam em virtude e sabedoria".

Em outras palavras, os significados esotéricos não eram revelados.
A verdade é que a lenda egípcia da criação, baseado na qual Moisés escreveu o Gênesis, foi trazida da Índia quando os Naacals chegaram como missionários no Egito, para ensinar as sete escrituras inspiradas e sacras, a religião e as ciências. Portanto, a estória narrada às crianças na escola dominical e no catecismo em todo o mundo cristão hoje em dia, tem sua origem no continente perdido de Mu.

Não quero finalizar este capítulo sem antes revelar um elo de ligação entre a narrativa Naacal da Criação e as tabuinhas descobertas no México por Niven.



Tabuinha nº 1231

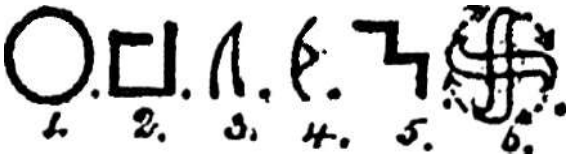
1231

Tabuinha nº 1.231 — É uma das mais interessantes, e sob todos os aspectos uma das mais valiosas entre o conjunto de mais de 2.600 tabuinhas de Niven, porque ela é a chave do mecanismo do universo.

É um símbolo das Quatro Forças Sagradas, que sob inúmeros nomes e aspectos diferentes, desempenharam um papel importante na concepção humana do Criador e da criação, desde a aurora dos tempos até nossos dias.

As escrituras Naacals nos dizem que as Quatro Forças eram agentes dos *mandamentos* do Criador que estabeleceram a ordem e a lei no caos universal. Após haverem desempenhado a sua

tarefa, foram encarregadas do universo físico. As tabuinhas mexicanas dizem exatamente a mesma coisa.
Os documentos Naacals dão às mesmas, nomes simbólicos. A tabuinha que nos poderia informar quais eram as Quatro Forças Sagradas, além do fato de serem as executoras dos primeiros grandes mandamentos da criação, nos falta. Como as Quatro Forças Sagradas eram as executoras dos mandamentos, havia naturalmente qualquer coisa para executar. Mas o que era? Até o momento nada encontrei nas inscrições antigas e nos documentos que pudessem esclarecer esse ponto..., *mas essa tabuinha nos faz essa revelação.*
Para que não pensem que isso se trata de uma simples hipótese minha, apresento a seguir uma análise minuciosa, uma decifração e uma tradução da tabuinha nº 1.231.



Chave

1. A figura central é um círculo, representando o sol como *Ra.* É o símbolo monoteísta do Criador. É um dos três primeiros símbolos utilizados no ensino religioso. É o mais sagrado de todos.
2. Nesse círculo encontra-se a letra hierárquica H do alfabeto da Mãe-pátria. É o símbolo alfabético das Quatro Forças Sagradas. Como ela está dentro

do círculo, isso significa que as mesmas estão no Criador, e saem de sua boca. As Quatro Forças Sagradas — as quatro grandes forças primárias — são dessa forma vistas saindo diretamente do Criador, executando, como dizem os antigos, "Seus desejos", "Sua vontade", e "Seus mandamentos".

3. É o símbolo de uma *Força;* a base indica o ponto de origem da força, e a direção que ela toma. Nesse desenho, ela vai do *oeste* para *leste.*

4. Cada uma das quatro Forças traz uma flecha, uma lança, ou uma ponta de lança. É o símbolo da atividade, mostrando que essa força não está inativa, mas permanece ativa, na direção do oeste para leste.

Os antigos entendiam o seu significado: "e quando tudo foi feito, elas receberam o encargo do universo físico".

5. Esse hieróglifo forma a palavra *Geômetra.* Essa palavra está escrita no interior de cada uma das quatro Forças. Esses são, portanto, os Quatro Grandes Geômetras, as *Quatro Grandes Forças Primárias.* São forças *primárias* porque são representadas como vindas diretamente do Criador.

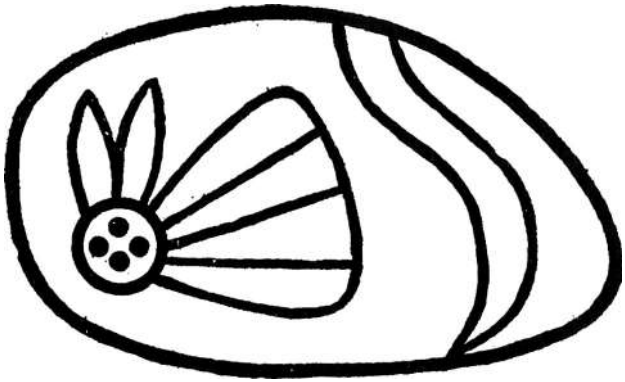
6. Esse símbolo é formado cruzando-se as quatro forças. Todas se deslocam do oeste para leste. Os ponto formam um círculo simbolizando o universo. Elas governam, portanto, os movimentos de todos os corpos no universo. Isso demonstra que todos os corpos giram do oeste para leste e que todos os caminhos percorridos pelos corpos em movimento

vão do oeste para leste, girando em torno de um centro. O símbolo demonstra que esse centro é a *Força Primária,* isto é, o *Grande Infinito,* ou o *Todo-Poderoso.*

Estando demonstrado simbolicamente, esse centro não representa um ponto determinado do universo; é Ele, Ele é o centro, ao qual obedecem todos os movimentos diretos ou indiretos dos corpos, isto é, as forças secundárias produzidas pela influência de outras forças, ainda mesmo essa que chamamos de energia atômica.

Entre as 2.600 tabuinhas de Niven, 1.000 tratam das Quatro Forças Primárias.

O último hieróglifo, o nº 6, é simples. Espero ainda encontrar o primeiro arqueólogo que não o tenha confundido com a suástica, ou cruz gamada.

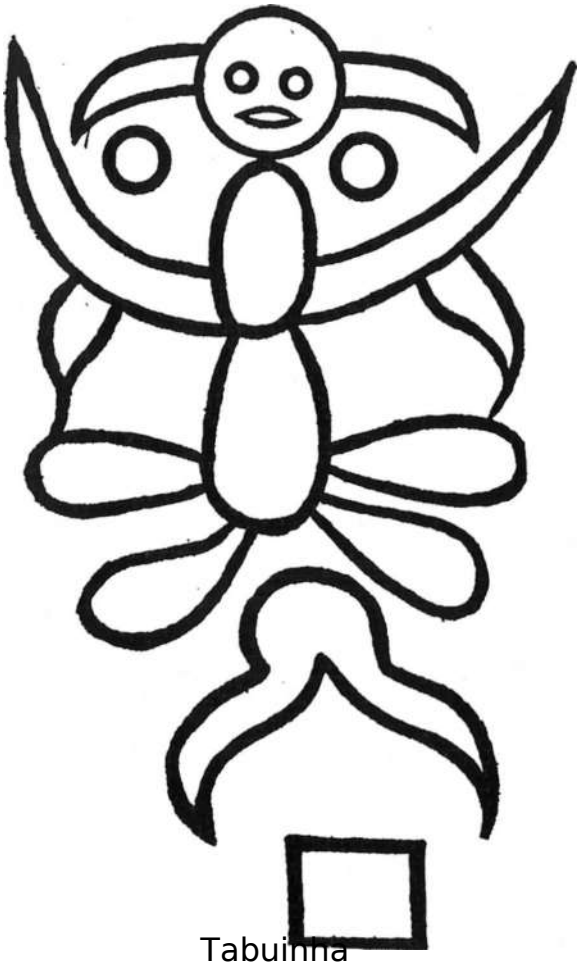


Tabuinha nº 339

Tabuinha nº 339, da coleção de Niven.

Sobre essa pedra, vemos um símbolo muito artístico da antiga concepção da Ordem e da Lei, representada por uma borboleta.

A elipse que acompanha o contorno da pedra simboliza o universo, um espaço sem fim.
A cabeça da borboleta é um círculo contendo quatro pontos. Esse círculo representa o Criador e os pontos são em número de 4, simbolizando as Quatro grandes forças. 4 e 1 são iguais a 5, o símbolo numérico de Deus.
As duas antenas simbolizam a lei e a ordem.
A asa pode ser decifrada de duas maneiras: cinco traços simbolizando Deus e quatro espaços entre os mesmos, simbolizando as Quatro Forças Sagradas.



Tabuinha nº 1584

Um idioma abrange todo o universo. A língua é o símbolo da palavra e do mandamento. Portanto, o "mandamento" foi dado para que a lei e a ordem sejam estabelecidas em todo o universo. A borboleta transmite esse mandamento.

Explicação: Obedecendo a um mandamento do Criador, as Quatro Forças Sagradas estabeleceram a ordem e a lei em todo o universo.

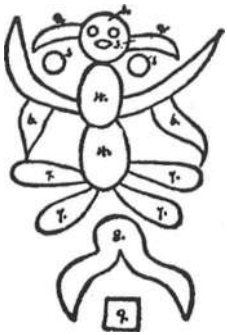
As tabuinhas Naacals, que decifrei, terminam descrevendo a criação do homem. A continuação das mesmas foi perdida. Faltam muitos elos de ligação nesta coleção que faz uma narrativa incompleta: ela não faz menção da criação da mulher. Nada se diz a esse respeito, a não ser o que existe na lenda. As lendas, entretanto, são numerosas e universais.

Tabuinha nº 1.584. Essa tabuinha apresenta a continuação das Escrituras inspiradas e sagradas de Mu, e a continuação do Sétimo Mandamento revelado nas tabuinhas Naacals.

Existe, entretanto, uma diferença entre as tabuinhas orientais e as mexicanas. Sabemos que os Naacals foram copiados diretamente baseados nas Escrituras inspiradas e sacras *dentro* da própria Mãe-pátria, mas não sabemos onde foram redigidas as tabuinhas mexicanas. A de nº 1.584 é um extrato das Escrituras Sagradas, feito dezenas de milhares de anos antes das Naacals, mas por quem? Ninguém sabe, nem se conhece o local, mas é provável que tenha sido na América, pois todas as tabuinhas redigidas na Mãe-pátria são de argila e as do México são de pedra.

O documento mexicano, tendo sido escrito bem antes do oriental, impõe uma pergunta: trata-se de uma cópia autêntica do original ou com o passar do tempo impôs-se uma nova cosmogonia, mudando-se dessa maneira alguns detalhes do original para satisfazer um clero mais moderno?

1. Cabeça humana, simbolizando o homem. Os olhos estão fechados, *na morte* que é o sono mencionado pelos antigos escritos. Os primeiros homens não acreditavam que o homem pudesse realmente morrer (a alma).
2. Os símbolos das forças cósmicas são aqui representados como um dos poderes conferidos ao homem para lhe permitir "reinar sobre a terra".
3. Saindo da cabeça, esse sinal indica que tais poderes são intelectuais.
4. O corpo é formado por dois ovos cósmicos. O de cima acha-se ligado à cabeça, e o que está embaixo, ao primeiro, o que significa que o corpo é duplo: trata-se de um gêmeo. Como se pode ver, o ovo superior está a ponto de se destacar do outro, e vice-versa.
5. Em volta do pescoço há um círculo, o símbolo do Criador, mostrando assim que em certos aspectos essa criação faz parte do próprio Criador. Como estão colocados muito próximos da cabeça, têm também o significado de "intelectualmente".
6. De cada lado do ovo superior sai uma força e dessas duas forças derivam duas outras forças secundárias que entram em contato com os ovos cósmicos que se manifestam. Portanto, serão animados por uma força.



Chave

7. Como já disse antes, a parte inferior do corpo é formada por um ovo cósmico, de onde saem outros quatro; esse símbolo significa, portanto, que o ovo inferior é o princípio feminino.
A relação entre as forças do ovo superior, o princípio masculino, pois não se trata de ovos cósmicos mas de forças apenas, e aquelas dos ovos cósmicos que saem do ovo materno formando a parte inferior do corpo, nos mostram que as forças cósmicas do homem se transmitem de pai para filho. Elas vêm diretamente do Criador e se perpetuam dessa forma em toda a humanidade.
8. Esse hieróglifo representa uma tesoura, ou as forças de separação. Vemos duas forças se sobrepondo uma sobre a outra, cortando e dividindo o que se acha entre elas. Essas duas forças são os agentes que separam os corpos na morte, para fazer um macho e uma fêmea.
A explicação dos vários símbolos dessa pedra é a seguinte:
O primeiro homem foi criado duplo. Depois essa criatura: o primeiro homem foi adormecido (a

morte que nós conhecemos) e durante o seu sono seus princípios foram divididos, e o primeiro homem se desdobrou em um homem e uma mulher. Através do homem e da mulher, a reprodução perpetuou a raça. O mundo inteiro foi povoado por esse casal.
Trata-se de uma lenda perturbadora e, para aqueles que não refletem, impossível. Entretanto esta lenda tem sido repetida através dos séculos e chegou até nós.

Escolhi dois trechos da Bíblia:

Gênesis: cap. 2, versículo 22: "E da costela que havia tirado do homem, o Senhor fez uma mulher".

Gênesis: cap. 3, versículo 20: "E Adão chamou sua mulher de Eva, porque era a mãe de todos os homens".

A escritura bíblica é simbólica, e não liberal; ela exprime numa linguagem diferente a história narrada nesta tabuinha. A Bíblia e o documento mexicano tiveram, portanto, a mesma origem, as Escrituras Sagradas e Inspiradas de Mu.
Existe uma lenda semelhante entre os selvagens e semi-selvagens das ilhas Polinésias.

"Taaroa criou o homem da terra vermelha Araca e soprou em suas narinas. Criou a mulher com os ossos do homem e a chamou de Eva".

O grande filósofo grego Platão, escreveu: "O ser humano foi criado no início com o homem e a mulher não formando mais do que um só corpo. Cada corpo tinha quatro braços e quatro pernas. Os corpos eram redondos e rolavam por toda parte, servindo-se dos braços e pernas para se mover. Acabaram por desafiar os deuses. Um deus disse então: "Matemo-los, pois são muito perigosos"! Um outro disse: "Não, tenho uma idéia melhor. Vamos dividi-los em dois; assim não terão mais que dois braços e duas pernas; não serão mais redondos. Não poderão rolar; sendo dois oferecerão o dobro de sacrifícios e, o que é mais importante, cada metade estará tão ocupada procurando a outra que não terão tempo para nos desafiar".
O segundo deus era sábio. Sua idéia deu excelentes resultados. Cada metade humana, homem ou mulher, tem estado sempre tão ocupada em procurar a outra metade, "a alma irmã", que se esquece do resto.

Lao-tsé, em seu *Tao-tö king,* escreveu, na China, no ano 500 a.C: "Tau a Razão criou *Um.* Este *Um* tornou-se *Dois,* e o *Dois* produziu o *Três,* e o *Três* produziu todos os outros seres".
Os países orientais possuem muitas lendas sobre a criação do primeiro homem duplo. Muitas delas nos falam da separação feita durante o sono (a morte).
Evitarei fazer qualquer comentário sobre essa cosmogonia. Deixarei que o leitor tire as suas próprias conclusões.

Todas as tabuinhas, inscrições e escritos, estão acompanhados de chaves que as tornam compreensíveis. Tudo é provado; os fatos são patentes e não se trata de simples hipóteses. O que esses escritos revelam é espantoso, e, contudo, eles são confirmados por fenômenos arqueológicos e geológicos, que nos dispensam ter de recorrer às lendas. Lao-Tsé, o filósofo chinês do século VI antes de Cristo, fala da grande sabedoria e dos progressos científicos de seus antepassados pré-históricos.

Os antigos nunca deixaram de pensar na posteridade; deixaram arquivos, gravados na pedra ou na argila. Os sacerdotes de Sais falaram de sua sabedoria a Sólon, o grego, e Plutarco a menciona. Muitos de seus escritos acham-se perdidos e espalhados, mas como em sua época essa sabedoria era universal, encontramos fragmentos da mesma em todos os recantos do mundo. Ao juntá-los, verificamos que eles se refazem, e nos permitem esclarecer os mistérios da primeira grande civilização da Terra.

Durante cinqüenta anos, pesquisei esses fragmentos e os reuni, a fim de poder escrever a história da criação do homem. Mas isso não passa de um começo, e deixo à posteridade a tarefa de completá-la.

As relíquias que provêm certamente de Mu, a Mãe-pátria, são muito raras. Tive a oportunidade de encontrar duas que me parecem ter vindo de Mu. São duas pequenas imagens simbólicas em bronze, que foram esculpidas na Mãe-pátria ou em uma de suas colônias, as antigas cidades de

Uighur, antes que a parte oriental desse imenso império fosse destruída pelo último cataclismo magnético, o "Dilúvio" da Bíblia. Esse maremoto destruiu todo o país; suas populações foram aniquiladas e as suas cidades ficaram submersas. A capital Uighur jaz atualmente sob quinze metros de rochas, pedregulhos e saibro. Ela achava-se situada no centro do atual deserto de Gobi, onde só existem rochas, porque tudo o mais foi carregado pelo dilúvio.

Uma das relíquias em meu poder auxiliar-me-á a interpretar a história. Esses dois bronzes são, sem a menor dúvida, os mais antigos do mundo. Sendo de Uighur, têm no mínimo de 18 a 20 mil anos. Se vêm de Mu, é impossível calcular a sua idade.

Representam Mu como grande dominador. Em nenhuma outra parte do mundo podemos encontrar melhor exemplo de artesanato, e essa arte é igualada só pelos nossos maiores joalheiros. O Museu Britânico possui três cetros reais que foram certamente fabricados em Mu antes de sua destruição.

Na Mãe-pátria de Mu existiam dez tribos diferentes, mas falando quase o mesmo idioma; entretanto, escreviam de modo diferente, bem como seus símbolos não eram os mesmos. Cada tribo possuía o seu território. Mais tarde, à medida que cada um desses povos participou da formação de novos países, construíram suas próprias cidades, como haviam feito seus antepassados em Mu. Ficaram vizinhos para formar um todo homogêneo, mas cada um conservando o seu feitio, apesar de, com o tempo, as tribos haverem-se

tornado nações diferentes, separadas e autônomas. E, com o isolamento, surgiu uma diferença de idioma.

CAPÍTULO II

O CONTINENTE PERDIDO

A narrativa da destruição de Mu, a Mãe-pátria do Homem, é realmente bastante estranha. Ela nos dá a solução do mistério das raças brancas dos Mares do Sul e nos ensina como uma grande civilização floresceu no centro do Pacífico, para ser totalmente destruída em uma noite. Há cerca de 20 anos, os sábios puseram em dúvida a possibilidade de existência de um vasto continente como Mu, em pleno centro do Pacífico. Mais tarde, porém, foram descobertos certos documentos que, comparados com outros, provam que tal continente existiu. Existem várias provas.

Em primeiro lugar existem, como já expliquei no capítulo anterior, as tabuinhas sagradas descobertas naquele templo hindu e decifradas com o auxílio de um sacerdote sábio. Essas tabuinhas me proporcionaram uma compreensão prévia de Mu e fizeram com que eu me lançasse numa busca pelo mundo inteiro. Elas foram escritas pelos Naacals, tanto na Birmânia como na Mãe-pátria. Descrevem como os Naacals vieram desse continente situado no meio do Pacífico. Descrevem também a história da criação de homem nesse lugar. Os documentos mais recentes

escritos em Mayax, no Egito e na Índia, descrevem a destruição desse país de Mu, quando a crosta terrestre se abriu para lançar o continente todo em um abismo de água e fogo. A seguir, as águas do Pacífico cobriram o que havia sido uma poderosa civilização.

Existe uma confirmação da existência de Mu em outros manuscritos antigos, entre os quais um clássico como a epopéia hindu *Ramayana,* escrito pelo historiador Valmiki, ditado por Narana, sumo-sacerdote dos templos de Rishi (sagrados) em Ayhodia, que leu para ele os antigos arquivos do templo. Valmiki afirma que os Naacals "vieram para a Birmânia, provenientes de sua terra natal no leste" ou seja, do oceano Pacífico. Outro documento confirma a descrição feita nas tabuinhas sagradas e de Valmiki; trata-se do manuscrito Troano que se encontra atualmente no Museu Britânico. É um livro maia muito mais antigo, escrito no Iucatã. Fala do "País de Mu", utilizando os mesmos símbolos de Mu que encontramos na Índia, Birmânia *e* no Egito. Temos ainda uma referência sobre Mu no Codex Cortesianus, livro maia quase contemporâneo do Manuscrito Troano. Além desses, temos o Documento de Lhassa, certos escritos da Grécia, América Central e México, e as pinturas rupestres nas grutas trogloditas de nossos Estados do Oeste.

Finalmente, existem as ruínas que, pela sua localização e pelos símbolos nelas existentes, nos falam sobre o continente de Mu, a Mãe-pátria do Homem.

Nas ilhas dos mares do Sul, notadamente em Mangaia, Tonga-tabu, Panape, Marianas e a ilha de Páscoa, encontramos atualmente vestígios de antigos templos de pedra e outros restos monolíticos que remontam à época de Mu. Em Uxmal, no Iucatã, um templo em ruínas apresenta inscrições comemorativas das "Terras do Oeste, de onde nós procedemos"; e a extraordinária pirâmide mexicana, ao sudoeste do México, foi erigida, segundo as inscrições nela existentes, como um monumento comemorativo da destruição dessas mesmas "Terras do Oeste".

Além disso, existe a disseminação de certos símbolos *e* costumes antigos descobertos no Egito, Birmânia, Índia, Japão, China, nas ilhas do Pacífico, na América Central, América do Sul e entre certas tribos da América do Norte. Esses símbolos *e* costumes são tão parecidos que não existe a menor dúvida sobre a sua origem comum: Mu. Todos eles possibilitam acompanhar a narrativa da destruição de Mu.

Esse continente era uma imensa planície cheia de vales, estendendo-se do norte do Hawai para o sul. Uma linha traçada entre a ilha de Páscoa e as Fidji constituem o seu limite meridional. Estendia-se por mais de oito mil quilômetros de leste a oeste, e mais de cinco mil de norte a sul. O continente era formado por três porções, divididas por estreitos canais ou desfiladeiros.

Baseados nos diversos documentos por mim consultados (Manuscrito Troano, tabuinha da ilha de Páscoa, Documento Grego, Documento de

Lhassa e outros) vou tentar descrevê-lo tal como era.

Há muito tempo, nos tempos muito antigos — há vários milhares de anos — mas no limiar do que nós chamamos os tempos históricos, — existia um vasto continente no meio do oceano Pacífico, onde atualmente vemos apenas "o céu e o mar" e os pequenos arquipélagos, que chamamos as ilhas dos Mares do Sul.

Era um belíssimo país tropical, coberto de vastas planícies. Os vales e as planícies eram férteis, a vegetação crescia e havia campos cultivados, já que as colinas eram sombreadas por uma bela vegetação tropical. Nenhuma montanha adornava esse paraíso terrestre, porque as montanhas não haviam ainda se elevado das entranhas da terra.

Esse grande país era irrigado por numerosos cursos de água, rios e riachos, que serpenteavam pelas colinas baixas e planícies férteis. A vegetação luxuriante cobria toda a região com um magnífico enfeite verde. Milhares de flores perfumadas pendiam das árvores e dos arbustos; as praias eram enfeitadas de grandes palmeiras e ao longo dos rios as altas samambaias se agitavam com a brisa. Nos vales, os rios formavam lagos, em torno dos quais florescia o lótus sagrado. Borboletas multicoloridas esvoaçavam sob as árvores e os beija-flores zumbiam de flor em flor, brilhando ao sol como jóias aladas.

Nas florestas virgens vagavam manadas de possantes mastodontes e elefantes, agitando suas imensas orelhas para afastar os insetos importunos.

O grande continente regorgitava com uma vida feliz para aqueles "64 milhões de seres humanos" (manuscrito Troano) que reinavam como senhores absolutos. Grandes estradas seguiam em todas as direções, "como um teia de aranha", e as pedras que as pavimentavam eram tão bem unidas que a vegetação não podia crescer entre elas (tabuinha da ilha de Páscoa).

Nessa época, os 64 milhões de habitantes formavam dez tribos, ou "povos" diferentes uns dos outros, mas sob o mesmo governo.

Há muitas gerações, o povo havia escolhido um rei e havia acrescentado o prefixo Ra ao seu nome. Tornava-se assim o chefe hierático e imperador sob o nome de "Ra Mu". O império se denominava o Império do Sol.

Todos professavam a mesma religião, adorando a Divindade sob a forma de símbolos. Todos acreditavam na imortalidade da alma, que voltava eventualmente à "grande fonte de onde ela derivou".

Era tão grande o respeito que nutriam pela Divindade que não pronunciavam jamais Seu nome e nas suas preces e súplicas se dirigiam serqpre a Ele por intermédio de um símbolo. "Ra o Sol" era o símbolo coletivo de todos os Seus atributos.

Sumo-sacerdote, Ra Mu era o *representante* da Divindade. Era sabido que Ra Mu não devia ser adorado, pois não passava de um representante.

Nessa época, o povo de Mu era altamente esclarecido e civilizado. *Não havia selvageria sobre a terra, nem jamais houvera,* porque

todos os povos da terra estavam sob a soberania de Mu.
A raça dominante, sobre o país de Mu, era uma raça branca; o povo era muito bondoso, com a pele clara ou ligeiramente bronzeada, com olhos grandes de cor escura, e cabelos negros rijos. Além dessa raça branca, havia outras de pele amarela, morena ou negra. Mas não predominavam.
Esses habitantes de Mu eram marinheiros e navegantes audaciosos que percorriam o mundo a bordo de seus navios "do oceano do leste ao do oeste e dos mares do norte aos mares do sul..." Eram também grandes arquitetos que erigiam templos imensos e palácios de pedra. Esculpiam e adornavam também monolitos gigantescos, como monumentos.
Havia no país de Mu *sete* cidades principais, que eram sede da religião, das ciências e do saber. E muitas outras grandes cidades e povoados que estavam espalhados nos outros *três* países.
Numerosos portos existiam na embocadura dos rios de onde saíam os navios para todos os lugares, e onde o comércio era florescente. O país de Mu era o grande centro da civilização e do comércio; todos os outros países do mundo não passavam de suas colônias. Seus navios transportavam constantemente passageiros e mercadorias para as diversas colônias.
Quando essa nação poderosa se encontrava em seu apogeu, cheia de templos e monumentos inumeráveis, foi vítima de um cataclismo.

Estrondos que saíam das entranhas da terra seguidos de abalos telúricos e erupções vulcânicas sacudiram a sua parte meridional. Ao longo de todo o litoral, imensas ondas do mar recobriram as planícies e engoliram as cidades magníficas. Os vulcões lançavam fogo, fumaça e lava. Sendo o país plano, a lava não se escoava e se amontoava, formando pirâmides que se tornaram rochas mais tarde, e que podemos ver hoje sobre certas ilhas do Sul. Depois, os vulcões se acalmaram e se extinguiram.

Após a catástrofe, o povo de Mu conseguiu dominar o medo. As cidades destruídas foram reconstruídas e a vida prosseguiu.

Muitas gerações após esse cataclismo, quando o fenômeno já havia sido quase esquecido, Mu foi novamente vítima de tremores de terra. "O continente todo se agita *e* rola como as ondas do oceano. A terra treme *e* se sacode como as folhas de uma árvore durante uma tempestade. Templos e palácios desmoronam, os monumentos e as estátuas foram derrubados. As cidades não passavam de ruínas." (Manuscrito Troano, Codex Cortesianus e Documentos de Lhassa).

Ao mesmo tempo que a terra se agitava e convulsionava, fremia *e* oscilava, brotavam fogos subterrâneos, atingindo as nuvens com um braseiro trovejante de *cinco quilômetros de diâmetro* (Vulcões de Hawai, Ninafou, etc.). As chamas se juntavam aos clarões que riscavam o céu. Uma espessa fumaça cobria o continente. Outra vez, ondas gigantescas batiam com força sobre as planícies. As cidades e todos os seus

habitantes desapareceram no meio das ondas. "Os gritos de angústia da multidão subiam aos céus. O povo se refugiava nos templos e nas fortalezas, mas era atingido pelo fogo e pela fumaça, e os homens e as mulheres, vestindo seus trajes ricos, cobertos de jóias, gritavam: "Mu! salvai-nos!"
Quando o sol apareceu no horizonte sob a camada de fumaça negra que recobria todo o continente, acreditou-se ver uma bola de fogo, incandescente e furiosa. Com o pôr do sol, ficaram apenas as trevas espessas, interrompidas de quando em quando pelos clarões.
Durante a noite, Mu foi completamente destruído. Num estrondo apocalíptico, a terra condenada afunda, no mais profundo das chamas do inferno "num oceano de fogo" que se apodera assim de sua vítima. Mu e seus 64 milhões de habitantes foram sacrificados.
Ao mesmo tempo que Mu afundava em seu abismo ardente, uma outra força a atacava, ou seja, cento e trinta milhões de metros cúbicos de água! De todos os lados, se arrebentavam vagas gigantescas. Elas se reuniram no centro da terra submersa, formando uma efervescência dantesca.
Mu, a Mãe-pátria do Homem, com suas cidades orgulhosas, seus templos e seus palácios, suas artes, ciências e cultura, não passava de um sonho do passado. A água foi a sua mortalha. Essa catástrofe foi a primeira etapa de destruição da primeira grande civilização da Terra.
Durante quase 13.000 anos, a destruição de Mu lançou um véu espesso sobre essa parte da Terra.

Começamos a levantar esse véu, mas ainda existem muitos pontos obscuros.
Quando o continente foi destruído e devastado por motivos geológicos que serão explicados mais tarde, os pontos elevados e o litoral ficaram na superfície das águas. Eles formaram ilhas e arquipélagos, mas foram retalhados pelas erupções vulcânicas.
Após haver recoberto a terra e tudo que ela continha, as águas se acalmaram, como se estivessem satisfeitas pela sua obra destruidora, e essas águas são hoje chamadas de oceano *Pacífico.* Nunca foi atribuído um nome tão irônico!
Sobre essas ilhas, perdidas no mar agitado, os sobreviventes da população de Mu sc amontoavam, esperando angustiados o fim dos terríveis abalos. Eles haviam presenciado a destruição de seus templos, palácios, e navios. Quase toda a população havia ficado submersa. Os poucos que escaparam da destruição da Mãe-pátria do Homem perceberam que nada possuíam, seja ferramentas, vestuário, abrigo, terra, ou alimentos. O mar se agitava ao redor de seus refúgios e sobre suas cabeças as nuvens de fumaça, de vapor e de cinza escondiam o sol, barrando toda a sua luz. Os gritos de desespero de seus compatriotas ainda ressoava em seus ouvidos. Era uma cena horrível para aqueles que haviam escapado mas que estavam condenados a morrer de fome e de frio. Poucos conseguiram sobreviver à assustadora prova e muitos deles morreram em condições penosas.

As ilhas dos Mares do Sul é tudo o que resta dessas terras que se salvaram, e alguns de seus habitantes podem se arrogar o título de descendentes diretos do povo de Mu.

Depois de alguns dias, a fumaça e os vapores sulfurosos se dissiparam finalmente. O sol atravessou a camada de nuvens. As novas ilhas que surgiram foram ocupadas pelos homens e mulheres aterrorizados, que haviam conseguido escapar. Deviam ser bastante dignos de lástima, esses sobreviventes da maior catástrofe do mundo!

Nessas circunstâncias, é fácil imaginar o que aconteceu. Muitos haviam enlouquecido, outros rezavam para que a morte os libertasse de seus sofrimentos atrozes. Para subsistir, não havia senão um recurso: voltar à vida selvagem e, durante algum tempo, *nutrirem-se de carne humana.*

As peles dos animais e as folhas das árvores iriam ser, daí por diante, o único vestuário existente. As pedras, as lanças e as flechas seriam suas armas defensivas. Teriam que fabricar suas ferramentas com pedaços de pedra (sílex). Mas, o principal não era a alimentação? Não há dúvida que muitos morreram de frio, fome e de medo, e ao morrerem seus corpos serviram de alimento aos sobreviventes. Assim teve início o canibalismo e a vida selvagem. Dessa maneira, os sobreviventes da maior civilização do mundo mergulharam na barbárie, que continuou até a época atual.

Podemos imaginar o desgosto e a repugnância desses seres evoluídos e cultos, obrigados a

ingerir tais alimentos, e podemos admitir que muitos preferiam morrer de fome. Entretanto, aos poucos, à medida que as gerações se sucediam, os pobres habitantes das ilhas foram degenerando cada vez mais, a ponto de suas próprias tradições, que antes eram religiosamente transmitidas de pai para filho, serem esquecidas. A lembrança de sua grandeza passada foi completamente apagada de suas mentes, assim como as águas traidoras do Pacífico haviam apagado Mu, mas, embora tudo fosse esquecido pelos indígenas dessas ilhas, ficaram vestígios para manter a lembrança.

Eu havia dito que um espesso véu havia caído sobre a humanidade, com a destruição de Mu; mas isso deve ser entendido apenas no sentido analógico. Os impérios coloniais conservaram ainda durante algum tempo a civilização da Mãe-pátria, mas sem a sua ajuda não tardaram em declinar e desaparecer.

Foi dessas ruínas que surgiram as novas civilizações, entre as quais a nossa.

CAPÍTULO III

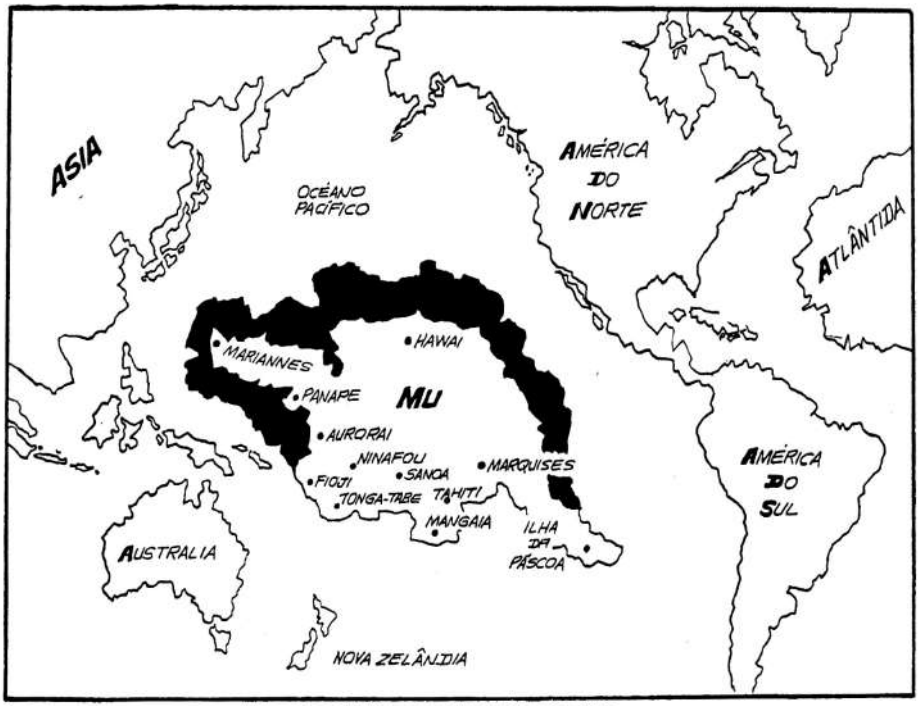
O PAÍS ONDE SURGIU O HOMEM SOBRE A TERRA

Não são apenas os escritos que provam a existência de um continente do Pacífico, porque ainda encontramos atualmente restos desse continente perdido. Sobre as partes que não ficaram submersas, acham-se vestígios de

templos, tradições, estátuas e símbolos sagrados, nos quais as inscrições informam que são lembranças da raça desaparecida de Mu. A autenticidade desses vestígios pode ser confirmada de todos os modos possíveis, através de outros escritos, esculturas, costumes, idiomas e finalmente, pelas suas tradições.

Essas provas indiscutíveis me permitiram localizar uma civilização pré-histórica. Algumas são bastante concretas, sob a forma de monumentos de pedra, templos, estátuas, pedras talhadas que não chegaram a ser transportadas e pedreiras de onde vinham as pedras. Descobriu-se nessas pedreiras estátuas inacabadas e como todas as descobertas foram feitas nas ilhas do Pacífico, isso demonstra, sem sombra de dúvida, que elas faziam outrora parte do continente submerso.

As informações e os textos baseados sobre a antiguidade do Manuscrito Troano estabeleceram que o país de Mu já existia no início dos tempos históricos, ou seja, há cerca de 12.000 a 12.500 anos. Tomando como ponto de partida as ilhas nas quais foram descobertos os vestígios, desenhei um mapa indicando a posição de Mu no oceano Pacífico. Nada resta que possibilite o traçado de uma costa oeste e norte. De acordo com certos documentos, parece que esse continente era formado de três porções territoriais, separadas por canais, mas nada existe que permita determinar a sua localização, a não ser, talvez, um hieróglifo egípcio representando três países, situados de leste para oeste.



POSIÇÃO GEOGRAFICA DE MU

Por vários motivos, como se interessavam muito pela colonização, acho que o continente se estendia muito mais para o norte do que está em meu desenho. Coloquei a ilha de Páscoa no extremo sudoeste, Tonga-tabu no extremo noroeste e Hawai ao norte, não podendo traçar um extremo nordeste. Desenhei muitos estuários e golfos, porque os documentos informam que o país era plano, sem montanhas, com imensas planícies, fazendo supor a existência de um litoral semelhante ao por mim traçado.

Em todos os lugares onde encontramos pequenas ilhas, com provas irrefutáveis de terem pertencido a um continente, podemos ficar ainda mais certos

que essas ilhas são restos de um continente. Trata-se, como já disse, de pequenas ilhas povoadas por indígenas. Elas se encontram a milhares de milhas umas das outras, e provam assim, mais do que qualquer outro documento, que antes dos tempos pré-históricos ali existia um continente e que o mesmo era povoado por seres civilizados.

Os antigos documentos e os vestígios das ilhas dos Mares do Sul nos ensinam que o homem foi criado civilizado, mas sem cultura. Foi criado com um conhecimento de sua alma e acreditava numa Divindade, que era por ele adorada. A presença de certos desenhos utilizados como símbolos revelam que o homem, em geral, se encontrava intelectualmente subdesenvolvido, e a simplicidade dos primeiros símbolos sagrados era indispensável para que ele pudesse compreender as coisas mais simples. Entretanto, quando entramos em contato com esse homem, muitos milhares de anos após o seu aparecimento sobre a terra, descobrimos que ele já se achava altamente civilizado e esclarecido, e isso se passou há mais de 50.000 anos!

Certos arqueólogos abordaram em suas obras o tema de Mu e do País do Oeste (Chamado ainda Lemúria), mas, como não se deram ao trabalho de comparar os documentos que possuíam, apenas estabeleceram hipóteses. Já é tempo de os leitores interessados pela primeira aparição do homem sobre a Terra, ficarem conhecendo certos fatos positivos sobre os quais baseei minhas pesquisas.

Schliemann, baseado em dois documentos apenas, o de Lhassa e o Manuscrito Troano, afirma que a Atlântida era o país de Mu. Esses documentos não indicam que a Atlântida e Mu eram o mesmo continente; é simplesmente uma hipótese por parte de Schliemann- Outros documentos que ele pôde consultar lhe informaram claramente que Mu se encontrava a oeste da América e não a leste, que é a posição geográfica da Atlântida. Entretanto, é verdade que a Atlântida, como o país de Mu, foi destruída por erupções vulcânicas e submersa no oceano. Isso foi provado cientificamente.

Le Plongeon aventou a hipótese de que a América Central era o país do Oeste e que, portanto, não podia deixar de ser o país de Mu, esquecendo que Mu havia sido submersa, ao passo que a América Central persiste até nossos dias. É o mesmo que dizer que uma pessoa está morta quando ela está prestes a discutir conosco.

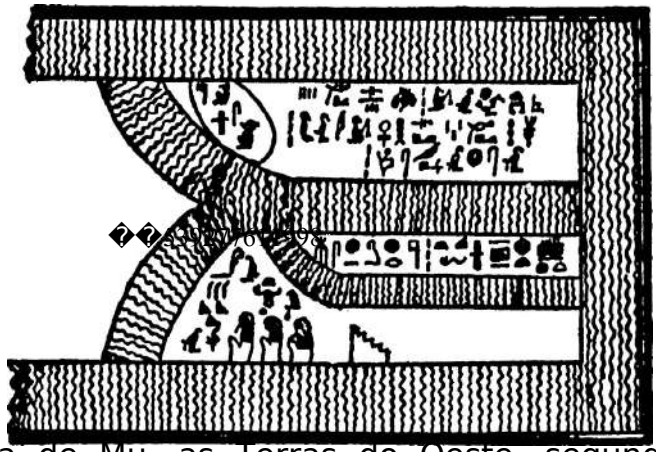
A origem desses erros provém do fato de que certos documentos *estudados na Europa* foram *escritos na América,* e os leitores, sem refletir, pensaram que os mesmos se referiam à Europa e não à América; isso concorda com a referência à Atlântida feita por um filósofo grego: "A terra que fica depois do mar — o continente saturniano". Este era um dos nomes antigos dados à Atlântida.

A diferença entre os documentos é simples: as terras do Oeste eram a América, e as de além-mar, eram a Europa. É evidente que o autor do documento grego quis evitar erros, pois chamou essas terras de continente saturniano, ou seja, a

Atlântida. Isso me parece bem claro para satisfazer aos mais incrédulos!

O Manuscrito Troano situa a submersão do continente de Mu como tendo ocorrido há 12.000 anos (creio que 12.500 seria mais exato). Entretanto, estes números não podem ser senão aproximados, porque desconhecemos a data do Manuscrito Troano.

Souchis, sumo-sacerdote do templo de Saïs, disse a Sólon que a Atlântida submergira há 11.500 anos e que a passagem para as terras do Oeste havia-se interrompido com o desaparecimento desse grande continente. Isso exclui a possibilidade de que a Atlântida fosse esse continente do Oeste.



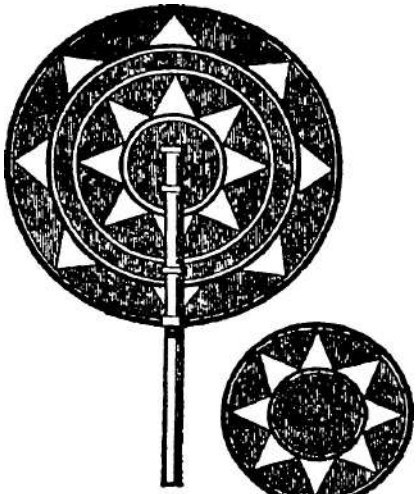
Mapa de Mu, as Terras do Oeste, segundo o Livro dos Mortos egípcio

Todos os que até hoje mencionaram o país de Mu desprezaram os documentos mais importantes relativos a esse continente perdido, ou seja, os vestígios das ilhas do Pacífico e as inscrições sobre os muros do Templo dos Mistérios Sagrados em

Uxmal, no Iucatã, aos quais podemos acrescentar as tradições assombrosas encontradas entre os indígenas do Pacífico.
Dos vestígios descobertos nesses arquipélagos, confirmados pelos escritos e pelas lendas, torna-se evidente que os indígenas dos Mares do Sul, apesar do seu estado atual bastante primitivo, não foram sempre assim; ficou perfeitamente provado que eles são descendentes de seres altamente civilizados. Quando os observamos hoje, torna-se claro que num longínquo passado pré-histórico, uma grande calamidade se abateu sobre os seus ancestrais.
No seu teimoso desejo de confirmar a tese da descendência do homem vindo do macaco, os cientistas tentaram provar que o homem não surgiu na terra antes do início do Pleistoceno, mas uma alfinetada pode desfazer essa bolha de sabão científica. Foram descobertos vestígios humanos nos leitos de areia da Europa, formados pelos sedimentos das águas do último grande cataclismo magnético, a era glacial pré-histórica, acontecimento que assinala o fim do Pleistoceno. Os homens das cavernas do Nebraska foram igualmente eliminados por essa mesma catástrofe.
Os cientistas tentaram sempre tornar aceitável a teoria segundo a qual as raças brancas são originárias da Ásia, mas não possuem a menor prova, nem um único documento ou vestígio. Suas afirmações não passam de hipóteses. Vou demonstrar nesta obra qual é a sua origem, e a seguirei até a Europa.

Uma de minhas descobertas mais surpreendentes é a de que os indígenas polinésios são de raça *branca.* Além disso, são muito belos, um elo que os aproxima de todas as raças brancas da Terra.
Como já demonstrei, os documentos nos informam que o homem indiscutivelmente fez a sua primeira aparição sobre a terra no continente de Mu, e as ilhas polinésias são os restos retalhados desse infeliz país. Os documentos provam também que o México e a América Central foram colonizadas por povos provenientes de Mu. As tradições confirmam o fato de que os primeiros colonos de Mu eram brancos louros, e que os mesmos foram expulsos do país por uma outra raça branca mais morena, e que os brancos louros seguiram a bordo de seus navios na direção do sol levante — para leste — e se estabeleceram no norte da Europa, a atual Escandinávia. Ficou também claramente estabelecido por esses mesmos documentos que o sul da Europa, a Ásia Menor e a África do Norte foram colonizados pela raça branca morena, passando por Mayax, a América Central e Atlântida.

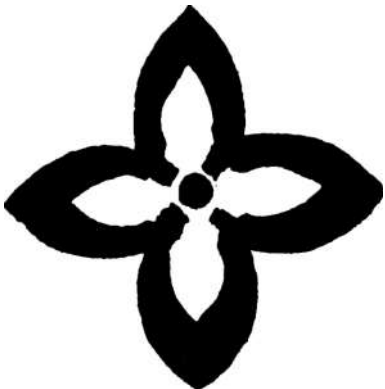
Se deixarmos os polinésios brancos para visitar uma das raças morenas, mais para o oeste, na Micronésia, descobrimos que essa raça é também formosa. Os homens são parecidos com as mais perfeitas estátuas gregas; os indígenas das ilhas



O leque da princesa Arawali

Fidji, de raça morena, são, segundo se diz, os mais hábeis artesãos dos Mares do Sul.

Possuo em meus arquivos um retrato de uma pessoa dessa raça morena, a indígena Arawali, da ilha Arorai, no arquipélago das Gilbert, que se acha a 4.000 milhas a sudeste de Hawai. Este retrato mostra uma moça de traços perfeitos, de

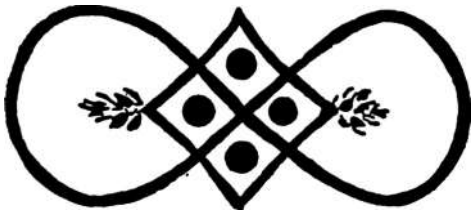


expressão meiga e sorridente. Era a filha do rei de Arorai. Dizia-se que ela era "muito meiga e muito amável, porém de gênio vivo e ciumento, permanecendo digna de seu triste ambiente".

A cabeça e a face de Arawali pertencem a uma representante

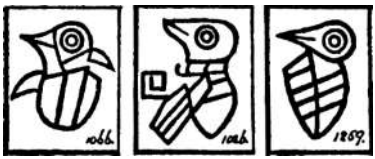
Símbolo das Ilhas Marquesas

da mais alta civilização, embora os seus trajes sejam de uma selvagem. Pobre Arawali! Ela fazia parte de uma tribo de canibais, mas, é curioso, nunca havia provado o "grande porco", eufemismo pelo qual os indígenas designavam a carne humana. Segurava um leque, cuja decoração não é outra senão o selo real de Mu, o império do Sol.
De todos os documentos antigos descobertos nenhum menciona a existência de selvagens em qualquer ponto da terra, antes da destruição de Mu. Então por que homens tão notáveis como os ancestrais dos indígenas dos Mares do Sul se tornaram canibais degenerados? Nossa história da grande calamidade que atingiu a primeira raça humana, responde a essa pergunta.



Símbolo de Paumotu

Aves-símbolos do Criador. As aves simbolizando os atributos criadores da Divindade parecem ter sido o símbolo mais importante das Forças Criadoras entre os povos existentes no nordeste da Mãe-Pátria. O símbolo da ave se encontra ao sul exatamente na posição do atual Hawai e mais além ainda.



Aves sagradas

Era, sem a menor dúvida, um símbolo sagrado de todos os povos de Mu. Encontramos numerosos vestígios da ave sagrada em todos os países orientais, bem como no Egito, Babilônia e México, como provam as tabuinhas de pedra de Niven. Ainda é considerado importante entre os índios da América do Norte que o chamam de a Ave-trovão. A lenda índia diz que "o relâmpago é o piscar de olhos da Ave-trovão, e o trovão é o bater de suas asas, e a chuva provém de um lago situado no dorso da Ave-trovão".

A destruição de Mu — Descrição alegórica dos indígenas da América do Norte.

Este tema provém dos índios Nootka, que habitam a costa ocidental da ilha de Vancouver, na Columbia Britânica, Canadá.
Embora existam centenas de escritos descrevendo a destruição de Mu, e inúmeros símbolos nos antigos escritos maias, tais como o Manuscrito Troano, o Codex Borgien, o Codex Cortesianus, não encontrei em todo o mundo mais que *duas* imagens representando essa destruição. Uma egípcia, e esta tabuinha da América do Norte. Entretanto, existe uma diferença marcante entre as duas. A egípcia descreve Mu afundando num abismo de fogo, e a índia representa as águas invadindo o continente para o submergir; são as duas fases de sua destruição, embora as duas imagens sejam corretas. Esses dois povos estão

atualmente opostos um ao outro como antípodas; contudo, naquela época, os dois conheciam as causas reais da destruição de Mu.
Os numerosos símbolos que constituem a imagem índia são os de Mu, ao passo que os outros são menos conhecidos.
A maior diferença entre essa imagem dos escritos originais de Mu está no símbolo utilizado pelos índios para representar as águas. Entre os Nagas, os Uighurs, os Carianos, os Maias americanos, etc., emprega-se uma serpente sem enfeites, chamada Khanab, sendo seu corpo formado em geral por ondas que recordam as vagas do oceano. Mas esses antigos índios foram mais longe do que seus vizinhos do Sul; dividiram as águas, utilizando o maior dos peixes para simbolizar os oceanos e o perfil ondulado da serpente para representar as águas secundárias; chamam o seu símbolo do oceano de: a baleia assassina. Encontramos esse símbolo em numerosas tribos de índios do nordeste, para não dizer em todas; sua origem é, portanto, comum. Ela foi provavelmente chamada de "assassina" porque o oceano havia inundado e morto os milhões de habitantes de Mu.
A imagem admite três temas: uma serpente, uma ave e um peixe.
No alto: a Serpente. Essa serpente está coroada de penas; é, portanto, uma serpente *ornada.* É uma estilização de Quetzacoatl, a serpente emplumada dos povos do norte da Mãe-pátria. Entre todos os povos antigos, a serpente ornada foi o símbolo da Divindade Criadora.

No meio, vemos uma ave estilizada, a que os índios chamam de Ave-trovão.
Descobri que em Mu as aves eram utilizadas no norte, para simbolizar as Quatro Forças Sagradas — as quatro grandes forças primárias e criadoras — executoras dos sete grandes mandamentos do Criador. O emprego dessas aves-símbolo devia ter sido comum na Mãe-pátria porque encontramos vestígios no Hawai no Pacífico, nas tabuinhas de Niven no México, no Egito com o deus Seb e em todo o Oriente. Além das aves, as cruzes simbolizavam também as Quatro Forças Sagradas. A julgar pelo que eu descobri, a cruz era empregada universalmente. Já há 70.000 anos, a cruz, singela aparece nas Escrituras Sagradas de Mu simbolizando as quatro forças.
Embaixo: a Baleia. Os índios da América do Norte são os únicos povos que eu conheço, que empregam um peixe para simbolizar as águas, e portanto, o que poderia ser mais lógico? Ficamos admirados por este símbolo não ser utilizado por todos os povos.
A Ave-trovão simbolizando as Grandes Forças é representada em pé sobre a baleia, que representa o oceano, com as garras enterradas no dorso do peixe, mostrando que ela domina as águas, e as forças.
A baleia (as águas do oceano) está morta, porque sua nuca foi quebrada pelas forças; portanto, ela não pode mais matar. A tragédia se consuma.
Isto é indicado pelas Forças Magnéticas caindo das asas da Ave-trovão e formando um abismo.

N° 1 — O olho da baleia está constituído por dois quadrados imbricados, e de um terceiro quadrado plano simbolizando a pupila. Os dois quadrados representam a mãe e a terra, ou seja, a Mãe-pátria. O quadrado plano, a pupila, simboliza a obscuridade, nenhum sol brilha em cima. Isso tudo, acrescentado à nuca quebrada e ao abismo embaixo, significa que a Mãe-pátria foi tragada num abismo de trevas.
Podemos ver a versão exata desse olho na tabuinha mexicana de Niven n° 1.430.
Depois disso, a leitura se torna fácil. Falta apenas decifrar os símbolos utilizados correntemente na Mãe-pátria e suas colônias.
N° 2 — Vemos a água entrar pela boca da baleia, que transporta qualquer coisa.
N° 3 — Depois da boca, acha-se a garganta, com uma passagem conduzindo ao centro. Aí se encontra o símbolo n° 4, a letra hierática U do alfabeto da Mãe-pátria. O significado oculto dessa letra é o abismo. Vemos assim que a Mãe-pátria foi arrastada para um abismo líquido, ou seja, tragada, submersa.
N° 5 — No fundo do abismo, encontram-se quatro barras, que representam o símbolo numérico das Quatro Forças Sagradas.
N° 6 — Sobre o dorso da baleia vemos quatro discos, mais uma vez o número quatro.
N° 7 — Acima dela há cinco barras — o número cinco — simbolizando Deus, o Criador e suas Quatro forças.
Esta imagem informa que a Mãe-pátria foi destruída indiretamente por intermédio das Quatro

Grandes Forças, fato esse mencionado em todos os escritos que descrevem a destruição de Mu.
Explicação: O Criador desejou a destruição da Mãe-pátria do Homem. As Quatro Grandes Forças, executoras dos mandamentos do Criador, mergulharam o continente nas águas que o cobriram.
Temos ainda uma descrição totalmente americana dessa destruição, que vem acrescentar-se às pedras esculpidas de Nevada. Em verdade, o oeste americano apresenta muitos restos de um passado muito antigo, anterior a todo o resto do mundo.
Os índios Algonquinos possuem uma tradição sobre o Dilúvio e a submersão de Mu, chamada Pan. Trata-se, realmente, de duas tradições.
"Os índios Algonquinos foram advertidos sobre o Dilúvio e construíram barcos para se salvar. 138 barcos deixaram o continente de Pan. No mesmo dia, abriram-se as portas da terra e do céu."
"E a terra oscilava como um barco no mar, e a chuva caía torrencialmente, e grandes trovões (erupções vulcânicas e abalos telúricos) elevavam-se das entranhas da terra. E a terra se fendeu! Um poderoso continente foi cortado de suas amarras e as chamas surgiram da terra entre nuvens negras, num ruído de trovão. E a terra oscila e joga como um barco. Os turbilhões se formam de todos os lados e sua pressão faz com que a terra se afunde nas águas, para não mais reaparecer."

CAPÍTULO IV

RESTOS DO CONTINENTE PERDIDO

Os restos do continente de Mu são inúmeros e variados. Entre os documentos escritos, alguns nos falam do aparecimento do homem sobre a terra, como as tabuinhas Naacals.
Outros nos dão a posição geográfica do continente perdido.
Os manuscritos americanos, que são numerosos, nos informam que o país de Mu ficava localizado a oeste da América. Os documentos asiáticos são unânimes em afirmar que Mu, a Mãe-pátria, se achava a leste da Ásia, na direção do "sol levante". Portanto, a Mãe-pátria do homem, achando-se situada entre a América e a Ásia, ficava no meio do oceano Pacífico, e sobre as ilhas encontramos vestígios de pedra de suas cidades e de seus templos, bem como de uma raça branca.
Começarei pelos escritos americanos, o Manuscrito Troano em primeiro lugar; é um livro maia, muito antigo, escrito no Iucatã. Calcula-se que ele tenha uma idade variável entre 1.500 a 5.000 anos. Acho que deverá ter de 1.500 a 3.000 anos. Formulo essa hipótese baseado no estilo de sua escrita.
Alguns trechos desse manuscrito Troano apresentados na página seguinte, provam a exatidão de minha teoria relativa à existência de Mu.
Trecho 1 — "No ano 6 de Kan, no 11 Muluc do mês de Zac, tiveram lugar terríveis tremores de terra que se prolongaram até o 13 Chuen sem interrupção. *O país das colinas de*

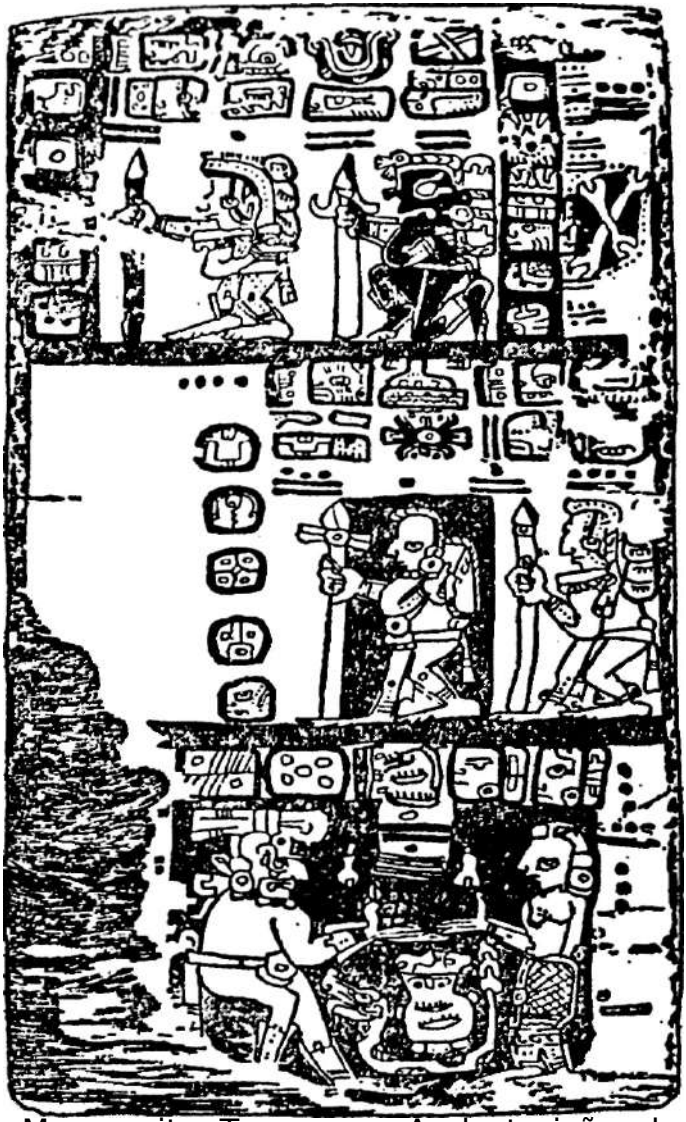
terra — o país de Mu — foi sacrificado. Tèndo-se soerguido *duas vezes,* desapareceu durante a noite, após ter estado permanentemente flagelado pelos fogos dos abismos. Como estavam sob pressão, a terra se levantou e ficou inundada em diver-? sos pontos. Por fim a superfície se fendeu e as dez tribos foram dispersas e di-zimidas. O país soçobrou com os seus 64 milhões de habitantes, há 8.060 anos antes de ser escrito este livro."

Geologicamente, a descrição do "país das colinas de terra" é absolutamente certa e explica as pedreiras da ilha de Páscoa.

Trecho 2 — "O lugar de origem dos mistérios sagrados. Mu: as terras do Oeste. *Esse país de Kui. A Mãe-pátria dos deuses*".

Já demonstrei antes que o nome geográfico da Mãe-pátria do Homem era "As Terras do Oeste" ou Lemúria e como o Manuscrito Troano foi escrito na América, é evidente que as Terras do Oeste estavam situadas a oeste da América. Mostrarei muitos outros documentos confirmando que o continente de Mu se encontrava a oeste da América.

"Esse país de Kui" significa o país das almas perdidas. O *Ka* egípcio com seus vários significados provém do *Kui* maia.

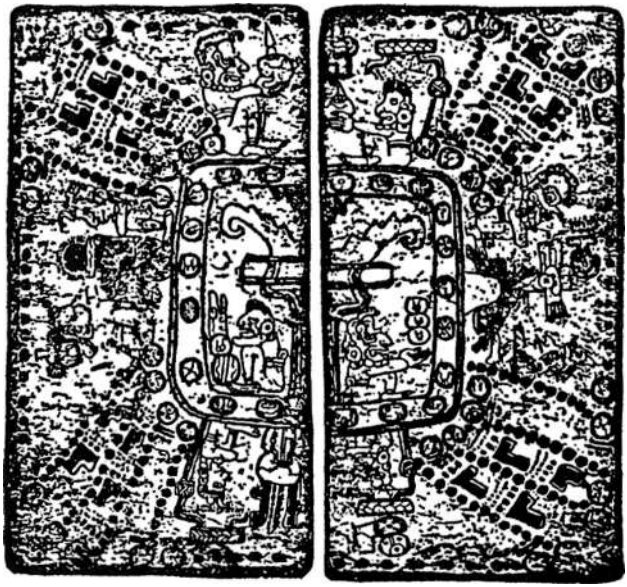


Manuscrito Troano. A destruição de Mu.

Nos tempos primitivos, "deus" não significava a Divindade. Tratava-se da alma de um morto. Assim nesse manuscrito, a Mãe-pátria dos deuses significa a Mãe-pátria do Homem.

Sir Gardner Wilkinson, o grande egiptólogo, nos informa em sua obra *Manners and Customs,* volume II, página 70:

"O país de Kui era, na linguagem maia, a terra natal da deusa Maya, a mãe dos deuses, e do homem."
O trecho 2, por outro lado, é muitas vezes confirmado pelo *Livro dos Mortos* egípcio.



Codex Cortesianus (Museu de Madri)

CODEX CORTESIANUS. O Codex Cortesianus é outro antigo livro maia que escapou da destruição pelo fanático abade espanhol Landa. Esta obra se encontra atualmente no museu nacional de Madri. As letras, as figuras e os símbolos indicam que ele é contemporâneo do Manuscrito Troano. A linguagem do Codex Cortesianus, entretanto, é muito mais simbólica que aquela do Manuscrito

Troano. Vejamos alguns trechos, sobre esse mesmo tema:

"Com o seu braço poderoso, o Homem produz um tremor de terra ao pôr do sol e durante a noite. *Mu, o país das colinas de terra, submergiu.*"
"Mu, a vida dos mares, submergiu durante a noite."
"O país do chefe morto está agora sem vida, não existe mais, após haver por *duas vezes* desmoronado; o rei dos abismos, esforçando-se para sair, a sacudiu de alto a baixo, a aniquilou, a submergiu."
"Por duas vezes, Mu é abalada em seus fundamentos; foi agora *sacrificada pelo fogo.* Explodiu, sacudiu violentamente de alto a baixo pelos tremores de terra. Dando-lhe um pontapé, aquele que tudo agita como uma massa de vermes, *a sacrificou* naquela mesma noite."

É claro que o Codex Cortesianus e o Manuscrito Troano foram escritos segundo os arquivos do mesmo templo. O Codex Cortesianus dá ao continente apenas seu nome hierático, ao passo que o Manuscrito Troano apresenta o nome hierático e geográfico.

O Documento de Lhassa. Esse documento foi descoberto por Schliemann no velho templo budista de Lhassa, no Tibete. Schliemann o decifrou e o traduziu. Ao que tudo indica, ele não provém da mesma fonte que os dois documentos

precedentes. É mais moderno e não está escrito em caracteres maias.
Eis um trecho interessante:

"Quando a estrela de Bal caiu sobre o lugar que atualmente não passa de céu e mar, as sete cidades com suas portas de ouro e seus templos transparentes tremeram e foram sacudidas como folhas numa tempestade; e um dilúvio de fogo e fumaça se elevou do palácio. Os gritos da multidão se elevaram aos céus. O povo buscava um refúgio em seus templos e fortalezas, e o sábio Mu — o *Ra Mu hierático* — vestiu-se e lhes disse: "Não havia previsto isso?" E as mulheres e os homens em seus melhores trajes bordados com pedrarias se lamentavam: "Mu salvai-nos!" E Mu replicou: "Vós ireis todos morrer com vossos servos e vossas riquezas, e de vossas cinzas, surgirão novas nações. E se elas se esquecerem que são superiores não por causa de seus trajes, mas por causa do que fazem, a mesma sorte lhes será reservada." As chamas e a fumaça abafaram as palavras de Mu; a terra e todos os seus habitantes foram feitos em pedaços e tragados pelas ondas".
Bal é uma palavra maia que significa "Senhor dos campos"; "Templos transparentes" é, sem a menor dúvida, um erro de tradução. Esses templos não eram feitos de vidro, nem qualquer outra substância transparente. Eram abertos, sem teto, de modo que os raios de Ra, o sol, pudessem cair sobre a cabeça dos fiéis, como nos templos parses atuais.

Le Plongeon descobriu em Iucatã documentos declarando que "a cabeça hierática do País de Mu profetisa sua destruição e certas pessoas, ouvindo essa profecia, seguiram para as colônias e conseguiram assim se salvar".
Le Plongeon morreu muitos anos antes de Schliemann publicar o Documento de Lhassa.

Templo de Uxmal. Esse templo acha-se situado em Uxmal, no Iucatã, e de Le Plongeon o chamou o "Templo dos Mistérios Sagrados". Sobre seus muros podemos ler uma importante inscrição: "Esse edifício é um monumento comemorativo dedicado à memória de Mu — *as Terras do Oeste — O país de Kui — a terra natal de todos os nossos mistérios sagrados*".
Esse templo está colocado com a frente para o *oeste,* onde se encontrava outrora a Mãe-pátria.
Essa inscrição vem confirmar o segundo trecho do Manuscrito Troano e confirma outros documentos declarando que a Mãe-pátria se encontrava a oeste da América. Além disso — e o que é mais importante — ela nos informa que os ensinos religiosos desse templo provinham de lá. Dessa maneira, seja o que for que encontrarmos, sabemos que provém de Mu, as Terras do Oeste. Sabendo disso, podemos localizar a fonte da religião egípcia.

Pirâmide de Xochicalo, México. Essa pirâmide está situada a uma centena de quilômetros ao sudoeste do México sendo vários milhares de anos anterior às pirâmides egípcias. Uma de suas faces traz

inscrições em forma de quadro divididas em duas seções. A mais alta — a cornija — descreve a destruição de Mu, as Terras do Oeste, a origem das forças que causaram essa destruição.
Uma grande parte dessa cornija foi destruída e o que sobrou está tão danificado que se torna ilegível; não tentarei, portanto, fazer a tradução exata, mas apenas dar o significado geral.
A parte inferior, e principal, da inscrição, está em muito bom estado de conservação, apesar de numerosos trechos estarem apagados pela ação do tempo. Faltam, portanto, muitos detalhes, mas o sentido é claro.

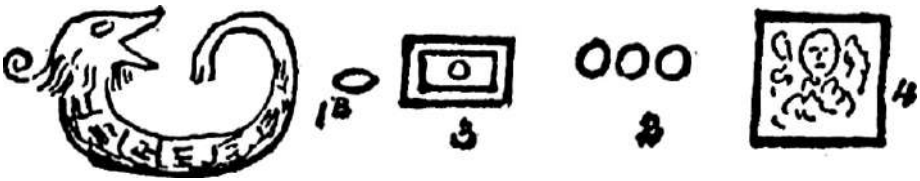
Primeira parte. A Cornija

Parte superior. *A Cornija.*
1. Um retângulo, a letra hierática M, símbolo alfabético de Mu, a Mãe-pátria. De um lado, distinguimos duas excrescências, as duas ilhas que, juntamente com Mu, formavam as Terras do Oeste!
2. Forças vulcânicas se enfurecem no interior de Mu, e a destroem.
3. O símbolo maia "Tian Chihans" das Quatro Grandes Forças Primárias, saindo diretamente do infinito: Seu "mandamento", Seu "desejo", Sua "ordem", etc.

4. Cabeça ou ponta de flecha, de lança ou de dardo, símbolo que indica que suas forças são ativas. Um traço divide a ponta da flecha, símbolo que indica que não se trata de uma das forças primárias, mas uma força subordinada que sai da Primária.
5. Este é um símbolo complexo divisível da seguinte
forma:

a) Retângulo símbolo de Mu.
b) Os quatro pilares que o sustém.

c) As forças fizeram cair os pilares e Mu se precipitou
no abismo.
6. Uma figura humana, indicando que os seres humanos
foram tragados com a terra.



Segunda parte. A Submersão

Segunda parte. *A Submersão.*

1. a) Serpente estilizada, símbolo das grandes águas. Ela é enrolada em forma da letra hierática U, símbolo de um abismo, um abismo de água.
1. b) Os olhos da serpente estão fechados. Eles simbolizam dessa maneira o sono, o repouso. Os olhos estão em repouso, havendo encontrado o seu próprio nível.

2. O número três, símbolo numérico de Mu.
3. Um dos símbolos das Terras do Oeste. Estando acima dos sinais 2 e 3 significa que Mu, as Terras do Oeste, foi submersa.
4. A cauda da serpente, isto é, as águas, está circulando uma figura humana, significando com isso que os habitantes foram tragados junto com a terra.

Acrescentando ao precedente outras inscrições da pirâmide, vou apresentar a sua tradução:

Essa pirâmide foi erigida para ser um monumento dedicado a Mu, a Mãe-pátria do Homem, as Terras do Oeste, a fim de conservar para a humanidade do futuro a recordação de sua existência e de sua destruição. Os pilares que a sustem foram atingidos por forças poderosas, se desfizeram e Mu com todos os seus habitantes foi tragada pelo abismo das águas.

No *Timeu* de Platão lê-se que essa pirâmide mexicana é uma reprodução exata da Colina Sagrada da Atlântida onde se erguia o templo de Poséidon.

Platão viveu no quarto século antes de Cristo, e ainda nos querem dizer que Cristóvão Colombo descobriu a América!

Akad-Dzib. Na cidade de Chichen Itza, existe uma pedra que forma o lintel da porta da câmara interna de um edifício chamado Akad-Dzib. Ela representa as Terras do Oeste destruídas por tremores de terra e submergidas.

Tradições maias. Os maias do Iucatã consideram o Oeste como uma "região de trevas, o lugar onde as almas dos mortos retornam ao

seio de seusantepassados", segundo o Codex Cortesianus.
Valmiki, em "Ramayana", Vol. I, página 342, escreve: "Os iniciados maias, os Naacals, *saindo da sua terra natal a leste* para propagar a religião e as ciências, seguiram primeiro para a Birmânia e ensinaram os Nagas. Da Birmânia, foram para a Índia, no Deccan, de onde levaram sua religião e seus conhecimentos para a Babilônia e depois ao Egito".
Birmânia. Em Angkor Thom, no Camboja, pode-se ver os animais estilizados que os arqueólogos batizaram de "leões". Estão todos colocados com a face voltada para o leste, na direção de onde se encontrava a Mãe-pátria. É evidente que esses animais fazem alusão à Mu, porque eles pronunciam o seu nome, bem como mostram suas gargantas estilizadas em forma de retângulo, uma das formas da letra hierática M no alfabeto de Mu, e um de seus símbolos.
Vou a seguir estudar as ilhas do Pacífico e os restos de pedras que foram descobertas, bem como as lendas fabulosas dos selvagens dessas regiões.
Ao sair da América pelo Pacífico nós seguiremos na direção oeste; ficaremos então ao oeste do lucatã, o que peço ao leitor que nunca se esqueça, porque isso lhe possibilitará a compreensão dos documentos que apresentaremos mais tarde.
Em todos os arquipélagos da Polinésia e da Indonésia, iremos descobrir provas, formando um elo entre a civilização da América, dos tempos pré-históricos, com as civilizações do sul da Ásia e do

Leste e, ocasionalmente, com outras civilizações mundo afora. A viagem será longa, mas fértil em surpresas e revelações. É sobre estas ilhas, que, desde que existe o homem, foram habitadas por selvagens e canibais, que encontraremos os restos de uma antiga civilização.
Entretanto, esses canibais, como já demonstrei, são descendentes de um povo altamente civilizado. Os ancestrais dos polinésios atuais, que se tornaram selvagens, viviam outrora no próprio núcleo da civilização mundial.

Os Grandes Vestígios de Pedra das Ilhas do Pacífico

Nesse emaranhado de ilhas e de ilhotas podemos descobrir os restos de uma grande civilização. Existem gigantescos templos de pedra, muros ciclópicos de pedra, canais, estradas pavimentadas, um sem-número de blocos de pedra, estátuas, obras que exigiram recursos de um país inteiro e artífices hábeis. Esses vestígios não são encontrados em um grande continente, mas ao contrário sobre minúsculas ilhas habitadas por selvagens.
Essas grandes ruínas não podem ser, tanto aos olhos do profano como do sábio, senão obras de uma grande civilização desaparecida que existiu há milhares de anos, e da qual nós nada sabemos.
Estes restos são numerosos, esparsos, e é difícil saber por onde começar sua descrição. Seriam necessários muitos livros para mencionar todos. Não posso dar senão um breve resumo.

Acho que o melhor seria começar pelas misteriosas estátuas da Ilha de Páscoa, que são mais bem conhecidas do que os outros vestígios.
ILHA DE PÁSCOA. Esta ilha está situada na extremidade sudeste da Polinésia, a 2.100 milhas do litoral da América do Sul. Sua superfície é de apenas 118 km^2. Nela encontramos cerca de 550 pedras esculpidas, estátuas colossais, e outros exemplos de arte de uma grande raça pré-histórica.

Tabuinha da Ilha de Páscoa

W. J. Thomson, que é, ao que parece, a maior autoridade a respeito das estátuas da ilha de Páscoa, nos diz:
"A maior das estátuas encontra-se em uma das pedreiras; está inacabada e mede mais de 21 metros de altura. Descobrimos a menor delas em uma gruta, com quase um metro de altura. A maioria delas mede de 5 a 7 metros. Supomos que essas estátuas representam as personagens aos quais eram dedicadas".
Esses imensos blocos de pedra são encimados por globos vermelhos, quase todos esculpidos na rocha vermelha dos vulcões extintos- Um desses globos tem quatro metros de diâmetro. Ele se

encontra na pedreira dos montes Terrai. Além das estátuas, encontramos na ilha de Páscoa várias plataformas imensas de pedra esculpida. Têm dez metros de altura e comprimento de sessenta a cem metros. Essas massas de pedra esculpida aguardavam serem expedidas para outras regiões do continente, para a construção de templos e palácios.

Os vestígios de um grande templo de pedra são encontrados perto dos vulcões extintos de Ran Roraka e de Rana Rao. As ruínas de pedra formam um quadrilátero de cerca de 30 metros de comprimento por sete metros de largura. As paredes que não caíram têm um metro e trinta de altura e espessura de um metro e cinqüenta. Certas pedras dessa construção estão esculpidas com imagens, os símbolos sagrados da primeira religião da humanidade.

W. J. Thomson: "Existem cerca de 7 tabuinhas, tudo o que resta de grande número delas, trazendo a história escrita da ilha de Páscoa."

Thomson, com o auxílio de um velho indígena, o único da ilha que conhecia o significado dos símbolos dessas tabuinhas, decifrou e traduziu algumas. Eis a tradução feita por Thomson de duas delas:

Tabuinha n° 1. "Quando esta ilha foi criada e se tornou conhecida de nossos antepassados, o solo era atravessado por ótimas estradas pavimentadas de pedras lisas. Essas pedras estavam tão bem unidas e colocadas que não se via os seus limites. Os cafeeiros (erro *de*

tradução) orlavam as estradas e as sombreavam, formando um túnel com seus ramos entrelaçados.
"Heke foi o construtor dessas estradas, e é ele que se assenta no lugar de honra, onde as estradas se separam para seguir em todas as direções.
"Nesse país feliz, esse belo país onde Romaha viveu outrora com Hangarva, sua bem-amada, Turaki escutava a voz das aves e as alimentava."
Podemos ver ainda atualmente vestígios dessas estradas sobre a ilha de Páscoa, bem como em outros arquipélagos dos Mares do Sul.
Tabuinha nº 2, chamada "O Grande Rei", conta a seguinte história:
"Essa pequena ilha fez parte outrora de um imenso continente, atravessado por numerosas estradas, maravilhosamente pavimentadas de belas pedras lisas. As estradas estavam tão bem feitas que formavam uma teia de aranha, e ninguém conseguia descobrir o seu começo nem o seu fim."
W. J. Thomson escreve: "Na extremidade sul da ilha existem 80 a 100 casas de pedra, bem situadas ao longo de uma saliência dc rocha ou de terra, que constitui por sua vez o apoio das construções. As paredes dessas curiosas casas têm um metro e cinqüenta de espessura e um metro e trinta de altura. As portas são minúsculas, com quarenta centímetros de largura por quarenta e dois de altura. As paredes são formadas por camadas de pedras irregulares, que são freqüentemente pintadas de vermelho, branco e negro, representando aves e rostos humanos".
"Perto das casas, as rochas da falésia que imergem no mar estão esculpidas com formas

estranhas, parecendo figuras humanas, tartarugas, aves, peixes, e animais míticos."
Desde sua descoberta pelo homem branco, a história da ilha de Páscoa é uma longa sucessão de tragédias.
Arquipélago Cook. Esse arquipélago acha-se situado a 40 graus ao sul do Hawai, a meio caminho entre Taiti e as ilhas Fidji, mais ao sul. Lembro-me de duas ilhas desse grupo:
Rarotonga. Sobre essa ilha, encontramos um pequeno trecho de estrada que se menciona na tabuinha da ilha de Páscoa e nas lendas.
Mangaia. É a ilha mais meridional do arquipélago, tendo metade do tamanho da de Páscoa. Nela encontramos vestígios idênticos. Como não existem pedreiras e nenhuma prova que leve a pensar que as pedras foram lá esculpidas, tudo leva a crer que elas foram trazidas de longe.
Tonga-Tabe. É um atol de coral pertencente ao arquipélago de Tonga. Não existe a menor porção de pedra sobre esta ilha, apenas corais. E todavia encontramos um imenso monumento de pedra, em forma de arco composto de dois enormes pilares pesando cada um pelo menos 70 toneladas, ligados por uma outra pedra pesando cerca de 25 toneladas.
Como não existe pedra nesta ilha e achando-se as pedras mais próximas a 200 milhas de distância, pode-se perguntar quais seriam os navios dos homens pré-históricos, para que pudessem transportar pesos tão consideráveis, como eles as colocariam sobre os barcos e qual o material que

possuíam para as erguer onde se encontram atualmente.

Ilhas Gilbert e Marshall. Encontramos em várias ilhas que formam esses dois arquipélagos, pirâmides de pedra, altas e esguias.

Os indígenas utilizam os símbolos sagrados da Mãe-pátria como adornos, sem saber interpretar os desenhos, nem o que eles significam. Já mencionei o leque da princesa Arawali, da ilha Arorai, que traz o brasão real de Mu.

As Carolinas. Em todo o oceano Pacífico, não encontramos ruínas tão surpreendentes como as das ilhas Carolinas. O que mais perturba, é que elas se acham situadas "na direção do sol nascente (para quem vem da Birmânia)", no lugar onde, segundo as tabuinhas Naacal e Valmiki, se encontrava outrora a Mãe-pátria, de onde saíram os primeiros colonos da índia e da Birmânia.

Panape. É nessa ilha, parece-me, que se encontram os vestígios mais importantes em todos os Mares do Sul. Trata-se de ruínas de um grande templo, uma construção de cem metros de extensão por vinte de largura, na qual as paredes se encontravam, ainda em 1874, a dez metros de altura, com espessura de um metro e cinqüenta de base.

Vemos sobre as paredes vestígios de escultura representando numerosos símbolos sagrados da Mãe-pátria.

O templo possui cavernas, criptas, passagens e plataformas, está cercado de canais e de obras defensivas em terra. A construção é de basalto.

Sob o pavimento do grande quadrilátero, nas duas extremidades opostas, existem duas passagens,

ou portas, com cerca de dez metros de largura, furadas na parte externa e levando em direção ao canal. No interior do grande retângulo, há uma sala central em formato de pirâmide, sem dúvida, o local do santo dos santos.

De acordo com os indígenas, esse templo foi ocupado há muitas gerações pessadas pela equipagem de um navio pirata espanhol naufragado. Encontramos ainda vestígios desses foras-da-lei numa das cavernas que servia sem dúvida de entreposto.

E impossível convencer os indígenas a se aproximar das ruínas, porque dizem que as mesmas são assombradas por fantasmas e espíritos maus, que chamam de *mauli.*

Panape contém também outras ruínas, algumas próximas do mar, outras nos altos das colinas, ou nas clareiras no centro da ilha, mas todas apresentam uma visão do mar. Em uma das clareiras existe um monte de pedras cobrindo a área de um ou dois hectares, sobre um planalto. Parece existir à sua volta restos de um fosso ou de um canal. Nos quatro pontos cardiais, as ruínas são mais altas, mostrando pela sua posição que a construção era quadrangular.

A meu ver, as ruínas de Panape são as de uma das capitais da Mãe-pátria, uma das sete cidades sagradas. É impossível determinar o número de habitantes que ela possuía, mas devia ser de pelo menos cem mil.

SWALLOW. Fica a 120 milhas a leste de Panape. Sobre essa pequena ilha encontra-se uma pirâmide semelhante àquelas de Guam e de

Tinian. A oeste da ilha, vê-se um grande quadrilátero de pedra, contendo vários montículos. Parece que se escavarmos a terra e o guano que o recobre, descobriremos um edifício.

KUSAI. Fica no extremo sudeste do arquipélago de Marshall. Nesse lugar e nas ilhas que o circundam podemos ver ruínas semelhantes às de Panape, porém de menor importância. Ao sul desse porto partem vários canais orlados de pedras. Eles se entrecruzam formando ângulos retos. Entre esses cruzamentos existem ilhas artificiais, que continham as edificações de outrora. Aí existe uma torre com cerca de doze metros de altura.

As lendas indígenas dessa ilha nos informam que "o povo que aqui vivia outrora era muito poderoso. Possuíam grandes navios para viagens longas, para o leste ou oeste, e eram necessárias muitas luas para chegar ao destino". Isto não concorda de maneira estranha com Valmiki que diz: "Os Maias eram poderosos navegadores, cujos barcos percorriam os oceanos em todas as direções, tanto no sul como no norte"?

LELE- Essa ilha acha-se separada de Kusai por um canal estreito. Pode-se ver uma colina cónica rodeada por um muro de espessura considerável, com 6 ou 7 metros de altura. A ilha toda apresenta uma série de portões e enclaves ciclópicos. Alguns são paralelogramas de 70 por 30 metros. O maior deles apresenta 100 a 150 metros de comprimento por 50 de largura. Os muros são em geral de quatro metros de espessura e circundam as cavernas, as grutas artificiais e as passagens secretas.

Os indígenas dessa parte das Carolinas são extremamente hostis ao homem branco e, em 1874, ainda eram canibais. Mais tarde se tornaram civilizados.

KINGSMILL. Sobre a ilha Tapiteau desse grupo encontramos as mesmas pirâmides de pedra altas e esguias do arquipélago das Gilbert e Marshall.

As MARIANAS. Nessas ilhas, entre as quais Guam, os vestígios apresentam um aspecto diferente. São altas colunas de pedra maciça, truncadas, tendo em cima uma pedra esférica. Muitas vezes, essas pedras estão expostas, na base da coluna, como se houvessem sido lançadas por terra por um abalo sísmico. Na ilha de Tinian, elas estão dispostas em colunatas.

HAWAI. A uns cinqüenta quilômetros de Hilo existe uma grande ruína sobre uma colina, chamada Kukii. Não existe o menor vestígio de pedras nesta elevação, além daquelas que para ali foram trazidas.

O alto da colina foi aplainado, e a edificação foi orientada conforme os quatro pontos cardiais; o solo era pavimentado. Dois blocos de pedra colocados, a cinco ou seis metros um do outro, estão dispostos de leste para oeste, com uma total exatidão.

O alto da colina era em forma de terraço, pavimentado de pedras quadradas, mais ou menos grandes. Cada pedra era polida dos quatro lados, de maneira a que pudessem ficar bem juntas. Existem ainda vários metros de pavimentação no terraço inferior.

Na direção oeste, uma escada conduz ao pico, com cerca de cem metros de altura.
Encontramos uma outra ruína em Kona.
As Marquesas. Existem várias ruínas notáveis nesse arquipélago. Ao que parece, ninguém teve a idéia de as estudar. Acredito mesmo que ninguém até hoje havia notado a sua presença.
Descrevi uma longa série de vestígios gigantescos, e, no entanto, não recordei nem a metade do que se pode achar nas ilhas do Pacífico. Perante essas provas palpáveis, o espírito lógico não pode chegar senão à conclusão *de que num dado momento da história da Terra existiu um grande continente no meio do oceano Pacífico, que abarcava todos os grupos de ilhas sobre as quais podemos encontrar vestígios pré-históricos. E que tal continente possuía uma alta civilização.*
Nova-Zelândia. Os Maoris, indígena da Nova Zelândia, possuem muitas lendas e tradições de um passado remoto.
Encontramos também entre eles muitos símbolos sagrados antigos. O mais surpreendente é o Tat, ou Totem, que eles erigem na entrada de suas cidades. Ao empregar a palavra Tat, refiro-me ao vocábulo egípcio. Esses pilares eram utilizados pelos maias, incas, atlantes, egípcios, caldeus e outros povos antigos.
Austrália. A Austrália parece ser especialmente pobre em documentos antigos, lendas e tradições, e nela nada existe de extraordinário, se estiverem certas minhas conclusões geológicas sobre esse continente.

Têm-se, não obstante, descoberto figuras geométricas gravadas toscamente sobre certos bumerangues das tribos do norte. O aborígine do norte da Austrália é com certeza o tipo humano mais inferior de toda a terra, inferior aos animais selvagens.

Porém encontramos uma pintura rupestre australiana que, sem a menor dúvida, é anterior ao estado selvagem atual.

Existem três sinais notáveis nesta pintura: em primeiro lugar, Ra, o sol, depois o número 3, símbolo de Mu, mostrado duas vezes, e finalmente um machado.

Quando os ingleses se estabeleceram na Austrália, o machado era completamente desconhecido pelos indígenas.

Entretanto, nunca ouvi falar de lendas ou de tradições descobertas entre os aborígines da Austrália.

Os monumentos de pedra gigantescos das ilhas do Pacífico foram sempre um enigma para os etnólogos. Entretanto, estiveram sempre convencidos que uma grande civilização deveria ter existido nessas regiões.

Acreditava-se que os polinésios brancos descendiam da raça branca original e parecerá que os documentos e tradições descobertos nas várias partes do mundo (no México, América Central, Índia e Egito) o confirmam.

Na América Central e no México, a tradição reza que os primeiros habitantes desses países foram de raça branca. Os maias, ou mayax, que construíram os enormes edifícios cujas ruínas

acham-se atualmente espalhadas por todo o país, eram de raça branca. As inscrições nos templos do lucatã revelam que eles vieram de terras que se estendiam a oeste da América, ou seja, a Polinésia.

A tradição guatemalteca faz igualmente menção de uma raça branca partindo da América, em direção leste.

Os documentos hindus nos falam que a parte central da Índia, o planalto do Deccan, foi em primeiro lugar colonizado por uma raça branca chamada maia, que tinha vindo da Birmânia, e que sua pátria se achava a uma lua de distância em direção ao sol nascente, a leste da Birmânia, ou seja, a Polinésia. Fica assim provado que aqueles que chegaram na América vieram do oeste, e os que vieram para a Índia chegaram do leste. É uma prova irrefutável que o país dessa raça branca era um continente que se estendia entre a América e a Ásia.

Entre esses povos, encontrei uma tradição da Criação, concordando em seus mínimos detalhes com aquela dos povos antigos do mundo inteiro:

Ellis, *Polynesian Researches,* Vol. I, página 100, nos diz: "Nas ilhas Sandwich diz-se que no início a terra continha apenas água, mas uma grande ave desceu do céu e botou um ovo no mar; o ovo, ao ser fecundado, deu nascimento ao Hawai".

Esta era a cosmogonia dos antigos. Todos dizem que a água recobria a superfície da terra, e que a vida começou por um ovo cósmico colocado no mar.

SAMOA. Os indígenas de Samoa possuem uma tradição segundo a qual "no início a terra inteira estava coberta de água".
O Dilúvio. O'Brien escreve em seu livro *Mystic Isles of the South Pacific:* "Na maior parte das ilhas polinésias existem lendas de um dilúvio universal do qual poucos escaparam".
Adão e Eva. “Os polinésios fazem uma idéia muito precisa da origem do universo e da do homem”.
Hawall. “Taaroa criou Araea do barro vermelho e soprou em suas narinas. Fez a mulher de um osso do homem e a chamou de Eva”.
Caim e Abel. Uma tradição de Tonga afirma que “o filho do primeiro homem matou seu irmão”.
NOVA-ZELÂNDIA. Uma tradição dos Estados Maoris declara a mesma coisa.
Torre de Babel. “Em Fidji, pode-se ver ainda o lugar onde foi construída uma imensa torre, porque os fidjianos eram curiosos e desejavam ver a lua de perto para saber se ela era habitada”.
Cosmogonia polinésia. Taiti: “Taaroa, cujo nome se pronuncia diferentemente conforme os arquipélagos, foi o pai da cosmogonia taitiana. Sua mulher era Hina, a terra, e seu filho Oro, o senhor do mundo”.
Isso se refere à cosmogonia mais antiga, ou seja, à Trindade.
FORÇAS MÍSTICAS. Na época da primeira civilização da terra, eram conhecidas muitas ciências de difícil compreensão, que hoje estão no esquecimento, perdidas entre as duas civilizações.

Os adeptos da cultura antiga podiam andar sobre o fogo sem se queimar, como descreve a Bíblia e o Popol Vuh.
É fato corriqueiro que certos indígenas das Ilhas do Pacífico são capazes de andar sobre brasas sem se queimar. Podemos ver isso no Hawai e nas ilhas Fidji.
Há alguns anos, anunciou-se que em Samoa os cegos podiam ver através da pele. Os cientistas zombaram disso, e o público em geral considerou tal coisa uma fábula, uma invenção de algum jornalista.
O seguinte trecho de uma reportagem do New York World, de seu correspondente em Paris, que descreve o mesmo fenômeno, serviu de desmentido aos risos dos cientistas que não queriam crer no mesmo fenômeno apresentado pelos indígenas de Samoa. Eis tal artigo:

"Não temos olhos apenas atrás da cabeça como também sobre todo o corpo, e eles podem ser utilizados se soubermos utilizá-los.
"Essa é a conclusão a que chegaram vários cientistas que foram testemunhas, aqui, das experiências de Jules Romains, autor de um livro sobre o assunto. Eles afirmam, juntamente com o Sr. Romains, que sob a pele se encontram "pequenos olhos" (órgãos microscópicos ligados ao sistema nervoso) e que não passam de olhos atrofiados.
"O sr. Jules Romains, segundo se diz, conseguiu treinar diversas pessoas para se utilizarem desses olhos. Eles podem distinguir as cores e ler com os

olhos vendados. Alguns conseguem ver com o rosto e a ponta dos dedos, outros com o nariz. Um deles conseguiu "ver" um chapéu numa distância de quatro metros.

"Tais resultados são obtidos após o paciente ser colocado, por meio de hipnose, num estado de grande concentração mental.

"Embora as primeiras experiências não tenham sido totalmente concludentes, as posteriores revelaram que certos pacientes possuem a faculdade de reconhecer as cartas de um baralho após três horas de concentração, com os olhos vendados. As faculdades desses pacientes, ao que parece, se intensificam depois de cada experiência."

Dessa forma, ficou demonstrado que os cegos podem ser treinados para enxergar com a pele, mas isso já era praticado em Samoa há milhares de anos.

Todas essas lendas e tradições são assombrosas, e difíceis de se acreditar, porque entre os selvagens que, há apenas dois ou três séculos atrás, estavam isolados do resto do mundo, devemos reconhecer que existem lendas e tradições sobre a Criação e as primeiras aparições do homem que concordam perfeitamente com a Bíblia.

GRÉCIA. Podemos encontrar algumas alusões à Mãe-pátria do Homem nos escritos dos filósofos da Grécia antiga. No ano de 403 a.C., sob o arcontado de Euclides, os gramáticos gregos reformaram o alfabeto ateniense e lhe deram a forma atual. O alfabeto grego moderno é composto de vocábulos maias, que formam uma descrição da destruição

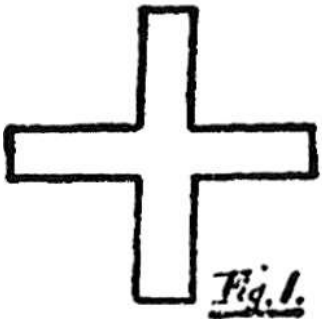
de Mu. A tradução é a seguinte: "As águas se abatem sobre as planícies e as cobrem. Onde existem obstáculos formam-se praias e os turbilhões de água agitam a terra; as águas estendem-se sobre todo ser vivente e que se move, os fundamentos da terra cedem e Mu fica submersa. Ficam fora d'água apenas os picos das montanhas, os turbilhões sopram e o vento resfria a terra. No lugar dos vales existem grandes abismos glaciais. Nos pontos circulares formam-se lamaçais. De uma abertura, saem vapores e lavas vulcânicas".

Origem da cruz grega. Da forma como foi sempre conhecida, a cruz grega é um mistério que deixou mais de um cientista perplexo, porque ela é encontrada junto a um grande número de inscrições indecifráveis pelos arqueólogos. É encontrada no Iucatã e na América Central em particular.

Winter, em sua obra *Guatemala,* escreve à página 156: "O misterioso símbolo da cruz grega, que é encontrado também nas pedras de Quiriga e de Copan, tem sido motivo de muitas con-jeturas entre os eruditos". Aparentemente, ninguém conseguiu resolver este problema simples.

A cruz grega (fig. 1) é o símbolo central do brazão real de Mu, o império do Sol. O hieróglifo é uma frase completa, no idioma de Mu, que se lê U-luumil (pronuncia-se *Ou-lou-oum-il),* o que significa "a terra de, o país de", e por extensão, "o império de" ou "o reino de". Apesar de que em todas as inscrições onde ele é visto, representa

uma dessas frases, conforme venha antes ou depois.
A cruz grega confirma a minha tradução do alfabeto grego, e ambos confirmam a existência de Mu, o império do Sol, que foi a Mãe-pátria dos gregos.



Cruz grega

Brazão de Mu

Grego	*Cara-Maia* e significado
Alpha	*Al,* penoso; *pàa,* quebrar; *ha,* água
Beta	*Be,* andar; *ta,* onde, lugar, plano, solo
Gama	*Kam,* receber; *ma,* mãe, terra
Delta	*Tel,* profundo, fundo; *ta,* onde, etc.
E-silon	*Ep,* obstrução; *zil,* margens; *onom,* turbilhão
Zeta	*Ze,* agitar; *ta,* onde, terra, etc.
Eta	*Et,* com; *ha,* água
Thêta	*Thetheha,* estender; *ha,* água
Iota	*Io,* tudo que vive e se move; *ta,* onde, terra, etc.
Kappa	*Ka,* sedimento, obstrução; *pàa,* quebrar, obstruir
Lambda	*Lam,* submergir; *be,* ir, andar; *ta,* onde, terra, etc.

Mu	*Mu,* Mu
Nu	*Nu,* ponta, cume, pico
Xi	*Xi,* subir, aparecer em cima
Omikron	*Om,* turbilhão; *ik,* vento; *le,* lugar; *on,* circular
Pi	*Pi,* colocar pouco a pouco
Rho	*La,* até que; *ho,* vir
Sigma	*Zi,* frio; *ik,* vento; *ma,* terra, mãe, etc.
Tau	*Ta,* onde; *u,* fundo, vale, abismo, etc.
Upsilon	*U,* abismo, etc; *pa,* cisterna; *zi,* frio, vapor; *le,* lugar; on, circular.
Phi	*Pe,* vir, etc.; *hi,* barro, argila
Chi	*Chi,* boca, abertura
Psi	*Pe,* vir, chegar, fora, etc.; *zi,* vapor, frio
Omega	*O,* aqui, ali; *mec,* ir e vir à direita e esquerda *ka,* sedimentos.

CAPÍTULO V

MU, O IMPÉRIO DO SOL

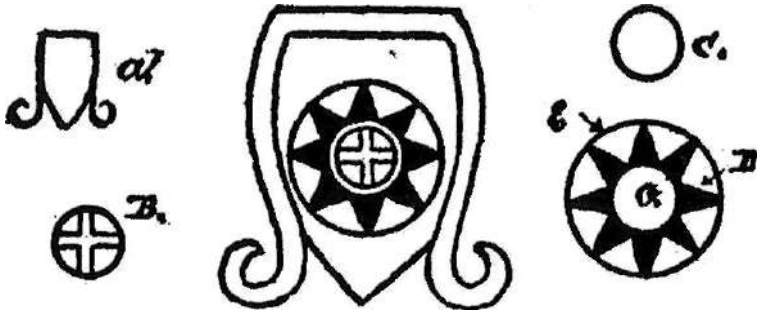
O início da colonização deu-se quando Mu, a Mãe-pátria começou a sofrer uma expansão demográfica, e seus grandes navegadores ambiciosos e empreendedores descobriram novas terras. Esses novatos emigrantes de Mu chamavam-se Maias. Todos aqueles que saíram da Mãe-pátria, para onde quer que fosse, eram assim denominados. Essa colonização deve ter começado pelo menos 70.000 anos antes da submersão de Mu, porque existem tabuinhas Naacals no Oriente que descrevem como os Irmãos Santos trouxeram a religião e as ciências da Mãe-pátria para as colônias "há mais de 70.000 anos". Uma dessas colônias teria tido uma população de "mais de 35 milhões de almas".

Pude determinar os caminhos seguidos pelos colonizadores da Mãe-pátria de Mu, de acordo com os vestígios mais antigos deixados pelo homem, dos quais, na maioria dos casos, a sua história incompleta aparece sob a forma de escritos simbólicos, ideogramas ou desenhos. Tudo indica que essa imigração teve duas direções principais, incluindo muitas direções secundárias e retornos, uma na direção do Leste e outra para o Oeste. Não me foi possível descobrir nenhum vestígio, nenhuma pista indicando ter sido a primeira

realizada, nem a data aproximada da primeira expedição colonial de Mu. É conhecida apenas aquela da colônia maia do delta do Nilo no Egito, que remonta há 16.000 anos; é possível deduzir que as outras colônias foram contemporâneas da egípcia. Entretanto, sabemos onde elas se situavam. Os colonos vindos de Mu para Leste se estabeleceram no que é hoje a costa oeste da América do Norte e da América Central, e os que seguiram para o Oeste se instalaram no leste e sudoeste asiáticos. As colônias possuíam um símbolo, um sol elevando-se no horizonte, sem raios.

Quando uma colônia havia evoluído em grau suficiente para se autogovernar, sob a soberania de Mu, tornava-se um império colonial e era nomeado um chefe ou governador; o símbolo mudava, e o império passava a ser representado por um sol com raios, subindo no horizonte. O chefe ostentava o título de "Filho do Sol" o que significava que era súdito ou filho de Mu, "o Império do Sol".
Muitos estudiosos da Antiguidade notaram que os reis e imperadores dos tempos antigos adotavam o título de "Filho do Sol", mas foram sempre incapazes de explicar o motivo.

Para encontrar a explicação, devemos retroceder ao primeiro império da terra, o Império do Sol, a Mãe-pátria do homem, para o qual foi criado este emblema.



Emblema ou brasão real de Mu

O emblema real de Mu, Império do Sol, não era um simples desenho concebido ao acaso porque cada traço do mesmo possuía um significado exato, como indicam a sua decifração e tradução:

A. A forma de escudo representa a letra estilizada M, uma das letras do alfabeto hierático de Mu. Era uma letra simbólica e, de fato, era o próprio nome, pois essa letra era pronunciada Mu (ou Mou).

B. Esse hieróglifo é a pequena figura central do escudo e lê-se U-luumil (Ou-lou-oum-il) o que significa "Império de".

C. O círculo em torno desse hieróglifo é uma imagem do sol, de tal forma que em conjunto é lido "O Império do Sol".

A forma do escudo sendo um prefixo, fica "Mu, o império
do Sol".
D. O sol com oito raios, simbolizando os pontos cardiais,
significa assim que a Terra toda é dominada por Mu.
E. O traço que envolve os raios é um símbolo do universo e este se referindo ao homem, isto é, à Terra. Os raios
de influência de Mu, portanto, atingem toda a humanidade.
Dessa forma, o brasão real de Mu nos revela que toda a humanidade da Terra estava sob seu domínio. Mu era dona de todo o globo, e isso é confirmado pelo Codex Cortesianus, no qual Mu é chamada de *Chefe.*
As tradições informam-nos que quando Mu se tornou um império, o chefe hierático foi escolhido para se tornar rei, ou imperador. O chefe hierático representava a Divindade, no ensino religioso. O sol, chamado Ra, era o símbolo coletivo, e o mais elevado da Divindade e, portanto, o símbolo do "Rei dos Reis".
Escolhido para ser rei, o chefe hierático tomava o título de Ra, símbolo tanto do sol como do monarca. A ele era acrescentado o nome da terra de Mu, sendo o rei chamado Ra Mu, ou Sol Mu. Assim foi dado um novo nome à Terra, que é chamada de Império do Sol.
Não se sabe em que data foi fundado o império do Sol. Foram localizados reinos e impérios sob a sua jurisdição além de 35 mil anos atrás, apesar de a

fundação do império do Sol remontar a muito mais do que isso. Ele pode ter existido já há mil anos ou há dezenas de milhares de anos. Não existe nenhum documento nem algum vestígio que possa esclarecer esse ponto.

Ao que parece, à medida que as várias colônias da Mãe-pátria cresciam e se tornavam bastante poderosas para se governar a si próprias, eram transformadas em impérios ou reinados, mas sempre sob o domínio da Mãe-pátria, não passando a Terra toda de uma só família com um único chefe.

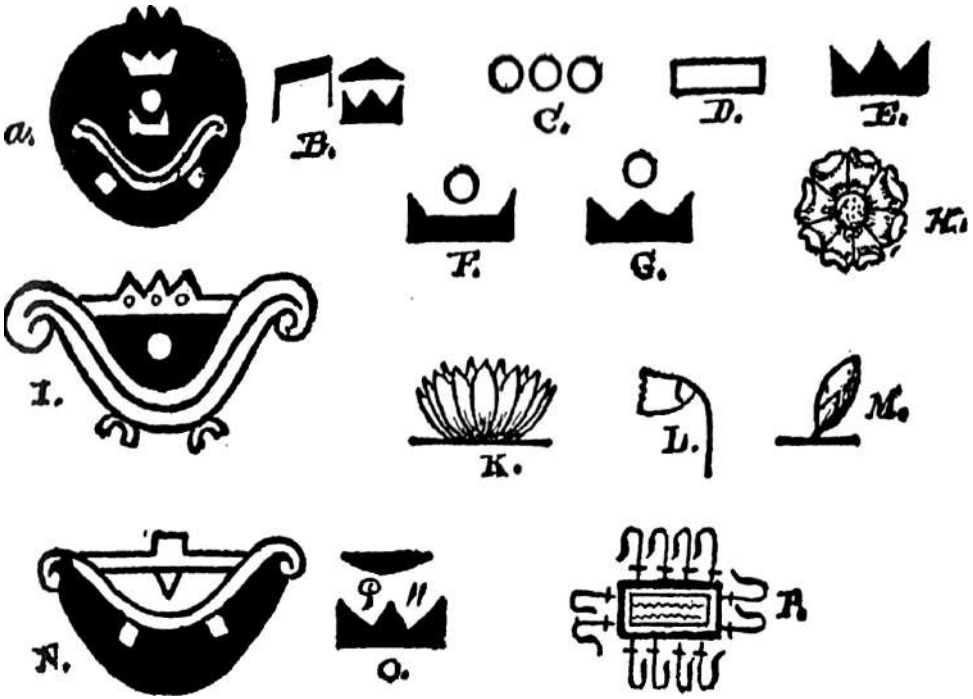
Quando isso acontecia, o primeiro rei pertencia à família real de Mu, ou podia ser, em alguns casos, eleito. Não obstante, o novo rei recebia o título de Filho do Sol, o que não significava que ele fosse filho do astro celeste mas sim da dinastia do Sol, do Império do Sol, ou filho de Mu.

O emblema do novo rei continua sendo o sol, mas a fim de mostrar que ele era sujeito à Mãe-pátria, do qual ele era apenas uma parte, o escudo trazia apenas um sol levante surgindo no horizonte com seus raios.

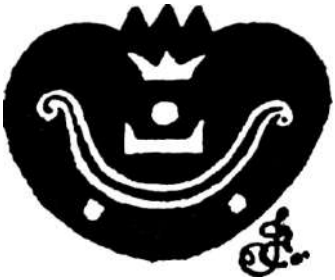
Valmiki, o antigo historiador hindu, diz ao falar dos trabalhos dos maias na Índia: "Antes que o Sol surja no horizonte", querendo dizer com isso que a colônia hindu havia-se transformado num império.

Quando a colônia maia do Deccan, na Índia, foi transformada em império, o primeiro rei se chamou Ra Ma. Seu emblema era o sol levante surgindo no horizonte. Ele tinha o título de Filho do Sol.

Diz-se que os marajás de Udipoor são os descendentes diretos de Ra Ma. Nesse caso, os seus antepassados eram reis há mais de 30 mil anos. Não há dúvida que se trata da mais antiga dinastia real do mundo.
O sol levante é atualmente o emblema de várias nações, entre as quais o Japão, a Pérsia e certas repúblicas da América Central.
Para diferenciar o sol poente do sol levante, os antigos tinham o costume de representar o segundo com raios e o primeiro na forma de um simples disco.
Após o desaparecimento trágico de Mu, toda vez que se representava Mu com o sol, era invariavelmente na forma de um sol poente.



Símbolos Representando Mu Empregados nos Antigos Documentos e Inscrições



Chave do Símbolo A

A). É uma vinheta maia, descrevendo o desaparecimento de Mu, as Terras do Oeste.
Tradução:
Fig. 1: As três pontas no alto do hieróglifo são o símbolo de Mu, portanto a escrita que se refere a Mu.
Fig. 2: A coroa de três pontas é a coroa imperial de Mu, o império do Sol.
Fig. 3: O sol sem raios, portanto, Mu se encontra em uma região de trevas.
Fig. 4: Esse símbolo mostra Mu submersa e mergulhada em trevas, "são vistos apenas alguns picos".
Fig. 5: É o antigo símbolo do abismo, das profundezas, dos poços.
Fig. 6: Esses dois símbolos representam as outras duas terras do Oeste desaparecidas com Mu no "abismo de fogo". Tradução livre: "Mu, o Império do Sol, caiu em um abismo; está numa região de trevas, onde nunca brilha o sol. As outras terras do

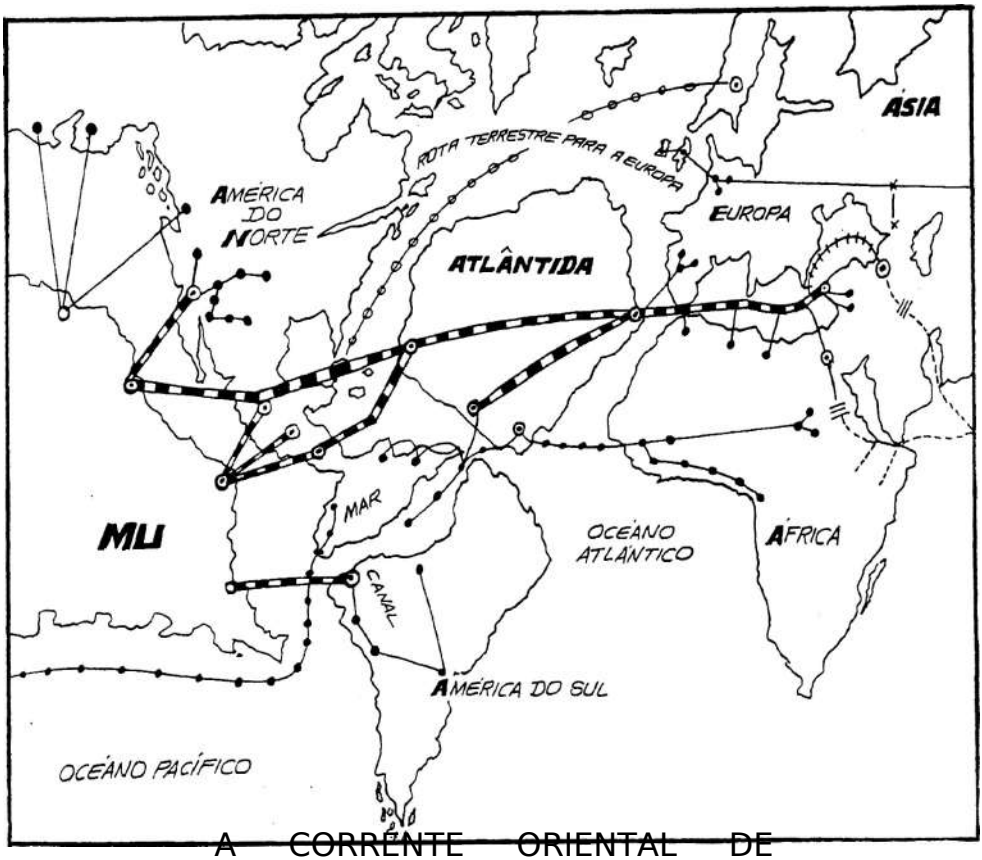
Oeste foram submersas juntamente com ele. Sua coroa não reina mais sobre a Terra".
O formato do hieróglifo é, em si, um abismo estilizado.
B). Letra hierática significando "Mu, as Terras do Oeste".
C). O símbolo numérico da Mãe-pátria — três — representando Mu.
D). Letra hierática M do alfabeto da Mãe-pátria. É também uma figura geométrica. É o símbolo de Mu, tanto alfabético como geométrico.
E). Figura geométrica com três pontas, o símbolo empregado para representar Mu, indicando sua posição geográfica.
F). Símbolo de Mu após sua submersão.
G). O mesmo símbolo.
H). Flor de lótus estilizada, símbolo floral de Mu.
I). Vinheta maia descrevendo a submersão das terras do Oeste.
K). Outra forma de lótus simbolizando Mu.
L). Lótus fechado, morto, simbolizando o desaparecimento de Mu.
M). Botão de lótus, servindo dc ornamento.
N). Vinheta maia descrevendo a submersão da terra de Kui.
O). Letra hierática significando "Terra de Kui".
P). Vinheta egípcia simbolizando a destruição de Mu.

Estudemos agora os colonizadores que seguiram para o Leste. O mapa mostra os caminhos por eles trilhados.

Havia sem dúvida duas correntes principais, tendo a primeira deixado um rastro pontilhado de numerosos escritos e vestígios; ela saiu de Mu, passou pela América Central e o Iucatã, depois pela Atlântida e daí para o Mediterrâneo e Ásia Menor para terminar nos Dardanelos, no extremo sudeste do mar Negro. Uma ramificação saindo da costa oeste da América deixou vestígios até no Chile enquanto que uma outra, partindo da costa leste da América Central é observada até na Argentina. Uma terceira ramificação tomou a direção nordeste para terminar na Escandinávia. A partir da Atlântida, vemos caminhos divergentes seguirem para o sudoeste da Europa e noroeste da África, bem como para o Mediterrâneo. A última dessas colônias mediterrânicas foi para o delta do Nilo, o Baixo Egito. Tudo isso está compreendido no que chamo de corrente leste *norte,* na página seguinte.

A outra corrente do leste não deixou escritos, apenas vestígios, e um mapa. Ela saíra do sudoeste da Mãe-pátria para se dirigir à América do Sul, passando pelos canais da costa oeste no mar amazônico, atualmente pântanos amazonenses, para atravessar em seguida o oceano e terminar na África Ocidental após uma escala no sul da Atlântida. Esses colonizadores pertencem às raças negras ou negróides. Possuem também primos afastados na Melanésia, no sudoeste do Pacífico. Mas entre eles havia também uma raça branca, os Caras ou Carianos, que se tornaram os gregos atuais.

No nordeste, finalmente, uma terceira corrente colonizadora não foi além da América do Norte, Nevada e México, e na América do Sul, no Peru, onde encontramos vestígios de canais mencionados antes, no cimo da cordilheira dos Andes, próximo do lago Titicaca.



A CORRENTE ORIENTAL DE COLONIZAÇÃO DE MU

Os vestígios de povos extremamente antigos foram encontrados do Alasca até o cabo Horn e um fato se impõe: *nenhum vestígio humano foi*

encontrado próximo do litoral, Voltaremos a esse assunto.

Nos Estados do oeste americano encontramos vestígios de três ou quatro civilizações as quais, com exceção de uma, foram destruídas por cataclismos, e a última pelo levantamento das montanhas Rochosas. O Utah, Nevada, Novo México, Arizona, Colorado, o México e a América Central são para a arqueologia moderna um dos campos de ação mais fecundos. Em nenhuma outra parte do mundo são encontrados materiais de estudo em tal quantidade. Além disso, podemos descobrir entre essas riquezas arqueológicas alguns dos restos humanos mais antigos, remontando muito longe no passado até a era terciária e, às vezes, até o mioceno. Lá estão eles, aguardando o erudito que os saiba interpretar, mas eles são muito antigos e respeitáveis para revelar seus segredos seja a quem for; é preciso antes conhecer sua linguagem e seu alfabeto. Essas provas, que evocam antigas civilizações, vão desde a ponta de flecha feita de sílex até as esplêndidas cerâmicas, enfeites e pinturas, existentes nas grandes cidades construídas com pedra e cimento.

Os Quetzals, que foram o primeiro povo a ocupar uma parte da América do Norte, deixaram apenas tradições, a menos que alguns dos vestígios mais antigos dos seres humanos não pertençam a essa raça, o que é muito possível. Já evoquei algumas das numerosas lendas dos Quetzals, às quais vou acrescentar aqui uma recordação.

Durante a minha viagem à América Central, soube dos índios que existiam ainda no fundo das florestas turfosas de Honduras e da Guatemala, as aldeias dos *índios brancos e louros.* Um dos meus interlocutores afirmou haver estado durante várias semanas numa dessas aldeias, e havia obtido de seus habitantes as descrições mais autênticas que jamais ouvi sobre os Quetzals. O seu idioma é o maia, e eles afirmam ser descendentes daqueles que fugiram para as florestas quando o seu rei Quetzal foi vencido e deposto.

CAPÍTULO VI

O LUGAR OCUPADO PELA AMÉRICA DO NORTE ENTRE AS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

Quando o homem fez o seu aparecimento sobre a terra? E em que lugar?
Eis duas perguntas das mais interessantes que se apresentam tanto ao cientista como ao leigo. Posso responder à segunda, dando todas as provas possíveis, que consistem em documentos, inscrições em ruínas históricas, tradições e fenômenos geológicos.
Por enquanto não é possível responder à primeira dessas perguntas, e talvez nunca será possível, pois os documentos e as provas necessárias acham-se soterradas no fundo de um dos mais profundos dos oceanos. Entretanto, é possível que

escavando as ruínas dos antigos templos hindus das cidades Rishi, descobriremos algum dia uma cópia completa das *Sete Escrituras Sagradas e Inspiradas de Mu.* O sétimo capítulo dá a resposta e descreve a história do homem após o seu aparecimento sobre a terra.

A Bíblia nos diz que o homem apareceu sobre a terra no Jardim de Éden, mas ninguém está de acordo sobre a localização desse jardim. Eu afirmo que o Jardim de Éden era as Terras do Oeste dos egípcios, a Terra de Kui dos maias e a Mãe-pátria dos hindus. O nome hierático dessa terra era Mu.

Vou agora seguir através do mundo o homem dos tempos antigos e, pelos *documentos escritos,* que ele deixou, *em todos os países,* demonstrar, sem deixar margem a dúvidas, a posição geográfica de Mu. Vou começar pelos Estados Unidos da América do Norte, porque a América do Norte e a Ásia oriental foram os dois países onde o homem fundou suas primeiras colônias longe da Mãe-pátria.

Alvoroçados pela descoberta de algumas antigas ossadas humanas, tais como as de Neanderthal, Pitdown e de Heidelberg, os cientistas da Europa e da América deixaram completamente de lado os restos dos primeiros homens na América do Norte. É evidente que os restos europeus são de idiotas e degenerados, de acordo com o formato de seus crânios. Não há dúvida que eram de refugos das comunidades civilizadas. Valmiki, as obras druídicas, o Popol Vuh e outros documentos antigos nos ensinam que tais indivíduos eram levados para o meio das florestas, para ali viverem

e morrerem como animais. A julgar pelos numerosos documentos antigos, parece que o método comum para dispor dos mortos era a incineração, e, portanto, restam poucos vestígios pois as ossadas foram consumidas pelo fogo.

Somente os ossos de um homem não indicam o grau de civilização que ele alcançou, nem como ele vivia, mas as suas obras o atestam.

Encontramos poucas ossadas dos primeiros homens da América do Norte, mas suas obras são numerosas.

Todos os cientistas que se interessam pela descoberta de antigas ossadas na Europa estão de acordo quanto às mesmas datarem do pleistoceno, isto é, que elas são posteriores à era glacial.

Os americanos do norte eram altamente civilizados, conheciam as artes e as ciências dezenas de milhares de anos antes que existissem na Europa tribos degeneradas.

Foi atribuída uma glória científica ao Egito que deverá mudar ao se afirmar que ele era a mãe das civilizações, agora que existem numerosos documentos antigos que nos revelam que o solo do Egito foi pisado pela primeira vez pelos colonos vindos da América e da Índia, e que seus colonos traziam consigo "as ciências e a civilização da Mãe-pátria". Muitos documentos foram escritos pelos próprios egípcios. Como demonstra Schliemann, a grande civilização egípcia começou a declinar quando perdeu o apoio da Mãe-pátria.

Nossos cientistas estão atualmente completamente ofuscados pela teoria da evolução, tese insustentável se levarmos em conta as

Escrituras Sagradas de Mu. Esse documento nos diz o que é a vida, como foi ela criada e quais as forças que a governam. Embora tenham sido escritos há mais de 50.000 anos, esses escritos nos informam qual a natureza da força que os cientistas chamam de elétron, sua origem, sua influência, e do que é feito.

Existem na América do Norte vestígios de homens altamente civilizados que remontam há muito antes da era terciária e são anteriores à era glacial em várias dezenas de milhares de anos.

Os Mistérios Sagrados do Egito nos explicam essa era glacial, o que a provocou, e dão uma descrição de todos os fenômenos a ela relacionados.

Muitos dos vestígios da América do Norte são anteriores à formação das Montanhas Rochosas.

Nos Estados do Oeste, existem vestígios de *quatro* civilizações de seres humanos que ocuparam a terra antes dos trogloditas e dos peles-vermelhas.

É muito possível que os trogloditas atuais, os "Cliff Dwellers", e os Peles-vermelhas sejam as raças descendentes de alguns seres salvos quando se formaram as montanhas. As quatro civilizações se revelaram por suas diferentes maneiras de escrever e os vestígios de suas casas. Esses escritos se encontram sobre as rochas ou falésias e nos dão uma história imperecível da raça que os escreveu. É verdade que é uma história fragmentária, mas basta para que saibamos de onde vieram, como vieram, qual era a sua religião e o que realizaram.

Eis alguns dos vestígios mais importantes das civilizações mais antigas da América do Norte:

Oregon

No Oregon, num lugar chamado Fóssil Lake, descobriram-se vestígios de uma civilização muito antiga. Fóssil Lake é o leito seco do que foi antes uma extensão de água. De acordo com os restos de animais pré-históricos achados nesse local, parece certo que esse lago existiu na era mesozóica, ou secundária.

Fóssil Lake se acha no meio do grande deserto do Oregon, outrora uma planície fértil, mas ressecada pelo levantamento das montanhas que dividiram as águas. Ao longo do antigo leito do lago descobriram-se, nas camadas mais profundas, ossos de dinossauros e outros animais da era secundária, e nas camadas superiores, restos de mastodontes e outros mamíferos do pleistoceno. Entre as ossadas de mastodontes descobriram-se flechas e pontas de lança feitas de vidro vulcânico.

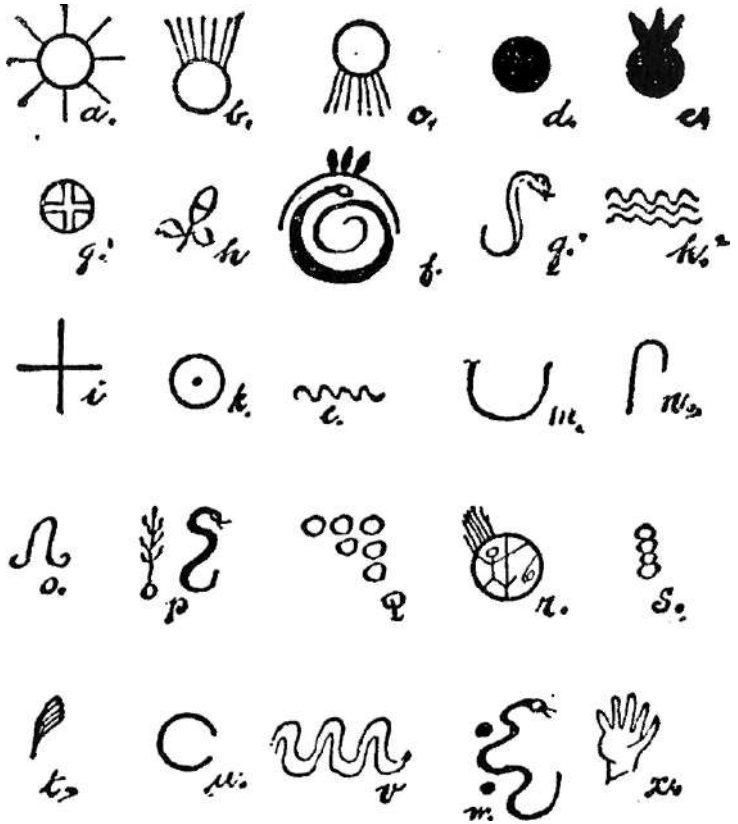
Nevada

Nesse Estado, encontraram-se vestígios valiosos dos primeiros homens da América do Norte.

Foram de fato descobertos centenas de documentos nos rochedos e falésias dos Estados do Oeste, símbolos, letras hieráticas e vinhetas. Escolhi alguns deles provenientes de Nevada, o máximo que pudesse apresentar numa obra como esta.

a) É um dos símbolos de Mu, o império do sol. Um sol no meio do céu, circundado por raios.

b) Símbolo do sol levante, empregado por todos os povos antigos.
c) Símbolo do pôr de sol, utilizado comumente por todos os povos antigos.
d) O sol posto, mergulhado abaixo do horizonte. É representado em geral com um simples círculo sem raio. Nesse caso, é um disco negro, indicando que ele se refere a uma coisa que jamais se afasta dos raios do sol.
e) Símbolo de Mu mergulhado para sempre nas trevas. O nome de Mu é dado pelo seu número simbólico, três, colocado no alto do disco negro.
Ideograma indicando que Mu se encontra do outro lado do oceano na direção do sol poente. A serpente é Khan, símbolo do oceano Kanab, as grandes águas. O semicírculo em cima da serpente é uma imagem do horizonte ocidental. Novamente o nome de Mu aparece por seu símbolo numérico três, três plumas acima do horizonte.

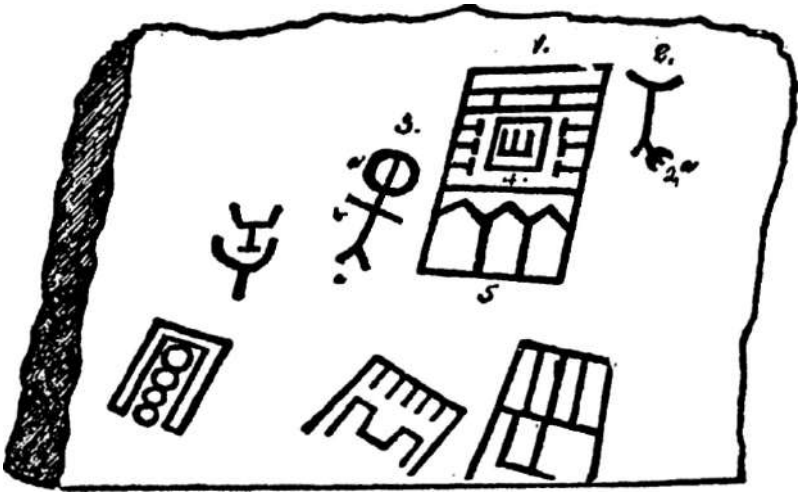


SÍMBOLOS ENCONTRADOS NAS INSCRIÇÕES DOS TROGLODITAS

gl) Hieróglifo que se lê *U-luumil* "o império de". É a figura central do brasão de Mu.
g2) Uma serpente de uma só cabeça, sem enfeites, símbolo das águas entre todos os povos antigos.
hl) Botão de lótus, a flor real e sagrada da Mãe-pátria.
h2) Outro símbolo representando a água em lugar de serpente.
i) Os antigos utilizavam, às vezes, uma cruz em lugar do quadrado, símbolo comum dos quatro pontos cardiais.

k) Primeira letra do alfabeto hierárquico de Mu, que se pronuncia *ah.* É também o número um, pronunciado *hun.* Seu significado se estende também ao rei Ahau, o rei dos reis.
1) A letra *n* do alfabeto hierático.
m) Símbolo do abismo, do vale, do poço.
n) A letra *x* do alfabeto hierático.
o) A letra *u* do alfabeto hierático, invertida.
p) Pode-se escrever vários livros sobre o símbolo da serpente e da árvore. Ele apareceu, entretanto, depois da submersão de Mu.
q) Esse símbolo possui um sentido ao mesmo tempo comum eoculto. Ele simboliza a criação e também o número nove.
r) Símbolo religioso Uighur-maia.
s) Letra hierática *h* dos Uighurs.
t) Pluma ou sarça. Não sei dizer.
u) O símbolo mais antigo para representar o número cem.
v) Símbolo das montanhas, relativamente recente.
w) Símbolo interessante, porque é um mapa da costa ocidental da América do Norte, Central e do Sul.
x) Esse desenho não possui nenhum significado simbólico. Encontramos mãos pintadas nas paredes das cavernas do mundo inteiro.
y) Essa cruz representa os elementos ativos e passivos da natureza. Ela possui também um significado oculto.
z) Duvido que esse símbolo exprima outra coisa a não ser uma decoração artística.
aa) Uma pele de animal.

bb) Encontram-se cabeças iguais no Egito e outros lugares. Os chifres são enfeitados, mostrando que o animal se destina a uma cerimônia ou sacrifício. Não é um símbolo muito antigo.
cc) Figura com três pontas simbolizando uma multidão. É vista em geral com as pontas para baixo.
Essas inscrições das falésias provam que os seus autores provinham da Mãe-pátria e que eles tinham bastante afinidade com os maias do México e da América Central, porque sua linguagem é derivada do maia.



Pintura rupestre. Planta de um templo.
Grapevine Canyon. Nevada

1. Plano de um templo.
2. Símbolo da submersão: a terra desaparecendo com seus milhões de habitantes.

3. Símbolo do sol que se opõe para sempre sobre a terra submersa, formada pelo símbolo do pôr de sol, da cruz vital e da submersão.

Os detalhes do plano do templo indicam (1): "Esse templo é erigido em memória de Mu, a Mãe-pátria do homem, que foi submersa com suas milhões de almas."

A figura central (4) representa um santuário, ou o santo dos santos. No interior do santuário pode-se ver um *m* invertido, símbolo de Mu, indicando a quem foi dedicado o templo e que a Mãe-pátria não existe mais. Ela está morta.

Dos dois lados da figura central vêem-se três taus — T — o símbolo da ressurreição. Era um modo comum de representar a Mãe-pátria, no mundo inteiro.

As três divisões em volta do santuário representam as três salas onde o iniciado recebia os três graus do ensino religioso. Todos os templos antigos eram construídos dessa maneira. As três salas são confirmadas por uma figura tríplice (5) assinalando a entrada. O fundo de todas as salas era concebido dessa forma, para representar o céu e a terra. Na própria sala, o grau de instrução religiosa é indicado pelo número de estrelas dentro do triângulo.

A direita do templo se encontra um hieróglifo (2). É um símbolo complexo significando "terra ou terras submersas". A figura 2a é um símbolo de multidão. Dessa forma, ficamos sabendo que uma multidão de almas foi engolida pelas vagas.

À direita há um outro símbolo complexo (3): *a é* o sol, *b* as terras submersas, o que significa que "o

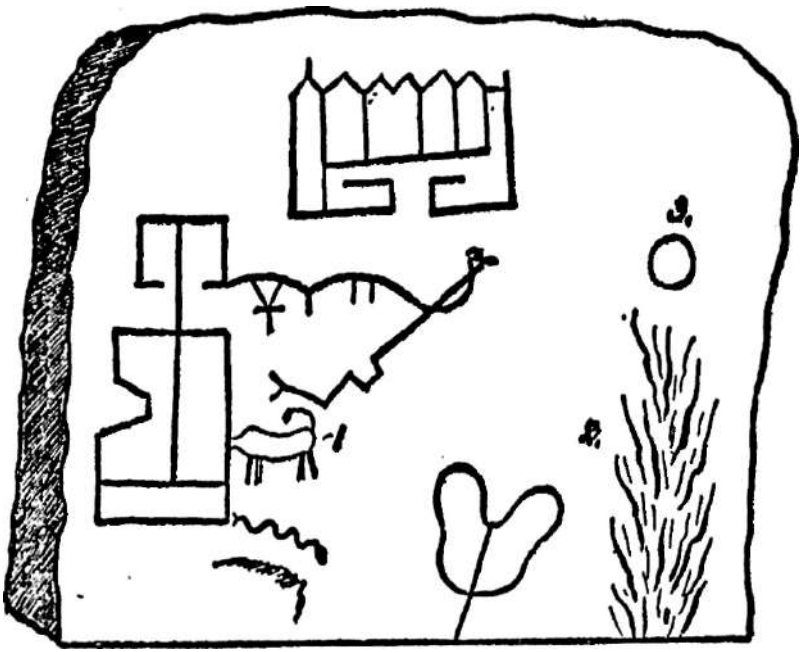
sol não brilha mais sobre as terras submersas". Portanto, o conjunto da alegoria quer dizer que: "Mu, com suas milhões de almas, foi submersa. O sol não brilha mais para ela. Ela mergulhou nas trevas. Está morta".

A segunda pedra foi encontrada ao lado da primeira. Representa uma cena de sacrifício:

1. O animal sobre o altar.
2. As chamas o consomem.
3. O símbolo de Mu submerso.

Recorri a esse desenho para confirmar o anterior, e fornecer uma prova suplementar da consagração do templo a Mu e da submersão da Mãe-pátria.

Antes da destruição de Mu, não havia sacrifícios pelo fogo. Esses sacrifícios fizeram parte mais tarde das cerimônias religiosas para comemorar



Outra inscrição de Grapevine Canyon, Nevada.

Mu e seus habitantes que foram consumidos pelo fogo e soçobraram num abismo de chamas.
Os primeiros colonos da América do Norte se estabeleceram ao longo da costa ocidental dos Estados Unidos. Esses entrepostos foram aniquilados por cataclismos na mesma ocasião em que foram destruídas as colônias do México. Elas remontam a um período muito antigo, provavelmente ao último período da era terciária, ou plioceno.
Uma segunda civilização, e sem dúvida uma terceira, sucederam a esta. Foram destruídas por cataclismos e pelo levantamento de grandes cadeias de montanhas. Esse enrugamento da crosta terrestre transformou também em deserto as terras férteis do Colorado, do Arizona e Nevada. Os *Cliff Dwellers* ou trogloditas, foram os últimos colonos a vir da terra de Mu. Quando fundadas as primeiras colônias no que é o sudoeste dos Estados Unidos, não existiam as montanhas. Quando os trogloditas chegaram na América, é certo que já existiam montanhas, porque encontramos suas casas nas falésias e nos precipícios dessas montanhas.
Os trogloditas falavam a língua maia do Iucatã, como prova a sua utilização do alfabeto hierático maia nos documentos encontrados em Nevada. A julgar pelos lugares onde foram descobertos os vestígios dos trogloditas no Colorado, o seu porto de entrada na América devia encontrar-se na embocadura do Colorado.
Tudo indica que após haverem desembarcado da Mãe-pátria eles subiram o rio. Os restos dessa raça

se encontram em vários Estados, e também ao longo dos afluentes. Certos colonos saíram do rio para se embrenharem no interior das terras pelos caminhos antigos, como a velha estrada Zuni. Mas, em geral, parecem haver preferido seguir os cursos de água.

Voltando ao Colorado, passaram pelo Arizona, onde encontramos uma grande quantidade de vestígios. As suas habitações antigas indicam que eles se aventuraram ao longo do Rio Gila, do Pequeno Colorado e do Rio Grande. No Novo México, os seus vestígios também são numerosos.

Após haverem atravessado o Arizona, voltaram para Utah, pois seguiram os afluentes do Colorado em Nevada e em Wyoming, e acabaram certamente por irem se estabelecer no atual Estado do Colorado, o mais rico em vestígios desse antigo povo.

Se considerarmos não apenas a possibilidade, mas a probabilidade desses caminhos, as grandes figuras pintadas sobre as rochas, em estranhas posturas, com mãos e pés enormes, isso não podia deixar de ser postes indicadores; os sinais que os recobrem indicam ao viajante o seu destino, o caminho a percorrer e a extensão do trajeto. Sei que isso é verdadeiro, porque decifrei e traduzi a maior parte dessas inscrições.

Todas as áreas que margeiam o rio Colorado estão totalmente repletas de vestígios de antigos trogloditas. Encontramos casas talhadas na rocha, pinturas rupestres, inscrições e diversos instrumentos e utensílios. O fato de esses vestígios não se encontrarem a não ser na vizinhança do

Colorado e de seus afluentes prova indiscutivelmente, a meu ver, que a embocadura desse rio fei o porto de entrada dos troglodita, bem como de seus predecessores.
Não se sabe bem quando esse povo chegou à América. Nada serve de indicação, e nada nos permite adivinhar. Mas eles e os seus antepassados lá se encontravam, antes do levantamento das montanhas, ou seja, há mais de 12.500 anos.

Arizona
O professor Walter Hough, do Instituto Smithsoniano, fez um florestas petrificadas do Arizona e garante haver encontra *quatro* povos diferentes. Essa descoberta é análoga às que eu Estados do Oeste e do sudoeste, bem como no México. Tr de Hough existiram antes da criação das montanhas.
Eu próprio examinei uma cópia de uma pintura rupe descoberta no Havasupai Canyon, no Arizona. Ela tem mais de anos e demonstra que o homem vivia nesse lugar naquela época

Novo México
A história desse Estado é a mesma dos Índios Pueblo constitui uma descrição das mais fascinantes jamais fe primeiros homens da América do Norte, quando os Pueblos chegara eram um povo altamente esclarecido e civilizado. Suas t servem de prova. Eles são as tradições mais antigas entre americanos do norte vindos da Mãe-pátria.
Nos Estados do Oeste encontram-se abundantes vestígi pinturas, inscrições, fragmentos de edificações, nessas famos

cientistas e arqueólogos se recusam, com uma estranha t
dos povos que ocupavam esse país antes de nós. E
simplesmente em nos dizer que essas inscrições possu
anos.

São os índios Hopis e os Zuni Pueblos nos fornecem m
esclarecimento. Em minha opinião, essas tribos são as ma
todas as tribos peles-vermelhas que ainda existem, certa
as conheço melhor que as outras. A sua relação com
perfeitamente estabelecida, e suas tradições nos informa
eles são provenientes de Mu. Todas as suas crenças religi
claramente da primeira religião do homem e seus símbol
todos os mesmos de Mu.

Possuo um manto de cerimônias dos índios Pueblo, *no* qual os enfeites são os símbolos sagrados da Mãe-pátria.

Suas tradições são apaixonantes e de um grande alcance, como por exemplo aquela da criação do primeiro homem e da primeira mulher: Adão e Eva. Ela é ainda mais preciosa porque nela encontramos a língua da Mãe-pátria com o significado oculto de certas palavras.

Os Zunis e os Hopis possuem dois deuses especiais que guiam desde o início o destino da humanidade. Esses deuses são sagrados, mas não são adorados. Em outras palavras, são comparáveis a nossos santos- Esses dois deuses chamam-se Ahaiinta e Matsailema. Eram *os primeiros filhos do Deus do Sol.*

Essa frase merece ser cuidadosamente analisada. Os índios Hopis estabelecem uma diferença entre o sol, o seu símbolo de Deus, e o próprio Deus.

Dizem que o primeiro homem e a primeira mulher eram filhos do próprio Deus, e não filhos de seu símbolo.
Descobri no meio de antigos documentos escritos, em especial naqueles dos hindus e egípcios, trechos nos quais o sol é chamado de pai da vida, e das águas, a mãe da vida, mas em cada caso eles falam dos produtos da natureza e não daquela criação especial chamada homem. Mencionam também as forças do sol agindo sobre as forças da terra.
Os índios Hopis crêem que o homem e a mulher são os filhos de Deus, o Grande Deus que *controla o Sol;* portanto, eles não são um produto da natureza. Encontra-se uma prova disso no significado oculto dos nomes do homem e da mulher. Eles se compõem de vocábulos da Mãe-pátria e, como em todos os antigos escritos religiosos, possuem um sentido oculto. Por exemplo: *Ahaiinta* é formado pelas palavras da Mãe-pátria *A-hai-in-ta,* e *Matsailema* de *Mat-sai-le-ma.* Reunidas, elas significam: "Deus criou o primeiro homem e a primeira mulher para dominar a terra. Esses primeiros filhos de Deus são os pais da humanidade".
A língua dos índios Pueblos contém, como já chamei atenção, muitas palavras da língua originária e muitas raízes dessa mesma língua. Possuem também uma outra lenda:
"Nossos antepassados vieram para a América em seus barcos, de uma terra situada além do oceano na direção do sol poente"

Fica assim provado que eles vieram do oeste, por mar, e não por aquele ponto natural de Bering de que tanto se fala.
Quando os Pueblos chegaram na América, eram altamente civilizados, como prova o seu maravilhoso conhecimento da geologia, a sua linguagem culta e o emprego que faziam dos símbolos sagrados da Mãe-pátria.
Descobri entre os índios Pueblos uma curiosa coincidência: possuíam *Sete Cidades sagradas* de Cibola. Era uma cópia das sete cidades da Mãe-Pátria, e um hábito disseminado em todos os seus impérios coloniais. Por exemplo, a Mãe-pátria possui sete cidades sagradas da religião e das ciências; a Atlântida tinha o mesmo número delas e a Índia possuía suas sete Rishi, ou cidades sagradas.
O Tenente Cushing já vivia há muito tempo entre os índios Hopis quando traduziu o que ele chamou de Mitos Zuni, que são mitos apenas porque as pessoas nas mãos das quais eles foram cair, não eram capazes de os compreender. Essas tradições dos Pueblos foram transmitidas oralmente de pai para filho durante milhares de anos, mas uma tradição é uma história, e não um mito.
Eis alguns trechos de traduções do tenente Cushing que, vindo se acrescentar ao meu conhecimento pessoal dos Pueblos, são muito interessantes.
Temos por exemplo uma tradição Zuni que diz: "No começo a Terra estava coberta de água, e não havia nenhuma terra". Isso é um mito? Não, porque esse fato foi confirmado tanto pelas

escrituras sagradas da Mãe-pátria como pela geologia.
Uma outra tradição Zuni declara: "Antes da aparição do homem sobre a terra, o solo era tão úmido e movediço que o homem não poderia nele andar, seus pés afundariam, e ele não poderia viver assim." Segue-se uma descrição do tipo de calçado que o *homem* teria que usar para andar sobre esse solo úmido e movediço sem se afundar; ela é muito engraçada.
Embora os livros dc geologia não façam alusão a esse tipo de solo, nem mencionem que ele jamais existiu sobre a Terra, a prova nos é dada pela forma e tipo de patas dos primeiros animais do Terciário, que possuíam dedos compridos dotados de membranas como o de nossas aves aquáticas que habitam as margens lodosas de nossos rios e lagos.
Eis um outro pretenso mito Zuni. Esse antigo povo, há milhares e milhares de anos, conhecia perfeitamente os gigantescos répteis monstruosos que viveram sobre a terra depois do Carbonífero até o fim do Cretáceo, ou seja, na era secundária. As tradições rezam: "Eram monstros e animais de rapina; possuíam garras e dentes terríveis. Um leopardo não passa de uma pulga quando comparado a eles. Então o Altíssimo disse a esses animais: "Vós sereis todos transformados em pedra, para que não sejais um perigo para o homem, mas que possais lhe fazer o bem. Dessa forma, sereis transformados em pedra eterna. Assim a superfície da terra se endureceu e muitos animais de toda espécie foram transformados em

pedra. É por isso que *nós os encontramos no mundo inteiro.* Seus perfis são às vezes gigantescos como esses, outras vezes eles são deformados e reduzidos e vemos com freqüência nas rochas muitos animais que não existem mais, o que nos mostra que tudo era diferente na época em que a terra era nova."

Creio que Cushing não fez a tradução exata das palavras que eu coloquei em grifo. A minha tradução, entretanto, não altera o sentido.

Esse texto foi considerado como um mito Zuni. Entretanto, se quisermos provar que isso não é um mito basta visitar os museus para constatar a veracidade da tradição desses índios. Basta ir ao Museu de História Natural de Nova York e contemplar o fóssil do trachodonte cretáceo, ou visitar o Museu Nacional de Washington e admirar o esqueleto perfeito do dinossauro do Jurássico e do estegossauro amassado e quebrado.

Certos leitores pensarão que isso não tem nenhuma relação com os Pueblos e que tal coisa não prova que a tradição não seja um mito. Para esses céticos, recomendo visitar o Hava Supai Canyon no Arizona- Naquele lugar, desenhado e gravado na rocha, vemos o animal pré-histórico mais cruel que já existiu sobre a Terra, o terrível tiranossauro carnívoro do fim do Cretáceo. Esse desenho tem provavelmente mais de 12.000 anos.

Há pouco mais de um século apenas que essa forma de réptil tornou-se conhecida dos cientistas; Cuvier encontrou uma ossada e a partir desse fragmento reconstituiu todo o esqueleto de um lagarto gigantesco de quatro patas. Creio não me

enganar dizendo que há apenas um século que se tornou conhecida a forma real do tiranossauro, embora ele fosse representado fielmente pelos homens em suas pinturas rupestres há milhares de anos.

Os Zunis possuem também diversas tradições sobre o "Dilúvio". Cito aquela que foi publicada por G. W. James:

"No início dos tempos, os Zunis eram muito maus e a despeito das advertências do Altíssimo, continuaram em seus pecados até que o povo das Sombras decidiu riscá-los da superfície da terra. Dessa forma, as *duas* grandes fontes de água do mundo foram abertas, o reservatório *do alto* de onde caem as chuvas, e o reservatório *de baixo* que alimenta as fontes, os riachos e os rios.

"As comportas foram abertas e as chuvas caíram e os rios transbordaram, até que os Zunis compreenderam que a cólera dos deuses os atingia. Às pressas, eles se refugiaram no pico do Tay-yo-al-la-ne (a Montanha do Trovão), onde os mais jovens dos pecadores e dos maus caçoavam do pavor dos outros, e se recusavam a crer que as vagas celestes e das profundezas os pudesse tragar.

"Mas, pouco a pouco, as águas subiram, cada vez mais alto, e aqueles que riam ficaram silenciosos, e o medo se apoderou de todas as almas. Os padres das diversas irmandades cantavam inutilmente, dançavam e fazim uma grande fogueira oferecendo sacrifícios- Mas a cólera do Altíssimo não se acalmava. Finalmente, o sumo sacerdote retirou-se para o alto da montanha, num

lugar isolado, onde ele podia meditar e orar e melhor interceder pelo seu povo. E quando regressou disse que o Altíssimo só podia ser acalmado de uma única maneira. Era preciso sacrificar o melhor dos jovens e a mais encantadora das jovens, que seriam precipitados dentro das vagas, no decorrer de uma cerimônia. Dessa forma seria acalmada a cólera dos deuses e afastada do povo.

"O povo ouve a notícia com tristeza e houve a seguir debates entre eles para saber quem seria escolhido para o sacrifício necessário. Um jovem foi encontrado que parecia um deus: era forte, radiante, de traços delicados e estimado por todos. Pois, embora ninguém ousasse falar, todos pensavam que a moça digna de ser sacrificada aos deuses não era outra senão a filha única e bem amada de seu cacique. Quando ele levantou os olhos para ver aqueles que o seu povo tinha escolhido, não havia nenhuma moça. As lágrimas lhe marejaram os olhos. Chamou a sua filha adorada e lhe disse algumas palavras; ela abaixou a cabeça, e foi tomar lugar ao lado do jovem e todos compreenderam que o sacrifício estava próximo. Vestiram o jovem casal com os seus melhores trajes, os coroaram, e os enfeitaram de adornos, e a seguir lentamente o cântico da morte sobe aos céus; depois o cacique abençoa os dois. E, invocando o perdão do Altíssimo, obtido a tal preço, ele mesmo os precipita nas ondas ferventes.

"Havia pouco tempo, pois a multidão já estava sobre um minúsculo planalto no alto da montanha, com as águas os circundando.
"Em menos de uma hora, a água começou a baixar. Mas passaram dias e semanas antes que o vale ficasse seco e que o povo contrito pudesse voltar aos seus lares.
"Pouco tempo depois, um dos jovens que havia estado entre os mais maldosos voltou por acaso para junto de Taiyoallane e viu dois vultos de pé no pico do planalto. Chamando seu povo, ele os mostra e todos contemplam os dois jovens como uma fé respeitosa, compreendendo que o Altíssimo lhes havia dado um sinal. Isso foi confirmado quando o cacique lhes assegurou solenemente que elas eram as imagens celestiais dos dois jovens sacrificados. A maior era o jovem, e a menor era a moça."
Existem realmente seis pedras desse tipo colocadas sobre a Montanha do Trovão, duas grandes e quatro pequenas. James, "após haver agradecido ao narrador Zuni, chamou sua atenção, e o narrador Zuni respondeu:
"Ah! O jovem e a jovem se queixaram ao Altíssimo que eles se sentiam sós, então os deuses os casaram, e lhes deram quatro filhos, dois meninos e duas meninas, para que ficassem felizes."
Observa-se nessa tradição que *a* palavra *cacique é* empregada para designar o chefe da tribo. É uma palavra quíchua-maia, significando "cabeça principal". No Peru, os Quíchuas, que vieram da América Central, são atualmente chamados Quichuanos e sua palavra para designar um chefe

ou um cabeça principal é *cacique.* O mesmo acontece na Venezuela entre os descendentes dos Cara-Maias da América Central.
A tradição Zuni do dilúvio é um índice geológico valioso porque ela prova que as águas do último cataclismo magnético se estenderam até a América, muito além da linha dos aluviões.
Diversas tradições dos pueblos, *a* língua desse povo, seus símbolos sagrados e outros indícios provam *que os índios pueblos são originários de Mu.* Como já expliquei antes, Mu foi submersa há 12.000 anos. Portanto, como esses índios vieram diretamente de Mu, eles devem ter-se estabelecido na América pelo menos há 12.000 anos.
O idioma dos pueblos aceita muitas palavras quíchuas-maias e, além disso, muitas de suas idéias são as mesmas dos quíchuas, indicando que, seja na Mãe-pátria, seja após a sua chegada na América, esses dois povos foram vizinhos.
Os pueblos sofreram pouca influência do homem branco atual, e vivem como seus antepassados viveram no decorrer dos séculos, conservando com grande carinho não apenas o seu idioma, que ensinam a seus filhos, mas também seus costumes, suas tradições e seus ritos e cerimônias antigas. Um elo os liga ao passado longínquo, e também aos quíchuas-maias, a serpente emplumada Quetzalcoatl, encontrada principalmente na região de Pajarito Park.
Para confirmar tudo o que foi dito antes, o professor E. L. Hewitt, da Universidade de Las Vegas, comunica que descobriu nas habitações de

um antigo povo, fósseis de mastodonte e do tigre de dentes de sabre, bem como utensílios fabricados com marfim *vivo* e não com marfim fóssil, confirmando assim a pintura de Hava Supai Canyon.

Deserto do Colorado
Encontramos nesse deserto notáveis vestígios de uma grande civilização passada. Esses restos foram sempre um enigma para os cientistas, mas eles apenas confirmam a história do homem de outrora e de sua terra natal. O deserto do Colorado assim como o do Oregon e a maior parte dos outros desertos do oeste americano, foi outrora uma terra fértil, tornada seca quando se ergueram as montanhas. Esses vestígios provam assim que o povo que habitava essa região, viveu nesse lugar antes que se erguessem as Montanhas Rochosas.

Nebraska
O professor R. W. Gilder, de Omaha, Nebraska, fez uma das mais valiosas e notáveis descobertas arqueológicas do mundo. Provou de forma indiscutível que o homem viveu na América do Norte, num estado altamente civilizado, durante a era Terciária.
Gilder descobriu uma civilização que foi aniquilada pelas águas do último cataclismo magnético, o "Dilúvio" da Bíblia e a era glacial geológica. Assim se expressa: "Os covis de bisão comuns no Far-West não foram feitos pelos mesmos; esses buracos são as entradas das habitações subterrâneas nas quais, há milhares de anos,

viveu uma raça que desapareceu da superfície do globo. Nada indica como era essa raça, nem *como foi ela aniquilada.*"
"O solo desses covis subterrâneos está repleto de ramos calcinados, ervas secas, de hastes de vime e espigas de milho. No solo de cada gruta encontra-se um esconderijo, onde a maior parte dos utensílios e objetos de valor eram guardados. As passagens desses esconderijos são fechadas com camadas de terracota cobertas de cinzas. Embaixo, a cavidade se alarga, como uma garrafa depois do gargalo, sendo o lugar, com freqüência, do tamanho de uma barrica."
Essas grutas artificiais foram cobertas pela terra e pelos aluviões trazidos pelas vagas do cataclismo que se abateu sobre as planícies. Com o passar do tempo, a terra se amontoou, deixando uma depressão na entrada, que foi tomada como covis de bisões.
A civilização de Gilder foi aniquilada pelo último cataclismo magnético. Portanto, trata-se de uma civilização *da era Terciária.*

Kentucky
Encontramos nesse Estado vestígios, de uma civilização contemporânea da de Gilder no Nebraska.
Em Blue Lick Springs, há alguns anos, foram realizadas escavações- A quatro metros da superfície, foram desenterrados os ossos de um mastodonte; mais embaixo, encontraram uma camada de pedregulho, e sob a mesma, *um solo de pedra.* Esse solo é formado de lajes

quadradas. A superfície é polida, e a parte de baixo é rugosa. O mastodonte pertenceu ao pleistoceno, pois se achava acima da camada de pedregulho, a qual foi formada pelas águas do último cataclismo magnético ou dilúvio, e o solo lajeado, achando-se *sob* o pedregulho, indica que essa civilização como a de Gilder, existiu na era Terciária.

George W. Ranck, historiador do Kentucky, escreve em sua *História de Lexington:*

"A cidade de Lexington, Kentucky, está construída sobre as ruínas de uma cidade morta de uma raça desaparecida, da qual não resta o mínimo vestígio. O simples fato que uma tal cidade e tal povo tenha existido no lugar de Lexington não seria jamais conhecido se não fossem os vestígios de ruínas descobertos pelos primeiros pioneiros e os aventureiros de Elkhorn. Mas não há a menor dúvida da existência anterior de tal cidade e povo.

"Quem eram, então, esses seres misteriosos? De onde tinham vindo? Qual era a sua religião, e o seu governo? Esses enigmas não serão, certamente, jamais resolvidos pelos mortais, mas quem pode pôr em dúvida que eles tenham vivido e prosperado muitos séculos antes dos índios? Eles ergueram aqui seus templos gigantescos, suas grandes cidades, sem pensar que os homens de pele vermelha que os iam suceder, caçariam o cervo e o bisão em cima de seus muros arrasados e recobertos de terra e mato. Nesse lugar, eles viveram, trabalharam e morreram antes que Cristóvão Colombo colocasse a bandeira da velha Espanha nos limites do Novo Mundo, na época em

que a Gália, a Bretanha e a Alemanha estavam invadidas pelas hordas bárbaras e, quem sabe, muito antes que a Roma imperial atingisse o apogeu de sua glória e de sua grandeza. Mas eles não possuíam literatura e uma vez mortos foram completamente esquecidos. Poderá ter sido um grande povo, mas nada resta de sua grandeza. Confiavam no trabalho de suas mãos e, hoje em dia, estão mortos e esquecidos, sendo uma raça perdida."

O trabalho de suas mãos era importante, porque suas construções são "dignas de Tiro e Nínive"; além disso, suas mãos deixaram outras lembranças sobre a rocha imperecível, e foi graças a essas inscrições que nós sabemos que eles eram colonos vindos de Mu, a Mãe-Pátria.

Dessa maneira, graças a todas essas descobertas, temos a prova cabal que todo o oeste da América do Norte foi povoado por raça altamente civilizadas, no fim da era Terciária e antes da era glacial.

Centenas de inscrições, confirmadas por inúmeras lendas, nos ensinam também que essas primeiras civilizações da América do Norte eram originárias de um país chamado Mu, e que "Mu se encontrava a oeste da América, além do horizonte do grande oceano".

Isso é inegável, porque as civilizações de Nebraska e de Kentucky existiram durante o plioceno. O Oregon, Nevada, Utah, Colorado, Arizona e Novo México possuem vestígios de civilizações que existiram nesses estados, antes de se erguerem as montanhas. Como eles são anteriores às

montanhas, remontam igualmente à era terciária. No início, ou no fim dessa era, ninguém pode ainda saber.

Esses antigos habitantes de nossos Estados do oeste, chamados trogloditas, estavam representados por diversas tribos diferentes e é possível que em lugar de serem simplesmente tribos, tenham sido nações diferentes. Chego a essa conclusão baseado em suas inscrições e pinturas, que mostram que existiam diversos idiomas. Os escritos trazem também diversas formas diferentes de símbolos e alfabetos.

Postes indicadores dos Trogloditas, com três formas diferentes de escrita.

Fig. 1. Arizona. Indicações para um caminho terrestre.

Fig. 2. Novo México. Idem, idem.

Fig. 3. Utah. Indicação de um caminho para a cidade, por terra e por água. Não é o mesmo povo que escreveu nas figuras 1 e 2.

Um estudo minucioso revela que certas inscrições e pinturas rupestres foram atribuídas aos trogloditas já que eles são mais antigos vários

milênios mais que os outros que se encontram ao seu lado. Essas inscrições antiquíssimas foram feitas antes do levantamento das montanhas, como prova o fato de certas pedras que as trazem estarem deslocadas e fendidas. Em certos casos, a fenda divide o texto e, em outros, são as letras que estão truncadas, aparecendo uma parte de um lado da fenda, e a outra de outro lado, o que indica que a pedra foi levantada e deslocada quando a terra se elevou. Outros escritos, entretanto, foram feitos após o enrugamento do terreno.

É impossível fazer um exame detalhado de todas as inscrições e pinturas encontradas na América do Norte. Devo me limitar a escolher algumas, que provam dois pontos importantes: em primeiro lugar, aquelas que dão uma data aproximada da civilização a que pertencem, e em segundo, aquelas que nos informam a origem do povo, de onde ele provinha e como chegara à América.

É indiscutível que os que nós chamamos trogloditas pertenceram de fato a esse povo, ou seja, que tudo o que atribuímos a eles não foi feito apenas pelos trogloditas.

É verdade que eles vieram também de Mu, porque todas as suas pinturas que servem de poste indicador contêm qualquer alusão a Mu. Realmente, as inscrições e as pinturas dos trogloditas, com exceção das que não são artísticas, estão cheias de descrições de Mu, antes e depois da submersão. Além disso, são utilizados os símbolos comuns no continente perdido.

Encontrei nessas inscrições quatro dialetos diferentes da língua maia e também a prova que esses antiquíssimos americanos utilizavam três alfabetos diferentes.

CAPÍTULO VII

MÉXICO: AS CIDADES SEPULTADAS DE NIVEN

Deixando os Estados Unidos, vamos agora visitar o México.

Uma das descobertas arqueológicas mais notáveis, e sem dúvida a mais preciosa, foi a realizada por William Niven, geólogo no México que a revelou há alguns anos; mas, como todas as demais descobertas americanas, ela não foi levada em consideração pelo mundo científico.

A descoberta de Niven tem duplo significado: não somente faz ao mundo revelações sobre o homem pré-histórico e faz recuar sua civilização para muito antes, na era terciária, milênios antes que se erguessem as majestosas cadeias de montanhas que dominam as planícies, mas também ela nos ensina quando se formaram os grandes cinturões gasosos e se elevaram as montanhas.

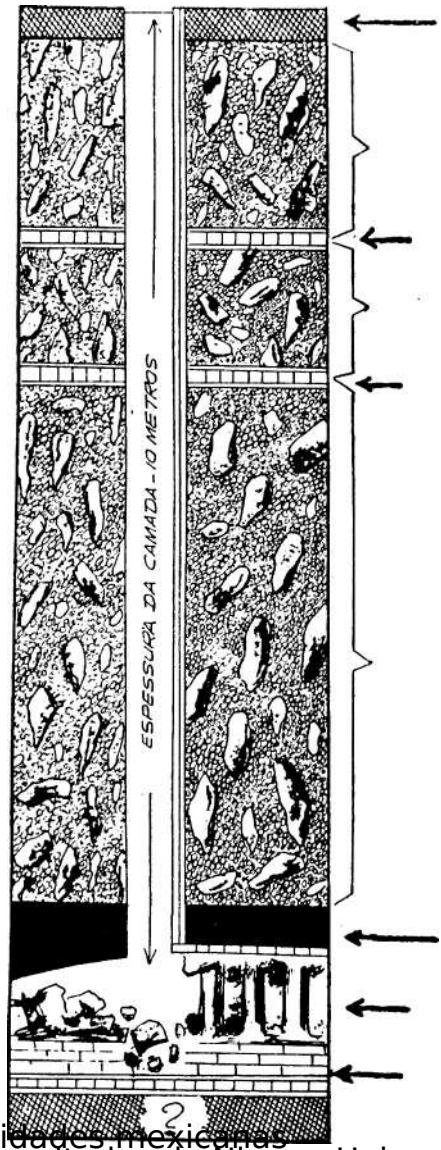
Ela demonstra que raças extremamente civilizadas suportaram as erupções vulcânicas mais terrificantes que a terra já conheceu.

Ela demonstra que o homem já existia e era civilizado dezenas de milhares de anos antes da

era glaciaria geológica e do pré-homínida europeu do pleistoceno. Ela também juntou os elos da cadeia de provas que demonstram que a civilização terrestre pôde dividir-se em duas partes ou períodos: *ANTES E DEPOIS.*
Antes e depois de que? O futuro o revelará.
Sendo tão preciosa a descoberta de Niven, tanto no ponto de vista geológico como arqueológico, não me resta senão reproduzir o que ele diz destas ruínas:
"Num perímetro de quase 6.000 quilômetros quadrados no vale do México, de Texcoco a Haluepantla, existem milhares, sim, milhares de fossas de argila.

"Depois de ter servido de padreira à cidade do México durante mais de 300 anos, estas fossas me permitiram descobrir uma imensa ruína. Recentemente meus esforços foram recompensados por descobertas estarrecedoras que parecem desvendar um novo domínio à pesquisa arqueológica neste continente.

30 cm de terra



4,70 m. de seixos, cascalho e areia

cinzas vulcânicas

CIDADE SEPULTADA

TERCEIRO PAVIMENTO

Cidades mexicanas sepultadas de Nivem. Hoje em dia a mais de 2 000 metros de altitude cercadas de montanhas de 5 000 metros

"Minhas atividades limitaram-se a um setor de cerca de 32 quilômetros de comprimento por 16 de largura, no noroeste do grande vale. Descobri aí traços de duas civilizações e pavimentos de lajes bem conservados, sobre os quais, em uma época, se estendiam grandes cidades. Estas lajes se encontram a profundidades de 2 a 8 metros da superfície. Sobre o primeiro lajeamento há um depósito de pequenas rochas, seixos e areia recoberto de uma camada de terra fértil do vale numa espessura de trinta centímetros. A grande vestustez deste primeiro lajeamento, ou seja, o mais recente, deve ser evidente, mesmo para o profano, se pensarmos no número de anos necessários para que trinta centímetros de terra se depositem sobre uma planície. Neste depósito de pedras e de areia situado em cima do primeiro lajeamento, encontrei inúmeros fragmentos de vasilhame, pequeninas figuras de terracota, pérolas de diorita, pontas de lanças e de setas, agulhas e outros utensílios, quase todos quebrados.

"O segundo lajeamento se encontra a cerca de 2 metros abaixo do primeiro, explicando-se a diferença de profundidade pelo mau estado do primeiro lajeamento, quebrado em alguns pontos devido, sem dúvida, a movimentos telúricos. Nesta camada que separa os dois pavimentos não encontrei nenhum fragmento de vasos, nada indicava que seres humanos tivessem vivido ali.

"Sob o segundo lajeamento, contudo, fiz minha grande descoberta. Encontrei, em primeiro lugar, uma camada bem delimitada de cinzas com uma

espessura de sessenta a noventa centímetros que análises revelaram ser de origem vulcânica. Imediatamente abaixo das cinzas descobri vestígios de inúmeros edifícios, amplos e regulares, que aparecem em mais de cem fossas de argila examinadas durante minhas recentes escavações.

"Todas estas casas se encontram em ruínas, desmoronadas e cheias de cinzas e escombros. Na semana passada, encontrei uma porta de madeira cujo material se petrificou, transformou-se em pedra. A porta era em pleno arco de abóbada simples, com um lintel em arco formado por um tronco de árvore recurvado com cerca de dez centímetros de diâmetro. Foi o primeiro arco que encontrei nas ruínas do México; e como as paredes da casa eram de pedras sustentadas por um cimento branco, esta arcada de madeira deveria ter sido lá colocada como ornamento. Depois de cortar a porta, achei-me em uma sala de cerca de dez metros de frente, cheia de cinzas vulcânicas puras, aparentemente o único cômodo da casa suficientemente sólido para suportar o peso terrível de terra, pedras e cinzas que se sobrepunham a ele. O teto, de cimento e pedra, havia ruído em parte, mas nos cantos do cômodo as lajes de pedra do teto haviam formado arcadas, pequenas cavernas em cujas cinzas se achavam preservados os objetos e utensílios de uma raça desaparecida. Entre estes objetos encontrei inúmeras ossadas humanas que, ao serem tocadas, caíam desfeitas em pó.

"Acima de sua tumba, as águas de uma gigantesca inundação haviam cumprido sua tarefa destruidora, aniquilando uma outra civilização, mas nem as águas nem as pedras que se desmoronaram perturbaram o sono desta raça poderosa.
"A soleira tinha uma profundidade de dois metros e, sobre o pavimento, a quatro metros da porta, descobri uma oficina de ourives. Havia uma chaminé de terracota com a altura de cinqüenta centímetros que se afinava para cima. Sobre o chão, em volta do forno ao qual ainda aderiam partículas de ouro puro, achei mais de 200 modelos, formas de terracotas petrificadas. Todas representavam figurinhas e ídolos que descobri mais tarde na mesma casa. Era evidente que se tratava da morada de um ourives ou de um joalheiro próspero pertencente às classes superiores da cidade sepultada.
"Algumas formas eram de grande delicadeza e deviam ser empregadas na fabricação de ornamentos de ouro, de prata e cobre: as estatuetas exibiam braceletes, nos braços e nos tornozelos, e colares indicando o que estas pessoas usavam. Cada forma estava recoberta de uma grossa camada de óxido de ferro, de um amarelo vivo, que devia impedir que os metais em fusão aderissem à terracota, dentro do forno. Mais tarde, um delgado peitoral de ouro e ornamentos cobertos de caracteres desconhecidos recompensaram meus esforços. O trabalho revelava uma grande delicadeza, os objetos eram maravilhosamente polidos, e tudo indicava uma

civilização — senão maior — ao menos tão grande quanto à dos Aztecas ao tempo da conquista espanhola, quando da invasão do México por Hernando Cortez.

"Entretanto, o que mais me espantou, o que considerei como a característica mais importante da peça, foi a decoração mural.

"Era evidente que existia um tabique leve dividindo o cômodo em dois, e distinguia-se ao fundo o contorno de uma porta que devia conduzir a uma outra peça, mas estava tão arruinada que nada se podia distinguir aí além de ossadas.

"Na parte dianteira da peça atual trabalhava o ourives, enquanto que as peças do fundo lhe serviam de habitação. Havia ali pinturas murais de belas cores vermelhas, azuis, amarelas, verdes e negras que podiam rivalizar com os mais belos "afrescos" gregos, etruscos ou egípcios.

"A parede era pintada de azul pálido, e, a doze centímetros de um teto com mais de quatro metros de altura, havia um friso vermelho escuro e negro formando um círculo completo na peça. Este friso, por ter sido envernizado com uma espécie de cera, estava perfeitamente conservado. Fora quebrado em três pontos por pedras provenientes do teto, mas se mantinha quase tão legível quanto no dia em que fora pintado. Representava a vida de uma pessoa, um pastor aparentemente, desde seu nascimento até a sua morte.

"Sob a peça descobri a tumba de uma personagem importante, talvez aquela cuja vida se achava representada no afresco. Nesta cripta, que não mede mais que um metro de profundidade e que

se acha recoberta de cimento, encontrei setenta e cinco fragmento de ossos, tudo o que resta de um esqueleto. Um grande fragmento de crânio ainda continha a lâmina de uma acha de cobre martelado que, evidentemente, causara a morte do ocupante da tumba e que os amigos ou parentes não haviam extraído. Os ossos se pulverizaram ao toque, mas havia lá objetos bem mais interessantes.

"125 estatuetas, ídolos, imagens e taças estavam dispostos em volta da tumba.

"A mais notável destas figurinhas de terracota está reproduzida adiante (fig. 3). Representa um homem sentado com as pernas cruzadas à maneira japonesa e as mãos sobre os joelhos. Seu tipo é acentuadamente fenício ou semita. A cabeça é oca e móvel, colocada sobre o pescoço por meio de uma espécie de espiga habilmente concebida que se aloja num encaixe situado à base do crânio.

"É preciso não esquecer que o estudo desta peça representa apenas um passo para a solução do enigma desta imensa ruína de mais de 5.000 quilômetros quadrados e nada revela da história deste povo maravilhoso que se perdeu completamente.

"A menos de cinco quilômetros desta localidade que acabo de descrever encontrei um antigo leito de rio, hoje seco, e na areia e no cascalho descobri milhares de figurinhas de terracota e de barro cujos rostos representam todas as raças da Ásia Meridional.

"É razoável supor que um povo com semelhante cultura e com uma população tão significativa tivesse templos imponentes e edifícios públicos comparáveis aos de Mila, Palenque e Chi-chen Itza; quando forem descobertos por uma nova geração de arqueólogos, descobrir-se-á que as cinzas que encobrem a imensa cidade preservaram cada ruína de maneira tão perfeita quanto em Herculano e Pompéia.

"Estou persuadido de que aqui se descobrirão os indícios comprobatórios de que os Aztecas são a última raça importante do México e, sem dúvida, a última a atravessar as fronteiras deste país por ocasião desta maravilhosa emigração que povoou a América do Norte em tempos esquecidos."

Depois de ter publicado o que acima se transcreve, Niven escreveu outra obra sobre estas cidades sepultadas. Eis algumas observações que ele fez em relação a este livro:

O Pequeno Chinês

"Esta figurinha prova indiscutivelmente que o povo que viveu há milênios no vale do México conhecia bastante o tipo mongolóide. As ruínas nas quais descobri o pequeno Chinês se encontravam entre os restos da terceira e mais profunda civilização, a dez metros da superfície do solo, na cova que abri em San Miguel Amantla, perto de Haluepantla, a trinta quilômetros do palácio nacional de México. Encontrei aí uma câmara, ou uma tumba, contendo os objetos mais belos que já descobri no México. Tenho a impressão de que esta peça media dez metros de frente e possuía paredes de cimento; elas desmoronaram e não restou mais

que um amontoado de trinta centímetros. Embaixo, encontrei a tumba. No centro, sobre uma plataforma retangular, também de cimento, achavam-se o crânio e a ossada de um homem que não devia ter mais de um metro e cinqüenta e dois centímetros. Seus braços eram muito compridos, atingindo quase os joelhos, e seu crânio era nitidamente mongolóide. Usava no pescoço um colar de jade verde- O jade verde não é um mineral mexicano.

"Ao lado do corpo havia um terço formado de 597 pedaços de concha. Digo terço porque a fina correia em que estavam enfiados se desfizera em pó havia muito tempo e o "wampum" (moeda) se achava em posição que fazia supor ter caído de um terço. No meio se encontrava a mais bela das descobertas, o pequeno Chinês.

"É o primeiro da espécie que já se encontrou no México, embora se encontrem ainda tipos mongolóides entre os índios do México para convencer aos mais céticos que o sangue indígena deste país é originário da Ásia.

"Seus olhos estreitos, suas vestes acolchoadas, suas compridas calças e suas sandálias fazem dele um chinês de nossa época, exceção feita das tranças. Entretanto, os chineses só adotaram as tranças depois de terem sido subjugados pelas hordas tártaras provenientes do norte.

"A pequena estatueta tem cerca de quinze centímetros de altura; na fratura dos braços a argila é vermelha e friável no centro; na superfície, contudo, a argila se petrificou e resiste aos golpes do martelo. Nas orelhas há grandes anéis à

semelhança dos que usavam os chineses do século passado; sobre a cabeça, um barrete com um pequeno botão no centro, exatamente como os barretes dos mandarins do Império. O manto, folgado como os que ainda usam os chineses, é fechado por meio de uma sutache e de um botão, e, sobre o peito, há um adorno circular que deveria ter sido recorberto de ouro batido mas que se desgastou devido ao contacto com a terra desde tempos desconhecidos. Os braços estão quebrados à altura dos ombros e, por mais que os procurasse, não os encontrei dentro da tumba. Esta figurinha chinesa não foi feita por aztecas. Ela se encontrava soterrada no vale do México havia milhares de anos já quando os aztecas vieram a pisar o solo do planalto. Os aztecas são intrusos na história do México; eles eram conquistadores temíveis que destruíram a ferro e fogo as cidades construídas pelos Toltecas, Olmecas e Maias. Os Aztecas não construíram, tomaram aos construtores os edifícios, pela força das armas.

"O pequeno Chinês nos fornece o elo que procurávamos. Ele nos diz que as tribos mais antigas do México são rebentos de mongolóides.

"Perto do esqueleto, ao lado da plataforma, encontrei um vaso de flores de cerca de trinta centímetros de altura, sem dúvida cheio de xochiti, a flor amarela sagrada de quase todas as antigas raças deste país".

Parece que Niven se estarreceu por encontrar figurinhas de todas as raças da Ásia meridional. Seria muito mais de espantar se ele não tivesse descoberto as mesmas, pois os povos da Ásia do

sul e o povo que construiu estas cidades, hoje sepultadas, vieram do mesmo país, a Mãe-pátria.
Niven observa que encontrou um colar de jade verde e que não existe jade verde no México.
Le Plongeon descobriu no túmulo da rainha Moo de Mayax um adorno de jade verde chamado o "talismã da rainha Moo". Examinei este ornamento e posso afirmar que não é de jade da Nova Zelândia, o que significa que o jade verde encontrado no México provinha ou da China ou da Mãe-pátria.
Por falta de outras explicações, Niven, como todos os sábios, volta-se para a velha e batida teoria segundo a qual os primeiros homens que pisaram a América provinham da Ásia.
Ele nos diz que "as tribos mais antigas do México são rebentos de mongolóides". Não se pode parar aí.
Ao longo das praias do mar das Caraíbas, os primeiros colonos parecem ter sido raças misturadas, com predomínio da mongolóide. Em todo o Iucatã e no âmago da América Central, predominava uma raça branca. Foram chamados de Maias, e é fácil demonstrar que estes estão relacionados com a origem das raças brancas da Europa, da Ásia Menor e da África do Norte. No norte da península do Iucatã, todos os vestígios indicam que a massa dos primeiros colonos era mongolóide. Evenualmente, porém, as hordas de Mongóis do norte invadiram e conquistaram todo o México e a América Central. Mataram os homens e tomaram as mulheres como escravas, de maneira

que hoje, como o afirma Niven, o sangue mongol se encontra em todos os índios do México.
Niven observa que as flores amarelas foram descobertas na segunda tumba e afirma que era um costume comum a todas as antigas raças do México. O amarelo foi sempre a cor sagrada. Já o era para a maioria dos povos antigos e, às vezes, ainda hoje. '
Quando se descobrem cidades pré-históricas sepultadas umas sobre outras, os arqueólogos empregam os termos primeira, segunda e terceira civilizações para designar a ordem em que elas foram encontradas. Isto às vezes pode enganar ao leigo, pois poder-se-ia supor que a terceira é a mais recente e a primeira a mais antiga. Elas são numeradas a partir da superfície; assim, a primeira das cidades descobertas, a que se encontra mais perto da superfície, representa a civilização mais nova, e a mais profunda é naturalmente a mais antiga. Mais uma vez o termo "civilização" soa falso, pois o leigo pode supor que houve diversas civilizações quando não houve mais do que duas desde que o homem apareceu pela primeira vez na terra. Chamá-las-emos a Primeira Grande Civilização e a civilização atual.
Em geral, as cidades sepultadas são pré-históricas. As cidades pré-históricas pertencem à Primeira Grande Civilização. As cidades mexicanas sepultadas de Niven e a Tróia antiga de Schliemann são exemplos de cidades pré-históricas; Herculano e Pompeia são duas exceções. Embora fossem sepultadas, sua história é conhecida, logo não são pré-históricas. Mas se

muitas cidades da primeira civilização se acham enterradas, restam vestígios de outras cidades em cima do solo: Baalbeck, na Ásia Menor, e as velhas ruínas maias do Iucatã, por exemplo, assim como os vestígios da Polinésia.

As cidades pré-históricas de Niven pertencem todas à Primeira Civilização e se encontram *muito perto do* México, *cons*truída *na* civilização atual.

Durante a primeira civilização, a cidade de Niven foi reconstruída duas vezes. Sentir-me-ia feliz se o leitor tomasse nota disto porque mencionarei em seguida documentos que declaram que uma outra cidade pré-histórica, situada a apenas alguns quilômetros, foi "reconstruída duas vezes". Estes documentos explicam por que e como a destruição desta última cidade teve lugar. Um deles nos dá a causa geológica disto; o outro a menciona e ambos os escritos concordam até no mínimo detalhe.

A altitude em que se encontra a cidade do México é de 2.257 metros; conseqüentemente, a altitude das cidades pré-históricas de Niven, ali perto no planalto, é a mesma. Assim, a descoberta destas cidades levanta um extraordinário problema geológico. Basta considerar os fatos seguintes para compreender que grande parte de nossos manuais de geologia deve ser revisada.

1. Uma cidade pré-histórica se encontra a 2.257 metros acima do nível do mar.
2. Estas ruínas se encontram a dez metros da superfície do solo.
3. Uma camada de cinza vulcânica cobre a cidade.

4. A cidade se situa numa planície cercada de montanhas.
5. As montanhas se erguem a vários quilômetros deste sítio.
6. Acima das ruínas desta cidade encontram-se os vestígios de outra cidade.
7. As duas cidades estão cobertas de rochas, cascalho e areia.
8. Acima destas cidades descobrem-se as ruínas de uma terceira cidade...
9. ...coberta, por sua vez, de rochas, cascalho e areia.

Niven diz que a cidade que se encontra sepultura na maior profundidade estava coberta de cinzas vulcânicas, mas não menciona a presença de lava sob qualquer forma; pode-se então pensar que a lava do vulcão não atingiu a cidade que se encontra mais abaixo. É evidente que este ou estes vulcões estavam muito perto, já que as cinzas caíram em quantidade suficiente para sepultar a cidade.
Mas as cinzas por si só não poderiam ter causado uma destruição como a descrita por Niven; devemos então procurar outra causa para explicar as paredes desmoronadas e os tetos rachados. Imaginar-se-á, naturalmente, um tremor de terra que precedeu e acompanhou a erupção do vulcão fazendo a terra ondular e fender-se.
O manuscrito Troano, ao descrever os tremores telúricos de um período mais recente da história terrestre, observa: "Sendo sacudidos constantemente pelos fogos do subsolo e estando

enclausurados, (eles) levantaram e abaixaram a terra várias vezes". Encontra-se no Codex Cortesianus: "A terra tremeu e se sacudiu como as folhas de uma árvore na tempestade". O Documento de Lhassa repete esta mesma frase.

Vejamos agora a segunda cidade sepultada a quatro ou cinco metros da superfície. Ela está coberta por uma camada de rochas, seixos, cascalho e areia, com uma espessura de um metro a um metro e cinqüenta centímetros.

Em seu relato, Niven não nos diz se a terceira cidade coberta de cinzas vulcânicas não tinha sobre ela uma camada de cascalho e de areia. Os vulcões certamente não amontoam rochas, cascalho e areia. É preciso pedir, então, à geologia que nos diga que elemento tende a formar semelhantes camadas.

A resposta é simples — não há senão um elemento que o faça: a água, as grandes ressacas que carregam em suas vagas cataclísmicas as pedras dos caminhos e as arrastam até que as vagas se quebrem. Aí, estas rochas formam aluviões, ficando no fundo as mais volumosas, depois os seixos, o cascalho e, por fim, a areia. Esta camada cobre a primeira e a segunda das cidades sepultadas; é evidente que ela foi levada até lá por vagas gigantescas... do oceano. Ora, encontramos estas cidades a mais de 2.000 metros de altitude, cercadas de montanhas que se elevam a mais de 5.000 metros acima do nível do mar. Nenhum cataclismo, nenhum maremoto puderam lançar vagas de *altura tal que atingissem o planalto elevado que forma o vale* da cidade do México e

menos ainda poderiam ultrapassar os picos que circundam a planície!
Ora, temos duas camadas aluviais; significa, pois, que um maremoto fustigou esta terra duas vezes, senão três.
As camadas sedimentares nos servem de prova indiscutível de que por duas vezes, talvez com milênios de intervalo, vagas gigantescas varreram esta terra, destruindo tudo em sua passagem.
Não creio que se possa descobrir hoje em dia o vestígio do vulcão que com suas cinzas cobriu a cidade que se encontra embaixo, a não ser por um feliz acaso. Sem dúvida alguma, a cratera foi entulhada e desapareceu devido aos dois cataclismos seguintes.
Imaginemos as perdas em termos de vidas humanas, quando da destruição da primeira cidade, uma cidade de 518 quilômetros quadrados. Milhões de seres devem ter perecido somente na aglomeração principal, sem contar com todos os que encontraram a morte no campo e nas aldeias circunvizinhas. A maior catástrofe do mundo não teve seu repórter e dela ignoramos tudo.
As vagas cataclísmicas que flagelaram as cidades Um e Dois tiveram seu ponto de partida muito longe de lá, pois haviam perdido muito de sua força quando as atingiram. Isto nos é demonstrado pelo tamanho reduzido das rochas e pela presença de areia na camada que as cobre. Ora, estes depósitos de pequenas rochas, de cascalho e areia provam, sem lugar a dúvidas, que na época deste

terremoto a terra se encontrava a apenas alguns metros acima do nível do mar.

No tempo em que estas cidades floresciam, não existiam montanhas, nenhuma serra entre a cidade do México e os dois oceanos, e o planalto onde se encontra hoje a capital do México não se elevava à sua altitude atual de mais de 2.000 metros.

É possível que naquela época todo o México fosse uma planície cujo pico mais alto não devia ter mais que uns cinqüenta metros.

Se as montanhas atuais tivessem existido no tempo em que essas cidades floresciam, ou se o vale da cidade do México se situasse em sua altitude a teria sido completamente impossível que um maremoto ou um gigantesca as atingisse e ainda menos possível que tives para arrastar o material que as soterrou.

Como as antigas cidades do México existiam antes q montanhas, é evidente que elas são anteriores ao pleisto conseguinte, de cidades terciárias. Se a última, isto é, a mais pr da superfície, foi construída e destruída antes da aurora d devia ter, se os cálculos dos geólogos são exatos (do que n de 200.000 anos. Se a cidade mais alta tem 200.000 a deve atribuir então à cidade intermediária e à que se enco

Em minha opinião, as três cidades terciárias creio que a situada no nível mais baixo deve ter, no mínimo, 50.000 an

Admite-se geralmente, como já observamos, que os p Europa, o homem de Heidelberg, o homem de Neanderthal, Piltdown, etc., viveram no começo, isto é, depois existência da cidade superior de Niven. Assim, suas

mostram, de maneira espetacular, que o homem já vivia
completamente civilizado dezenas de milênios antes do aparec
antropitecos europeus, e prova irrefutavelmente que eles
não tipos.
Que se passou entre esta antiga civilização e a nossa
restassem senão ínfimos vestígios deste grandioso passa
esta pergunta nos capítulos precedentes. As descobert
fazem senão confirmar minha tese.

Segunda Grande Descoberta de Niven

Numa região rural situada a sete ou oito quilômetros da cidade
do México, Niven fez uma descoberta que, sob certos aspe
importante que aquela de que acabo de falar; entre o
desenterrou havia 1.600 tabuinhas de pedra com mais de 12.000 an
Nessa incrível coleção encontram-se inúmeras tabuinhas que fazem alusão diret
Mu; eis algumas delas com a respectiva tradução:

Pintura de altar. Esta pintura se encontra sobre uma pedra de 2,13 m de altura, 1,52 m de largura e 0,458 m de espessura; pesa mais de uma tonelada. Niven assevera que ela fazia parte de um altar. As inscrições que ela apresenta são uma consagração às Quatro Forças Sagradas.
É uma obra-prima de simbolização, pois os autores conseguiram dar um duplo significado quase que a cada linha,
Ela não é absolutamente de leitura difícil.
Para facilitar a compreensão, vou decifrá-*la* antes *de dar* sua tradução.
A coroa. A coroa se compõe de *quatro ladrilhos* com a numeração 1, 2, 3 e 4. As bordas da coroa

assentam sobre a letra hierática H, assinalada com A e B. A coroa é vermelha.
H é o símbolo alfabético das Quatro Sagradas.
Quatro é o símbolo numérico das Quatro Sagradas.
Logo, a coroa simboliza as Quatro Forças Sagradas, as grandes forças primárias que emanam do Criador.
C. *O penacho.* É um ornamento posto na parte dianteira
da coroa, composto de 7 plumas ou raios amarelos. As plumas amarelas eram o apanágio da realeza, e, assim, a cor deste penacho indica que ele pertence a um rei.
D. O corpo. O corpo é formado por um retângulo que
representa a letra hierática M, símbolo alfabético de Mu; assim, o corpo, que é pintado de amarelo, é o de Mu.
E. A cabeça. Este retângulo sustenta uma cabeça estilizada, a de Ra Mu, o Sacerdote-rei de Mu. Seu nome é revelado pelos anéis das orelhas, que são sóis cercados de raios.
F. Colares. Este colar é formado por três sóis com raios.
Três é o símbolo numérico de Mu; e o sol com raios, o símbolo que figura sobre seu escudete.
G. Os braços. Os braços estilizados, pintados de vermelho, formam o hieróglifo que significa construtor.
H. A cintura. Uma larga cintura amarela separa o corpo
dos membros inferiores. Os dedos da mão estão

postos sobre os joelhos — cinco barras; cinco é o símbolo numérico de Deus.
7. *A saia.* A saia está dividida, entre os joelhos, pelo hieróglifo que significa Grande Mestre ou Mestre Construtor.
K. A letra hierática H. É o símbolo das Quatro Grandes Forças Primárias. Está pintado de amarelo.
L. Três círculos. É o hieróglifo Naga do número três, o símbolo de Mu. São vermelhos. Sob o corpo os pés se estendem; vêem-se cinco artelhos que têm o mesmo significado dos cinco dedos da mão.
Aí. *O manto.* O corpo está envolvido por uni manto vermelho. Suas bordas formam três festões, um símbolo numérico que também significa Mu.
Tradução. Este templo é consagrado ao Grande Criador que dirige as Grandes Forças Primárias que Dele emanam, ordenando-lhes que instaurem a lei e a ordem em todo o universo, e que criou todas as coisas.
O templo acha-se sob a jurisdição de Ra Mu, Sacerdote-rei da Mãe-pátria.
É uma inscrição particularmente interessante, pois nos ensina que esta civilização florescia ao tempo em que Mu ainda existia, uma vez que este templo estava sob a jurisdição de Ra Mu. Assim, naquela época o continente perdido ainda não havia sido tragado pelas águas.
Mu submergiu por volta de 10.000 a.C. Temos, pois, aqui a prova cabal de que esta grande

civilização americana remonta a mais de 12.000 anos.

Tabuinha de pedra mexicana de Niven. O desenho representa, sobre esta pedra, uma figura humana estilizada. Foi descoberta por Niven na Hacienda León. O contorno do rosto acompanha o da pedra, (ver página seguinte)

É uma pequena maravilha. Os símbolos que ela exibe são os de Mu, a Mãe-pátria, e nos dizem "Mu, a Mãe-pátria, as Terras do Oeste".

O texto consiste unicamente de signos Nagas; não há um só dos caracteres Uighur (ou do norte). São os mesmos caracteres que se encontram nas escrituras sagradas de Mu.

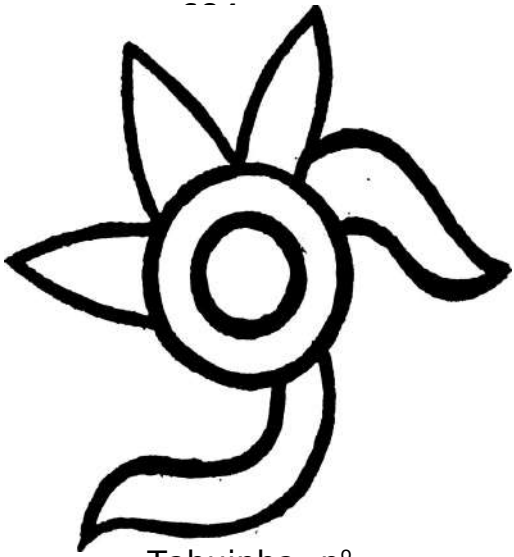
Vejamos como ela é decifrada:

1. O nariz e os dois olhos, *duas* letras M.
2. Um dos olhos, um retângulo que é a letra hierática M, no alfabeto de Mu.
3. A boca, composta de dois retângulos, duas letras M, uma dentro da outra. Este símbolo assim traçado tem dupla significação. Um dos M simboliza Mu, o outro a Mãe.
4. O queixo é formado por um quadrado, o primeiro símbolo da terra, que pode representar, ao mesmo tempo, o mundo inteiro e um continente ou uma terra em particular.

Os dois olhos e a boca são formados por três M. Três é o símbolo numérico de Mu; ele pode ser utilizado como adjetivo, para sublinhar o fato de os três M exprimirem cada um o nome de Mu, ou então representam as "Terras do Oeste", sendo o número 3 o símbolo numérico dos dois. Assim, os

símbolos desta figura dizem: "Mu, a Mãe-pátria. Mu, as Terras do Oeste".

Tabuinha nº



Tabuinha nº 1.055

Fig. 1. É um símbolo Uighur (ou nórdico) do sol Ra, representando o Criador, a Divindade.

Fig. 2. Figura de três pontas, um dos principais símbolos de Mu. Seu símoblo numérico.
Fig. 3. Ver a quinta figura.
Fig. 4. Um idioma, símbolo da palavra. Esse idioma saiu de Ra, portanto é a palavra da Divindade.
Fig. 5. É um outro idioma, mas está ligada tanta a Ra como a Mu, o que significa que o Criador, a Divindade, fala pela boca de Mu.
Tradução: o Criador fala pela boca de Mu.

Tabuinha n° 1.780
Fig. 1. Os cabelos do sumo sacerdote, ornado com três plumas, o símbolo numérico dc Mu. A pluma é além disso o símbolo da verdade.
Fig. 2. Como o ornamento está formado de três plumas, há um significado complexo. Somente o rei e o sumo-sacerdote tinham o direito de usar três plumas. Em Mu, o rei era também sumo-sacerdote, por isso essa figura é a mesma de Ra Mu, o rei-sacerdote.
Fig. 3. É a boca do sumo-sacerdote.
Fig. 4. Um traço liga a boca ao olho esquerdo.
Fig. 5. Um grande círculo envolve o olho esquerdo, que é o sol, o símbolo do Criador, o Todo-Poderoso. Esse olho estando ligado à boca, o Criador fala pela boca de Ra Mu.
Fig. 6. Em torno do olho direito, um pequeno círculo simboliza a Lua, a noite.

Tabuinha nº
1.780

Chave

Tradução. De dia e de noite, os olhos do Criador vêem as pequenas coisas, e Ele exprime a verdade pela boca de Ra Mu.

Tabuinha n° 51

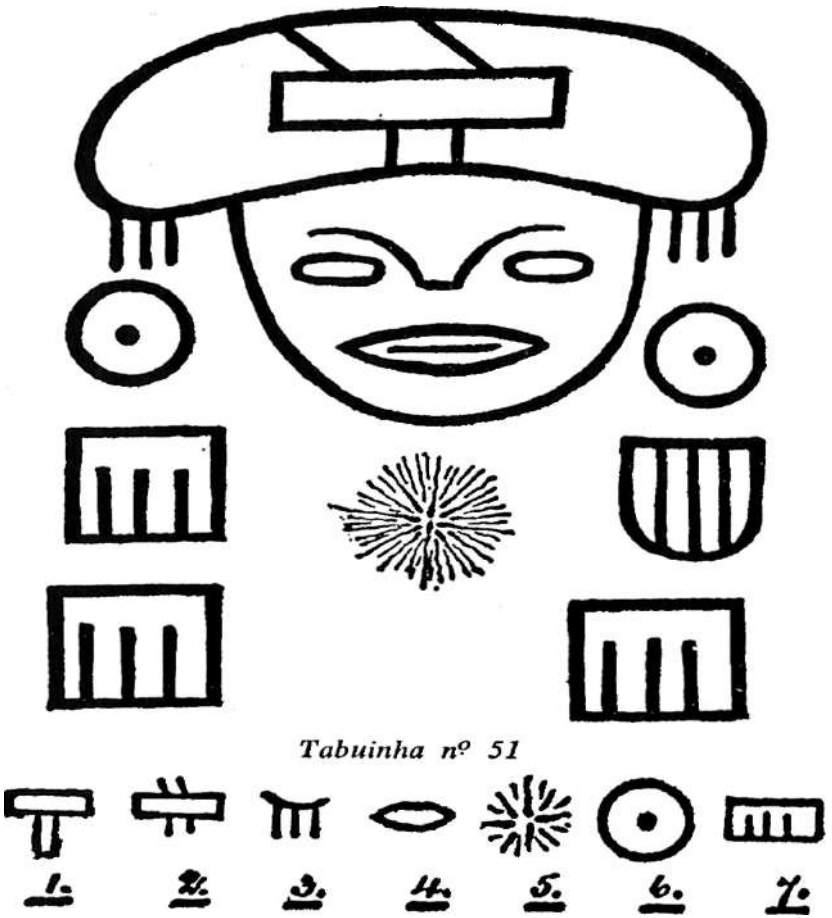


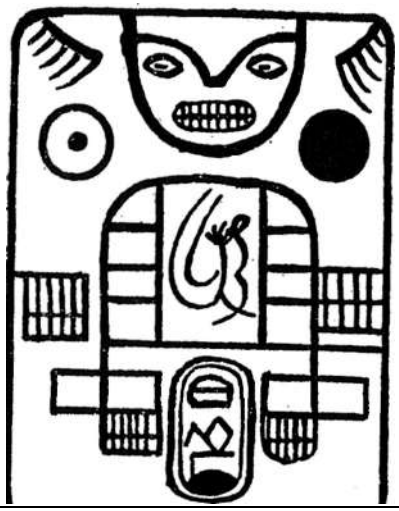
Fig. 1. Os cabelos trazem um Tau, símbolo da ressureição e da emersão.
Fig. 2. A barra transversal cio Tau forma a letra hierática M, o símbolo alfabético de Mu.

Fig. 3. As Unhas descem de cada lado dos cabelos, em número de três, o símbolo numérico de Mu.
Fig. 4. Os olhos estão fechados, cegos. Como a figura é humana, isso significa que os olhos do homem ainda não contemplam a terra. O homem ainda não apareceu.
Fig. 5. Sob o queixo, vê-se o antigo símbolo do centro da terra, "os fogos das profundezas", os gases vulcânicos que nos explicam que a terra foi colocada acima das águas graças a esse gás. Esse hieróglifo aparece com o mesmo significado nas Escrituras Sagradas de Mu.
Fig. 6. A figura traz de cada lado um símbolo Naga representando o Criador, o que significa que foi pela ordem do Criador que essa terra surgiu das águas.
Fig. 7. Os quadrados e o escudo com os traços simbolizam as Quatro Grandes Forças Primárias.
Tradução. Sob a direção do Grande Criador, o Sem-nome, cujo símbolo é Ra o Sol, as Quatro Forças Sagradas que emanam de seus desejos atiçam os fogos das profundezas a fim de elevar o leito do oceano para que ele ficasse fora d'água, podendo assim nele viver o homem que Ele ia criar.
A terra se elevou e o homem foi criado, e o nome dessa terra era Mu.

Tabuinha n° 1
Vemos sobre essa tabuinha o plano de um templo. Ela foi encontrada em San Miguel Amantla, bem próximo de Santiago Ahuizoctla onde foi descoberta a pedra de altar descrita ante-

riormente. A proximidade dessas duas descobertas parece indicar que esse plano era o do templo onde se encontrava o altar, uma vez que o templo é dedicado às Quatro Forças Sagradas. Entretanto, não há certeza, pois existem diversos planos de templos na coleção de Niven, todos dedicados às Quatro Forças Sagradas.

Essa pedra contém duas inscrições. Ela é raríssima. Arqueologicamente, ela admite três partes que possibilitam a decifração, cada uma independente da outra.



Primeira Parte

Primeira parte.
Fig. 1. Bem no alto ao centro vê-se uma figura humana que é a de Ra Mu.
Fig. 2 a e b. São duas mãos estendidas para dar a bênção.
Fig. 3. É o símbolo do sol, Ra, representando o Criador, indicando assim que a bênção é a do Infinito.
Fig. 4. Símbolo do Sol, mas sob sua forma concreta, ou Kui, o astro celeste.
O símbolo n° 3 era também o do Rei dos Reis. Seguido daquele de Kui, significa que se tratava do rei dos reis terrestres. Dessa forma, podemos ler: "Bênção para o vosso templo e para o povo, de Ra Mu o Rei-sacerdote do Imperito do Sol, o porta--voz do Rei dos Reis, o Criador, o Todo-Poderoso".

Segunda parte

Segunda parte.
Fig. 1. É o plano de um templo com suas quatro paredes, tendo quatro salas de um lado e de outro da nave central que é o santo dos santos.
Fig. 2. Pilar quadrado à esquerda da entrada do templo. O quadrado é o símbolo da força. Assim, esse pilar significa "força".

Fig. 3. Pilar redondo situado à direita da entrada do templo. O círculo é o símbolo da fundação e da realização. Assim, ele simboliza "instituição".
No interior de cada um desses pilares estão traçadas cinco linhas, atravessadas por uma barra que sublinha seu significado. Cinco era o símbolo numérico do Criador e de suas Quatro Forças.
Dessa forma, os pilares dizem: "Esse templo foi estabelecido pelo poder do Criador, o Todo-Poderoso".
Fig. 4. Esse hieróglifo está colocado no santo dos santos. É uma letra Uighur (do norte) que significa: "Um templo da verdade, dedicado ao Sol (a Divindade) e colocado sob a jurisdição da Mãe-pátria."

Terceira parte

Terceira parte.
Fig. 1. Contorno de um cartucho colocado na entrada do templo, entre os dois pilares.
Fig. 2. Hieróglifo complexo formado de duas letras T e M, a segunda sendo o símbolo hierático de Mu, as Terras do Oeste, e a primeira uma preposição. Lê-se simplesmente "Mu, as Terras do Oeste".
Fig. 3. Um sol se elevando no horizonte, sem raios, o antigo símbolo da colônia. Quando existem raios,

isso representa um império colonial. Assim, ele nos indica que essa terra era uma *colônia* de Mu.
Fig. 4. Um nome está fixado no contorno do sol levante, o nome da colônia- Como não a pude decifrar, deixarei esse nome em branco. A inscrição sobre o cartucho é a seguinte: "Essa é a terra de... uma colônia de Mu, as Terras do Oeste".

CAPÍTULO VIII

O LUGAR DO IUCATÃ ENTRE AS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

Abandonando os tesouros de Niven, irei levá-los agora à região do México chamada Iucatã.
Esta península situa-se no sudeste do México. Limita-se ao norte com o golfo do México e a leste e sudeste com o mar das Caraíbas.
O Iucatã está literalmente juncado de vestígios de antigas civilizações, embora posteriores às cidades sepultadas de Niven. A América Central foi uma das primeiras colônias da Mãe-pátria, tornando-se então um império e tomando o nome de Mayax.
Para nossa orientação, digamos que todos os edifícios dotados de esculturas da serpente de plumas (Kukul Khan) têm 15.000 anos ou mais de idade. A dinastia Can terminou com a rainha Moo, que viveu no primeiro século da história do Egito.
O professor Le Plongeon e sua mulher foram os primeiros arqueólogos a se interessarem pelas ruínas sepultadas do Iucatã. Eles publicaram obras nas quais fornecem muitos detalhes interessantes

sobre suas descobertas. Mas sua obra ficou inacabada. Antes de sua morte, o professor me confiou suas notas, e, assim, o que eu conto sobre o Iucatã é o resultado dos doze anos de trabalhos de Le Plongeon, confirmados por minhas pesquisas pessoais.
Minhas primeiras notas sobre os vestígios do Iucatã estão relacionadas com certas descobertas de Plongeon.

O templo dos Mistérios Sagrados.
Em Uxmal, existe um antigo templo Maya que Le Plongeon denominou templo dos Mistérios Sagrados.
As inscrições murais e a profusão de símbolos sagrados compõem um capítulo da história pré-histórica. Estas esculturas estabelecem um estreito elo entre os primeiros homens e os começos da Babilônia e do Egito.
Esse edifício, um emblema das Terras do Oeste, compõe-se de três corpos. A porta da sala central, o santo dos santos, está voltado para o oeste, na direção do lugar em que se situava outrora e Mãe-pátria, tal corno em Angkor as estátuas e os animais simbólicos acham-se voltados para leste, para o lado do continente desaparecido.
Da sala central uma pequena escadaria sobe para um terraço que se sobrepõe a este santuário. As portas das duas outras salas dão para o leste.
O símbolo mais notável descoberto no templo dos Mistérios Sagrados é um diagrama cosmogônico de Mu (capítulo XX), o diagrama da primeira religião do homem. Este templo tem mais de 11-

500 anos, o que será confirmado pelo que se segue.

Plutarco relata que os sacerdotes do Egito disseram a Sólon que as comunicações com as Terras do Oeste haviam sido interrompidas 9.000 anos antes, como conseqüência da submersão da Atlântida que tornou o oceano Atlântico impraticável devido à lama e às algas, e à destruição, por terríveis cataclismos, do país situado além.

Sólon visitou o Egito em 600 a.C. A Atlântida foi submergida 9.000 anos antes. Assim, acrescentando 2.000 anos de nossa era a 600 a.C. mais 9.000, obtém-se a data de 11.600 anos antes de nossa era.

Outras provas desse cataclismo destruidor nos são dados nas obras de um historiador espanhol, o professor Aguilar: "Num livro que tomei aos idólatras havia o relato de uma inundação à qual eles haviam dado o nome de *Unuycit* (dilúvio)". Isto é confirmado pelas camadas sedimentares situadas na base dessas antigas construções.

Desde quando existira o templo dos Mistérios Sagrados antes da data que lhe atribuí é coisa que ninguém pode dizer, mas acho que ele era muito recente pois comemora o desaparecimento das Terras do Oeste que foram submergidas muito pouco tempo antes da Atlântida. Le Plongeon encontrou uma inscrição nas paredes do templo, que reza: "Este edifício é um monumento que comemora a destruição de Mu, as Terras do Oeste, de onde se originaram nossos mistérios sagrados".

Sendo um monumento, um emblema das Terras do Oeste, é evidente que este templo foi erigido após o desaparecimento de Mu.
Le Plongeon também encontrou uma inscrição sobre um dos corpos do edifício com as seguintes palavras: "Uxmal foi destruída por três tremores de terra e três vezes reconstruída". Os indígenas esclarecidos chamam-na hoje a "cidade três vezes construída".
As cidades sepultadas de Niven são relativamente vizinhas de Uxmal, e é muito provável que os cataclismos que as destruíram foram os mesmos que atingiram Uxmal.
Alguns de nossos sábios que vão fazer piquenique em Chichen Itza voltam declarando que estas ruínas datam de 1.500 anos.
Na verdade, estes edifícios foram construídos há 11.500 anos e alguns ainda antes, como, por exemplo, os da dinastia PPeu, que precedeu a dinastia Can.
O bispo Landa, que acompanhou Cortez, no século XVI, consagra a antiguidade das ruínas Maias do Iucatã. Em sua obra "Relación de las Cosas", escrito há 400 anos, pode-se ler na página 328:
"Os antigos edifícios dos Maias já eram, no tempo da chegada dos espanhóis, montões de ruínas, objetos de temor e de veneração da parte dos indígenas. Esses haviam perdido a lembrança daqueles que os construíram e do que motivou sua construção.
"Os sacerdotes maias escreveram livros sobre suas ciências e transmitiram seu saber a outros

que eles consideravam dignos de serem esclarecidos.
"Possuíam livros que continham toda a história de sua nação e a dos outros povos com os quais eles haviam tido relações amistosas ou com os quais haviam estado em guerra.
"Nesses volumes encontram-se os relatos das diversas guerras, inundações, epidemias, pestes, períodos de fome e todos os acontecimentos importantes".
Landa queimou milhares desses livros e vinte e sete grandes manuscritos em pergaminho. Destruiu 5.000 estátuas e 197 vasos.
Cogolludo, em sua "História de Iucatã", livro IV, capítulo III, página 177, escreve: "Sobre todos os povos que se instalaram neste reino do Iucatã, ou sobre sua história antiga, não consegui obter outras informações além das que seguem:
"As crônicas espanholas não nos fornecem uma só linha valiosa sobre os costumes dos construtores dos grandes edifícios antigos que foram para eles objetos de admiração, como o são agora para os viajantes modernos.
"A todas as perguntas dos espanhóis que queiram saber quem tinham sido esses construtores, os indígenas davam apenas uma resposta: "Não sabemos". Ignoram-se quem foram esses construtores e os próprios índios não possuem nenhuma tradição a este respeito".
Lizana (História de Nuestra Señora de Ytzamal, capítulo II): "Quando os espanhóis chegaram a este país, embora alguns dos monumentos parecessem novos como se tivessem sido cons-

truídos apenas vinte anos atrás, os índios não viviam neles, mas os utilizavam como templos e santuários, oferecendo-lhes às vezes sacrifícios humanos, homens, mulheres e crianças, e sua construção remonta à mais recuada antiguidade".
Le Plongeon: "Estes edifícios não foram construídos pela raça atual nem pelos seus antepassados". "Entre os símbolos esculpidos nas presas de mastodontes, que, em um período muito recuado da história dos Maias, ornavam as fachadas de todos os edifícios públicos e religiosos, encontram-se às vezes estes signos que representam *Chaac* ou o trovão''.
Os grandes edifícios maias não desmoronaram sob o peso dos anos, tampouco a mão do homem foi responsável por sua ruína. Sua destruição foi causada, sobretudo, pelos abalos vulcânicos e terminada pelas águas.
Alguns antigos papiros egípcios falam destes cataclismos, assim como falam os filósofos gregos Platão e Plutarco *(Vida de Sólon,* de Plutarco).
Depois das devastações causadas por estes cataclismos que destruíram todas as construções do Iucatã e da América Central e extinguiram as populações, o país permaneceu inabitável durante muito tempo. Mas, assim que de novo tornou-se propício ao homem, os povos vizinhos o invadiram e se apoderaram dele. Eram as raças morenas que falavam a língua maia. Estas raças morenas, ou vermelhas, não tinham nenhuma relação com os Mayas, que eram uma raça branca. Embora falassem a mesma língua, eram radicalmente diferentes e, sem dúvida, procediam de muito

longe. Eram novos colonos, o que explica que entre eles não tenha havido tradições no tempo em que os espanhóis realizaram a conquista do México.
Esses recém-chegados não eram nem Nahuatls nem Aztecas.
Os Nahuátls vieram do Sul e os subjugaram. Os Aztecas também vieram do sul e, por sua vez, conquistaram o país.
As raças morenas da América Central e do Iucatã que vemos hoje em dia são descendentes destes diversos povos, uma mescla de três tribos, na maioria, mongóis.
As principais construções de Chichen Itza estão ainda de pé, mas em ruínas; foram erigidas no tempo das dinastias PPeu e Can. As estruturas da dinastia PPeu são mui facilmente reconhecíveis graças ao totem PPeu que lhes serve de ornamento — um elefante ou uma cabeça de elefante.
Em todos os edifícios erigidos durante a dinastia Can, seu emblema, a serpente de plumas, acha-se mais ou menos disseminado. Encontram-se inúmeras serpentes emplumadas em Chichen Itza.
Na guerra e por ocasião das cerimônias, a serpente de plumas figurava no estandarte real. Vê-se aqui, por exemplo, uma pintura representando o príncipe Coh, o mais moço dos filhos do último rei Can, em combate, com a serpente de plumas que o envolve e protege. É um dos "afrescos" da câmara funerária, em Chichen Itza. Nesta sala acha-se representada a vida do príncipe Coh, desde seu nascimento até a sua

morte.
Aqui, no Iucatã, voltamos a encontrar, pois, um costume observado por Niven, na mais profunda das cidades sepultadas, representando este friso a vida de um homem.

Por toda parte vê-se uma escultura ou uma pintura da serpente de plumas, pode-se afiançar que este edifício tinha uma relação qualquer com a família real Can. Esta dinastia foi a última dos monarcas Mayas de Mayax, e a rainha Moo foi sua última representante. Ela visitou a colônia Maia do Nilo, no Egito, no primeiro século de existência da

O príncipe Coh em combate, envolto e protegido pela Serpente de Plumas (afresco de sua câmara funerária, no Iucatã)

mesma, há 16.000 anos, conforme o relato do Manuscrito Troano.
Os atuais indígenas do Iucatã não são de sangue puro. Os sobreviventes do grande cataclisma que destruiu o país e dizimou os Maias foram subjugados por Mongóis. Os homens foram degolados, as mulheres empregadas como escravas e os casamentos forçados produziram uma raça mista. Assim, quando o país voltou a ser habitado após o cataclismo, tal se deu com povos que ignoravam tudo dos imponentes edifícios que eles encontravam por toda parte, e dos seus construtores. Isto é confirmado pelo bispo Landa, que acompanhou a Cortez, o qual perguntou aos indígenas, quando invadiu o Iucatã: "Quem construiu estas ruínas?" E lhes responderam: "Os Toltecas''. *Toltec* é uma palavra maia que significa construtor. Por conseguinte, a resposta era "Os Construtores". Mas eles ignoravam quem eram estes construtores, conforme escreve Landa. É importante que se observe bem que Tolteca não se aplica a uma raça, e, sim, significa apenas "construtor".
No México, uma tradição azteca muito antiga diz que "os primeiros habitantes do México eram de raça branca". E, acrescenta a tradição: "Esta raça branca foi subjugada por uma raça de pele escura e os mais morenos expulsaram os brancos da terra. O povo branco escapou em seus barcos e fugiu para uma terra ao leste, na direção do sol nascente, e lá se estabeleceu".

Uma profecia acompanha a tradição: "Nos tempos futuros, esta raça branca voltará e reconquistará o país".
Rider Haggard devia conhecer esta tradição, pois em "A Filha de Montezuma" escreve: "Quetzal, ou, mais exatamente, Quetzalcoatl, era a divindade de quem a lenda diz que ensinou aos indígenas de Anahuac todas as artes úteis, inclusive as do mando e da política. Tinha a pele branca e os cabelos claros. Por fim, abandonou as plagas de Anuac, indo para o fabuloso país de Hapallan, numa barca feita de peles de serpentes".
A tradição guatemalteca sobre esta raça branca loura, isto é, os primeiros habitantes da América, é, sem nenhuma dúvida, a mais precisa, porque a capital de Quetzal se situava na Guatemala. Ei-la:
Quando o rei Quetzalcoatl, com a raça branquíssima, foi vencido pela raça escura dos invasores, recusou render-se, dizendo que não poderia viver em cativeiro, não sobreviveria. Então, com todo o povo que seus navios podiam transportar, fez-se à vela para uma terra longínqua, na direção do sol levante, e lá eles se estabeleceram. Prosperaram e se tornaram um grande povo.
Durante a grande batalha, muitos escaparam e procuraram abrigo nas florestas, e nunca mais se teve notícia deles. Os outros foram feitos prisioneiros e vendidos como escravos pelos conquistadores.
O quetzal é hoje o nome do pássaro nacional da Guatemala. Este nome lhe foi dado em memória de seu último rei branco, Quetzalcoatl. Escolheu-se

este pássaro porque, como o rei, ele não pode viver em cativeiro.
O maravilhoso livro sagrado dos Quíchuas, o *Popol Vuh,* foi escrito na Guatemala.
A tradição azteca referente à raça branca é, como todas estas tradições aztecas, confusa, cheia de mitos e de invenções. Passo a assinalar algumas delas. Digo que se trata de invenções e acréscimos porque não aparecem nas outras tradições. Todas, sem exceção, se completam e concordam no que diz respeito aos pontos importantes.
Estas invenções aztecas fizeram com que alguns de nossos maiores sábios e arqueólogos se desviassem da estreita via da razão e da verdade.
Os Aztecas começaram a invadir o vale da cidade do México por volta de 1.090, mas só em 1.216 se estabeleceram aí.
Em sua origem, os aztecas faziam parte do império de Mayax, e Kukul Khan, a serpente de plumas, era o seu símbolo da Divindade. Era também o símbolo dos Quíchuas, seus vizinhos.
A data exata do reino de Quetzal é desconhecida porque ele foi expulso por esta raça morena que nós, erroneamente, chamamos Maias. Tudo leva a crer que isto se passou há mais de 34.000 anos. Outros indícios parecem sugerir que ele pertencia a uma das doze dinastias. De qualquer sorte, minha tese está confirmada, pois tudo indica que Quetzal viveu há muito mais de 16.000 anos.
A primeira modificação na tradição azteca teve lugar no seu país do sul, antes de sua conquista do vale da cidade do México. Eles abandonaram o

símbolo que para eles representava a Divindade e adotaram como deus o grande rei branco Quetzal. Inventaram-lhe então um filho, a quem deram o nome de Tescat.
Contava-se que o mencionado Tescat havia fugido com seu pai. Em seguida, foi preciso inventar uma profecia, que era a seguinte: "O espírito de Tescat voltará no corpo de um homem branco, acompanhado de numerosos soldados. Virá reconquistar o país, degolando os homens e escravizando as mulheres". Isto se prestava para que os sacerdotes aterrorizassem o povo, desde o rei até o último dos camponeses- Sacrifícios constantes eram exigidos para apaziguar Tescat; foi esta a origem dos sacrifícios humanos. Os sacerdotes tinham então poder absoluto.
O povo vivia no terror, pois qualquer um podia ser escolhido para ocupar lugar na pedra sangrenta dos sacrifícios.
No tempo em que Cortez invadiu o México, os sacrifícios humanos eram feitos a um ritmo de 30.000 a 40.000 por ano, se o testemunho dos autores espanhóis for digno de fé.
Esta centelha de selvageria ganhou o mundo inteiro — Egito, índia, Fenícia, etc.
Nossos sábios arqueólogos aparentemente encontraram um documento azteca que remonta a uma data entre 1.100 e 1.200 (período durante o qual Quetzal foi elevado à categoria de deus pelos aztecas) e erroneamente deduziram daí que Quetzal viveu há apenas alguns séculos.
O nome de Quetzal é encontrado em toda a história antiga do México e da América Central.

Estendeu-se mesmo aos Estados do sudoeste dos Estados Unidos, Arizona e Novo México, pois os índios Pueblos usavam em seus ritos e cerimônias a serpente barbada ou de plumas e chamavam-na Quetzalcoatl.
Quando se comparam as antigas tradições, parece que em tempos muito recuados uma raça branca dominava o México e a América Central, formando um reino, e que seu último rei se chamava Quetzal. Os índios Pueblos de hoje são incapazes de explicar a presença de Quetzalcoatl em suas cerimônias religiosas. Cada um tem uma opinião diferente. A razão primeira ficou esquecida, não restando senão a tradição.
O império Mayax era formado no mínimo por sete povos distintos, todos provenientes da Mãe-pátria e falando todos, a língua maia. Todos os reis e rainhas de Mayax pertencentes às doze dinastias eram de raça branca.
Os últimos povos de raça branca foram os precursores dos Latinos. Os ancestrais dos polinésios brancos de hoje, os antepassados dos Mayas brancos do Iucatã e os antepassados de todas as nossas raças brancas são os mesmos.
Quando a Mãe-pátria empreendeu o povoamento do mundo, estabeleceu suas primeiras colônias na América do Norte e na Ásia Oriental; é nesses lugares que podemos encontrar os primeiros vestígios da humanidade, e não na Europa, Egito ou Babilônia, onde a colonização não foi mais do que uma continuação.
Comecemos voltando ao dia em que, pela primeira vez, o homem pisou o solo americano, e tentemos

imaginar a cena. Supomos, baseados na história moderna, que Mu realizou sua expansão desde que sua civilização estava em seus primeiros estágios. Dessa maneira, imaginamos um navio antigo partindo de Mu, a Mãe-pátria, dirigido por uma tripulação de jovens aventureiros de cor branca, olhos azuis e cabelos louros. Assim que seu barco atinge o mar do Leste, viram a proa na direção do Sol Levante. Cem mil anos, ou mais, depois do primeiro aparecimento do homem sobre a Terra de Mu, as populações haviam-se multiplicado a tal ponto que o continente não bastava mais para alimentá-los. Assim esses jovens embarcavam à procura de novas terras, no caso de elas existirem sobre o globo.

Na Mãe-pátria, eram chamados Quetzals, porque haviam feito da serpente venenosa Quetzacoatl o seu símbolo do Criador e da criação. Após uma viagem de uma lua quando o Sol iluminou o horizonte, a tripulação viu em frente ao seu barco uma extensa linha de recifes contornando uma praia e terras baixas. Eles se aproximaram, depois mudaram o rumo até encontrarem águas menos turbulentas. Entraram na embocadura de um rio e subiram o seu curso; continuaram navegando até descobrir um lugar para desembarque onde pudessem preparar e cultivar um campo. Exploraram a seguir as regiões circunvizinhas que eram desertas e se prestavam admiravelmente para serem colonizadas. Depois voltaram à Mãe-pátria para levar a boa nova da descoberta.

O país por eles descoberto era a América, e o ponto onde haviam desembarcado, é o país que

chamamos hoje de México. Isso se passou há mais de 50 mil anos, e talvez milhares de anos antes.
Após o retorno dos exploradores, foram organizadas várias expedições e teve início uma verdadeira colonização. O país tornou-se logo próspero. Outras tribos se instalaram mais ao norte ao passo que a primeira colônia se estendeu na direção sul, no Iucatã e América Central. Foi na Guatemala atual que eles erigiram a sua capital e elegeram um rei.
Não existe outro lugar no mundo tão fascinante para os amantes da Antiguidade do que o vale do México. O homem sofreu nesse lugar uma série de tragédias, que seguiram de perto o seu primeiro aparecimento sobre o solo do continente americano. Consideremos os primeiros colonos. Depois de muitos anos de expansão e quando já haviam construído grandes cidades e templos magníficos, um terrível maremoto recobriu a terra, arrasando cidades e templos e aniquilando todo vestígio de vida humana. Quando as águas baixaram finalmente, deixaram um caos de rochas, pedras e saibros que recobriu o país inteiro com suas cidades e templos. Os vestígios da primeira cidade grande acham-se enterrados a quarenta quilômetros ao norte da Cidade do México.
Quatro migrações sucederam a primeira colônia, e todas foram aniquiladas por cataclismos. A última deixou escritos indeléveis gravados na pedra. O arqueólogo Niven descobriu duas mil e seiscentas tabuinhas, sobre as quais falarei no capítulo seguinte, dando a tradução das mesmas.

A destruição dessa civilização oferece um dos relatos geológicos mais interessantes da História.
Uma bolsa de gás localizada sob o vale do México explodiu; sua plataforma desmoronou e as águas do oceano se precipitaram, aniquilando todos os seres vivos. O vale ficou submerso enquanto se sucediam tremores de terra e erupções vulcânicas vomitando torrentes de lava e de fogo que levavam tudo de roldão. Podemos ver ainda hoje várias crateras antigas, como a de Xitli, por exemplo, na qual o lençol de lava se estende por mais de 35 quilômetros e atinge a fronteira do México.
Não possuo informação suficiente para dar a data exata desse cataclismo. Uma tabuinha de um templo egípcio faz alusão a uma submersão de terras na América Central há cerca de 16 mil anos. Pode-se tratar dessa catástrofe, pois uma tradição asteca parece confirmá-la.
Por ocasião da conquista do México por Cortez (1521) um sacerdote asteca disse-lhe: "Há muito tempo, um maremoto cobriu o vale do México e aniquilou todos os seus habitantes. As águas se elevaram tanto que destruíram o Sol e deixaram o mundo mergulhado em trevas. Mas os deuses criaram um novo Sol, e o mesmo reina sobre uma nova era da história do mundo".
Trata-se de uma lenda tipicamente asteca, mas está isenta de. floreios e invencionices habituais. Em verdade, é uma combinação de duas lendas diferentes, a da submersão do vale do México e a da destruição e submersão de Mu, a Mãe-pátria.

A inundação do vale do México teve lugar bem antes da destruição de Mu, porque depois que o vale emergiu das águas e se tornou novamente habitável, foi repovoado, por mais de uma vez. Mu chamava-se o Império do Sol, e reinava sobre o mundo inteiro. Trata-se, portanto, do Sol da lenda. Desse modo, quando Mu, o "Sol" submergiu, as trevas "reinaram". Tudo era caos, e era preciso imaginar novas formas de governo para cada colônia ou império colonial; cada uma delas se tornou autônoma. Trata-se, de fato, daquela "nova era da história do mundo".

Pouco tempo depois do último repovoamento do México pelos habitantes de Mu, começaram a se formar grandes cinturões gasosos no oeste da América do Norte, os quais criaram as cadeias de montanhas. Duas delas desceram até o México, pelo oeste e este, formando entre as mesmas um grande vale. Ao se elevarem, as montanhas arrastaram entre elas esse vale e o elevaram várias centenas de metros. Se a terra já era habitada, pode-se afirmar que todos os habitantes pereceram, como aconteceu em outras regiões por ocasião do levantamento das montanhas.

Os diversos fenômenos visíveis hoje em dia no vale do México demonstram, sem a menor dúvida, que as cadeias de montanhas do oeste da América do Norte *não têm mais de 11.500 anos,* se tiverem! Como as duas cadeias mexicanas fazem parte e acompanham as montanhas Rochosas e a cadeia das Cascades, temos a prova que as montanhas do oeste da América do Norte são de origem recente.

Tratarei agora da segunda das grandes descobertas de Niven no México. Nos vilarejos e pequenas cidades, a uma dezena de quilômetros ao noroeste do México e a uma profundidade de cerca de seis ou sete metros, ele encontrou vestígios de uma outra civilização mexicana pré-histórica, um verdadeiro tesouro composto de 2.600 tabuinhas. Ao enviar as primeiras, ele escreveu-me: "Muitos professores, americanos e estrangeiros, dizem-me que elas contêm símbolos que não se parecem com nada que se conheça".
Alguns dos mais eminentes arqueólogos, tanto na Europa como na América, não puderam decifrar nem sequer uma dessas tabuinhas, o que não é de admirar pois eles não são capazes de decifrar nenhuma tabuinha que tenha mais de seis ou sete mil anos. Para que possam ser lidas, é preciso conhecer o idioma, os símbolos, o alfabeto e a cosmogonia de Mu, a Mãe-pátria, que é delas a chave. Esse alfabeto compõe-se de 16 letras e numerosos ditongos. Cada letra pode ser expressa por três caracteres diferentes. Existe primeiro a letra hierática, que possui também um sentido oculto; a segunda é usada no interior das palavras e a terceira serve como adjetivo ou superlativo. O sentido oculto da letra hierática é conhecido apenas pelos sacerdotes, e mesmo entre estes, alguns não o conhecem. Na maior parte dos casos o sentido oculto era um símbolo; dessa maneira, M era o símbolo alfabético de Mu, H era o das Quatro Forças Sagradas e A era o símbolo do Criador, da Divindade.

Ao examinar essas tabuinhas que me foram enviadas por Niven, encontrei os sinais já conhecidos e percebi que as chaves das tabuinhas Naacals se aplicavam também a estas. Esses escritos representam a *primeira língua falada* do passado pré-histórico da América.

Niven havia descoberto também numerosas cabeças esculpidas, as quais me enviou. Se as mesmas representam personalidades, não temos nenhuma raça semelhante atualmente. Niven acha que eles são do tipo mongol, mas parecem-me mais serem semitas. Por mais estranho que possa parecer, os escritos existentes em algumas dessas tabuinhas são idênticos, pelos seus conceitos religiosos, àqueles descobertos na Babilônia.

Niven havia encontrado a maior parte dessas tabuinhas perto de vários altares. Cada uma estava recoberta por uma camada de argila, com certeza para conservar as cores das letras. A sua localização perto dos altares faz pensar que se trata de relíquias sagradas e muito mais antigas que o povo que as possuía.

Depois de as haver decifrado, compreendi que me achava em presença de extratos dos Escritos Inspirados e Sagrados de Mu; na maioria dos casos, caracteres esotéricos eram utilizados, e aumentavam o mistério.

Muitas dessas tabuinhas eram feitas de maneira muito grosseira. Os desenhos parecem que foram feitos por principiantes. Outras, em compensação, são perfeitas, um trabalho feito por peritos.

Elas não possuem um formato típico, o seu talhe é irregular, como se tivessem sido usadas pedras

em seu formato natural, e as letras seguem o formato da pedra. Entretanto os desenhos, mesmo os mais rústicos, mostram um espírito profundamente culto, um conhecimento profundo das origens e das funções das Grandes Forças, bem como da vida e de suas origens. Essa civilização não tinha nada de primitivo, bem ao contrário; no campo da ciência, era muito mas adiantada que a nossa. É claro que essas populações conheciam perfeitamente as Forças Cósmicas, o que os nossos cientistas atuais chamam de "energia", na falta de um termo melhor. Uma civilização primitiva não poderia ter sido a autora dessas tabuinhas, porque elas exprimem o conhecimento de uma *ciência profunda* que começa apenas a ser imaginada pelos cientistas modernos.

Como explicar tais conhecimentos, quase sempre escritos de forma tão grosseira? A cerâmica e as figurinhas de terracota mostram o trabalho de mãos hábeis. Os escritos nos deixam desconcertados; entretanto, por mais esquisitos que eles possam parecer, representam as primeiras palavras faladas por aqueles que viveram na América há mais de 12 mil anos.

Essas tabuinhas descrevem a forma de governo desse povo e todos aqueles que lerem os extratos que vêm a seguir, verão que os seus conceitos religiosos e sua cosmogonia eram muito elevadas.

Um dos temas principais era o da Criação, seguido do caos até o aparecimento do homem. Essa gente escrevia: "No princípio, tudo era o caos, o universo estava em silêncio e as trevas reinavam por toda parte". Eles eram monoteístas e o seu símbolo do

Criador era o Sol. Adoravam um Ser Supremo sob a forma de outros símbolos, ornado de numerosos atributos, mas destaca-se que esses atributos descreviam apenas os *poderes* do Ser Supremo e não eram o próprio Criador.
Os habitantes de Mu tinham uma forma de governo do tipo comunista; todas as colheitas eram divididas e distribuídas de acordo com a lei. Não encontrei nenhuma referência a dinheiro e não posso dizer se eles possuíam alguma espécie de moeda.
Nesta obra, e mais particularmente nas traduções das tabuinhas, evito empregar a palavra Deus como representando o Infinito, a Deidade, porque entre os antigos a palavra Deus não significava a Deidade. Para esclarecer esse ponto, dou aqui a origem da palavra "deus".
Em todos os escritos antigos, essa palavra aparece com freqüência; trata-se de vários deuses. Geralmente dá-se-lhe um nome, como entre os caldeus, o "deus Belmarduk", ou entre os egípcios, o "deus Thoth", etc. Os antigos não queriam falar do Criador, que para eles era o Supremo. O que eles chamavam "deus" era apenas uma força cósmica emanando do Criador.
Nos textos antigos fala-se com freqüência no casamento de um deus com uma deusa, que produz ou realiza assim alguma coisa. Os antigos sabiam perfeitamente que eram necessárias duas forças cósmicas para uma criação. Isso é ensinado nos Escritos Inspirados e Sagrados, que indicam que *a ação combinada de duas forças* termina por uma criação. Como se tratava de uma ação

combinada, ou de uma reunião, de um contato, isso era simbolizado pelo casamento dos deuses, o casamento de duas forças, sem dúvida para permitir ao profano compreender mais facilmente o fenômeno. Dessa forma dizíamos que o deus A havia esposado a deusa B para produzir C. Nos Escritos Sagrados, encontramos o mesmo fenômeno expresso em linguagem esotérica: "As flechas do Sol tornam a encontrar as flechas da Terra". Mas essa forma de linguagem era dirigida aos sacerdotes que, a fim de se tornarem compreendidos pelos leigos, simbolizavam as Quatro Grandes Forças primárias sob a forma de deuses.

Mais tarde, as almas dos homens que haviam deixado o seu invólucro material se juntavam ao rol dos deuses, como o Thoth egípcio, o deus da ciência. Isso não tinha nada de fora do comum porque os antigos sabiam perfeitamente que ao ser criado o homem recebera as forças cósmicas, que essas forças estavam sob o domínio de sua alma, e que, quando a alma deixasse o seu corpo material, ela levava consigo as forças cósmicas. Desse modo, a alma humana, possuindo forças, se acrescentava normalmente ao rol dos deuses. Mais tarde ainda, encontramos a palavra deus ligada aos múltiplos nomes do Criador. O exemplo mais antigo se encontra na Bíblia onde a Deidade é chamada Deus, ou o Senhor Deus. Posteriormente, essa palavra tornou-se o seu nome mais usado.

Voltemos aos tempos modernos. Nossos cientistas, incapazes de discernir a diferença entre o deus dos antigos e nosso Deus supuseram que para os

antigos todos os deuses eram Deidades e que, por conseqüência, adoravam numerosos deuses. A ciência criou dessa forma um tal caos que o profano nada pode entender, mas isso não é novidade!

CAPÍTULO IX

TABUINHAS MEXICANAS

Ninguém melhor do que Niven pode contar-nos a descoberta das antigas tabuinhas mexicanas. Eis a descrição que ele me enviou:

"Após a conquista do vale do México pelos espanhóis, uma região de cerca de 70 quilômetros de lado tendo a capital como centro tornou-se um verdadeiro paraíso para os arqueólogos. As descobertas, como a Pedra Calendário, o monólito de Tizoc e as tabuinhas gravadas de Azcopotzalco com seus sinais misteriosos, são inigualáveis. Eis como eu mesmo descobri as tabuinhas de pedra que tanto interessam ao mundo científico:

"Em 1910, voltando ao México após haver explorado as ruínas de cidades em uma região deserta e desconhecida do Estado de Guerrero, recebi numerosas visitas de índios, que desejavam vender-me figurinhas de terracota e outros objetos. Eles alegavam havê-las encontrado próximo das pirâmides do Sol e da Lua, em San Juan Teotihuacan, isto é, a quarenta quilômetros da capital. Ao saber que eles haviam feito o percurso de ida e volta de sua "terra" em pouco

mais de uma hora, prontifiquei-me a dar-lhes cinco pesos se concordassem em me revelar a localidade onde haviam encontrado os "idolitos" que me ofereciam. Eles aceitaram com satisfação.
Não foi senão em 1921, durante minhas escavações em Santiago Ahuizoctla, um lugarejo próximo de Amantla, que descobri a primeira tabuinha de pedra, hoje célebre, numa profundidade de quatro metros. Essa descoberta foi ao mesmo tempo assustadora e fora do comum, e fui tomado de um violento desejo de encontrar outras tabuinhas, no caso de existirem. Fiz, então, uma exploração sistemática de todas as pedreiras abandonadas, num raio de trinta e cinco quilômetros, e meu trabalho foi recompensado pois em menos de três anos havia desenterrado 975 dessas tabuinhas misteriosas.
As mais importantes foram exumadas em Ahuizoctla, em torno e sobre um altar que trazia um desenho, pintado de vermelho e amarelo. As tintas utilizadas eram feitas com óxido de ferro. Em 1924, o professor Morley, do Instituto Carnegie, disse-me que os estranhos símbolos, inscritos nas pedras e no altar, não pareciam com nada do que ele havia visto no México e em outros lugares."
Se a descrição de William Niven é interessante, a história contada por essas tabuinhas antigas é ainda mais. São as primeiras palavras que foram pronunciadas e entendidas pelo homem na América pré-histórica.
Não pude estabelecer a idade dessas tabuinhas além de 12 mil anos, se bem que elas devam ser

bem mais antigas. Nada existe nelas que permita determinar a sua idade exata, nem mesmo aproximada. Para começar no início da história do homem na América, deveríamos remontar há mais de 50 mil anos, provavelmente mais de 100 mil. Os estudos geológicos provam que uma civilização muito adiantada existiu na América do Norte há mais de 50.000 anos. Grandes cidades eram construídas de pedra e cimento, possuíam cerâmicas maravilhosas, admiráveis adornos e soberbos quadros afrescos.

Essa tabuinha é a "Pedra Roseta" de todas as ciências físicas.

Considero-a a mais valiosa das 2.600 tabuinhas de Niven.

Essa pedra mostra uma figura simbólica representando o que se conhece há 100.000 anos como as Quatro Forças Sagradas. Essa figura explica a origem e funções dessas forças. Tal símbolo desempenhou sempre um papel importante nas idéias religiosas da humanidade. Todos os nomes que consegui descobrir não indicavam a sua finalidade, mas essa pedra nos dá a explicação. *Trata-se das quatro grandes forças primárias que emanam do Criador.* Em primeiro lugar, elas estabeleceram a ordem e a lei no caos universal.

A seguir, tornaram-se o braço direito do Criador para criar tudo o que existe. E, por último, após tudo haver sido criado, elas foram encarregadas da física do Universo. Isso demonstra claramente que a origem das forças é o próprio Criador.

Todas as outras dependem daquelas quatro. O átomo dá origem às forças; e o movimento dos átomos depende das Quatro Grandes Forças.

Significado Oculto dos Números, de 1 a 10, em Linguagem Moderna, em Naga e em Maia

	Naga	Maia	Significado oculto
1	Hun	Hun	O Ser universal
2	Cas	Ca	O Deus Duplo
3	Ox	Ox	Que por seu poder suscitou
4	San	Can	Os quatro Poderes
5	Ho	Ho	De onde eles vem
6	Uac	Uac	estabelecer a ordem no caos
7	Unc	Uuc	criar e
8	Uaxax	Uaxax	colocar o homem
9	Bolan	Bolan	no começo, a fim de que ele viva por si mesmo
10	Lahun	Lahun	São duas pessoas numa só

Como iremos ver, o que foi dito antes refere-se à criação do homem. O número 10 era o símbolo do Criador, e considerado muito sagrado para ser pronunciado; usava-se em seu lugar o símbolo Lahun. Além disso, para evitar pronunciar a palavra "dez" os antigos tomavam o 5 como unidade e contavam assim: o dez era duas vezes cinco, o quinze era três vezes cinco e o vinte, quatro vezes cinco.

A criação da mulher foi sempre baseada em hipóteses. Muitas lendas falam de seu aparecimento, mas são todas simbólicas e não nos informam nada com exatidão.

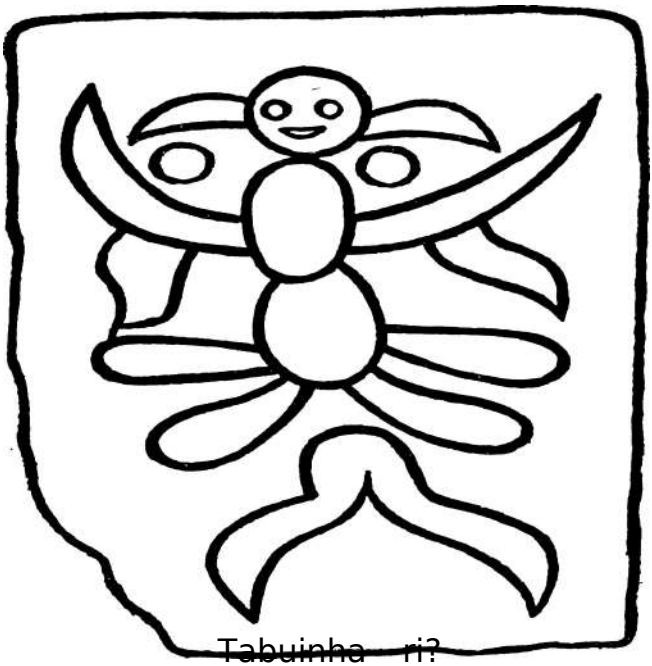
Lenda bíblica: "E o Senhor tomou uma costela do homem, e com ela fez a mulher".

Lenda polinésica: "Dos ossos do homem, Ele fez uma mulher e a chamou Eva".

Tradição chinesa, Lao-Tsé, 500 anos antes de Cristo: "Tao a Razão produziu a unidade. Essa tornou-se dois, os dois produziram três, e os três produziram todos os seres mortais. . . "

Além da referência feita por Platão em sua obra, "O Banquete", já mencionada, vou acrescentar uma outra lenda descoberta na tabuinha n° 1.584, de Niven; ela tem a vantagem de ser a mais antiga, pois remonta há mais de 12 mil anos.

É a ilustração de um trecho dos Escritos Inspirados e Sagrados, segundo o cumprimento do sétimo mandamento (a criação do homem).



Tabuinha ri?
1.584

Essa tabuinha explica a criação do primeiro casal, Adão e Eva, da Bíblia, e o "um tornando-se dois" dos chineses.
Não voltarei aqui a fazer a decifração completa desta tabuinha, pois já foi feita anteriormente. Passo, pois diretamente à sua tradução: o primeiro homem foi criado duplo encerrando os dois princípios. O Criador provocou seu sono (a morte) e durante o mesmo os dois princípios foram separados. Ele voltou a si desdobrado, parte macho e parte fêmea. Isso se realizou a fim de que a espécie pudesse perpetuar-se.

Encontra-se um reflexo desse princípio na cosmogonia egípcia, até 2.000 antes de Cristo e talvez mesmo mais tarde, ou seja, que o primeiro homem foi criado duplo. Platão, que fora iniciado no Egito nos mistérios sagrados, deve ter aprendido aí essa teoria e foi talvez baseado nela que ele escreveu sua história cômica de seres completamente redondos, a fim de que quem sabe o profano pudesse compreendê-la mais facilmente.
A tabuinha n° 150 de Niven nos explica como se povoou a Terra. Ela está redigida nos antigos caracteres esotéricos religiosos e quem conhecer o alfabeto numérico poderá ler:

Fig. 1. "O Criador *criou* Um, Um se tornou Dois".
Fig. 2. "Dois *produziram* três".
Fig. 3. "Destes três descende *toda* a humanidade".

Esta mesma lenda se encontra, com ínfimas variantes, em todos os povos antigos. A tabuinha acima tem mais de 12 mil anos.
Todos os escritos antigos precisam igualmente que o primeiro par tinha a pele branca. Ora, como este primeiro par era branco, e como toda a humanidade descende daqueles dois, logicamente deveria daí se concluir que todos os seres humanos de hoje tivessem a pela branca e não matizes que vão do branco puro ao negro de azeviche passando por todas as tonalidades do moreno e do amarelo!
Na época da destruição de Mu, dizem os escritos que o homem de Mu se desenvolvera e formava

dez tribos distintas e dez tipos humanos (fig. 4). O que poderia ter causado esses dez tipos diferentes na descendência de um só par idêntico?
Os escritos Naacals expücam o fenômeno, mas não sei se pude traduzi-los de maneira a dar-lhes toda a significação em seus mínimos detalhes. Empregam-se termos, dão-se nomes dos quais não pude encontrar equivalentes em nenhuma língua moderna; assim, é possível que minhas traduções comportem contradições, mas é possível também que elas estejam absolutamente corretas, não sei ao certo. Entretanto, passo a apresentar essas traduções que fiz outrora. Os Naacals nos dizem: "As dez tribos se desenvolveram desde o aparecimento do homem na Terra. As populações aumentaram de tal maneira que faltava espaço. Certas famílias partiram para países distantes, ou ficaram isoladas do resto da humanidade. Nesses núcleos os grupos se encontravam tão solitários que os irmãos tinham às vezes de desposar as próprias irmãs a fim de poder perpetuar a raça. Estes casamentos consanguíneos produziram um tipo comum; o clima, a temperatura e a alimentação contribuíram para acentuar o tipo, que se tornou uma raça".
A maneira e o motivo por que os homens mudaram a cor de sua pele, permanece um mistério. Remontemos há uns 25 mil ou 30 mil anos e vejamos o que pensavam disto os antigos Naacals: "As causas da mudança da cor dos homens são várias, mas a causa principal foi um desequilíbrio entre a força vital e os componentes básicos da pele. Esse desequilíbrio era o resultado

de um super ou sub-estímulo das glândulas que segregam a Força Vital e a conduzem através do sangue às diversas partes do corpo, inclusive a pele. Cada glândula controla certas partes do corpo e possui um certo volume de Força Vital. As secreções das glândulas são controladas pelo tipo de alimentação, de sorte que essa alimentação pode produzir um excesso ou uma falta da força utilizada por uma determinada glândula e, por sua vez, a força pode influir, de uma forma ou outra, sobre os componentes básicos que ela controla. A Força Vital estimula as células e as faz trabalhar. Quando se produz um excesso dessa Força, as células ficam extenuadas e quando, ao contrário, há um consumo mínimo de forças, produzem-se irregularidades. As principais irregularidades causadas por esse desequilíbrio da força influem sobre a postura do corpo, o tipo dos cabelos, a cor da pele e, às vezes, a forma dos traços fisionômicos. A principal causa do desequilíbrio vital é o tipo de alimentação aliado ao clima".

Como já disse antes, certos detalhes podem ter-me escapado, mas acredito que, no conjunto, não incorri em contradições graves. Este trecho dos escritos Naacals, "A Origem da Vida", é uma das coisas mais maravilhosas que tive oportunidade de ler.

Foram necessários cem mil anos ou mais para formar e aperfeiçoar esses tipos chamados em Mu de tribos, antes da destruição do continente, de maneira que nessa ocasião numerosos tipos já haviam se tornado muito diferençados e as diversidades de cor já deviam ter evoluído. Em

minha opinião, as características morfológicas, o formato da cabeça e os traços tiveram como principal causa a consangüinidade.
Os indígenas das ilhas dos Mares do Sul contribuíram em grande parte para formar minha opinião. Em cada grupo de ilhas, as comunidades são pequenas e nunca tiveram relações com as dos outros arquipélagos. Isso dá como resultado tipos humanos diferentes, e quem quer que tenha vivido pouco tempo na Polinésia pode dizer à primeira vista a que grupo étnico pertence um determinado indivíduo.
As montanhas nem sempre existiram sobre a terra; elas são de origem relativamente recente. Numerosos escritos provam que entre 12 e 15 mil anos atrás as montanhas eram desconhecidas. Elas se formaram com o aparecimento dos cinturões gasosos que saturam atualmente a crosta terrestre em profundidades que vão até vinte quilômetros da superfície terrestre.
A Bíblia relata que as águas do "Dilúvio" se elevaram a 26 pés e recobriram as montanhas. Nos Salmos, encontramos uma referência ao tempo "antes da ereção das montanhas". Muitas tribos da Ásia Central fazem remontar o seu calendário à ereção do Himalaia e das montanhas da Ásia. Os zulus afirmam que são provenientes do Norte na África do Sul, porque o seu país fora destruído pelo levantamento das montanhas. As lendas narram que centenas de milhões de homens pereceram quando se levantaram as montanhas na Ásia. No mundo inteiro, os fenômenos geológicos confirmam o fato de que as

montanhas são de origem recente. Mas as provas mais concludentes encontram-se no vale do México e nos Andes, como vimos.
Há algum tempo, recebi de um mosteiro tibetano a cópia de um mapa da América do Sul. Segundo a posição das estrelas que se encontram indicadas (assim contavam o tempo os povos antigos) fiquei sabendo, pelos astrônomos, que essa posição indica uma época passada há 20 mil anos. Apresento esse mapa mais adiante, sobrepondo-se ao traçado atual da América do Sul. Esse mapa é uma revelação surpreendente provinda do remoto passado.

Nº 2.379

O círculo contendo duas linhas paralelas, dividindo-o em três partes, como vemos na tabuinha n° 2-379 de Niven, é um símbolo universal muito conhecido. Encontramo-lo em Nevada entre os escritos dos trogloditas, sobre a pirâmide mexicana de Teotihuacan e nos escritos maias, bem como no Brasil na fronteira da Guiana e nos vários vestígios americanos, sem falar nos antigos escritos uighurs, hindus, babilônios e egípcios.

Entre os Naacals, esse é um dos três símbolos formando um parágrafo que significa "O Criador é

Uno (fig. 1). Ele é dois em um (fig. 2), Lahun. Esses dois formaram o Filho — o Homem (Fig. 3) Mehen". Uma lenda oriental explica por que esse gráfico é chamado "o texto misterioso": de qualquer maneira em que seja lido, começando-se de qualquer ponto do triângulo, o significado permanece o mesmo, um, dois, três.

O *Tao-tö king* está escrito em grande parte segundo os extratos de uma versão uighur dos Escritos Inspirados e Sagrados de Mu.

A U M é uma inscrição que tem confundido todos os eruditos e sábios do mundo, inclusive os hindus, há mais de dois mil e trezentos anos. O seu significado perdeu-se quando os Naacals foram expulsos da Índia pelos brâmanes. Muitos sábios aprofundaram-se em vão no estudo deste mistério, mas nenhum deles conseguiu decifrá-lo, como provam os mais antigos escritos:

Manava darma sastra, antigo livro hindu, diz o seguinte: "No começo só existia o infinito, chamado aditi. No infinito se encontrava A U M, razão pela qual deve preceder toda prece ou invocação".

Livro de Manu, antiga obra hindu, diz: "A sigla A U M significa terra, céu e paraíso''.

J. T. Wheeler, no livro *História da Índia,* volume 2, página 481, diz: "No que se refere às três letras A U M, nada se pode dizer a não ser que, segundo Manu, elas formam um símbolo do Senhor que criou todas as coisas: Brama".

No livro *Asiatic Research,* H. T. Colebrook escreve: "Segundo o Noruka, que é um antigo glossário dos Vedas, a sílaba A U M representa

todas as divindades. Os brâmanes reservam aos seus iniciados uma explicação esotérica mais completa que aquela dada por Manu".
Em verdade, A U M significa a mesma coisa que "o texto misterioso" e o gráfico da tabuinha mexicana de Niven n° 2.379. A única diferença está na parte escrita. A tabuinha mexicana e o escrito misterioso estão redigidos na mesma linguagem numérica dos templos, ao passo que A U M está escrito em símbolos alfabéticos que significam:

A . . . A H A U . . . masculino . . . o Pai.
U . . . pronome feminino "Ela" . . . a Mãe
M . . . Mehen . . . aquele que foi engendrado . . . o Filho.

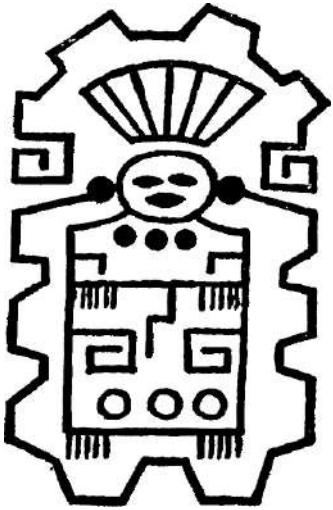
Os brâmanes elaboraram uma teologia complicada em torno do conceito original, absolutamente incompreensível para o povo. Essa teologia foi ensinada durante milhares de anos, sofrendo de tempos em tempos algumas alterações, de maneira que, a longo prazo, os escritos inspirados foram esquecidos, principalmente pelos padres.
A teologia brâmane tornou-se o que se tinha desejado — um notável motivo de superstição e terror. O povo tornou-se escravo do clero. Os padres fizeram a nação cair dos mais altos píncaros da civilização até o último degrau da escala social.
Quando sua religião se desvencilhar das superstições, das extravagâncias das invenções, o povo começará a ver claro e voltará à sua grandeza de outrora. A erva má cresce livremente,

mas entre o joio restam ainda algumas flores de outrora. Se arrancarmos e queimarmos o joio, a Índia voltará a ser um dos pilares da sabedoria e da ciência — basta apenas romper suas cadeias.

A decifração e a tradução dessa tabuinha já foram feitas anteriormente e apenas recordo aqui sua explicação.

Esse templo é dedicado ao Grande Criador, que ordena às quatro grandes forças primárias que d'Ele emanam que façam reinar a ordem e a lei no caos do Universo e que cria todas as coisas. Esse templo é colocado sob a jurisdição da,Ra Mu, o chefe hierático de nossa Mãe-pátria Mu, e porta-voz do Grande Criador.

Este texto é de um valor inestimável, pois mostra que esta civilização florescia no tempo em que Mu ainda se erguia sobre as águas, pois este templo se situava sob sua jurisdição, antes, portanto, da destruição do continente. Mu foi tragada pelas águas cerca de 10.000 antes de Cristo, o que prova que essas tabuinhas, assim como essa grande civilização americana, remontam há mais de 12.000 anos. Entretanto, muitas outras civilizações tinham-na precedido, como o prova a primeira descoberta de Niven a quarenta quilômetros ao norte da Cidade do México.



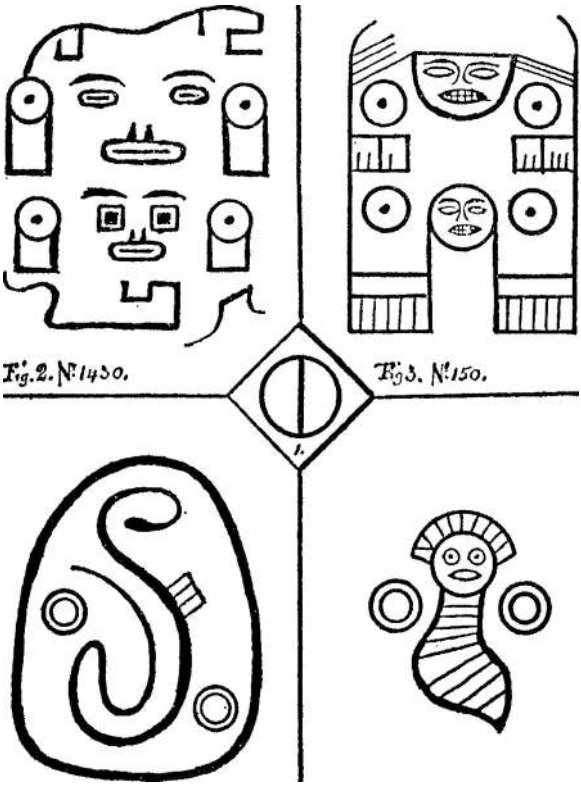
Pintura de um altar descoberto por Niven, a seis quilômetros da Cidade do México.

Grupo 1 (Tabuinha da página seguinte)

Figura 1, grupo 1. É o símbolo original do Criador, sob a forma do princípios duplo, utilizado nos Escritos Inspirados de Mu, onde seu nome é Lahun, "tudo em um" ou "dois em um". Como se vê, trata-se de um círculo dividido por uma linha. O círculo simboliza o Criador, sendo as duas metades o princípio duplo. Nos antigos escritos orientais, a linha bissetriz é vertical entre os Nagas e horizontal entre os Uighures, mas o significado é o mesmo. O conceito de um Criador que possui um princípio duplo era ensinado milhares de anos que essas tabuinhas mexicanas fossem gravadas.

Figura 2. Tabuinha n° 1430. Este símbolo de uma criação alude a algo terrestre, como no-lo demonstram os olhos do princípio fêmea, que são quadrados, simbolizando o quadrado a terra (ver

2). O símbolo do Criador, situando-se numa e noutra parte dos dois rostos, nos indica que essas figuras são as suas (ver 3). É um símbolo Naga e as duas inscrições (4 e 5) nos confirmam sua significação.



Tabuinha que simboliza o princípio duplo do Criador.

Figura 3. Tabuinha n° 150. Eis outro símbolo do princípio duplo. A parte superior da figura representa o Sol, princípio masculino, e a parte

inferior a Lua, princípio feminino. Como no caso da tabuinha precedente, isto nos é confirmado pelo símbolo do Criador (5) que enquadra cada rosto.

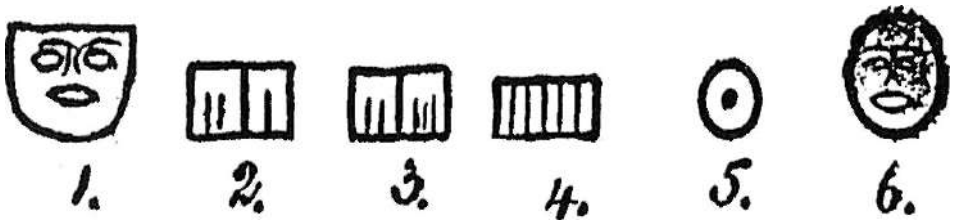


Figura 4. Tabuinha nº 1.006. Aqui, o princípio duplo é simbolizado por uma serpente emoldurada por dois sóis formados por um duplo círculo, símbolo do Criador empregado pelos povos do norte de Mu e pelos Uighures.

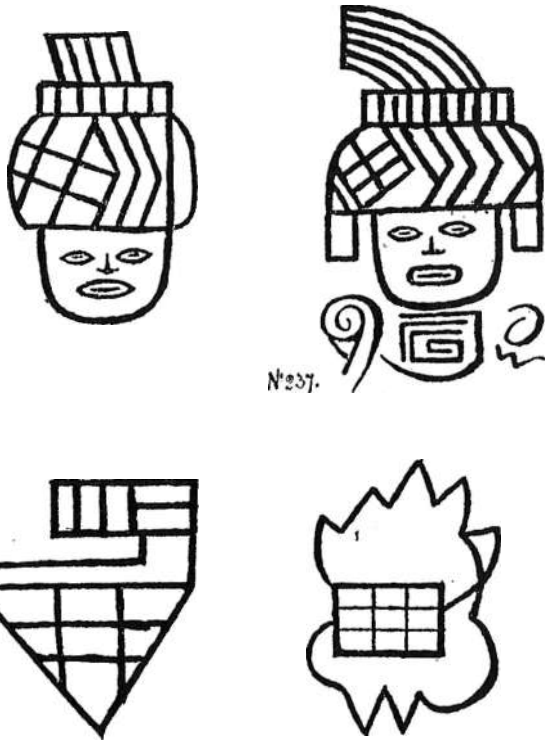
Figura 5. Este símbulo é particularmente interessante e mostra a que elevado nível artístico haviam chegado os antigos mexicanos de há 12.000 anos. A cabeça representa o Criador, coroado por sete raios, símbolo numérico da Criação. A esquerda dos raios vê-se uma flecha, ou ponta de lança, símbolo da atividade, da ação. O corpo é uma crisálida, que, para os antigos representava a sede das forças. Este corpo acha-se dividido por dois grupos de quatro linhas, as Quatro Grandes Forças Primárias. De uma parte e doutra encontramos o símbolo do Criador, indicando mais uma vez o princípio duplo.

Grupo 2

Estas tabuinhas são interessantes, pois revelam a existência de uma forma de governo comunista no

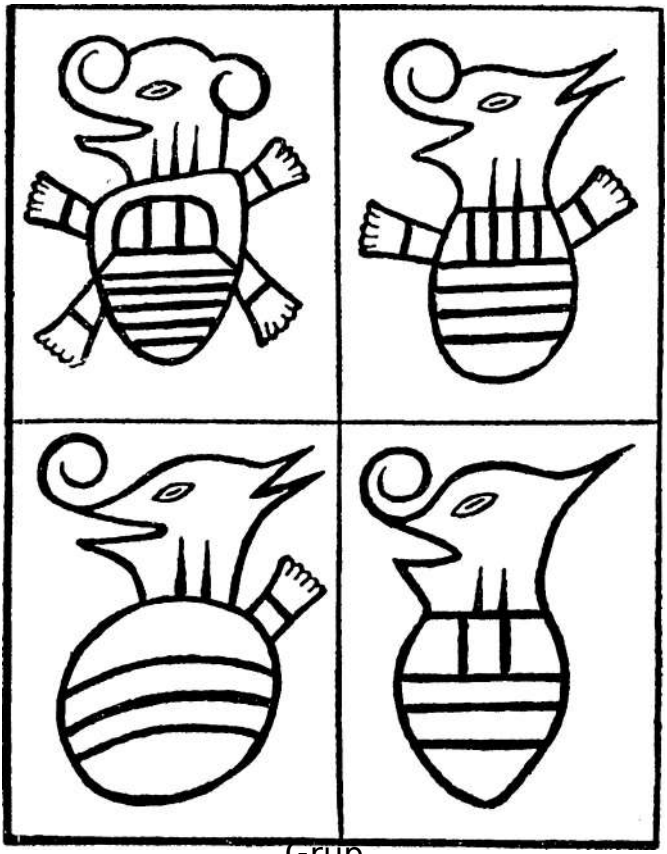
que dizia respeito às terras e às colheitas, entre esses povos da América do Norte há 12.000 anos. Todas as terras pertenciam ao governo e certas pessoas faziam-nas produzir; depois, os frutos das colheitas eram divididos segundo as necessidades do povo.

Encontramos este tipo de escritos em todos os países orientais, mas eu não poderia dizer até que ponto ia esta forma de comunismo. Não encontrei nenhuma alusão a qualquer tipo de moeda em nenhuma das 2.600 tabuinhas de Niven, mas a



divisão do fruto das colheitas está perfeitamente explicada. Certas tabuinhas indicam que o governo reservava para si uma certa porcentagem, destinando-se outra parte à manutenção dos templos e, finalmente, a cada pessoa tocava

uma parte. Se, depois da distribuição, ficava um excedente, este era colocado num entreposto comunitário para atender as necessidades em caso de fome coletiva ou de épocas de más colheitas, de forma que não existia miséria.



Grup
o 3
As funções das
Forças Primárias

Encontrou-se uma
forma de governo semelhante entre os Incas, e ela ainda hoje existe em alguns pequenos estados orientais.

As porcentagens não eram calculadas da mesma maneira em toda parte, a julgar pelas tabuinhas e por antigos escritos orientais. Nos países Nagas uma sexta parte era reservada à manutenção dos templos e ao governo, enquanto que entre os Uigures destinava-se a esta finalidade apenas um nono do produto total da colheita. A parte reservada aos templos chama-se "o quinhão sagrado" ou "campo do Senhor". Numa tabuinha oriental, em que a parte correspondia a um nono, descobri o quadrado central que traz o símbolo do Criador.

Tabuinha nº 1.647. Vemos aqui nove divisões com as partes reservadas ao governo e aos templos, e um entreposto comum para o caso de um imprevisto.

N° 237. Vêem-se aqui seis divisões e sua distribuição. É a porcentagem habitual Naga, ainda em uso em alguns pequenos Estados da Índia.

Nº 921. Nove divisões, a divisão habitual dos Uighures.

Nº 535. Também nove divisões, com sua distribuição.

Grupo 3

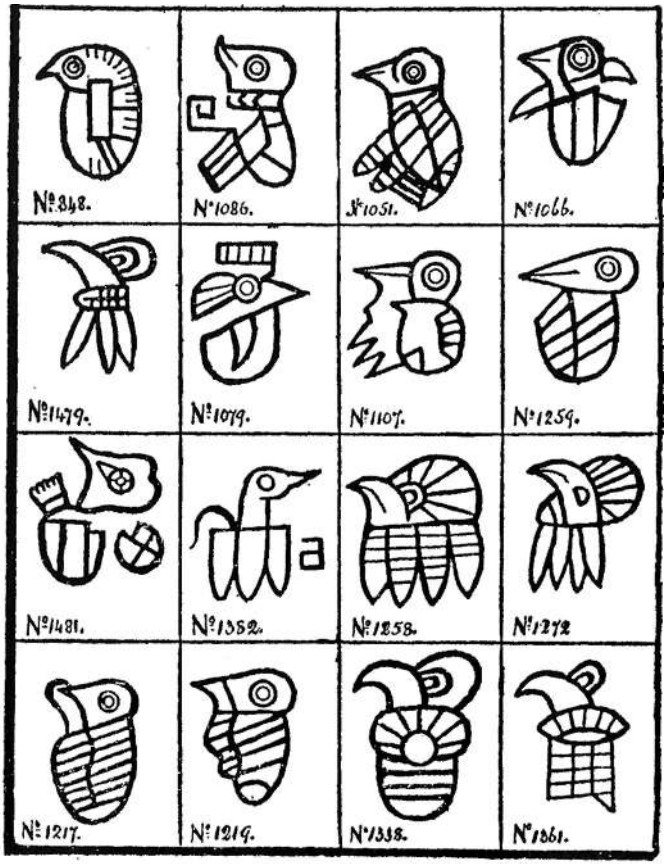
A coleção de Niven contém 116 destas admiráveis figuras simbólicas, todas diferentes. Elas representam as Forças Primárias, sua origem e sua função.

O corpo tem sempre a forma de crisálida, antigo símbolo do local de residência das Forças. Este corpo acha-se gravado por diversas linhas que nos explicam o que a figura simboliza. É uma das mais

antigas formas de escritura esotérica. Os números empregados nesta forma de escritura iam de 1 a 10. Dez era o número sagrado, nunca escrito e que era substituído pela letra Lahun. A escrita numérica foi empregada até datas bem recentes, podendo ser encontrada no Egito até 500 a.C. e talvez mais tarde. Pitágoras, quando esteve no Egito, foi instruído nos mistérios da religião egípcia e na escritura numérica. A história grega nos ensina que, em sua volta, ele ensinou a seus discípulos "honrar o nome de Deus com os números" e que "o número quatro representa o nome místico das forças criadoras". Todas as cruzes são símbolos das forças criadoras místicas, representando os quatro braços, as quatro forças.
Em cada figura deste grupo, as linhas que estão gravadas sobre os corpos dizem que o Criador é a Grande Força Primária que governa todas as outras forças.

As funções das Forças Primárias

A trompa é o símbolo da direção que tomam certas forças no universo. Ela afeta movimentos circulares e elípticos. Todas estas forças, sem exceção, acham-se voltadas para o Oeste, estando a trompa recurvada na direção do Leste. O número dos membros varia de zero a quatro, indicando os movimentos das forças no universo.



Grupo 4.

Grupo 4

Estas tabuinhas são, sem nenhuma dúvida, um dos vestígios mais insólitos transmitidos por nossos antepassados à geração atual.

Pássaros que simbolizam as Forças Criadoras

Entre todos os povos antigos, certos pássaros eram sagrados e achavam-se envolvidos por inúmeras lendas, muitas vezes bastante confusas, mas, durante minhas pesquisas no Oriente só encontrei uma ave sagrada, o pato. Numa

tabuinha de pedra também descobri filhos de Mu que emigravam, representados sob a forma de patos nadando no mar. Temos também o deus egípcio Seb, coroado por um pato. No *Livro dos Mortos* Seb é mencionado como sendo o pai dos deuses, e o pato que pôs o ovo do qual saíram a terra e o homem. Seb desempenha um papel importante numa lenda intitulada "A destruição da humanidade por parte de Ra". E indispensável que, para os egípcios, Seb representava o Criador.

Encontrei nas tabuinhas de Niven inúmeros pássaros-símbolos que representam, todos, o Criador. Segundo o que, em outros pontos, pude aprender do símbolo do pássaro, inclino-me a crer que numa das regiões da Mãe-pátria escolheu-se o pássaro, para representar o Criador, em lugar da serpente.

São estas as únicas tabuinhas que apresentam pássaros simbólicos que descobri, embora os

escritos que fazem alusão a isso não faltem em todos os países antigos.

Grupo 5
A serpente sempre foi o símbolo das águas, sendo a primeira Khan, a serpente sem ornatos.
Pelo menos cinqüenta tabuinhas da coleção de Niven simbolizam passagens do quinto mandamento da Criação, tal como relatam os Escritos Sagrados de Mu. Delas escolhi 16 que me parecem típicas. Como não disponho de espaço para decifrá-las todas, devo contentar-me em dar a tradução de uma só, a de *nº 328.*
Esta tabuinha representa o aparecimento da primeira
forma de vida na terra.

Fig. 1. Khan, a serpente sem ornatos.
Fig. 2. Um ovo cósmico, germe da vida de hoje.
Fig. 3. Gráfico complexo, dividido nas figuras 4 e 5.
Fig. 4. Abismo, buraco profundo, profundezas, etc.
Fig. 5. O Quatro numérico, forma de escrita uighur.

Quinto mandamento da Criação: "E o Criador disse: "Que as águas tragam vida". Então as flechas do Sol se encontraram com as flechas da Terra no lado das águas e, com as partículas de lama, formaram os ovos cósmicos. Destes ovos a vida surgiu sob a ordem.
Vê-se apenas um ovo nesta tabuinha, o qual se acha colocado na parte externa das curvas da serpente, de maneira que neste gráfico a serpente aparece no ato de pôr um ovo. Como é o único

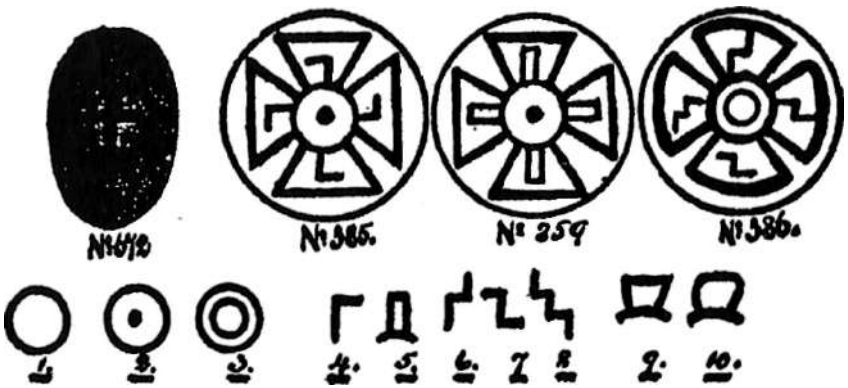
ovo, é também o primeiro. Conseqüentemente, a primeira forma de vida apareceu nas águas. Nos Escritos Sagrados a serpente possui um ninho de ovos no interior de sua curva, indicando assim que as diversas formas de vida na natureza apareceram ao mesmo tempo.

Sob a serpente que está a pôr o ovo, temos o gráfico complexo. O fundo do abismo é o leito do oceano. Ali, acha-se depositado o lodo do qual se formará o ovo. O símbolo numérico 4 representa as Quatro Grandes Forças Primárias, executoras das ordens do Criador.

A tabuinha deve então ser lida assim: "O Criador ordenou às Quatro Forças Sagradas: "Que as águas engendrem a vida". As Quatro agiram e do lodo formou-se um ovo cósmico, do lodo — leito das águas — de onde saiu a primeira forma de vida da terra, segundo a ordem".

Esta tabuinha, por si, basta para demonstrar que esses antigos mexicanos tiravam sua ciência dos Escritos Sagrados de Mu!

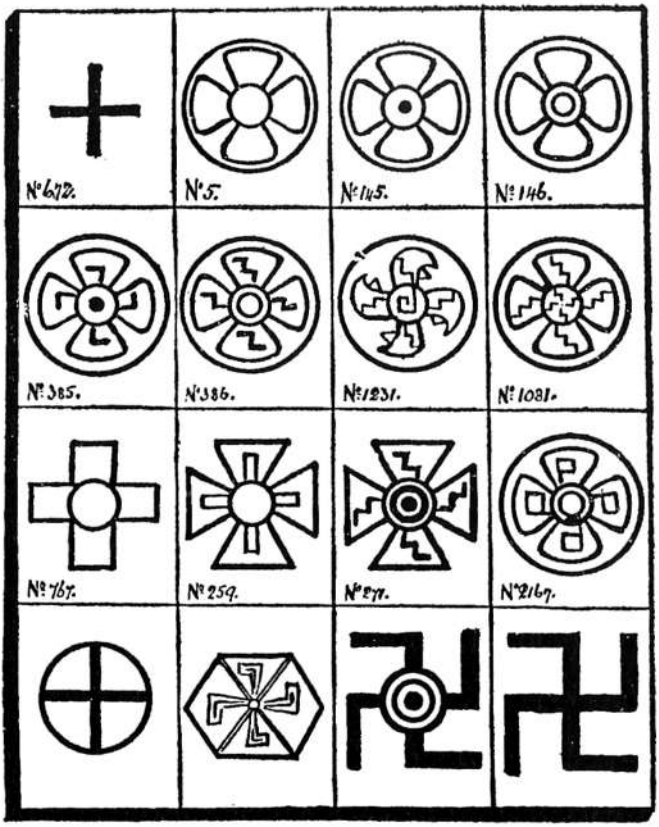
Tabuinhas



Grupo 6.

Grupo 6

1. O círculo que envolve a cruz: o Universo
2. Símbolo coletivo Naga do Sol, como Ra.
3. Símbolo coletivo Uighur, representando tanto o Sol como Ra.
4. Figura que significa: o construtor.
5. Figura que significa: o pilar.
6. Figura que significa: o geômetra.
7. Figura que significa: o arquiteto.
8. Figura que significa: o rei (degraus do trono).
9. Figura que significa: os céus (triângulo).
10. Figura significando: Acabado.



Grupo 6.

1. 2. 3.

Antigos símbolos das Quatro Forças

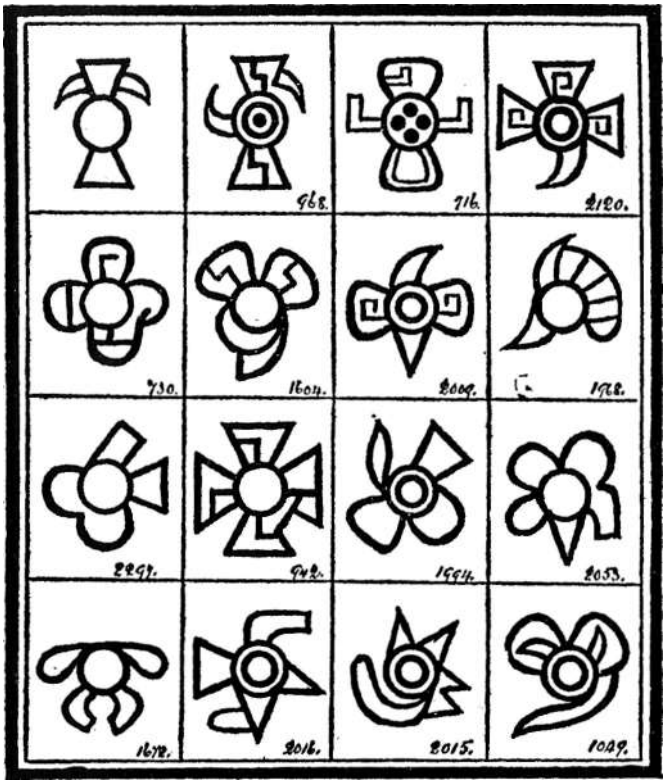
As Quatro Forças Sagradas (fig. 1.)

A força (fig. 2.)

Estabelecido (fig. 3.)

Grupo 7

Cada uma destas tabuinhas mostra as funções das Quatro Forças.



Grupo 7

Grupo de tabuinhas que mostram as funções das Quatro Grandes Forças Primárias.

CAPÍTULO X

AMÉRICA DO SUL-PERU-BRASIL

No decorrer das minhas primeiras pesquisas sobre nosso passado pré-histórico, a América do Sul foi o lugar que mais me intrigou no mundo inteiro. Esse imenso continente que havia estado praticamente vizinho da Mãe-pátria nada me informava sobre a

primeira civilização da Terra ao passo que regiões vizinhas, como a América Central e América do Norte estavam repletas de recordações! Parecia-me inconcebível que não se pudesse encontrar algum vestígio na América do Sul, uma vez que os arquivos orientais e polinésios nos informavam que os filhos da Mãe-pátria haviam navegado pelo mundo todo a bordo de seus navios. Eles não podiam ter deixado de ir até a América do Sul, tão próxima de Mu, e parecia-me impossível que não tivessem deixado algum vestígio.

E, no entanto, esse vasto continente parecia desafiar-me, como uma peça de um quebra-cabeças que não encontra seu lugar.

Finalmente, durante a minha última viagem ao Tibete, descobri em um mosteiro grandes tabuinhas que, ao serem examinadas, provaram ser mapas de várias partes do mundo. Encontrei um que parecia ser a América do Sul. Sua data estava indicada pela posição das estrelas nas constelações. Os astrônomos me informaram que essas estrelas ocupavam essas posições há 25.000 anos. Essa carta fornece-me a chave explicativa dos enigmas. A América do Sul, embora seja indiscutivelmente um dos mais ricos domínios arqueológicos do mundo, esperava ainda o primeiro golpe de picareta dos cientistas.

De acordo com esse mapa, duas grandes correntes de colonizadores atravessaram, há 25.000 anos, o centro do continente por meio de *barcos.* Iam da Mãe-pátria no Pacífico até a Atlântida e ainda mais distante, até o Mediterrâneo e Ásia Menor!

Nenhum cientista, nenhum arqueólogo, havia feito até então um confronto entre a América do Sul e uma civilização antiga, e, no entanto, ela havia existido antes da destruição da Mãe-pátria, dezenas de milhares de anos antes que esses grotescos homens-gorilas da Europa deixassem retirar suas ossadas para mistificar os cientistas modernos.

Antes de nos aprofundarmos na pré-história, vou inverter a ordem natural das coisas e passar em revista o que foi escrito sobre a história antiga da América do Sul. As obras mais importantes referem-se aos incas do Peru. Como iremos ver, sua civilização nada tem de pré-histórica.

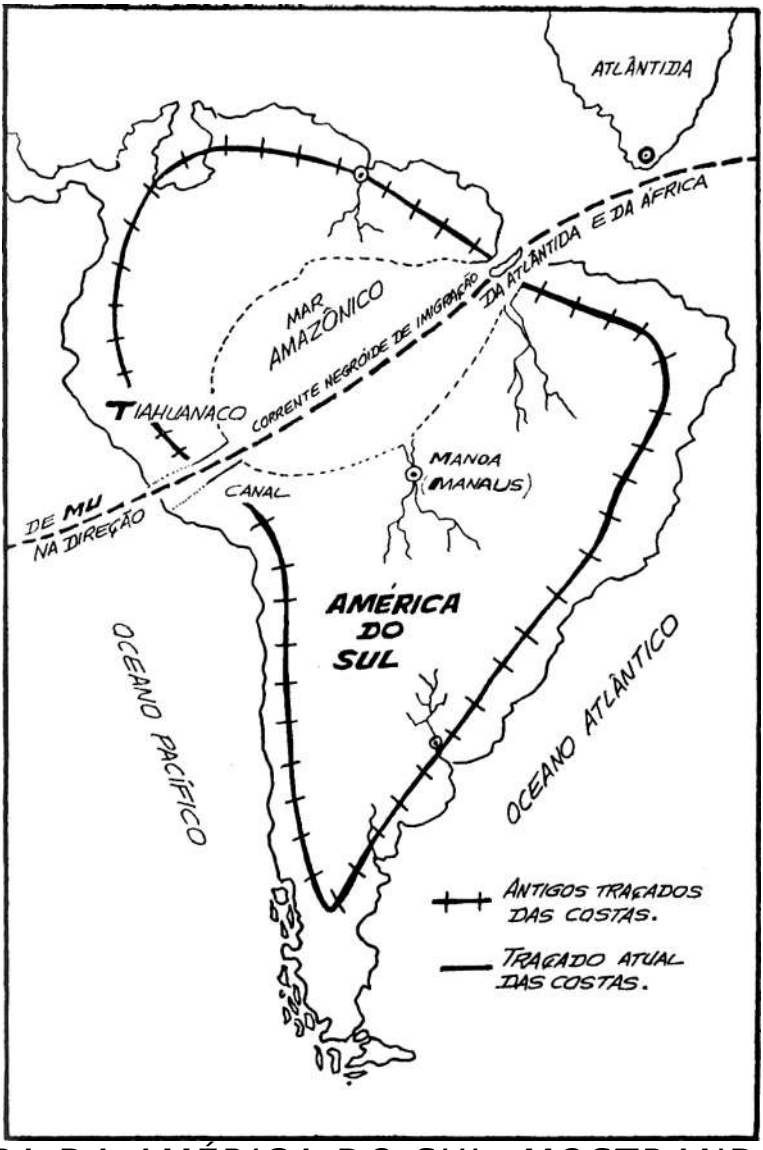
A palavra *inca* era o nome do rei deles, o qual era chamado de "o inca". Era um povo de raças misturadas. Havia entre eles quíchuas da América Central, vindos da Guatemala para se estabelecer no Peru com os atuais habitantes do país, os Aimaras. Essa imigração foi feita de modo pacífico. O Império inca não é pré-histórico, mas foi formado por um povo altamente civilizado que viveu desconhecido e isolado do mundo exterior, até quando foram descobertos há quatrocentos anos pelos espanhóis, que aniquilaram aquela civilização. O império inca foi fundado por volta de 1.000 ou 1.200 e destruído por ocasião da conquista espanhola em 1.532; durou, portanto, no máximo 500 anos.

Trinta imperadores ou "incas" formaram a dinastia. O fundador chamava-se Manco Capac. A tradição reza que ele desposou sua irmã, segundo a lei, a fim de não macular o sangue real, como era

praticado no Egito e entre os maias. Vários mitos cercam o nascimento de Manco Capac. Segundo um deles, ele teria nascido do Sol, astro que possuía uma família numerosa e interessante no Peru. Um outro mito afirma que sua mãe era uma mãe solteira da alta nobreza. Achando-se grávida, teria ido viver em uma das ilhas do lago Titicaca para esconder sua vergonha até que seu filho atingisse a idade adulta. Ela teria voltado depois com o mesmo e o teria apresentado ao povo dizendo que ele era de concepção divina, enviado para ser o monarca. O povo teria acreditado e a seguir eleito Inca seu filho...

No Museu Britânico de Londres existe um manuscrito peruano inédito, escrito nos princípios de 1631 por um jesuíta chamado Anello Alivo, declarando que os ancestrais de Manco Capac, que fundaram a dinastia inca, eram colonos da América Central chamados quíchuas. A língua dos indígenas do Peru é chamada atualmente de quíchua, do ramo quíchua dos maias.

Manco Capac era evidentemente descendente de um príncipe da família real da Mãe-pátria, o império do Sol, porque assim que subiu ao trono, adotou o título de "Filho do Sol", razão da existência do mito segundo o qual o astro solar era seu pai.



MAPA DA AMÉRICA DO SUL, MOSTRANDO O ANTIGO MAR AMAZÔNICO E OS CANAIS QUE O LIGAVAM AO OCEANO PACÍFICO. ESTE MAPA FOI ENCONTRADO NUMA TABUINHA DESCOBERTA EM UM MOSTEIRO DO TIBETE OCIDENTAL

Os colonos quíchuas da América Central encontraram a civilização dos Aimaras, quando se estabeleceram, tão superior à sua própria que adotaram a mesma, mas conservando o seu idioma, apesar da grande civilização dos incas não ser quíchua mas aimara. Certos autores pretendem que os incas tenham invadido e conquistado o Peru, mas não vejo realmente de onde tiraram essa idéia. As tradições, como os documentos, estabelecem que se trata de uma emigração amistosa, como a dos europeus nos Estados Unidos. Além disso, não existiam incas antes da coroação de Manco Capac; antes dele, havia apenas aimaras e quíchuas. Quando Manco Capac foi coroado e chamado Inca, tanto os aimaras como os quíchuas adotaram esse nome em homenagem ao seu novo rei.

Mas o que há de mais fascinante na história do Peru, não é a história dos incas ou dos aimaras mas sim a de seus antecessores. Há mais de 16 mil anos, florescia uma civilização no Peru, igual à do Iucatã, numa época em que a do Egito dava os primeiros passos. Existia uma grande cidade, cujas ruínas chamam-se hoje Tiahuanaco, às margens do lago Titica-ca, a 3.854 metros de altitude. Porém essa cidade foi construída numa planície quase ao nível do mar. A cordilheira dos Andes formou-se depois; e a cidade foi levantada juntamente com as montanhas. Podemos ver em Tiahuanaco um notável bloco de pedra coberto de figuras simbólicas que decifrei e traduzi em capítulo precedente. As letras são todas maias, e indicam quando foi formado esse bloco de pedra, e

é evidente que ele se encontrava antes à beira-mar, porque está localizado junto ao cais e os restos de um porto marítimo.
Encontramos uma referência a essa civilização em uma tabuinha oriental acompanhada de um mapa, reproduzido mais adiante.
Ao conquistarem o Peru os espanhóis perguntaram aos indígenas quem havia construído as enormes construções de Tiahuanaco. Responderam: "Elas foram feitas antes que o Sol brilhasse no céu", ou seja, antes que o país se tornasse um império colonial. A mesma expressão é utilizada por Valmiki, historiador hindu, a propósito do império Naga: "Antes que o sol se levantasse no horizonte".
Não sou o único a estar convencido de que os edifícios junto ao lago Titicaca foram construídos antes da ereção das montanhas, porque E. B. Enock, o grande geólogo sul-americano, compartilha da mesma hipótese, em sua obra sobre o Peru. Se pudermos julgar pelo que se passa em outras partes do mundo na época da formação das montanhas, é razoável supor que quando os Andes se formaram, toda a população do Peru foi aniquilada, deixando apenas aqui e acolá raros sobreviventes. Esses sobreviventes podem ter-se dirigido ao Amazonas, onde se tornaram selvagens; dessa maneira, é bem possível que os selvagens que povoam as florestas do Amazonas atualmente sejam descendentes dos construtores de Tiahuanaco.
Quando Charles Darwin visitou o Peru em 1835, encontrou em Lima um certo Sr. Gill, engenheiro,

que aventou a hipótese que a esterilidade do país ao redor das ruínas do lago Titicaca era devida aos cursos d'água artificiais (ou canais) feitos pelos incas para drenar as águas da superfície. Não foram os incas que construíram esses canais, porque eles já existiam há 16 mil ou 18 mil anos antes da época dos incas. Eles já estavam em ruínas quando os aimaras vieram se instalar no país, bastante tempo antes que se tornassem incas. O estado atual desses canais confirma o fato de eles terem sido construídos antes do levantamento das montanhas, quando o Peru era um país plano. A sua finalidade não era drenar a água, mas sim possibilitar aos barcos passarem de um lado ao outro do continente.

O mapa citado anteriormente teria aproximadamente 20 mil anos, mas ele não apresenta data. Ele mostra pela primeira vez esses canais que ligam o Pacífico a um mar interior que ocupa toda a atual bacia amazônica. Vemos em seu extremo oriental um estreito saindo para o Atlântico. Tiahuanaco está situada próximo ao canal, e vê-se também outras cidades, entre as quais Manoa, o El-Dorado da lenda.

Os peruanos executam rituais que haviam sido considerados como orientais, o que provoca muitos debates entre os cientistas. É fácil compreender que essas cerimônias podem ter duas origens; em primeiro lugar MU, a Mãe-pátria, depois os conquistadores espanhóis que vinham de uma Espanha que acabava de se libertar do jugo dos mouros. Os peruanos atuais conservam muitos de seus antigos costumes. Por exemplo,

antes de beber jogam algumas gotas de líquido sobre a terra, e antes de comer, algumas migalhas são jogadas fora e murmura-se "a Pacha-Mama", reconhecendo dessa forma que tudo que sustenta a vida provém da Terra. Temos aqui uma lembrança da Mãe-pátria, porque *Mama* provém diretamente do idioma de Mu, significando essa palavra, *terra.*

Uma lenda peruana narra que existia antigamente um império em volta do lago Titicacá, cujo povo pertencia a uma raça chamada Chanca, proveniente do centro da América do Sul há cerca de 2.000 anos. Esse império estava cercado de montanhas e a sua capital chamava-se Manoa (a Cidade de Ouro). Ao que parece, o império Chanca foi conquistado pelos Incas. Encontramos essa lenda no Brasil.

Durante minha permanência na América Central tomei conhecimento de várias tradições, afirmando que os Caras haviam saído do país para se estabelecer mais ao sul, às margens de um grande rio, há cerca de 16 mil anos. Vejamos um pouco o que nos dizem os exploradores e viajantes que visitaram a América do Sul.

Leonard V. Dalton, em sua obra "Venezuela" conta: "Encontramos numerosos vestígios dos Caras nas montanhas e nas florestas, ao longo da fronteira entre a Venezuela e a Colômbia. Na Guiana e nas margens do Orenoco, muitas rochas trazem inscrições que remontam a tempos muito remotos. Existem ainda descendentes dos Caras na Venezuela, principalmente uma tribo chamada

Godjiros. Cada um de seus povoados é dirigido por um *cacique,* ou chefe".
Por notável coincidência, muitas palavras da língua cara são as mesmas dos idiomas dos índios Pueblos, o que faz supor que as duas raças eram outrora uma única, tanto na América como na Mãe-pátria. "Cacique" é uma palavra encontrada entre os Caras, os Pueblos e outras tribos de índios.
No Brasil, quando apareceram os primeiros homens, a bacia amazônica era um mar parecido com o Mediterrâneo, e nenhuma cadeia de montanhas a separava do oceano Pacífico. Esse mar se transformou em pântano quando submergiu a Atlântida, pois, para preencher a imensa lacuna formada no oceano Atlântico pelo afundamento desse continente, as águas foram drenadas de todos os pontos circundantes, a fim de manter o nível do mar. O mar do Amazonas era pouco profundo, e se escoou inteiramente deixando apenas um imenso pântano, no qual se formaram numerosos cursos d'água que se tornaram afluentes do Amazonas.
Os Caras da América Central tinham uma de suas colônias às margens de um dos rios que desaguava no mar do Amazonas, ao sul. Ainda hoje, uma lenda guatemalteca conta que uma "companhia de Caras saiu da América Central pelo mar das Caraíbas e velejou para o Sul, até as margens de um grande rio; encontraram nesse lugar um belo país e nele se estabeleceram, tornando-se uma grande nação. Construíram uma grande cidade perto de lagos maravilhosos, e

construíram templos de ouro e o nome dessa cidade era Manoa".
Isso se passou há mais de 16 mil anos. Há poucos anos, o coronel Fawcett descobriu no centro do Brasil, há cerca de 2.500 quilômetros para o interior entre as nascentes do Huiga e do Tapajós, as ruínas de uma grande cidade. Essa região do Brasil é praticamente inexplorada e esses dois rios são os principais afluentes da margem direita do Amazonas. O coronel Fawcett referiu-se a uma pequena estátua que traz uma inscrição no peito. Tive oportunidade de vê-la apenas por alguns instantes, mas a inscrição era fácil de ser lida porque estava escrita em cara maia, e não tinha mais de 2.000 anos. Estou convencido que Fawcett descobriu as ruínas de Manoa.
Dois amigos meus também exploraram a região e disseram-me haver encontrado numerosos vestígios, e as ruínas de uma antiga ponte chamada Tia Chanca, da qual de 150 a 200 metros permanecem intactos; a mesma ergue-se a 100 metros do solo.
A lenda peruana narra: "Os Chancas vieram do Peru, de um poderoso império oculto em meio às montanhas, no centro da América do Sul, cuja capital se chamava Manoa, a Cidade de Ouro. O rei desse país tinha dois filhos e quando ele morreu, os mesmos brigaram disputando o trono. Houve uma guerra civil, um dos irmãos levou vantagem de início, sendo vencido pelo outro. Por fim, o mais jovem repele o mais velho e os seus partidários que se achavam nas florestas. Nela, os vencidos construíram barcos e desceram o rio que

atravessava a floresta. Ao saírem do afluente, subiram o grande rio, e depois de muitas privações chegaram ao lago Titicaca, onde se instalaram. Prosperaram e tornaram-se uma grande nação, e se chamavam Chancas".

Os Chancas foram vencidos pelos incas e seu país foi incorporado ao império inca. A tradição indica o tempo que se escoou entre a sua chegada às margens do Titicaca e a sua conquista pelos incas, mas como esse tempo é calculado em gerações e que o número de anos que dura uma geração não é dado, é difícil fazer-se uma idéia exata da duração daquele império, mas foi sem dúvida um milênio.

Encontramos também ruínas pré-históricas nas margens do rio da Prata, na Argentina. Há alguns anos, foi descoberta entre essas ruínas uma tabuinha trazendo uma inscrição exatamente idêntica a um outro texto descoberto na Mongólia.

Temos assim três confirmações da lenda existente na América Central. Não há fumaça sem fogo, e não existe lenda sem um fato real que dê origem à mesma.

Dessa forma, por mais estranho que possa parecer atualmente, é indiscutível que em tempos muito remotos a América do Sul desempenhou um papel importante no povoamento da terra, porque ela serviu de passagem para duas grandes correntes de colonizadores partindo da Mãe-pátria em direção ao leste. A topografia da América do Sul é bem diferente hoje em dia do que era há cerca de 20 mil anos, quando os Carianos ou Karianos, e os emigrantes negróides deixaram a Mãe-pátria para

encontrar algures um maior espaço vital. É impossível saber a data exata do início desse êxodo, mas possuímos vestígios dessa emigração que remontam há cerca de 35 mil anos, e outros até 75 mil anos. A América do Sul era, nessa época, assim como o resto do mundo, um país plano, sem montanhas, porque há 15 mil anos apenas nenhuma montanha havia ainda se formado para proteger o homem dos cataclismos e dos maremotos.

Como vimos anteriormente, toda a bacia amazônica era um mar semelhante ao Mediterrâneo de hoje e ainda maior. Estava ligada por um estreito ao oceano Atlântico no este, e por canais ao Pacífico, no oeste. Esses canais permaneceram intactos até ao levantamento das/montanhas. Havia, portanto, uma via marítima ininterrupta entre a Mãe-pátria e a Ásia Menor, passando pela Atlântida e a África Ocidental. Os vestígios desse mar amazônico são visíveis ainda hoje; ao norte, essas vagas vinham-se quebrar ao pé das colinas da Venezuela, onde encontramos blocos maravilhosos de quartzo branco, e ao sul ao longo das montanhas Pan Alto. Era limitada no oeste, pelos primeiros contrafortes dos Andes.

Descobri a existência desse mar amazônico graças aos mapas encontrados nessas tabuinhas num mosteiro do Tibete. A sua data é indicada pela posição das estrelas.

Além do estreito pelo qual esse mar desaguava no Atlântico, podemos ver uma faixa de terra, mas ela não apresenta nenhum nome. Suponho que se tratava da Atlântida.

Algumas cidades estão assinaladas, algumas com o respectivo nome, e outras sem nome. Uma dessas últimas está situada bem próxima aos canais, nas ruínas de Tiahuanaco. Encontramos uma outra no litoral sudeste, com um nome que significa "Cidade das Jóias". A terceira cidade acha-se situada ao sul do mar, mais para o interior, e denomina-se "Cidade do Ouro", sem dúvida alguma a legendária Manoa. Existe uma quarta cidade mais ao sul, às margens do Atlântico, no local aproximado da embocadura do Rio da Prata, e uma quinta bem ao norte, provavelmente na Venezuela atual. Não traz nenhum nome. As inscrições descobertas nestes diversos lugares nos informam que essas cidades foram construídas pelos Carianos, ou Caras.

Os Carianos tinham vindo diretamente da Mãe-pátria e se estabeleceram ao longo do mar amazônico; ao sul, fundaram o reinado cariano, se bem que tudo leva a crer que eles se chamavam Chancas. Não encontrei nenhum vestígio que me informasse se esses canais foram construídos antes ou depois da fundação desse império, que ainda existia há 1.500 anos.

Ao que tudo indica, após haverem-se estabelecido firmemente nas margens do mar amazônico, os Caras ou Carianos, se deslocaram mais para o leste e foram construir cidades ao longo das costas orientais da América Central e da América do Sul. As tabuinhas maias informam que eles já estavam estabelecidos na América Central na época da rainha Moo que viveu, segundo o manuscrito Troano, há 16 mil anos. Existem ainda

descendentes dos Carianos nesses países, mas são de sangue misto e geralmente degenerados. Foram os carianos que deram o seu nome ao mar das Caraíbas.

Eles se instalaram a seguir na Atlântida, e de lá passaram para o Mediterrâneo, indo se estabelecer na Ásia Menor e no extremo sul da península balcânica. Nesse lugar, ao que parece, eles se dividiram em tribos mais ou menos autônomas, e adotaram o nome dos territórios ocupados. Uma dessas tribos adotou o nome de atenienses. As antigas tabuinhas egípcias nos informam que uma das capitais dos atenienses, a *antiga* Atenas, foi destruída por um tremor de terra e submergiu há 11.500 anos, quase na mesma época do afundamento da Atlântida. Os egípcios nos informam também que essa antiga Atenas havia sido construída há 17.000 anos. Após a destruição dessa primeira Atenas, não ouvimos mais falar nos carianos até o ano de 1.104 antes de Cristo (época da primeira olimpíada), mas sabemos que os gregos são seus descendentes. Alguns filósofos antigos se jactam de ser descendentes dos carianos, e Heródoto afirmava ser cariano.

Após acompanhar os carianos até o seu último reduto, vou agora voltar à América do Sul, para ver se os vestígios encontrados vêm em apoio de minha hipótese.

Sobre um dos picos da cordilheira dos Andes, a 3.850 metros de altitude, às margens do lago Titicaca podemos ser as ruínas de uma cidade pré-histórica chamada Tiahuanaco, no *local exato*

indicado no mapa tibetano. Existem entre essas ruínas um bloco de pedra extraordinário chamado pelos arqueólogos uma das "maravilhas do mundo". Está inteiramente recoberto de inscrições, a maioria delas em cara-maia. Essa pedra, que já descrevi e traduzi anteriormente tem cerca de 16 mil anos.

Próximo às ruínas dessa cidade podemos ver os vestígios dos antigos canais, o que vem confirmar mais uma vez o mapa tibetano. Esses canais deixariam assombrados todos que os viram, e muitas hipóteses foram aventadas, para saber quem os construiu, e para que finalidade. Estão atualmente tortos, semidestruídos, não têm mais continuidade e ondulam como as ondas do mar.

A oeste das ruínas dessa cidade e dos canais podemos encontrar numerosas conchas do mar indicando que esses lugares estavam submersos na época em que as montanhas se formaram. Isso prova ainda que a cidade e os canais estavam ao nível do mar.

Em Mato Grosso, que fazia parte do império cariano, existe um rio cujo nome se escreve Xingu, mas se pronuncia Chingou. Essa pronúncia parece-me uma recordação da Mãe--pátria. No alfabeto de Mu, existe um ideograma que é muito parecido com nossa letra X. Ele é formado pelo cruzamento de duas letras hieráticas N (Fig. 1) do alfabeto da Mãe-pátria (Fig. 2). Trata-se de um ditongo que se pronuncia Ch.

No idioma hindu atual, todas as palavras que começam por Si, ou Ci são pronunciadas Chi, dessa forma, Civa torna-se Chiva.

Os selvagens de pele morena que vivem atualmente em Mato Grosso chamam todos os brancos de "Caraíbas". Esse nome provém com certeza de Carib, o que demonstra que esses selvagens conheciam a cor da pele dos homens que ocuparam sua terra antes deles.

O declínio e a queda do império cariano da América do Sul foram semelhantes aos de muitos outros impérios antigos. As guerras civis enfraqueceram o país e a população a tal ponto que eles se tornaram uma presa bastante tentadora e bem fácil para as tribos guerreiras vizinhas. Os homens eram aniquilados pelos seus inimigos, e as mulheres mais formosas eram as únicas que escapavam da morte, para se tornarem escravas dos conquistadores.

Descobri no Peru uma antiga lenda chanca: "Os Chancas nem sempre viveram às margens do lago Titicaca. Vieram de um país longínquo situado no centro do continente (o Brasil), de uma grande nação cercada de montanhas. Possuíam uma capital maravilhosa construída às margens de um formoso lago. O nome dessa cidade era Manoa, a Dourada. O rei morreu e deixou dois filhos. Os dois disputaram o trono e a guerra civil durou vários anos. A sorte favoreceu de início um dos irmãos, depois o outro, e isso durou até quando o povo se cansou- Então, o irmão mais moço consegue a vitória por um ato de traição. Caçou o irmão mais velho e seus partidários com suas famílias, floresta a dentro. Nela, o irmão mais velho e seus partidários construíram barcos e desceram o rio até o ponto em que encontraram um grande rio, o

qual subiram até à sua nascente, e após muitas privações chegaram às margens do lago Titicaca. Aí se instalaram, elegeram rei o irmão vencido, se reproduziram e se tornaram um grande povo".
Segundo essa lenda, a grande guerra entre os dois irmãos teria se passado "há trinta gerações". Não sabemos quantos anos abrange uma geração, e seria preciso começar a contá-los a partir de 1.500 anos antes de Cristo.
Para completar a história dos carianos, é preciso que eu fale agora de uma ilha misteriosa, um canto da terra perdido no meio do imenso Pacífico, *a ilha de Páscoa.*
Todos os cientistas que estudaram as grandes estátuas descobertas nesta ilha, e também os indígenas, chegaram a conclusão que os habitantes atuais não são os descendentes do povo que esculpiu essas estátuas, mas são inferiores a eles.
Uma pergunta se impõe agora: qual foi então o povo que esculpiu as estátuas gigantescas da ilha de Páscoa? E o que sucedeu aos mesmos?
Até agora, ninguém encontrou uma resposta. Mas baseando-me no que descobri nas antigas tabuinhas orientais e nos vestígios da ilha de Páscoa e da Ásia Menor, vou apresentar uma hipótese. Em minha opinião, a ilha de Páscoa não passa de um ponto elevado do continente de Mu, a Mãe-pátria do homem. Os canais da América do Sul se encontram colocados em direção da ilha, que era mais de uma. Uma tribo de colonos deixa Mu saindo pelo porto de Páscoa, e emigra para a Ásia Menor; eram os caras. Assim, a região

sudoeste da Mãe-pátria era o país dos caras, e nessa região se achava o ponto elevado que, com o afundamento do continente, se tonou a ilha de Páscoa.

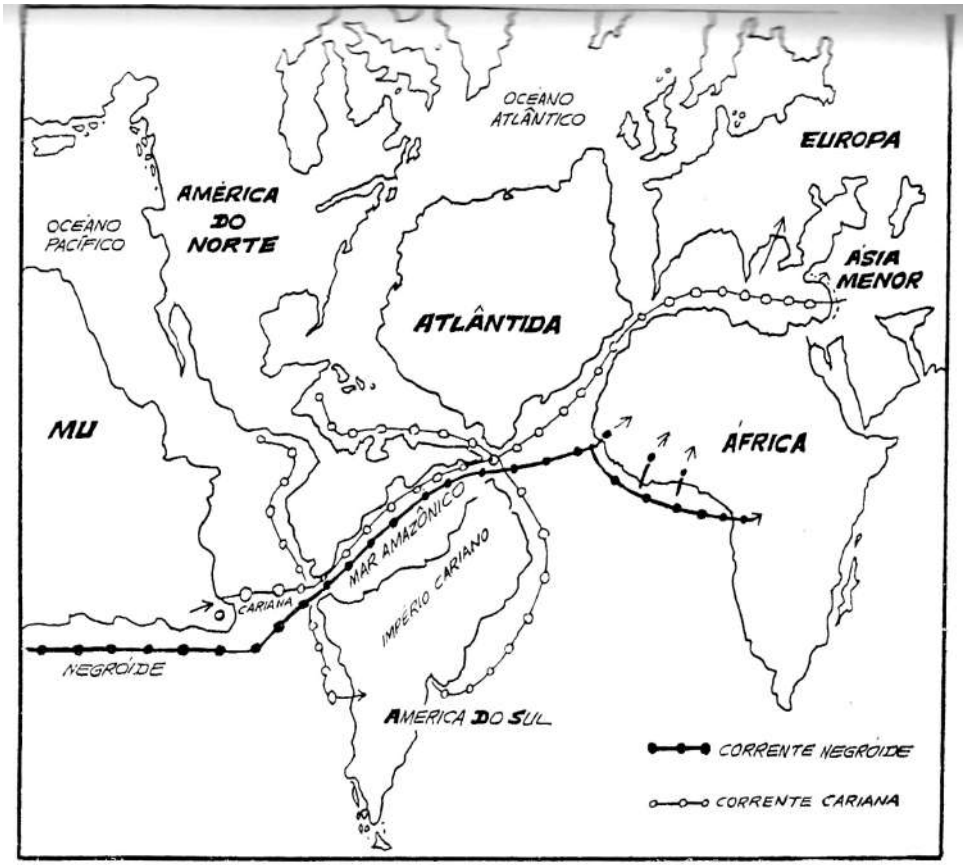
Em uma pedreira dessa ilha, existe atualmente uma estátua inacabada de mais de vinte metros de comprimento. Ela foi esculpida de uma cova feita ao pé de uma falésia. Passemos agora dá ilha de Páscoa para Baalbek, na Ásia Menor. Encontramos lá uma pedra de 1.200 toneladas prestes a ser transportada ao lugar da qual ela se destinava. O meio de extração dessas pedras é comum, e essas duas, devo dizer, é muito estranho, porque em lugar de serem talhadas na rocha e içadas depois para serem esculpidas, as pedras ficavam *em seu lugar original,* em posição horizontal, as estátuas permaneciam deitadas no fundo da pedreira até o seu acabamento! De que maneira os antigos tiravam de uma cova um bloco de pedra de vinte metros? E como levantavam uma pedra de 11.200 toneladas para a transportar a seguir até o cimo de uma colina? Eis algumas perguntas que deixo para os engenheiros responder, pois sou incapaz de solvê-las.

Como acabei de provar, o país de origem dos carianos era a região de Mu onde se encontra atualmente a ilha de Páscoa. Os primeiros habitantes da Ásia Menor eram carianos. Como o provam os dois blocos de pedra que mencionei, extraídos e esculpidos da mesma forma especial, os povos que trabalharam essas pedras eram um só. Pode-se argumentar que o trabalho da ilha de Páscoa é primitivo, ao passo que as construções

de Baalbek são incomparáveis e não foram ainda superadas. Isso é verdade, mas há um intervalo de alguns milênios entre essas duas obras. As estátuas da ilha de Páscoa foram esculpidas antes do levantamento das montanhas, e as construções de Baalbek depois das mesmas estarem formadas.
Ê comum perguntar-se, e ainda se pergunta, o que aconteceu ao povo que esculpiu as estátuas da ilha de Páscoa. Podemos saber apenas que encontramos atualmente um trabalho inacabado que implica uma brusca interrupção desses trabalhos, que não foram jamais reiniciados. Isso faz supor que houve alguma destruição. Uma das tabuinhas da ilha de Páscoa diz que ela fazia parte de um vasto continente. Cheguei à conclusão de que quando da destruição de Mu, enquanto o país sofria abalos sísmicos, maremotos cobriram o promontório de Páscoa e destruíram todos os seus habitantes.
Duas outras perguntas difíceis de responder se me apresentam, para as quais tento achar uma resposta: Como conseguiram os negros chegar à Atlântida e como atingiram a Africa?
Dois fatos se impõem: em primeiro lugar, a Terra toda foi povoada por Mu, a Mãe-pátria. Em segundo, na Mãe-pátria, os negros habitavam a região sudoeste, que é representada atualmente por vários arquipélagos chamados Melanésia, habitados pelos negros, descendentes daqueles que sobreviveram à submersão de Mu. O mapa tibetano responde à pergunta, os indígenas da Melanésia servem de prova.

Devemos antes de tudo estabelecer a diferença entre as duas raças negras típicas da África.
Em primeiro lugar, o etíope tem a pele negra, mas seus traços são gregos e os cabelos lisos. Não é bem um negro, mas um Tamil, que habitava outrora a parte sul da índia chamada Drávida. Ele provém da Mãe-pátria para a índia pelas ilhas da Malásia, e daí para a Africa oriental. As tabuinhas hindus declaram que "grupos de tamils da Índia meridional emigraram para uma grande terra do Oeste. Lá se instalaram e se tornaram uma grande nação".
Temos a seguir o negro puro, de nariz chato, lábios grossos, e cabelos crespos. Seu país de origem, onde se desenvolveu sua pele negra e seus traços grosseiros, era a região sudoeste de Mu, da qual resta a Melanesia (ou ilha dos negros). Seus descendentes habitam atualmente o arquipélago das Bismarck, as ilhas Salomão, as Novas-Hébridas etc., e são os piores selvagens da Oceania.
Uma das características dos primitivos habitantes de Mu, era a de que, quando de suas migrações ou mesmo no caso de longas viagens, escolhiam invariavelmente a via marítima. Como vemos neste mapa, havia uma rota marítima ininterrupta entre a Mãe-pátria, África e Ásia Menor, pelo mar do Amazonas. Os negros e os negroides vindos da região sudoeste de Mu seguiam pelo litoral até o promontório de Páscoa, passavam depois pelos canais da América, o mar do Amazonas, e o extremo meridional da Atlântida. Desse ponto, podiam dirigir--se diretamente ao leste e atingir as costas da África, um pouco ao norte da Nigéria, ou

seguir pelo litoral da Atlântida até as ilhas Canárias, onde ficavam a 70 milhas apenas das costas africanas.



CORRENTE DE COLONIZAÇÃO PARTINDO DE MU, PARA O MAR AMAZÔNICO, EM DIREÇÃO À ÁFRICA, ATLÂNTIDA, MEDITERRÂNEO E ÁSIA MENOR

Em 1878, quando estava nas ilhas Carolinas, os indígenas disseram-me que os "povos que habitavam essas ilhas antes de serem ilhas, possuíam grandes barcos com os quais navegavam pelo mundo inteiro e ficavam com

freqüência, ausentes durante mais de um ano antes de voltarem ao seu país".
O historiador hindu Valmiki escreveu, inspirado pelos antigos arquivos dos templos: "Os primitivos habitantes da Mãe-pátria eram notáveis navegadores que singravam os mares em todas as direções em épocas remotas quando a Índia não passava de uma colônia e não havia ainda se tornado um império". A Índia passou do estado colonial para o de império há 30.000 anos.
Como provam vários documentos, a Atlântida possuía uma população de cor, ao sul do país. Não encontrei nenhum documento indicando que os negros tenham vivido na América Central ou do Norte. Como são encontrados na Atlântida e não na América, uma pergunta se impõe: Como chegaram eles à Atlântida? Mais uma vez o mapa tibetano nos dá a resposta: passaram pelo mar do Amazonas e, portanto, nunca se aproximaram da América Central ou do Norte.
Na África, os negros e os negroides se multiplicaram e prosperaram até a época da formação das montanhas, e a seguir sofreram muito. Os Zulus possuem uma tradição, e afirmam que eles nem sempre viveram na África do Sul. Foram para o sul quando seu país ao norte foi destruído ao se formarem as montanhas. Uma tribo conseguiu escapar e se estabeleceu na África do Sul. Eram os ancestrais dos Zulus.
Mas o que provocou a transformação do mar do Amazonas em pântano? Já respondi a essa pergunta. Suas águas foram drenadas pelo abaixamento do nível do oceano Atlântico, após o

afundamento da Atlântida, o qual provocou de certa forma a formação de um grande vácuo, que devia ser preenchido. Assim, o abaixamento do nível do Atlântico drenou o mar do Amazonas, o vale do Mississipi, e o do São Lourenço, fez emergir a Flórida e ampliou o litoral de ambos os lados do oceano.

CAPÍTULO XI

ATLÂNTIDA

Até pouco tempo, a Atlântida não passava de uma lenda mas as descobertas arqueológicas e as pesquisas dos cientistas fizeram-na surgir do nada; sua história permanece vaga, mas desafia todos os argumentos. Cada dia traz uma nova revelação e ainda recentemente novas descobertas vieram provar que a Atlântida não é um mito. Essa grande ilha continental estava situada no meio do oceano Atlântico e existia há alguns milhares de anos. Foram os trabalhos de Schliemann que provaram de forma indiscutível a existência da Atlântida.
Platão confirmou no ano 400 antes de Cristo as palavras de Sólon: "A Atlântida era o centro de uma civilização que conquistara o mundo todo. Esse continente se estendia além das colunas de Hércules (o estreito de Gibraltar) e era maior que a Líbia e a Ásia Menor juntas; era o ponto de passagem para as outras ilhas e para um continente mais além. O império da Atlântida estendia seu domínio até o Egito e o mar Tirreno.

Essa grande potência atacou o Egito, os gregos e todas as nações limítrofes do Mediterrâneo. Atenas se defendeu valentemente arriscando seus habitantes porque todos os outros gregos a haviam abandonado, ela rechaçou o invasor e, sozinha, devolveu a liberdade a todas as nações protegidas pelas colunas de Hércules. Pouco depois, um grande terremoto submergiu o continente. O fundador da Atlântida foi Poséidon. Foi-lhe dedicado um templo, onde o povo se reunia cada cinco ou seis anos e, oferecendo sacrifícios, jurava obedecer as inscrições sagradas gravadas sobre as colunas do templo".

Em sua *Vida de Sólon,* Platão escreve: "Quando Sólon visitou o Egito (no ano 600 antes de Cristo) um sacerdote de Sais chamado Souchis e um sacerdote de Heliópolis chamado Psenophis lhe revelaram que, 9000 anos antes, as relações entre o Egito e as *Terras do Oeste* tinham sido interrompidas após a destruição da Atlântida e do *outro continente mais além,* submerso no oceano pelos cataclismos".

Sólon esteve no Egito no ano 600 antes de Cristo. A Atlântida havia soçobrado 9.000 anos antes. Estamos quase no ano 2.000. Fazendo o cálculo, 9.000 mais 600, mais 2.000, portanto a Atlântida teria submergido há 11.500 anos; mas vou demonstrar que isso aconteceu muito mais tarde. Descobri em um antigo texto grego, que, na época do desaparecimento da Atlântida, havia naquele continente 3.000 soldados atenienses, provavelmente um exército de ocupação. Um papiro egípcio nos diz que Poséidon foi o primeiro

rei de Atlântida, e que foi sucedido por uma vasta sucessão de Poséidons, formando assim uma dinastia. A coroa de Poséidon apresentava três pontas, o símbolo numérico da Mãe-pátria. Seu cetro era um tridente, indicando mais uma vez a soberania de MU. Há 20 mil anos, o tridente era também o cetro dos uigurs, e mais tarde o dos Kmers do Camboja. O professor Le Plongeon descobriu no Iucatã inscrições declarando que "os primeiros colonos da Atlântida eram maias vindos de Maiax" e que, por outro lado, "a Atlântida foi outrora sacudida por tremores de terra antes de submergir". Assim, o destino da Atlântida foi uma repetição do de Mu.

Henry Schliemann, que descobriu o lugar da cidade de Tróia, relata: "No museu de São Petersburgo, na Rússia, encontra-se um dos papiros mais antigos do mundo. Foi escrito no reinado do faraó Sent, da segunda dinastia, e conta que o faraó Sent enviou uma expedição na direção do oeste à procura de vestígios da Atlântida de onde, 3.350 anos antes, os ancestrais dos egípcios chegaram, trazendo consigo toda a sabedoria de sua terra natal. A expedição retornou ao cabo de cinco anos sem haver encontrado qualquer sinal ou vestígio do antigo povo que pudesse dar indícios sobre o continente desaparecido. Nesse mesmo museu, podemos ver um outro papiro de Manetho, o padre historiador do Egito, que faz alusão ao reino dos Sábios da Atlântida, que teria existido há 13.900 anos. Esse papiro situa o ponto culminante da civilização da

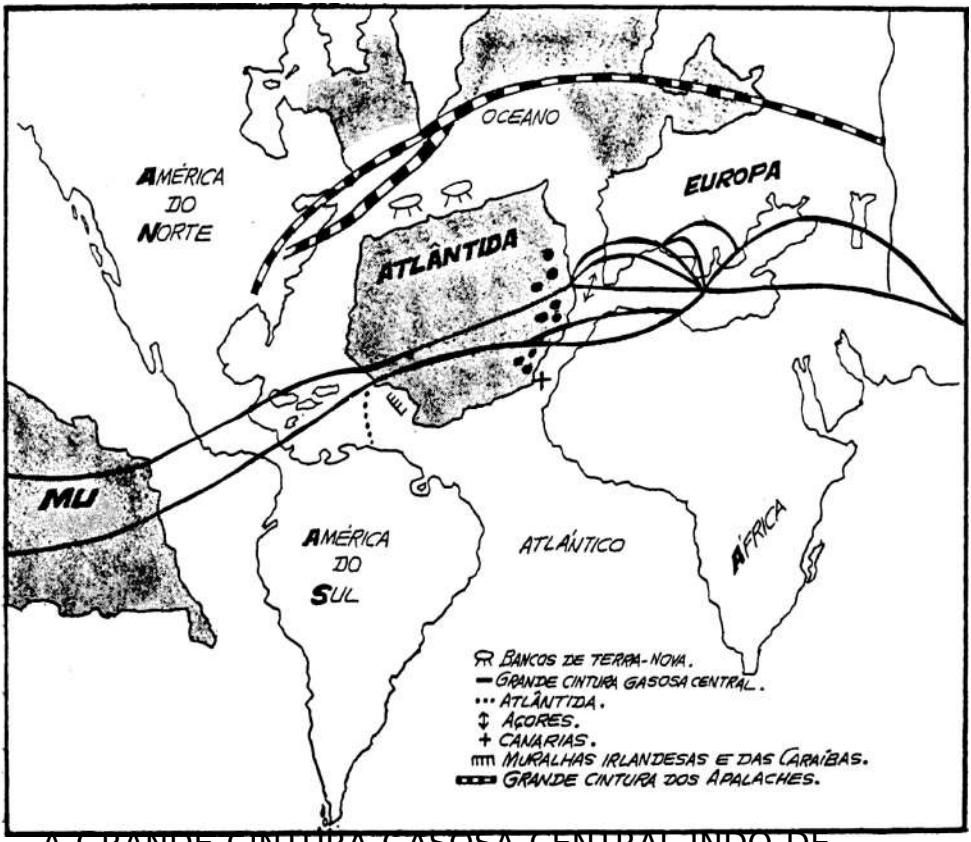
Atlântida na época em que se iniciava a historia egípcia, ou seja, há 16 mil anos.
Os Sábios mencionados por esse papiro eram os reis da Atlântida; eles reinaram durante 13.900 anos. A Atlântida desapareceu há 11.600 anos, portanto, o continente era governado por reis há 25.500 anos.
Segundo o manuscrito Troano, os primeiros colonos que se estabeleceram no delta do Nilo eram maias. Como provinham da Atlântida, isso prova que pelo menos uma parte desse continente era povoado por maias.
Vou agora deixar as citações dos antigos textos gregos, maias ou egípcios relativos à Atlântida para apresentar uma história geológica desse continente que parece-me mais convincente do que todos os documentos.
Para tanto, encaminharei o leitor para um dos vales mais inacessíveis da Ásia Central, nas nascentes do Bramaputrá. No cimo de uma alta montanha acha-se um mosteiro, em cuja biblioteca encontra-se grande número de antiquíssimas tabuinhas de argila. Essas tabuinhas foram classificadas de acordo com o assunto, um deles sendo a geologia e a história, e remontando aos tempos mais remotos, antes que existisse o homem na superfície da terra. Elas apresentam uma história minuciosa da Atlântida e um estranho mapa representando o continente desaparecido e os contornos da terra litorânea do Atlântico, bem diferentes dos atuais. Mencionarei o trecho que me parece mais notável: "A Atlântida não foi sempre uma ilha. Em tempos muito remotos, antes

do aparecimento do homem sobre a terra, quando monstros gigantescos habitavam os continentes e os mares, a Atlântida era ligada à América, Europa e África. Uma grande convulsão vulcânica teve lugar produzindo a separação do continente da América, e formando várias ilhas. Mais tarde, um novo abalo sísmico atinge a outra parte da Atlântida, submerge as terras e forma um mar. A Atlântida torna-se então uma imensa ilha, cercada de água por todos os lados".

Estudemos agora os fenômenos geológicos que provocaram, direta ou indiretamente, o afundamento da Atlântida.

Antes de tudo, o leito do oceano Atlântico é notável. Nele existe um planalto gigantesco submarino eriçado com algumas cadeias de montanhas, chamado a crista do Golfinho. Esse planalto acha-se situado entre os 25 e 50 graus de latitude norte, e os 20 e 50 graus de longitude oeste. Os Açores são os picos de uma dessas cadeias de montanhas submarinas. Em diversos pontos das margens desse planalto existem falésias, com várias centenas de metros de altura, dando a impressão que o teto de uma casa se afundou deixando as paredes intatas. Em outros lugares, as falésias apresentam fortes declives, parecendo que as três paredes de uma casa se afundaram, deixando o teto preso à quarta parede. Encontramos uma dessas falésias a cerca de 600 milhas a oeste e um pouco ao sul da Irlanda. Nesse local, o leito do oceano torna-se subitamente centenas de metros mais profundo. É o que denominei de muralha irlandesa.

Encontramos uma formação análoga próximo ao mar das Caraíbas.
O próprio planalto é praticamente horizontal, mas muito irregular, tendo em certos lugares grande acúmulo de rochas. Isto não pode ter sido absolutamente causado por um levantamento, pois dá mais a impressão de ter havido uma *queda* de massa rochosa.
Portanto, o leito do oceano Atlântico prova que num determinado momento da história da terra, ele foi transformado por fortes abalos sísmicos. Vou agora tentar explicar a causa desses abalos.
No mapa da página seguinte, tracei a localização do grande cinturão gasoso central, que ia de Mu, a Mãe-Pátria até a Ásia Menor. Após passar sob o continente de Mu em duas linhas paralelas, ele atingia o Iucatã e a América Central onde as linhas paralelas se afastam uma da outra. A linha norte passa sob o Atlântico, em direção dos Açores, onde se divide em várias paralelas que passam sob a Espanha e Portugal. A linha sul, saindo das Antilhas, atinge as ilhas Canárias onde se divide para penetrar sob a África pelo Marrocos, onde forma as montanhas de Atlas.



A GRANDE CINTURA GASOSA CENTRAL INDO DE MU ATÉ A ÁSIA MENOR

As duas partes do grande cinturão gasoso central não foram formadas ao mesmo tempo. A linha sul é posterior à Unha norte e ambas não estão à mesma profundidade. A meridional é muito mais profunda nas entranhas da terra, talvez vários quilômetros, o que explica porque, quando submergiu a Atlântida pela primeira vez, ela afundou tão pouco que ficava quase à descoberto durante a maré baixa; os bancos de lama e de algas surgiam sob a água, tornando o Atlântico Norte intransitável para os navios. Esse fato é relatado nos arquivos dos templos egípcios. O

Atlântico só se tornou novamente navegável após a formação do cinturão meridional, que colocou o continente em seu nível atual. Nessa mesma época, um outro cinturão gasoso se formou, passando sob os Montes Apalaches, a Islândia e a Escandinávia para terminar no Ural; ele possui um número sem conta de ramificações. Antes da formação desse cinturão gasoso, a Europa e a América eram ligadas e existia uma faixa de terra chamada pelos geólogos de "caminho para a Europa". Essa terra ficou depois submersa.

A submersão da Atlântida e do "caminho terrestre" afetou as costas da América Oriental, da Europa Ocidental e da África, devido ao abaixamento do nível das águas do Atlântico que se precipitaram para preencher a lacuna deixada pelo desaparecimento do continente. Foi assim que o mar amazônico se transformou em pântano, que o vale do Mississipi secou juntamente com o vale do São Lourenço, bem como a Flórida surgiu.

A geologia confirma minhas afirmações, digamos, em sentido oposto. A infeliz geologia foi sempre acusada de colocar o carro adiante dos bois.

A geologia se refere à "elevação das costas da América do Norte durante uma era da história da Terra e esse mesmo fenômeno pode ser verificado na costa ocidental da África". Os geólogos, ao que parece, basearam sua hipótese "nas inúmeras praias marítimas que podemos encontrar no interior do continente, na América oriental, e que eles denominaram as praias "Champlain". Encontramos fenômenos semelhantes na Europa. O período geológico chamado Champlain fez parte

do pleistoceno; isto é, foi durante o pleistoceno que se formaram os cinturões gasosos, que surgiram as montanhas e que tiveram lugar os grandes afundamentos de terras, enquanto outras terras surgiam onde as águas eram menos profundas. Mas quando os geólogos afirmam que a existência dessas praias "Champlain" é devida à elevação do terreno, eles se enganam. A sua posição atual é devida a dois fatores: em primeiro lugar, pelo abaixamento do nível dos oceanos e, em segundo, pelos abalos vulcânicos que abalaram a terra durante a formação dos cinturões gasosos.

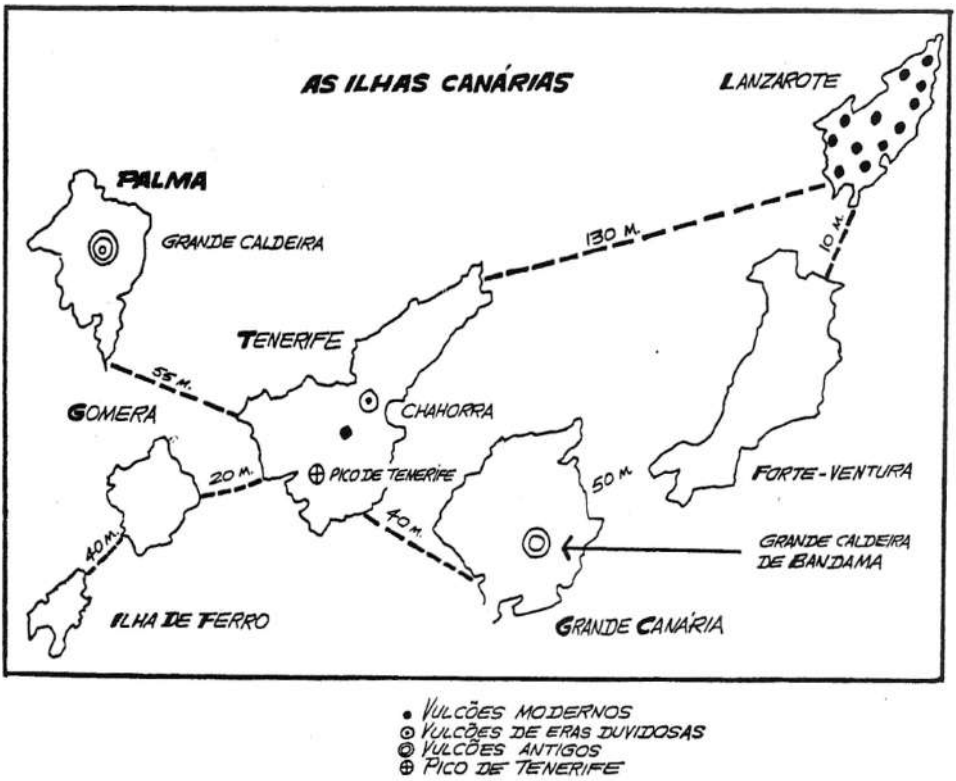
As ilhas Canárias encontram-se exatamente em cima da ramificação meridional do grande cinturão gasoso central, ao largo do extremo nordeste da África, numa distância de cerca de 200 quilômetros, exatamente no ponto em que o cinturão penetra sob a África, no Marrocos.

Do ponto de vista vulcânico, essas ilhas são extremamente interessantes porque possuem numerosas crateras, antigas e modernas. Quando digo "antigas", refiro-me àquelas que existiam antes da formação dos cinturões gasosos. Algumas dessas crateras antigas são anteriores ao afundamento da Atlântida O vulcão mais conhecido é o pico de Tenerife, cuja cratera coroada de neve se ergue a 3.710 metros de altura. Mas para mim as ilhas mais interessantes são a Grande Canária e Palma.

O pico de Tenerife é um vulcão moderno, formado pelo cinturão gasoso. Uma das crateras dessa ilha, a Chahorra, é duvidosa, e apresenta

características tanto antigas como modernas. Não encontrei nenhum texto falando sobre sua erupção. A ilha de Palma acha-se a cerca de 100 quilômetros ao nordeste de Tenerife. A cratera dessa ilha é chamada a "Grande Caldera" e é indiscutivelmente antiga, sem a mínima relação com os cinturões gasosos. É a maior cratera que conheço e seu diâmetro excede tudo o que se pode encontrar na Oceania. O antigo Kilauca, o monstro das ilhas Hawai, tem um diâmetro de 4.828 quilômetros, ao passo que a Grande Caldera possui quase oito quilômetros e uma profundidade de dois quilômetros. Um exame atento de seus lados internos mostra que ele não era tão profundo e tudo leva a crer que essa diferença de profundidade não é devida a um fenômeno súbito, mas se produziu aos poucos. Na minha opinião, trata-se de uma cratera muito antiga que contribuiu para esvaziar o gás que se encontrava sob a Atlântida, e submergir o continente; a ilha de Palma fazia outrora parte da Atlântida.

Os indígenas de Palma possuem uma lenda, a respeito da Grande Caldera e do pico de Tenerife, que indicam que a ilha de Palma fazia outrora parte da Atlântida: "O pico de Tenerife foi simplesmente lançado ao ar pela Grande Caldera, apesar dela". Não é preciso ser sábio para adivinhar a origem desse mito, e seu motivo.



Durante as terríveis convulsões vulcânicas que acompanharam a formação dos cinturões gasosos que passam sob essas ilhas, a terra que forma hoje o pico de Tenerife encontrava-se situada exatamente em cima do cinturão em formação. Era um ponto de menor resistência. O pico de Tenerife foi dessa forma constituído e com uma abertura, que permitia o escape dos gases.

A Grande Caldera, que se encontra a cerca de 100 quilômetros desse lugar, e sem nenhuma comunicação com o cinturão gasoso, permanece inativa. A oitenta quilômetros ao sudoeste de Tenerife, na Grande Canária, existe uma outra

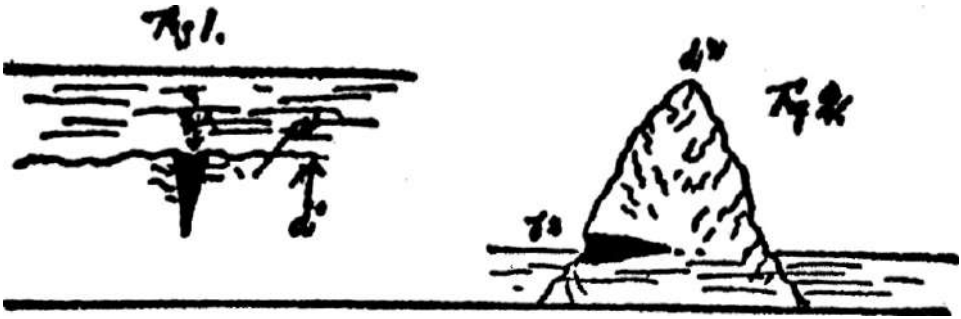
cratera antiga, relativamente pequena, pois não tem mais de 1.600 metros de diâmetro. É chamada a Grande Caldera de Bandama. Todas as outras crateras das Canárias são modernas, todas provocadas pelo cinturão gasoso.

Ao nordeste, os Açores estão situados bem em frente a Portugal, e o ramo norte do grande cinturão gasoso central passa por baixo dessas ilhas. Foi o mesmo que as fez surgir do oceano. Elas constituem os picos de uma cadeia de montanhas submarinas que ficaram ao nível do mar, na ocasião em que a Atlântida afundou pela primeira vez após a explosão do cinturão gasoso que a sustinha. Ao se formar, o cinturão gasoso eleva as montanhas, cujos picos emergem da água. Uma única coisa permite estabelecer uma relação com a Atlântida: a gruta Furna de Furnao Forge. Essa caverna é o vestígio de uma grande cratera que mudou de posição. Na minha opinião, eis o que se passou: tal cratera era uma das muitas que serviam para escape dos gases que sustentavam a Atlântida. Quando afundou o cinturão gasoso, as terras caíram verticalmente e a cratera manteve mais ou menos sua posição (fig. 1). A seguir, ao se formar o cinturão gasoso, os gases encontraram uma saída de menor resistência em d^1.

A crosta terrestre foi então elevada e tomou a posição d^2, fazendo passar a cratera b^1 (fig. 1) da posição vertical para a horizontal b^2 (fig. 2). Nessa posição, ela tornou-se uma caverna no flanco da montanha.

Não posso dar aqui a não ser um breve resumo do que se passou nesses tempos remotos, mas

parece-me haver demonstrado que a geologia prova a existência anterior da Atlântida.



CAPÍTULO XII

A Idade da Civilização de MU

Afirmei que a civilização de Mu já existia há mais de 50 mil anos. Vejamos agora as provas sobre as quais me baseio para determinar essa época.

Le Plongeon descobriu no centro do mausoléu de Cay, sumo sacerdote e filho primogênito do rei Can, em Chichen Itza, no Iucatã, a escultura de uma serpente com doze cabeças, que traz uma inscrição dizendo que essa serpente era o símbolo das doze dinastias maias que governaram Mayax antes da dinastia Can, cujos reinados somados abrangem um período de 18 mil anos.

O último rei Can viveu há 16.000 anos, como é provado pelo Manuscrito Troano. Somando 16.000 a 18.000, descobriremos que os reis governaram em Mayax há 34.000 anos.

Não sabemos a duração da dinastia Can. Mas ela teve pelo menos seis reis, e pode ter tido doze ou mais, se bem que o tempo aproximado de 35.000 anos pode ser um tanto antecipado como sendo a época em que reinou o primeiro rei de Mayax.

Mayax era um dos impérios coloniais de Mu, tendo começado como simples colônia. Para chegar a esse ponto era preciso tempo, portanto é evidente que a civilização de Mu teve início há mais de 35 mil anos.

Essas doze dinastias de reis governando durante 18 mil anos são confirmadas no livro chinês *Tchi.*

O Japão também possui documentos indicando que doze dinastias de reis reinaram há 18 mil anos, e uma antiga tabuinha hindu faz menção de doze dinastias de reis cujos reinados abrangeram 18 mil anos; o mesmo fato é mencionado em um manuscrito hindu.

Além desses documentos temos numerosas lendas, tanto na Índia como na China, que falam dessas doze dinastias cujos reinos abrangeram 18 mil anos.

Nenhum desses documentos, nenhuma dessas lendas, com exceção da inscrição de Chichen Itza, dá a menor idéia do lugar onde reinaram esses reis.

Maneto, sacerdote historiador egípcio, escreve num de seus papiros: "O reino dos sábios da Atlântida durou 13.900 anos".

A Atlântida foi submergida há 11.500 anos. Somando agora 11.500 com 13.900 verificamos que a Atlântida foi governada por reis há 25.000 anos. O primeiro rei da Atlântida subiu ao trono há

25.400 anos, e o primeiro rei maia há 34.000 anos. Há um intervalo de 8.600 anos entre os dois. Calculando-se que o mesmo espaço de tempo se escoou entre o primeiro imperador de Mu e o primeiro rei de Mayax, podemos calcular de modo aproximado que Mu teve o seu período áureo há 50.000 anos ou mais.

O mundo científico julgará sem dúvida que tudo isso não passa de hipótese, mas recorreremos à geologia.

Quando se elevaram as montanhas que sucederam ao grande cataclismo magnético? Se dermos crédito aos mitos da geologia, podemos fixar essa data há centenas de milhares de anos de nós, por certo até milhões de anos.

Pois bem, vou provar que existiram *sete* civilizações *antes* da criação das montanhas, algumas delas há muitos milhares de anos antes que a primeira montanha aparecesse na superfície do globo. Então, se cremos na geologia, essas civilizações originárias de Mu localizam sua civilização há muitos milhares de anos. Mas isso não é verdade e, como sempre, a geologia se engana.

Em Esmirna, na Turquia, a 150 metros acima do nível do mar, podemos ver os vestígios de três civilizações pré-históricas, uma sob a outra, recobertas, cada uma, por camadas sedimentares de rochas, saibro e pedregulho. Esses vestígios não são horizontais, mas estão inclinados em um ângulo de 45 graus.

Sem essa inclinação, que segue a da montanha, os cientistas poderiam afirmar que essas cidades pré-

históricas tinham sido construídas no alto da colina. Mas a inclinação prova, sem a menor dúvida, que essas civilizações existiram antes da criação da montanha. Qual é a idade dessas civilizações? Deixo ao mundo científico a tarefa de responder, bem como a de determinar a idade das montanhas da Ásia Menor.

A 48 quilômetros ao norte de México, Niven descobriu três civilizações, soterradas como as outras e separadas por camadas de rochas, de saibro e de pedregulho. Essas cidades estão a mais de 300 metros acima do nível do mar e estão separadas por montanhas cujos picos atingem de 3 a 5.000 metros de altura. Encontrei as mesmas pedras compondo essas camadas numa formação rochosa da costa ocidental do México, e a fonte dessas rochas está a uma altitude de mais ou menos 2.000 metros.

Será que nos tempos muito antigos o oceano podia ter vagas de 2.000 metros de altura, enquanto as multidões iam e vinham nas ruas dessas cidades, para carregar as rochas do ponto inicial até o seu destino? Ou será que o México arranjou uma geleira para essa época, a fim de que suas pedras pudessem ser postas no lugar onde se encontram atualmente?

É claro que nada disso aconteceu no México. Essas cidades, muito simplesmente, foram construídas antes da formação das montanhas e, como provam as tabuinhas que encontrei e decifrei, elas eram colônias de Mu.

Geologicamente, a cidade mais profundamente soterrada remonta à era terciária e ela existiu há

mais de 50.000 anos, na época em que era uma colônia de Mu. Encontraremos mais adiante detalhes sobre essa descoberta arqueológica.
O último exemplo é Tiahuanaco, às margens do lago Titicaca nos Andes. Encontramos provas irrefutáveis nessa antiga cidade e em seus arredores que indicam que ela foi um porto e que a terra sobre a qual se encontram seus vestígios estava, outrora, às margens do mar. Hoje em dia, essas ruínas se acham a 3.854 metros de altitude.
Tais fatos são provas cabais que a civilização de Mu remonta há mais de 50 mil anos.

CAPÍTULO XIII

A História Geológica de MU

Será muito interessante agora saber a história geológica de Mu e conhecer a causa científica de sua destruição.
Já expliquei antes que as fundações subterrâneas desse vasto continente eram percorridas por gases vulcânicos. O granito (a rocha primária na formação da crosta terrestre) parece ter ficado cheia de cavidades com gases vulcânicos explosivos. Quando essas cavidades libertaram esses gases, o "teto" desmoronou e o continente submergiu.
Minhas pesquisas provaram que o cataclismo que atingiu essa primeira civilização foi devido ao esvaziamento de uma série de cavidades isoladas

que sustinham a terra e que eram provavelmente ligadas entre si através de fissuras.

A fim de tornar compreensível ao leitor a minha explicação do que sejam câmaras altas, médias e baixas, e cavidades isoladas, fiz um esboço dos grupos de câmaras de gás arqueanas, seguido de uma explicação. Desenhei de propósito as câmaras e as cavidades em uma altura maior para tornar o desenho mais claro.

Fig. A. Mostro aqui o grupo superior e uma parte do segundo grupo, mostrando cada divisão grupos de cavidades, ou câmaras, em profundidades diversas. Este desenho representa mais ou menos o que existia sob a superfície de Mu antes de que esse infeliz continente desaparecesse para sempre nas águas do Pacífico. O grupo superior devia ter 15 milhas de profundidade, o segundo, ou médio, 15 a 30 milhas de profundidade e o mais profundo, ou inferior, se encontrava a 30 milhas do centro em fusão da terra.

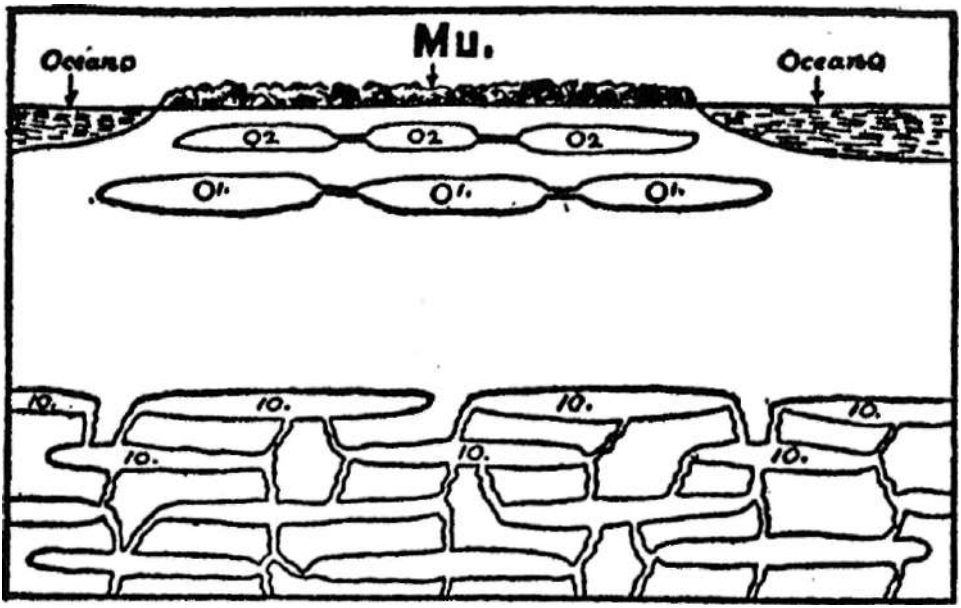


Fig. B. Estado provável do subsolo de Mu antes da submersão.

O grupo superior está dividido em três partes (O, X e W). A parte O vai da superfície do solo até uma profundidade de 5 milhas. Todas as câmaras dessa parte são isoladas, ou seja, não se comunicam com as cavidades inferiores, nem com o centro da terra de onde poderiam receber o gás adicional que aumentasse a sua compressão e as fizesse explodir. Da maneira como estão formadas, nenhum gás pode nelas penetrar, e se o seu estado se mantém assim, elas nunca se modificarão.

A parte X vai de 5 a 10 milhas abaixo da superfície da terra. São câmaras ativas, ou seja, recebem constantemente uma renovação de gás da parte W que passa de câmara em câmara pelas fendas.

A fim de fazer penetrar o gás adicional nas cavidades isoladas da parte O, os abalos vulcânicos devem primeiramente criar aberturas ou fendas que vão do grupo X até 01 e de 01 a 02.
O gás proveniente das câmaras da parte W, que estão em comunicação com o centro da terra, deve em primeiro lugar passar pelas câmaras X para aumentar a compressão nas mesmas. Isso exigirá a elevação dos tetos dessas câmaras para dar lugar ao novo gás.
Os tetos se elevando, as rochas que os formam se quebram e fendem, formando aberturas por onde o gás poderá passar das câmaras X às câmaras 01. Com o tempo, o grupo 01 acabará ficando supercomprimido. Seus tetos se elevarão. A seguir os tetos das câmaras do grupo 02 deverão por sua vez se elevar para acomodar esse afluxo de novo gás. Eles se fenderão, racharão pela pressão do gás, até o ponto em que as massas gasosas não poderão mais sustentar o teto. Qual será o resultado disso? Os tetos ruirão, o gás formará imensas chamas que envolverão a terra no momento em que ela submergir. As águas próximas se precipitarão no abismo e a terra será submergida.
Durante a formação dos principais cinturões de gás que existem atualmente sob o Pacífico, as câmaras 10, *fig. B,* se achavam com excesso de pressão, o que provocou fenda em seus tetos. O gás penetrou a seguir nas câmaras 01, onde se produziu a mesma coisa e onde o gás passou para câmaras 02. Os tetos dessas câmaras se fenderam, o gás escapou, a terra desmoronou

sobre o solo dessas câmaras, as águas do Pacífico se precipitaram e Mu foi submersa.
Estou convencido que as câmaras que sustentavam Mu se achavam *muito próximas* de superfície. Baseio minha hipótese nas profundidades do oceano Pacífico, no Manuscrito Troano, no Codex Cortesianus e no Documento de Lhassa. Nenhum desses escritos fala de uma brusca elevação do terreno antes da submersão no Pacífico. Entretanto, lemos que: "a terra foi re-movida e despedaçada", que ela "tremia como as folhas de uma árvore durante uma tempestade", "subindo e descendo como as ondas do mar" e que "durante a noite, foi submersa".
Tudo isso é indicativo de que não se produziu uma grande elevação da terra, o que teria acontecido se as câmaras de sustentação tivessem ficado mergulhadas profundamente nas entranhas da terra. Em vista de os documentos afirmarem que Mu foi "levantada duas vezes", "arrasada duas vezes em seus alicerces", podemos deduzir que uma outra série de câmaras se encontrava imediatamente abaixo daquelas que sustentavam o continente, como vemos em 01 e 02. O primeiro levantamento se produziu quando o gás penetrou de 01 era 10 e o segundo, quando o gás de 01 se esvaziou para 02.
Desde a aurora dos tempos, os países e continentes têm sido assim submersos. Temos exemplos no decurso da era pré-cambriana, na era paleozóica, na era secundária até o pleistoceno, no início de nossos tempos históricos.

É certo que as câmaras de gás que sustentavam Mu foram eliminadas durante a criação do grande cinturão de gás do Pacífico com numerosas ramificações. A presença de certos fenômenos geológicos permitem concluir que era uma *série* de câmaras que sustentavam Mu, e não apenas uma grande câmara, como foi o caso da Atlântida. Eis as provas pelas quais fundamento minha tese:

1. As diferenças de profundidade do oceano Pacífico entre os diversos arquipélagos demonstram que para cada profundidade existia uma câmara diferente, ou uma câmara sobre a outra, que foram eliminadas. Se houvesse uma só câmara, o fundo do oceano seria praticamente plano.
2. Certas ilhas permaneceram, porque faziam parte do continente. Se tivesse havido uma única câmara, elas teriam afundado com o resto do continente.
3. Essas ilhas se acham acima das fendas *entre* as câmaras, e não acima das câmaras propriamente ditas. Como elas não eram sustentadas por uma câmara, elas não afundaram.
4. As ilhas, com seu subsolo vulcânico, provam que as câmaras eram ligadas entre si. O gás passava de uma cavidade para a outra, abaixo delas. Isso afetou logicamente o seu perfil e elas se tornaram montanhosas e irregulares.

Minhas observações têm por ponto de partida as pesquisas e as investigações sobre os distúrbios vulcânicos que se verificaram no decurso dos últimos anos no Pacífico. As ilhas e suas

características foram igualmente levadas em consideração. Parecem existir dois cinturões principais com numerosas ramificações. Estudei a seguir os numerosos vulcões extintos das ilhas polinésias. Em nenhum lugar do mundo podemos encontrar vestígios de erupções vulcânicas iguais as que se encontram no Pacífico. Essas imensas crateras abertas testemunham a violência das forças comprimidas no centro da terra que foram subitamente liberadas para brotar com um furor destrutivo sem precedente na história do mundo.

Kilauea é um vulcão extinto de uma das ilhas Hawai, cuja cratera tem *cerca de cinco quilômetros de diâmetro.* Imagine uma boca desse tamanho vomitando de repente fogo, fumaça e lava! Um rio de fogo com cinco quilômetros de diâmetro! A que altura teria atingido tal gêiser? A mais de mil metros, certamente, se pensarmos na incrível força motriz por ele produzida.

Por mais impressionante que parece o Kilauea, ainda existem outros maiores. Isso parece ser verdade se levarmos em conta o tamanho da câmara que se libertou de seus gases, a força exercida pela supercompressão e o peso da terra aí existente e que foi submersa.

Se pensarmos em tudo isso, não podemos mais ficar admirados do tamanho das crateras extintas da Polinésia. O mais surpreendente é o que resta das crateras. Com tanta força subterrânea libertada de uma só vez, pode-se perguntar por que a Terra não explodiu em mil pedaços em vez de ficar semeada de vulcões.

Quando a divisão principal setentrional do grande cinturão de gás do Pacífico foi completada, formou-se uma válvula de segurança para controlar o acúmulo futuro de gás.

Uma nova cratera surge no centro do Kilauea; ela não tem mais do que trezentos metros de diâmetro e se chama Halemaumau. Sendo dezoito vezes menor que Kilauea, ela constitui uma das maiores crateras atuais, e dá uma idéia, por comparação, da grandeza de sua antecessora.

O grande cinturão de gás central passa sob as ilhas Hawai. Ele é nesse local mais próximo da superfície do que em qualquer outro ponto nas proximidades.

A Niuafou é também uma cratera célebre, de grande interesse para os arqueólogos. Niuafou é uma pequena ilha ao nordeste das Fidjis, a meio caminho entre Fidji e Samoa. A cratera extinta do Niuafou tem três quilómetros de diâmetro. Depois da época em que ele contribuiu para o desaparecimento de Mu, ele se encheu de água e forma atualmente um lago.

Esses exemplos são apenas os mais notórios entre os imensos vulcões extintos das ilhas polinésias. Duvido muito que tenha havido outra erupção vulcânica comparável àquela do terrível cataclismo que atingiu a raça humana e destruiu a terra de Mu.

A geologia nos informa que as costas ocidentais da América do Norte eram outrora *elevadas. A* geologia foi sempre culpada de colocar o carro adiante dos bois e ela fornece aqui uma nova prova. Não foram as costas do continente

americano que se elevaram, mas, bem ao contrário, o nível do oceano Pacífico é que baixou.
A terra de Mu era um imenso continente que cobria quase a metade do oceano Pacífico. Em certos lugares, o nível do mar baixou mais de mil metros. A fim de encher este enorme vazio, que tinha de 8.000 a 9.500 quilômetros de comprimento por mais ou menos 3.000 a 5.000 quilômetros de largura, as águas deviam se precipitar. Para manter o nível do oceano, após o desaparecimento de Mu, era preciso mais água do que o oceano continha. Em conseqüência, o nível baixou ao longo das pratas. E Mu não foi a única terra submergida pelo cataclismo. Uma grande extensão de terra foi também submergida ao norte, e uma parte no oeste.
Pode-se perguntar por que as águas do oceano Atlântico não refluíram pelo cabo Horn para encher o Pacífico sem abaixar o nível ao longo das costas. Quanto a isso, responderei que o Atlântico tinha também seus problemas nessa época da história do mundo, como provará a seguinte lista das terras submergidas:
O continente de Mu no Pacífico, com vários milhares de quilômetros quadrados.
A ponte terrestre de Bering, ao norte, ligando a Ásia à América. Esse ponto não era o istmo estreito dos geólogos. Sua margem sul ia do Alasca ao Kamchatka passando pelas ilhas Aleutas. Ao norte, se estendia bem adentro do oceano glacial Ártico.
Houve também pequenas submersões do Pacífico, uma parte da terra indo da Califórnia ao nordeste

da Colômbia, e também no arquipélago malaio, mas é pouco conhecida.
A Atlântida achava-se situada no centro do oceano Atlântico. Era uma imensa ilha continental, e na época do seu desaparecimento era o centro da civilização.
E, além disso, havia o caminho terrestre em direção à Europa, ao norte do Atlântico, indo da América à Groenlândia, depois na Noruega, com uma ponta triangular cuja costa ocidental ia da Islândia até o cabo Finisterra.
Outras terras foram igualmente submersas ao longo das costas da América Central.
Todos esses cataclismos foram provocados pelas contrações vulcânicas durante a formação dos grandes cinturões gasosos. O grande cinturão central submergiu Mu e a Atlântida. O cinturão circular do Pacífico submergiu a ponte terrestre de Bering. O cinturão Apalaches-Islândia-Escandinávia fêz desaparecer o caminho terrestre para a Europa.
Quando o nível das águas baixou, numerosas terras emergiram e se estenderam os limites dos continentes.
Ao que parece, todas essas regiões eram habitadas, sua população era densa, e as perdas em vidas humanas foram aterradoras. Sem a menor dúvida, centenas de milhões de seres perderam a vida. Apenas Mu, possuía 64 milhões de habitantes.
Esse ciclo geológico confirma todos os dados anteriores sobre a terra de Mu. Ele fornece de qualquer maneira um elo que faltava.

Geologicamente, ele prova sem sombra de dúvida a existência de um grande continente pré-histórico no meio do oceano Pacífico.

CAPÍTULO XIV

Primeiros Homens na Europa

O homem apareceu pela primeira vez na Europa nas regiões do nordeste, e isso antes da destruição do "caminho terrestre", antes da separação das ilhas britânicas e do continente e antes da colonização da Atlântida. Essa parte da Europa, atualmente os países escandinavos, havia sido colonizada por homens vindos da América Central há cerca de 50.000 anos. Alguns de seus descendentes teriam conseguido sobreviver ao grande cataclismo magnético? Não posso ter certeza disso.

Os primeiros homens que se estabeleceram no continente europeu eram os quetzals da América Central, conduzidos por seu rei; eles haviam sido expulsos de seu país pelos invasores que iriam tornar-se os ancestrais de nossas raças latinas. "Alguns escaparam a bordo de seus navios, outros fugiram para as florestas, e não se ouviu mais falar deles. Os que haviam tomado os barcos, navegaram até um país longínquo, na direção do sol levante. Prosperaram e se tornaram uma grande nação". Esta é a tradição da América Central. Ao que parece, esses navegadores seguiram pelo litoral e chegaram na Escandinávia,

onde se estabeleceram. É certo que o lugar onde eles desembarcaram está atualmente submerso.
Há alguns anos, foram descobertos na Escandinávia vestígios de uma raça muito antiga. Os que haviam feito tal descoberta afirmaram que se tratava dos mais antigos habitantes da Europa ao passo que os cientistas, horrorizados, persistiam em afirmar que os primeiros homens da Europa apareceram nas planícies do Cáucaso e da Ásia Menor, vindos da Ásia Centrai. Se não me falha a memória, nada resta que indique a sua localização, e os partidários da hipótese nórdica baseavam-se nos vestígios descobertos, em vez de fatos, e outros em vagas teorias. Realmente, como iremos demonstrar, os vestígios e restos descobertos na Ásia Menor (as planícies do Cáucaso) remontam ao pleistoceno, após a formação das montanhas. As descobertas da Noruega remontam a dezenas de milhares de anos antes da existência das montanhas.
É curioso, e até engraçado, verificar que a Ásia foi sempre, de certa forma, o porta-voz de todos os problemas científicos que ficam sem solução, mas depois de cerca de um século aprendeu-se certas coisas sobre a Ásia Central que os cientistas tiveram que achar uma outra saída, e atualmente estuda-se a África, o continente negro.
Tudo leva a crer que os vestígios descobertos na Europa setentrional são dos antigos quetzals. A tradição da América Central reza que os quetzals "tinham a pele muito branca, os olhos azuis e os cabelos louros", características do tipo escandinavo. Existe atualmente na Noruega um

dialeto muito antigo chamado quanlan. Examinando um trecho de um texto quanlan, descobri um bom número de palavras do idioma original de Mu. Mas, o mais extraordinário, é que algumas de suas palavras são encontradas nos dialetos da Índia meridional, com o mesmo significado.

É impossível saber a data exata da chegada dos quetzals na Escandinávia; tudo que podemos dizer, é que eles se estabeleceram antes que a Atlântida e o sul da Europa fossem habitados, porque essas regiões foram colonizadas pelos mesmos povos que vieram para a América e expulsaram os quetzals.

O império uighur era uma vasta colônia que se estendia por toda a Ásia Central, desde o Pacífico até os Urais, com postos avançados que chegavam até o centro da Europa. Apenas o oceano Atlântico interrompia o seu avanço em direção oeste.

Houve duas migrações de uighurs na Europa. O povo que tomou parte na primeira delas foi quase totalmente aniquilado pelo grande cataclismo magnético e a formação das montanhas; mas algumas famílias ou comunidades conseguiram sobreviver, sendo seus descendentes atuais os bretões, bascos espanhóis e irlandeses. Essas três raças possuem grande afinidade de idioma.

Há alguns anos, um empreiteiro de Nova York foi contratado para realizar um trabalho de construção em Cuba. O contrato estipulava que ele devia contratar a mão-de-obra no próprio local, mas poderia trazer os seus próprios contramestres. O empreiteiro seguiu para Cuba

acompanhado de um contramestre irlandês no qual depositava toda a confiança. Quando chegaram a Cuba, encontraram um grupo de bascos espanhóis que os aguardava, para serem empregados como manobristas. *O* empreiteiro disse ao seu contramestre que iria procurar um intérprete, mas quando voltou uma hora depois, encontrou seu contramestre irlandês conversando animadamente com os bascos.

— Pode mandar de volta seu intérprete, disse ele rindo ao seu patrão. Esses operários falam o meu idioma, o galês!

Uma anedota semelhante nos vem da Índia. Um pelotão de soldados britânicos patrulhava o Nepal, nos confins do Tibete, comandado por um sargento irlandês. Ao atravessar uma das cidades, o sargento parou bruscamente, apurou o ouvido, e a seguir saiu das fileiras e se precipitou na direção de um grupo de indígenas, exclamando:

— Caramba! Esses bugres danados falam o meu idioma!

O *New York Times* de domingo, 18 de agosto de 1929, publica um artigo, um telegrama vindo de Leningrado anunciando que o professor N. Marr, da Academia de Ciências da Rússia, afirmava que "os irlandeses e os armênios eram da mesma raça e descendentes dos citas, os mais ferozes combatentes da antiguidade". Acrescentava que nem todos os habitantes da Irlanda pertencem a essa raça, mas *apenas os que descendem dos mais antigos habitantes da ilha.*

Após o cataclismo magnético, o "Dilúvio" da Bíblia, e o levantamento das montanhas que se seguiu,

pequenos grupos de uigurs, chamados atualmente arianos, desceram das montanhas da Ásia Central e ocidental em direção à Europa. Eles eram descendentes daqueles que haviam sobrevivido ao dilúvio e às convulsões vulcânicas.

Certos textos orientais antigos falam da primeira e da segunda migração dos uighurs para a Europa. Os primeiros lá se estabeleceram durante o plioceno, antes da formação das montanhas, os segundos durante o pleistoceno, após a formação das mesmas, isto é, vários milhares de anos depois. Alguns raros vestígios dos primeiros uighurs foram descobertos, sendo os mais importantes, sem dúvida, aqueles da Morávia, onde uma cidade inteira parece ter sido soterrada durante o dilúvio e a formação das montanhas. As ruínas dessa cidade foram encontradas nos contrafortes de uma montanha.

Quanto às colônias do sul e do sudoeste da Europa, não consegui descobrir nenhum documento a elas referente. O máximo que posso fazer é apresentar os fatos e deixar meus leitores formular suas próprias hipóteses.

A raça mais comentada é a dos homens de Cro-Magnon, mas há muitas provas mostrando que o homem de Cro-Magnon não é o primeiro habitante dessa região da Europa; em primeiro lugar, encontramos seus restos nas montanhas, o que prova que ele ali habitava após a formação das mesmas. Por outro lado, descobrimos ossadas e pinturas rupestres nas camadas de cascalho formadas pelas águas do último cataclismo magnético; como resultado, as montanhas se

formaram depois desse cataclismo, sendo evidente que tais homens, cujas ossadas foram encontradas nas camadas de cascalho, viveram numa época bem anterior a de Cro-Magnon.

As escavações de Esmirna, na Ásia Menor, provam que os homens atingiram um grau muito adiantado de civilização e ali habitaram vários milênios antes da formação das montanhas (o que veremos no capítulo seguinte). Tendo essa civilização existido milhares de anos antes do aparecimento do homem de Cro-Magnon do outro lado do Mediterrâneo, podemos supor que todo o litoral desse mar era civilizado nessa mesma época. É indiscutível que o oeste da Europa foi colonizado e recolonizado, como se deu em outras partes do mundo.

Não sobrou nenhum vestígio dos primeiros homens da Europa porque o gelo que desceu junto com as águas do último cataclismo magnético destruiu tudo. Isso aconteceu na América do Norte onde os únicos vestígios são os dos homens das cavernas do Nebraska. Na Europa, assim como em outros lugares, os cientistas estabeleceram numerosas teorias baseando-se nas armas de sílex por eles descobertas. Mas como demonstrei anteriormente, esses instrumentos grosseiros fazem mais lembrar soluções de continuidade entre a civilização desaparecida e a nossa. Em seu livro, *Hommes de l'age de pierre* (edição francesa) Osborn nos diz: "Um grande número de esqueletos foi descoberto na grande caverna de Ofuet, todos *virados na direção oeste*". Esses mortos foram sepultados na direção oeste, porque

essa era a posição de Mu, a Mãe-pátria, de onde seus ancestrais haviam vindo pelo caminho *do Oeste.* No capítulo referente ao Egito, farei a descrição dos caminhos do Leste e do Oeste. No Oriente, e em todo o litoral oeste do Pacífico, os crânios, os objetos e os esqueletos encontrados estão virados na direção este, pois esse era o caminho seguido para vir da Mãe-pátria até a Ásia. Temos uma prova disso no templo de Angkor, no Camboja, onde todas as estátuas, templos e caminhos estão colocados na direção leste.

A história do homem sobre a terra tem sido assinalada por uma série contínua de destruições. Raças e povos têm desaparecido da superfície da Terra. Muitas civilizações permaneceram desconhecidas até os arqueólogos descobrirem seus restos. As mais antigas relíquias do Egito remontam a apenas ontem, as do Iucatã a anteontem e a mais antiga das cidades soterradas de Niven, no México, não são mais antigas do que isso. Quando encontraremos os restos do primeiro homem? Em alguns mosteiros do Himalaia, encontramos textos com 70.000 anos de idade, e esses escritos fazem remontar a civilização humana há 200 mil anos mais ou menos; as datas são dadas pela posição das estrelas.

O animal representado com mais freqüência pelos primeiros homens da França era o bisão verdadeiro, ao passo que não encontramos um único desenho de bisão nas pinturas rupestres da América, onde vemos o urso, o cervo, o cabrito-montês, o mastodonte e até os grandes répteis. Isso me inspirou uma teoria, relativa à origem do

bisão, mas não passa de uma hipótese, pois não possuo nenhum fato concreto que me permita sustentá-la.

A história do bisão é desconhecida porque, embora o mesmo seja considerado um animal da América, nem sempre existiu nesse continente e não se sabe quando ele ali apareceu, Dizem que os bisões viviam na Europa. Talvez seja verdade, pois encontramos esse animal desenhado nas pinturas rupestres da França, mas nada nos autoriza a dizer que o animal seja originário da Europa ou se foi importado. Na minha opinião, ele foi importado, assim como o foi na América. Agora impõe-se a seguinte pergunta: quem trouxe o bisão para a Europa?

Para encontrar a resposta, é preciso antes saber de onde provinham esses artistas rupestres da França. Da mesma forma que os bisões, eles provinham de alguma parte. Vários documentos provam que o sudoeste da França, Espanha e Portugal foram colonizados pela Atlântida. Como não encontramos nenhum bisão nos afrescos dos homens das cavernas da América, é evidente que o bisão não havia ainda aparecido nessas regiões. É fácil então concluir que o bisão foi importado da Atlântida para a América, e que os primeiros artistas franceses, emigrando da Atlântida para a França, levaram consigo os bisões.

O bisão é originário da Atlântida? Foi ele transportado da Atlântida para a França? Da Atlântida para a América? Deixo ao leitor a tarefa de responder a tais perguntas. Contento-me em apresentar os fatos.

O bisão não é natural da América e, portanto, teria vindo de alguma parte, em uma data posterior àquela em que os primeiros artistas americanos decoraram suas grutas nos *canions* do *farwest.* O bisão deve ter surgido depois do último cataclismo magnético, pois do contrário o gelo e as águas desse dilúvio os teriam aniquilado, como fizeram desaparecer os homens das cavernas do Nebraska. Nossos cientistas sempre supuseram que o bisão tinha vindo da Ásia, passando por aquela faixa de terra estreita chamada o Estreito de Bering, uma boa desculpa, pois toda vez que um cientista se encontra em dúvida ele se exime da dificuldade acusando essa antiga passagem terrestre de todos os males! Ela serviu para tirá-los de muitos apuros. Há algum tempo os nossos cientistas ficaram abalados, ao saber que haviam sido descobertos na Ásia os chifres de um bisão pré-histórico. A excitação estava em seu máximo, quando verificaram que se tratava na realidade dos chifres de um boi almiscarado comum. É bem evidente que o bisão não teria podido vir da Ásia para a América, porque nunca foi encontrada nenhuma ossada de bisão na Ásia, mesmo entre os "cemitérios" das ilhas do Ártico; é preciso explicar que a grande onda meridional do grande cataclismo magnético desencadeou-se sobre as planícies da Mongólia e da Sibéria, carregando milhares de animais selvagens, depositando seus cadáveres no Oceano Ártico, na embocadura do Lena. É nesse lugar que encontramos atualmente as suas ossadas, mas entre elas não existe nenhum osso de bisão.

Ultimamente, um célebre cientista anunciou haver descoberto um chifre de bisão em uma camada do cretáceo. Logo, os seus colegas puseram-se febrilmente a escrever livros sobre a era do bisão. Ninguém poderia prever onde levaria tal excitação, mas felizmente para o grande público, foram organizadas escavações para encontrar os restos do animal. Nada foi encontrado, mas perto do local onde o chifre havia sido achado foi desenterrado um crânio e o pescoço de um *triceratogs.* Alguém teve a idéia de juntar o chifre do bisão ao crânio, e verificou-se que o mesmo se adaptava perfeitamente à fratura existente no crânio, paralelamente ao outro chifre. A coisa parou nesse pé e a ciência busca avidamente outras descobertas. Isso poupa o público ter de aturar uma porção de teorias novas.

CAPÍTULO XV

História dos Gregos

Trataremos agora dos gregos, a história de uma nação existente nos tempos atuais, e que descende de habitantes que viveram em tempos muito remotos. Alguns trechos da história grega foram descobertos, que remontam há quase 15 mil anos, mostrando que os gregos atuais, sob o nome de atenienses, eram um povo altamente esclarecido e civilizado. Vou agora tentar explicar o que se passou, preencher a lacuna existente entre 12 a 30 mil anos passados.

A primeira história grega documentada tem início com a primeira olimpíada, no ano de 1104 antes de Cristo. Entretanto os gregos, usando seus antigos nomes, haviam vivido milênios, dezenas de milhares de anos de provas e tribulações antes dessa primeira olimpíada. Suas primeiras colônias ficavam na Ásia Menor, na península balcânica e nas ilhas próximas, existentes na época. Vários vestígios, tradições e fenômenos geológicos dão confirmação disso.

Muita coisa foi escrita a respeito das lendas ou da história antiga dos gregos. Numerosos autores declaram que essas lendas são mitos, mas no lugar onde as escavações confirmam as lendas, é impossível falar em mitos. Parece-me indiscutível que os construtores dos grandes edifícios de Baalbek foram os antigos gregos, antepassados de certos gregos atuais. Na Ásia Menor, encontrei a mesma situação do México e da América Central, bem como de outras partes do mundo, ou seja, que as cidades pré-históricas estão soterradas umas sobre as outras e que, na maioria dos casos ou quase, elas haviam sido destruídas da mesma forma, por cataclismos. As provas são patentes.

Alguns autores lembram a Grécia antes da migração dórica falando do "crepúsculo da Grécia lendária". Vou tentar volver ao passado, iniciando com a migração dórica no ano de 1104 antes de Cristo, e escolherei inicialmente trechos do *Timeu* de Platão:

"Os habitantes dessa cidade (Saïs no Egito) são muito amigos dos atenienses e dizem que são de alguma forma *seus parentes.*

"Ó Sólon, Sólon, os helênicos não passam de crianças, e não existe nenhum velho helénico." Ao ouvir tal coisa Sólon pergunta: "O que queres dizer com isso?" Ele respondeu: "Quero dizer que sois todos jovens em espírito. Não existe nenhuma opinião antiga que vos seja transmitida pelas antigas tradições nem alguma ciência adulterada pela idade, e vou dar-lhe razão. Já houve e continuará a haver destruições da humanidade, provocadas por muitas causas diferentes, a maior delas tendo sido causada pelo fogo e pela água. Tudo que chegou em seu país ou no nosso, ou em outra região qualquer a nosso conhecimento, toda ação nobre, grande e notável que se desenrolou, tudo isso foi escrito outrora e preservado em nossos templos. Ao passo que o seu país e os outros receberam apenas instrução. Dessa forma em seu tempo propício a vaga celeste desceu sobre eles como uma peste e deixou vivos apenas os que não possuíram cultura nem educação. Assim você e os seus deverão recomeçar como crianças, sem nada saber do que se passou nos tempos antigos, tanto entre nós como em seu meio ambiente".

A palavra "vaga celeste" é imprecisa. É preciso fazer referência ao antigo idioma cara-maia, e assim obteremos dados exatos; trata-se de água, e não de ondas, para representar a vontade celeste, isto é, um dilúvio, uma inundação cataclísmica. Nos escritos egípcios bem antigos fala-se com freqüência em cataclismos e dilúvio. Eles não dão com exatidão o "tempo provável" desses acontecimentos que sobrevinham ao contrário das

coisas normais do mundo de modo mais imprevisto, causadas pela explosão de uma camada subterrânea de gás ou pela formação de um cinturão gasoso sob o oceano.

Voltemos a Platão: "Quanto a essas genealogias de que nos falaste, elas não têm mais valor do que contos da Carochinha, porque, de início, te referes a um único dilúvio ao passo que houve muitos deles. Além disso, o que ignoras, a mais bela e a mais nobre raça humana que jamais viveu e da qual tu não passas de um resto, habitou sobre a terra. E isso não era conhecido porque durante numerosas gerações os sobreviventes dessa destruição não *deram nenhum sinal*".

A raça por ele mencionada aqui era a dos antepassados do povo que construiu os admiráveis templos de Baalbek. Esses templos nunca foram concluídos, pois os tremores de terra os destruíram durante a sua construção. "Não deixaram nenhum sinal..." Segundo esse texto grego, eu não traduziria assim, mas escreveria: "não deixaram arquivos". Todas as palavras gregas antigas foram influenciadas pelo idioma cara-maia e se o tradutor não a conhecia, isso lhe foi prejudicial.

Novamente Platão: "Pois houve um tempo, Sólon, antes do maior de todos os dilúvios, em que a cidade atual de Atenas era a maior em poder bélico e famosa pela excelência de suas leis". Sólon fica admirado e insta ao sacerdote para que o informe com exatidão sobre os antigos atenienses. "Farei isso com prazer, Sólon", respondeu o sacerdote, "para vós e para essa

grande cidade, e, sobretudo, pela deusa que é a protetora e educadora de nossas duas cidades. Ela fundou vossa cidade (a *antiga Atenas)* pelo menos mil anos antes da nossa *(Saïs)* recebendo da terra e de Hephaistos a semente de vossa raça."
Tudo isso é completamente simbólico. O sacerdote voltava a falar em sua língua materna e na de Sólon.

Esse símbolo a traduz em linguagem popular. Ele significa "mãe" e "terra" e, por extensão, "terra-mãe", ou "mãe-pátria", apesar de o sacerdote haver dito em suma: "Tendo recebido da Mãe-pátria a semente de tua raça". Em outras palavras: "Teus antepassados vieram da Mãe-pátria". Muitos documentos mostram que a Ásia Menor, a península balcânica e o Egito foram colonizados em primeiro lugar por povos vindos de Mayax através da Atlântida. Segundo os arquivos do templo de Sais, existia uma cidade no local ocupado por Atenas há 11.500 anos, que havia sido construída há 17.000 anos, um milênio antes do início da história do Baixo-Egito.
O sacerdote descreve a seguir a Sólon a guerra entre os Atenienses e a Atlântida, e conclui: "Mas, em seguida *(após a derrota dos Atlantes)* produziram-se violentos tremores de terra e inundações, em um dia e uma noite todos os seus antepassados guerreiros ficaram soterrados nas entranhas da terra *(isso explica o destino da primeira Atenas e que nunca fora relatado;* a

terra afundou, *arrastando todos os seus habitantes)* e a ilha da Atlântida desapareceu da mesma forma e ficou submersa sob as águas *(e chegamos a um fato geológico muito interessante, provando que a Atlântida afundou duas vezes).* E este é o motivo de o mar haver-se tornado intransitável, pois a submersão da ilha havia provocado grandes bancos de lama e lugares profundos".

Segundo esse texto, a Atlântida estava fora d'água até uma data relativamente recente. Portanto, a parte meridional do grande cinturão gasoso central só se formou recentemente.

Passemos a Tróia, onde o rei Príamo reinava em 1.194 antes de Cristo. O dr. Schliemann descobriu sete cidades soterradas superpostas. A mais antiga remonta ao tempo em que não existiam montanhas, o que é confirmado logo pelas escavações de Esmirna.

O mapa apresentado anteriormente dá a posição de numerosos cinturões gasosos que passam sob os Balcãs e Ásia Menor. Encontramos nesta região muitos vestígios de antigas cidades e civilizações, alguma das quais remontam há mais de 25 mil anos, o que é confirmado pelas escavações de Tróia e de Esmirna.

Os gregos, como os egípcios, tinham muita razão de anunciar que "descendiam dos homens mais antigos da terra". De fato, até onde se pode determinar, os primeiros gregos eram provenientes da América Central através da Atlântida, e haviam-se estabelecido primeiro na Ásia Menor, ao sul dos Balcãs e nas ilhas então

existentes. Na América, eles se chamavam Kars, Karas, Caras ou Carianos e falavam um dialeto derivado da língua maia. Algumas de suas colônias da América se encontravam no interior das fronteiras do império Maiax mas eles haviam também emigrado mais para o sul, ao longo das costas orientais e ocidentais da América do Sul.
Os Carianos eram como os irlandeses, não ficavam sempre no mesmo lugar. Por exemplo, o galês, a língua irlandesa, é falada em Tipperary, na Irlanda, bem como na província basca espanhola e no Nepal, ao norte da Índia. Coloque um nepalês, um basco e um irlandês juntos, e eles conversarão tão bem como se tivessem sido criados na mesma cidade.
É impossível dizer quanto tempo depois dos primeiros carianos haverem-se estabelecido na Ásia Menor foram eles aniquilados por um cataclismo, assim como não podemos determinar quantas colônias sucessivas foram destruídas da mesma forma. Esmirna nos indica pelo menos três, Tróia pelo menos quatro. Os carianos viajaram bem longe no interior da Ásia Menor, mas não chegaram a atingir o Mar Cáspio, onde encontramos restos de uma outra raça semita.
Vejamos agora o que certos autores e filósofos gregos dizem de seus antepassados:
Homero, na *Ilíada,* canto 10: "Os carianos foram os primeiros habitantes da Ásia Menor e do arquipélago grego".
Heródoto, que era cariano: "Os antigos carianos chamavam-se helécios. Eram um povo guerreiro e

navegador que fornecia as tripulações para a frota de Minos".
Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso.* Livros 1 a 8. Tucídides chamava os carianos de "piratas" e afirmava que o rei Minos os havia expulso das Cíclades.
Estrabão diz: "Os carianos foram os habitantes de toda a Jônia e das ilhas do mar Egeu até serem expulsos pelos jônios e dórios quando se estabeleceram no continente".
É evidente que os autores gregos têm opiniões diferentes a respeito dos carianos, mas todos falam de sua existência. Os desenhos e símbolos gregos mais importantes são idênticos aos dos cara-maia do Iucatã, por exemplo, o que chamamos de cruz grega, que nada mais é do que a figura central do escudo real de Mu, o império do Sol.
Creio haver demonstrado suficientemente que os primeiros habitantes da Ásia Menor e dos Balcãs eram caras, ou carianos, provenientes da América Central, passando através da Atlântida. Iremos agora estudar certos fenômenos arqueológicos e geológicos descobertos na Ásia Menor, que mostram qual era o estado dessa parte do mundo há cerca, digamos, de 25 mil anos. Essa data não é uma simples figura de retórica, destinada a transportar o leitor ao longínquo passado. A verdadeira data pode ser bem mais antiga, 50 mil anos ou mais, mas não temos nenhum meio de saber, na falta de textos escritos. Sem documentos, só podemos calcular aproximadamente as datas. Os geólogos têm a

petulância de dizer, ao se referir às épocas antigas, "há tantas centenas de milhões de anos", "tantos milhões de anos", ou "tantos milhares". Na realidade, eles nada sabem, não possuem a menor idéia da data verdadeira, tanto como se tirassem a sorte com uma moeda. Creio que no seu modo de ver, quantos mais zeros colocarem depois de um número, mais serão admirados.

Muitas cidades foram construídas na Ásia Menor antes da formação das montanhas e dos cinturões gasosos. Esses primeiros colonos, como os da América, sofreram muitas privações. As convulsões vulcânicas se seguiram às inundações cataclísmicas, destruíram as cidades e aniquilaram as populações. Desaparecia uma cidade, um povo, e depois o país tornava a ser povoado, era construída uma nova cidade, que viria a ser por seu turno, vítima de um novo cataclismo. Isso durou até a formação dos cinturões gasosos e das montanhas. Atualmente, os cataclismos só podem ser bem menores, e provocados apenas pelo bloqueio de um desses cinturões.

Os idiomas são grandes elos de ligação entre os povos e tornam-se as melhores provas dessas relações, além dos documentos escritos. O antigo idioma grego era puro cara-maia, e conserva atualmente maior número de palavras maias do que qualquer outro idioma, com exceção do cingalês. O alfabeto grego atual é cara-maia. Cada letra é uma palavra ou uma combinação de palavras maias, formando um relato da destruição de Mu, a Mãe-pátria dos Gregos e de todos os povos do mundo. É um monumento fraseológico

que deveria permanecer constantemente diante dos olhos dos gregos de hoje para lembrar-lhes o que sucedeu aos antepassados de todos os homens e à primeira grande civilização da Terra. A história da destruição de Mu foi escrita pelos Maias do Iucatã, pelos Egípcios, pelos Hititas, Caldeus, Uighures e, mais tarde, copiada pelos Hebreus, que chamavam Mu o Jardim do Éden, em sua lenda bíblica.

Certos fenômenos verificados na Ásia Menor mostram que esta região foi habitada em tempos muito recuados por um povo altamente civilizado, há dezenas de milênios antes do começo dos tempos históricos. Quem eram estes homens? De onde provinham? Que lhes sucedeu? As escavações de Tróia, de Baalbeck, de Esmirna, de Éfeso, revelam vestígios destas civilizações. Mark Twain forneceu uma boa descrição popular dos vestígios de Esmirna em seu livro *Innocents Abroad:*

"Ao atravessar a cidade, pudemos ver traços de seis Esmirnas (correspondendo às seis Tróias) que existiram e foram ou destruídas pelo fogo ou arrasadas por tremores de terra. As colinas e rochedos foram, em alguns pontos, divididos ou fendidos. As escavações revelam grandes edifícios que se acham sepultados há séculos. A encosta que leva até a cidade é muito abrupta. Em um sítio localizado a cento e cinqüenta metros acima do nível do mar, o declive perpendicular a um lado da estrada tem uma altura de três a quatro metros e a fenda põe à mostra três filões de conchas. Os

filões têm a espessura de cerca de cinqüenta centímetros e pouco menos de um metro de distância entre si; descem obliquamente numa distância de uns dez metros e desaparecem. No ponto em que a fenda se encontra com a estrada vêem-se, entre as conchas, muitos fragmentos de vasilhame antigo".

É um admirável quadro geológico que prova que em tempos muito recuados na pré-história *esta* região da Ásia Menor, situada nos antípodas da Mãe-pátria, era habitada por um povo altamente civilizado, que se produziram três grandes cataclismos que aniquilaram três civilizações importantes antes que se elevassem as montanhas, que muito tempo se passou entre um cataclismo e outro, pois, de pada vez, a região pôde ser novamente colonizada e reconstruída, e os vestígios que se encontram agora a cento e cinqüenta metros acima do nível do mar em camadas que se ajustam ao terreno em volta demonstram, sem possibilidade de controvérsia, que estas civilizações existiram antes que as montanhas se erguessem. As montanhas se formaram no pleistoceno; logo estas civilizações são anteriores a esta era e remontam a um período muito recuado da era terciária.
É extremamente curioso constatar que, no curso de numerosas pesquisas, só encontrei entre todos os documentos consultados duas alusões a cataclismos na Europa e na Ásia Menor — uma egípcia e a outra bíblica. Não se pode considerar a de Platão como sendo grega, uma vez que ela

provinha do Egito por intermédio de Sólon. Entretanto, em todas as partes do mundo, em todos os povos, encontramos histórias de cataclismos e de dilúvios. Os fenômenos geológicos confirmam todas elas.
As ruínas de Baalbeck se acham ao nordeste de Beirute, entre o Mediterrâneo e o deserto da Síria. São de uma incomparável imponência e pode-se dizer que estas ruínas são, sem dúvida, as mais notáveis da terra. Elas, mais que qualquer outro vestígio, têm despistado arqueólogos e sábios, pois jamais se descobriu qualquer documento, qualquer indício que permita dizer quando, e por que povo, estes edifícios foram construídos. Tenho diante dos olhos diversas descrições destas ruínas, mas aquela que, em minha opinião, agradará tanto ao sábio quanto ao leigo é a de Mark Twain, que escrevia para o grande público. Não há nenhum motivo para que um sábio não leia este livro, e creio que ele aí encontrará muitos mistérios a serem elucidados.
"Às onze horas, avistamos as muralhas e as colunas de Baalbeck, uma ruína notável cuja história é um livro selado.
Estas pedras se erguem ali há milhares de anos para o encantamento e estupefação dos viajantes. Quem construiu estes edifícios, eis uma pergunta que permanece sem resposta. Uma coisa é certa, contudo — tamanha grandeza, tanta graça, jamais foram igualadas em outra obra humana erigida há vinte séculos.
"O grande templo do Sol, o templo de Júpiter e os pequenos templos erguem-se entre cidades sírias

incrivelmente sujas. Parecem estranhas em companhia tão plebéia. Estes templos se acham construídos sobre fundações maciças que poderiam sustentar um mundo. O material empregado é a pedra, blocos do tamanho de um ônibus, não existe nenhum que seja menor que uma caixa de ferramentas de um carpinteiro. Estas estruturas são atravessadas por túneis de alvenaria pelos quais poderia passar um comboio. Com tais fundações não é de espantar que Baalbeck tenha resistido durante tanto tempo.

"O templo do Sol tem quase cem metros de comprimento e mais de cinqüenta metros de largura. É circundado por cinqüenta e quatro colunas, mas apenas seis permanecem de pé, as demais jazem em pedaços junto à sua base, formando uma massa confusa e pitoresca. Os capitéis das seis colunas intactas são coríntios. Elas são altas, medindo, com o soco, quase trinta metros, altura prodigiosa para estes fustes de pedra, e, não obstante, só se tem olhos para a sua graça e simetria. Os pilares parecem leves e delicados, o friso com suas esculturas é de uma riqueza extraordinária, leve como estuque, mas, depois de se ter ficado de cabeça erguida até doer o pescoço e se desce os olhos sobre os fragmentos de pilares, percebe-se que eles têm quase três metros de diâmetro e que, junto deles, os capitéis quebrados são quase tão altos quanto uma pequena casa de campo.

"O templo de Júpiter é uma ruína menor que a precedente, mas imensa. Este templo acha-se relativamente bem conservado. Uma de suas nove

colunas está quase intacta. Tem vinte e dois metros de altura e sustenta uma espécie de frontão ou teto. Este teto é formado de gigantescas placas de pedra tão finamente esculpidas na parte inferior que de baixo tem-se a impressão de estar vendo um afresco. Uma ou duas destas placas desabaram e mais uma vez me pergunto se é verdade que as que eu vejo lá em cima são de tamanho tão avantajado quanto o destas. No interior do templo, a decoração é extraordinária, colossal e minuciosa. Que maravilha de grandiosidade e de beleza arquitetônica devia ser este edifício quando novo, e como devia erguer-se majestosamente ao luar!
"Entretanto, estes blocos de pedra esculpidos são minúsculos junto das lajes que formam o imenso terraço que circunda o grande templo. Só três lajes compõem uma parte deste terraço que tem cem metros de comprimento. Visitamos a pedreira de onde foram extraídas as pedras de Baalbeck. Acha-se a quatrocentos metros de lá, embaixo da colina: Uma pedra tão gigantesca como a maior destas ruínas se encontra no fundo do fosso, tal como a abandonaram estes gigantes de uma época finda quando tiveram de partir, deixando-a como testemunho e para refutar os que porventura se inclinassem a desprezar os homens que os precederam nesta terra. Este bloco enorme está todo esquadrejado, pronto para ser utilizado pelos construtores; esta laje tem seis metros de largura, quatro de espessura e mais de vinte e um metros de comprimento."
Esta pedra pesa mais de 1.200 toneladas!

Em *Maravilhas do Passado,* volume I, Richard Curie escreve: "Os edifícios que vemos ali são romanos e datam do reino de Antonino Pio, 86-161 d.C. As pedras provêm de uma pedreira situada a quatrocentos metros dali, das quais ainda resta uma, e é de tal modo gigantesca que sem dúvida não pôde ser colocada no lugar que lhe era destinado".

É difícil imaginar declaração mais errônea. Nenhum documento romano, grego ou egípcio fala dos edifícios de Baalbeck e, contudo, estas nações sempre se preocuparam muito em relatar todos os acontecimentos da época mencionada por Curie. Os gregos, em particular, possuíam arquivos preciosos de todas as construções que foram feitas muito antes da época citada por Curie, e, entretanto, não se encontra nenhuma menção de Baalbeck na história grega. Imaginar que estes construtores não puderam colocar no lugar que lhe era destinado a pedra que jaz no fundo da pedreira, quando outra perfeitamente semelhante se acha bem visível no terraço, é uma puerilidade e dá bem uma medida da ignorância de Curie. Quanto à arquitetura, ela não pode ser romana, e, além disso, os romanos não erguiam templos ao sol. Outras pretensas autoridades afirmam que o mármore dos pilares provinha do centro do Egito, mas então por que não encontramos documentos egípcios que façam alusão a transporte de tal importância, como, tampouco, são achados nos arquivos gregos ou romanos?

A grande pedra que ficou na pedreira prova de forma indiscutível que, em primeiro lugar, as

edificações de Baalbeck não foram nunca concluídas e, em segundo, que esses trabalhos foram bruscamente interrompidos. Por quê? Quando examinamos o enorme monólito abandonado de Baalbeck não pudemos deixar de pensar em outra pedra semelhante inacabada na pedreira da ilha de Páscoa, que fica do lado oposto do mundo.

É fora de dúvida que a destruição das edificações de Baal-bek foi provocada por tremores de terra, uma vez que estavam em vias de conclusão. Mas o que sucedeu aos seus construtores? Ninguém é capaz de responder a essa pergunta, e podemos apenas formular hipóteses. Não subsiste o menor vestígio desses homens. Algum dia será descoberto um antigo texto grego que nos revelará o mistério de Baalbeck. Entretanto, uma coisa é certa. Os templos de Baalbeck não foram construídos pelos seres civilizados cujos restos foram encontrados em Es-mirna, porque esses últimos existiram antes da formação das montanhas, e Baalbek foi edificada após a sua formação.

As colunas de Baalbeck possuem capitéis coríntios. As *mais antigas* colunas gregas são coríntias. É possível que existisse em Baalbek um estilo coríntio milhares de anos antes que essa arquitetura fosse conhecida na Grécia, e podemos ir ainda mais longe, afirmando sem receio que o estilo coríntio é derivado da arte caria.

Ele existia entre os primeiros colonizadores da Ásia Menor, antepassados dos gregos atuais. Os construtores dos grandes templos de Baalbek

eram também da mesma raça? Tudo leva a crer que sim, a julgar pelos escritos de Homero, Heródoto, Tucídides, Estrabão e do sacerdote egípcio de Sais.
Como nós parecemos insiginificantes, sob muitos aspectos, quando comparados com os nossos ancestrais da primeira grande civilização! O homem atual é bem inferior àqueles e nada conhece das Grandes Forças que eram familiares aos que nos precederam.
Recentemente, foi descoberto um crânio humano em Cafarnaum; os cientistas europeus afirmaram com entusiasmo que esse homem vivera 30 mil anos antes de Cristo e que era um dos primeiros habitantes da Terra. A idade do crânio de Cafarnaum não passa de uma hipótese, como acontece com freqüência nesse gênero de descobertas. Ninguém procurou compará-lo com as escavações de Esmirna, apesar de elas serem claramente mais antigas do que tal crânio. Geologicamente, as civilizações de Esmirna mostram a sua idade. Isso é um fato. A idade do crânio de Cafarnaum não passa de uma teoria. Portanto, não é confirmada pelos fatos. As ossadas misteriosas nada podem revelar sobre o passado.

CAPÍTULO XVI

O Livro Sagrado dos Egípcios
O Livro dos Mortos

O *Livro dos Mortos* dos egípcios contém muitas passagens que provam a existência da Mãe-pátria do homem, o continente perdido de Mu. Ele confirma que esse país foi realmente o primeiro da humanidade, os outros não passando de satélites girando ao redor de um único pólo de atração, o continente altamente civilizado de Mu, colonizador dos mundos que o rodeiam. Não me parece fora de propósito dizer algumas palavras sobre esse *Livro dos Mortos.*

Esse é o nome pelo qual esse documento é geralmente conhecido. Em hieróglifos egípcios, esse nome é escrito *Per-m-hru.* De acordo com os egiptólogos, *per* significa "chegando", *hru* quer dizer "dia" e *m* é uma preposição significando "de".

Mas os egiptólogos não estão todos de acordo sobre a tradução exata do título do livro. O professor Pleyte, em sua obra *Chapitres supplémentaires du Livre des Morts,* sugere que o nome devia ser traduzido por "chegando de dia". Brugsch Bey, em seu livro *Steinschrift und Bibelwort,* página 257, afirma que o significado exato é "Livro da chegada do dia". Lefébure, Maspero e Renouf preferem "Chegando de dia".

Deixemos esses grandes egiptólogos discutindo, por que qual deles estará com a razão? Parece-me que o único meio de resolver esse problema

consiste em mostrar qual é o tema do livro e o que ele significa; porque todos os escritos que o compõem são simbólicos, e é indispensável saber o que eles simbolizam. Até agora nenhum egiptólogo o demonstrou ainda.

O *Livro dos Mortos* é um registro sagrado, dedicado às multidões que pereceram com a destruição de Mu, os ancestrais dos egípcios e de toda a humanidade.

São esses os mortos de que se trata. Esse sentimento de amor e de veneração pela Mãe-pátria, de amor e de respeito pelos antepassados, é a origem desse culto dos antepassados do mundo todo, no passado e no presente. Não vamos depositar flores nos túmulos daqueles que nos deixaram?

Não estou inteiramente de acordo com os egiptólogos sobre a significação de *Per-m-hru. Per* quer dizer "ir-se", "partir"; *hru* significa "o dia", e *m* não é outra senão Mu.

Essa letra *m* que os egiptólogos consideram uma preposição, não é nada disso; é um símbolo, a letra simbólica e também o nome de Mu; em conseqüência disso, *Per-m-hru* quer dizer 'Mu foi-se embora de dia'. O que confirma o que disse anteriormente: o *Livro dos Mortos* é um registro sagrado perpetuando a lembrança de 64 milhões de pessoas que encontraram a morte na destruição de Mu.

Os anos que passei estudando no Oriente com alguns dos maiores eruditos orientais, me permitiram compreender muitos dos símbolos ocultos que aparecem no *Livro dos Mortos;* pois

não devemos esquecer que existe uma estreita relação entre as ciências antigas da Índia e do Egito. O Alto Egito foi colonizado pelos Maias da Índia: um grupo de Naacals saiu da Índia rumo ao Egito para ensinar as "Sete Escrituras Sagradas", a religião e as ciências; assim, tudo o que aprendi na Índia pode também se aplicar no Egito.

Não se conhece a data em que foi escrito o *Livro dos Mortos;* entretanto, as primeiras cópias do mesmo parece que não continham mais do que alguns capítulos, aos quais se acrescentaram outros, até que a obra ficou do tamanho que a conhecemos atualmente. O mesmo aconteceu com o livro hindu *Maha Bharata,* que começou com algumas páginas e que foi aumentando com o passar do tempo.

Cada capítulo do *Livro dos Mortos* faz alusão, direta ou indiretamente, a Mu, e o livro está repleto de símbolos que existiam em Mu, antes que o homem houvesse jamais pisado o solo do Egito.

Como já descrevi, Mu foi destruído por tremores de terra e afundou em chamas nos abismos do oceano.

Escolhi duas vinhetas do *Livro dos Mortos,* que vou decifrar e traduzir, para mostrar a relação evidente entre esse documento e Mu, a Mãe-pátria.

Vinheta. 1. É um símbolo egípcio complexo que descreve a destruição de Mu.

1. Símbolo egípcio das chamas.
2. A letra hierática M da Mãe-pátria, e seu símbolo alfabético e geométrico, um dos mais usados para a representar.
3. Um símbolo muito antigo, representando um abismo, uma cisterna ou um poço.
4. A cisterna ou o abismo cheio de fogo.

A vinheta significa portanto: "Mu foi lançada em um abismo de fogo, e ao mesmo tempo que afundava, saíram chamas e o envolveram." Isto é mostrado pelas chamas que envolvem a fig. 2, Mu. Um dos símbolos que encontramos mais amiúde é o altar estilizado, recoberto por um sol poente, o qual por sua vez é recoberto por um lótus fechado, ou morto.

Esse símbolo complexo é encontrado muitas vezes entre as vinhetas do *Livro dos Mortos,* e é digno de nota que o lótus está sempre ftchado, ou morto.

Eis a explicação dessa pequena vinheta:

1. É o altar estilizado clássico dos egípcios.
2. A flor de lótus sagrada, símbolo floral de Mu.
3. O sol sem raios, simbolizando o seu ocaso, já desceu

abaixo do horizonte. Estando colocado *sob* Mu, o

lótus, isso significa que o sol mergulhou abaixo dos horizontes de Mu. O sol, portanto, é poente sobre o continente morto. Tudo são trevas. Mu é a "região das trevas". Antes da submersão, o símbolo geográfico de Mu era um sinal de três pontas significando as "terras do Oeste", os três que formavam o continente de Mu.

Após o afundamento de Mu, o lugar por ele ocupado foi chamado de "a região das trevas", e isso foi simbolizado pelo sol sem raios abaixo da ponta central (fig. 6). Às vezes a ponta central é suprimida e fica apenas o sol sem raios (fig. 5).

A vinheta do capítulo 81. Os egiptólogos descreviam essa vinheta do *Livro dos Mortos* como uma "cabeça saindo de um lótus".

Podemos ler na última linha do capítulo 81: "Eu sou um lótus puro nascido nos campos do sol". Eis como se decifra essa vinheta:

A cabeça representa um egípcio, reconhecível pelos cabelos.

A cabeça sai de um lótus. O lótus está fechado, morto.

Nesta vinheta o lótus representa o continente morto de Mu.

E eis a tradução:

"Os egípcios vêem de Mu, um país que pereceu e não existe mais".

A última linha é o ponto culminante de todo o capítulo. "Eu sou um lótus puro", isso significa "Eu sou um descendente puro do povo de Mu".

"Nascido nos campos do sol" confirma também essa tradução, sendo os campos do sol o império do sol, o nome imperial de Mu.
Mu, no idioma da Mãe-pátria significa: "mãe, terra, campo, país, império" e também "boca".
Numa tradução livre: "Eu sou um egípcio de ascendência pura; meus antepassados vieram de Mu a Mãe-pátria, o império do Sol, que atualmente está morto e desaparecido".
Digamos uma última palavra sobre as tradições egípcias:
Todos os povos antigos, inclusive os egípcios, acreditavam na reencarnação da alma. As antigas tabuinhas orientais nos provam que os antigos compreendiam as origens e as influências de todas as forças; sabiam que desde que uma força termina a missão que lhe foi outorgada pela natureza, ela se esgota, mas *não morre.* Uma força não pode desaparecer assim como um elemento não pode. Uma força atenuada volta à sua fonte para se regenerar, após o que ela aguarda nos depósitos da natureza ser chamada para uma nova missão. É isso o que nos explicam essas tabuinhas milenares.
A alma do homem é a maior força na terra, depois da Divindade. A alma do homem encarnou-se no continente de Mu, o país do Oeste. Quando o homem dorme o seu último sono, seu corpo se decompõe, mas sua alma não morre, e, segundo os antigos, ela volta ao lugar de sua encarnação, Mu, para aguardar a sua reencarnação.
Depois de Menes, quando o Alto e o Baixo-Egito se tornaram um único reino, cerca de 2.700 a.C.,

havia duas religiões no Egito, o culto do *Leste* e o culto do *Oeste.* No Baixo-Egito acreditava-se que a alma viajava rumo ao oeste para procurar o lugar de sua reencarnação. No Alto-Egito, pensava-se que a alma devia partir rumo ao *leste* para a mesma finalidade, o paraíso terrestre. Os dois cultos afirmavam que a alma devia seguir o mesmo caminho que haviam seguido seus antepassados para chegar ao Egito.

Comparando-se o que foi dito antes com as deduções feitas pelos egiptólogos sobre esses cultos diametralmente opostos, somos inclinados a achar graça, porque eu não encontrei uma única autoridade egípcia que explique a origem e a causa dos dois cultos; portanto, o problema é fácil de resolver, como vou provar.

O Baixo-Egito havia sido colonizado pela Mãe-pátria através dos Maias e da Atlântida, pois as duas se achavam a oeste do Egito; em conseqüência disso, para chegar ao lugar de sua reencarnação, a alma que vinha do Baixo-Egito devia seguir o mesmo caminho que haviam tomado seus pais, e tornar a seguir rumo ao oeste.

Os colonizadores da Mãe-pátria que vieram para o Alto-Egito, ao contrário, passaram pela India e Birmânia. Esses dois países se encontram a leste do Egito, devendo a alma viajar nessa direção para chegar ao lugar da sua reencarnação retomando o caminho que os seus ancestrais haviam seguido. Os dois cultos tinham, portanto, razão, se bem que foram precisos centenas de anos para descobrir isso.

Donald A. Mackensie nos diz: "Foi feita uma fusão entre os dois antigos cultos do Egito, o de Osíris que cria num paraíso ao lado oeste, e o dos adoradores do sol que imaginavam o seu paraíso celeste a leste. Osíris, um velho rei deificado, foi identificado com os deuses do culto ocidental. Encontramos reflexos desse conflito entre os dois cultos nos textos dos mortos, que remontam a 2.700 anos antes de Cristo".

Como todos os egiptólogos, Mackensie não entende muito de simbolismo. Todos os egiptólogos são incapazes de fazer distinção entre o símbolo e o que ele representa. Eles esquecem que os antigos empregavam um símbolo específico para cada atributo da Divindade, e que o sol era o símbolo coletivo de todos esses atributos, representando a própria Divindade.

Os habitantes do Alto-Egito não adoravam o sol, como pretende Mackensie. Ra, o sol, era o símbolo coletivo da Divindade. Os templos eram dedicados a Ra, que *representava* a Divindade, exatamente como hoje em dia a cruz *representa* o Cristo.

Mackensie afirma que Osíris é um rei antigo. Ele não diz sobre que povos ele reinava, mas deduzimos que era o povo egípcio; e nisso se engana uma vez mais, pois Thoth fundou a primeira colônia do Baixo-Egito em Saïs, ensinou a religião osiriana como provam diversos papiros, e isso se passou há 16.000 anos. Duas fontes diferentes por mim consultadas declaram que Osíris viveu na Atlântida há 18 ou 20 mil anos, e que era um grande mestre de religião.

Os dois cultos egípcios fornecem uma nova prova da primeira aparição do homem em Mu e da posição geográfica desse continente a leste da Birmânia e a oeste de Mayax, ou seja, em pleno Oceano Pacífico.

A destruição da Mãe-pátria foi igualmente comemorada em suas cerimônias religiosas. A passagem do noviço do primeiro ao segundo grau se fazia jogando-o simbolicamente em um abismo de fogo para lhe recordar o destino de seus antepassados na Mãe-pátria bem amada e para fazê-lo assim compreender onde sua alma devia ir para reencarnar-se. Isso nos é explicado no *Livro dos Mortos,* no capítulo 22, nos seguintes termos: "Eu venho, faço o que meu coração deseja nesse dia de *Fogo,* extingo as chamas desde que elas surgem".

Antes de encerrar este capítulo, acho necessário apresentar os documentos relativos ao mesmo provenientes das regiões que ficam ao redor do oceano Pacífico; isto permitirá ao leitor compreender a situação com mais facilidade.

Comecemos pelo símbolo principal, o brasão real de Mu, o império do Sol, representando um sol com oito raios.

O desenho abaixo foi descoberto no manto de um índio Kootenay do Canadá, na Colúmbia Britânica. O debrum do manto de um outro índio Kootenay era formado de uma série de símbolos de "Mu submerso". (Ver cap. V)

Já mostrei antes uma reprodução do brasão real de Mu pintado sobre o leque de uma indígena das ilhas Gilbert, a mais de 11 mil quilômetros do

Canadá. Tornamos a encontrar esse símbolo nos totens dos índios de América do Norte, dos Maoris da Nova Zelândia, em Nevada, no México, em lugares incrivelmente distantes uns dos outros.
Uma imensa floresta impenetrável cobre a metade sul do Iucatã e se estende até a Guatemala e Honduras. Não é uma floresta virgem, porque em determinada época essa terra foi habitada, havia grandes cidades, uma população densa e campos cultivados. E nessa floresta encontramos atualmente grandes ruínas imponentes que, se acreditarmos nas tradições dos índios Copans e Quiriguas, que habitam a orla dessa floresta luxuriante, são apenas parte de ruínas maiores ainda escondidas nas profundezas da floresta onde o homem branco nunca penetrou.
Eu pessoalmente creio na veracidade das narrativas feitas pelos índios, porque falam dessas ruínas com uma crença supersticiosa. Além do que possuímos documentos egípcios que confirmam essas declarações.
A floresta é uma parte do "país do outro lado" que foi destruído e tornado "intransponível" pelos grandes "cataclismos que desceram sobre a terra" causando a morte de "quase todos os habitantes".
Essa civilização foi aniquilada e suas cidades destruídas há cerca de 11.500 a 11.750 anos, quando se formaram cinturões de gás sob essa região, provocando a elevação das montanhas, pouco tempo antes da submersão da Atlântida.
Ao dizer que o país era "intransponível" após tais cataclismos, os egípcios estão longe da verdade.

Em Copan nas Honduras, em Quiriga na Guatemala, em Opico e Cirraca-Mecallo em São Salvador, existem grandes ruínas pré-históricas. Em toda parte podemos encontrar símbolos referentes a Mu.
Em Quiriga encontramos notáveis estrelas e obeliscos esculpidos representando figuras humanas usando uma coroa tríplice, mostrando assim sua fidelidade a Mu.
Cada uma dessas estrelas traz um totem simbólico diferente, indicando que eles se referem a diversas dinastias reais. Cada uma dessas antigas dinastias possuía o seu totem, por exemplo, o elefante, o tigre ou a serpente.
Dessa maneira, ao longo das costas ocidentais da América do Norte, da América Central e da América do Sul, uma série ininterrupta de vestígios nos revelam que Mu era a Mãe-pátria dessas regiões.
Chamei atenção para os símbolos usados pelos indígenas das ilhas do Pacífico e encontrados nas pedras de suas ruínas. Irei a seguir para Nova Zelândia apesar de não faltar senão a Ásia para completar esse giro pelo Oceano Pacífico. A Birmânia e a Índia estão repletas de lembranças, de Mu, como já demonstrei, e que concordam em seus menores detalhes com os encontrados na América.
Creio que os documentos Uighurs bastarão para convencer os mais céticos sobre a existência de Mu, a Mãe-pátria, existência que pode ser provada apenas pelos seus símbolos.

O Uighur era o principal império colonial de Mu, na época do dilúvio bíblico que destruiu sua metade oriental.
As lendas chinesas nos dizem que os Uighurs estavam no ápice de sua civilização há cerca de 17 mil anos. Essa data concorda com o fenômeno geológico.
O império Uighur estendia o seu domínio desde o oceano Pacífico, através da Asia Central, até a Europa do leste e além do Mar Cáspio. Isso se passou antes que as ilhas britânicas fossem separadas do continente europeu.
A fronteira meridional do império Uighur seguia as fronteiras da Cochinchina, da Birmânia, Índia e da Pérsia, e isso antes que se elevassem o Himalaia e outras cadeias de montanhas da Ásia.
Sua fronteira norte passava pela Sibéria, mas não possuímos nenhum documento que a determine com precisão. Descobrimos, entretanto, vestígios de cidades no sul da Sibéria.
Ocasionalmente, os Uighurs se estabeleceram em torno do mar Cáspio, como descreve um antiquíssimo documento hindu; desse ponto prosseguiram suas conquistas através da Europa central até o seu extremo ocidental, a Irlanda.
Eles se instalaram no norte da Espanha e no sul da França, e em toda a região balcânica. As mais recentes descobertas arqueológicas na Morávia são de vestígios uighurs e as provas sobre as quais os etnólogos baseiam sua teoria de origem do homem na Ásia são os vestígios deixados na Europa pela conquista dos Uighurs.
A história dos Uighurs é a história dos arianos.

Os etnólogos declararam certas raças brancas como sendo arianas, mas que não o são totalmente, e sim pertencem a uma colonização completamente diferente.
A capital dos Uighurs se encontrava no lugar onde se acham hoje em dia as ruínas de Khara Khota, no deserto de Gobi. Na época do império Uighur, o deserto de Gobi era uma terra extremamente fértil.
Os Uighurs haviam alcançado um grau muito elevado de civilização e cultura; conheciam a astrologia, o trabalho nas minas, a indústria têxtil, a arquitetura, a escrita, a leitura, a medicina, etc. Eram hábeis artistas, peritos na decoração sobre a seda, sobre o metal e sobre a madeira, e esculpiam estátuas de ouro, de prata, bronze e argila, e isso se passou antes do início da história do Egito.
A metade do império Uighur foi destruída antes da submersão de Mu, e a outra metade desapareceu após a destruição de Mu.
O professor Kosloff descobriu um túmulo a 15 metros de profundidade, em Khara Khota, e nele encontrou tesouros maravilhosos, que foram fotografados porque ele não tinha o direito de os tocar. Creio não me enganar dizendo que esses objetos foram fabricados entre 16 mil a 18 mil anos. Trata-se de pinturas sobre a seda representando uma rainha e seu esposo, sentados. A rainha apresenta uma coroa de três pontas com um disco central trazendo três séries de raios. Atrás dele, há um outro disco: o sol, e atrás de sua cabeça, um disco menor: um sol inferior. O sol

grande simboliza Mu, e o menor, o império colonial Uighur. A coroa, um sol que apresenta raios de um lado só, representa a anexação de um império colonial. Do lado direito, ela apresenta um cetro em forma de tridente, o símbolo numérico 3 da Mãe-pátria. Assenta-se num lótus aberto, símbolo floral da Mãe-pátria indicando que ela se assenta nos joelhos de Mu, que a sustém.

Kosloff fotografou várias coroas, todas com três pontas, simbolizando Mu. Dessa maneira verificamos que os símbolos encontrados na Ásia, América, ilhas do Pacífico e Nova Zelândia repetem todos, as mesmas descrições. O que poderia haver de mais irrefutável, de mais convincente, a não ser que os nossos ancestrais saíssem de seus túmulos para nos dizer a viva voz o que lhes aconteceu no continente de Mu?

As histórias do Egito que foram escritas até hoje dariam para encher uma biblioteca e não tenho a intenção de aumentá-la ainda mais. Desejo apenas provar, graças a certos documentos, e não por hipóteses, quais foram os primeiros egípcios, depois provar que os primeiros colonizadores do Egito eram os primeiros habitantes de Mu, vindos diretamente da Mãe-pátria. Isso permitirá talvez resolver o mistério aparente que intriga os etnólogos, quanto à origem dos egípcios, e explicar por que, desde o início da história do Egito, os seus habitantes foram sempre altamente civilizados e cultos.

Numerosos egiptólogos se defrontam com enigmas relativos aos dois cultos egípcios. Tais enigmas são rapidamente resolvidos quando

sabemos como o Egito foi povoado e por quem. Os egiptólogos se afogaram em conjeturas por não haverem simplesmente entendido a escrita simbólica, nem o significado oculto de tais símbolos. Nem podemos exigir tal coisa deles, porque nenhuma chave foi encontrada e nenhuma escola existe que possa indicar o caminho. Esses segredos são conhecidos apenas por alguns velhos sábios do Oriente. Esses sábios passam a vida toda .em seus templos e mosteiros e não entram em contato com o mundo exterior. Quando, por acaso, saem de seu retiro, o que eles dizem parece tão fora de propósito que os cientistas têm encolhido os ombros.

O Egito foi colonizado por dois povos diferentes, em dois lugares diversos. Uma parte desses emigrantes chegou ao Baixo-Egito vindos do oeste, e a outra ao Alto-Egito, pelo leste. Os colonos vindo do oeste se estabeleceram primeiro em Sais, no delta do Nilo, ao passo que os outros se instalaram na costa oriental da África, depois no cabo Guardafui até a outra extremidade do mar Vermelho. Na Índia, descobri que o nome de Maioo era dado a essa colônia, mas não sei se a mesma englobava todo o território, ou simplesmente a região vizinha de Souakin no mar Vermelho. Maioo era a capital, pelo menos na época em que os textos hindus foram redigidos, e parece ser este o nome dado à região. Saindo da costa, eles chegaram até o Nilo, o qual exploraram do norte ao sul. Acabaram encontrando os colonos do Baixo-Egito, completando assim a cadeia humana ao redor do mundo.

Uma dezena de milênios após a primeira colônia de Sais, tem início uma guerra entre o povo do Alto e do Baixo-Egito, sendo este último vencido. Eles se submeteram e formaram um único império, com os vencedores. Vou agora retornar ao passado e seguir as pegadas dos habitantes do Alto-Egito até a sua colônia na Índia.

Bem antes da fundação da colônia babilónica, não se sabe quanto tempo, os nagas da Índia dirigiram-se de novo para o oeste. Da Índia, foram para o nordeste da África. Criaram empórios no golfo de Aden, e ao longo do litoral ocidental do mar Vermelho. Os documentos hindus e egípcios falam de sua colônia da Núbia, em Maioo, no Alto Egito. Maioo se encontrava às margens do Mar Vermelho, perto do atual porto de Souakin. Isso se passou há cerca de 15 mil anos. Nessa época o país era plano, pois as montanhas da África não haviam ainda se formado. Além disso, tudo leva a crer que os desertos que conhecemos não existiam.

Mais tarde, os colonos exploraram o interior do país, até a cabeceira do Nilo, ao longo do Nilo Branco, e do Nilo Azul. Essa colônia naga tornou-se muito poderosa. Esse povo acabou declarando guerra aos maias do Baixo-Egito, tendo os vencidos e os dois Egitos se tornado um só império. Mena ou Menes, foi o primeiro rei do Baixo e Alto-Egito, e possui o título dê "rei do Norte e do Sul".

A origem do povo do Alto-Egito é fácil de determinar graças ao seu principal símbolo da divindade, o sol, o que pode ser verificado nos

textos hindus e egípcios. O disco solar alado com suas duas serpentes, símbolo egípcio bastante conhecido, foi introduzido no Baixo-Egito pelo povo do Alto-Egito.

Esse círculo alado egípcio é um símbolo que encontramos em muitas civilizações antigas, e não é por acaso, nem a serpente foi acrescentada por amor à arte. Isto era destinado a exprimir o respeito do povo pelo seu Criador; e a recordar a Mãe-pátria onde a serpente, símbolo naga, representava a divindade. Nesse ideograma, o sol é o símbolo principal colocado no centro do desenho. Quando o sol se tornou o símbolo mais sagrado da divindade, a serpente ou o Criador tomou o segundo lugar. A própria coroa real era ornada com a serpente simbolizando o Criador. O Sol não era utilizado porque representava o Infinito, o Todo-Poderoso, e sua utilização era um sacrilégio.

Vemos assim um reflexo da Índia no Egito, porque esses povos provinham da Índia e conservavam seus símbolos.

Filóstrato, em sua *Vida de Tiana,* escreve: "Os primeiros egípcios eram colonos vindos da Índia".

O historiador hindu Valmiki, cujas obras foram inspiradas pelos arquivos do templo Rishi de Aybodia, nos diz: "Os nagas da Índia fundaram uma colônia no Egito, e lhe deram o nome de Maioo".

Diz ainda, em *Ramayana:* "Os Naacals se instalaram primeiro no Deccan, na Índia, e de lá trouxeram sua religião e sua ciência para as colonias da Babilônia e do Egito".

Iremos agora retornar ao Egito para tentar recompor a História. Atualmente não existe uma cidade chamada Maioo, portanto, precisamos procurar esse nome nos antigos documentos, para saber primeiro se de fato existiu uma cidade chamada Maioo no Egito, para em seguida conhecer a sua localização exata.

Brugsch Bey, que é considerado uma das maiores autoridades sobre o antigo Egito, escreve em sua *História do Egito sob os Faraós:* "O nome de Maioo se encontra na lista dos países conquistados por Tutmés III. . . O nome de Maioo é encontrado em uma lista numa câmara funerária da Núbia".

Isto é e confirmação da história egípcia de Valmiki. A Núbia acha-se no Alto-Egito, no litoral ocidental do mar Vermelho e Souakin é atualmente um dos portos da antiga Núbia, ao sul do Porto Sudão.

Certos egiptólogos pretendem que os primeiros egípcios são provenientes do vale do Eufrates, tendo atravessado o deserto assírio, entrando pelo Baixo-Egito e subiram o Nilo até o Nilo Azul e Branco, depois se separaram para formar dois impérios. Nenhum texto e nenhuma lenda nos permitem afirmar uma estupidez tão grande. É absurdo afirmar que um povo tenha preferido atravessar um deserto árido quando possuíam uma rota marítima fácil. Berosus não nos diz que o primeiro povo encontrado pelos semitas no Eufrates era "metade homem e metade peixe" e Valmiki não nos diz que os "maias eram ardorosos navegadores cujos navios sulcavam todos os oceanos"? E seriam, entretanto, estes que teriam escolhido viajar através de um deserto sem água,

e cobrir o dobro da distância que teriam que atravessar por água? Por via marítima, teriam economizado centenas de quilômetros, teriam a costa constantemente à vista, e teriam chegado a seu destino sem obstáculos. Se o leitor tomar um mapa e traçar as duas rotas, ficará convencido. E, além disso, como é possível imaginar, por menos lógicos que sejamos, que essa gente saísse das terras férteis do Nilo para atravessar um deserto rumo ao desconhecido?

Estudamos a história do Alto-Egito. Vejamos agora quem era o povo do Baixo-Egito, e de onde provinha. A história desse país está de tal forma ligada à da Atlântida que quase todos os documentos conhecidos fazem alusão às duas nações, se bem que eu seja forçado a fazer referência aos mesmos textos que utilizei para lembrar a Atlântida. Haverá repetições, estou certo, mas penso que o assunto permite isso e meus leitores saberão compreender.

O nome original do Baixo-Egito era "colônia do Nilo". Ela havia sido fundada em Sais, no delta do Nilo, pelos maias vindos da Atlântida e dirigidos por Thoth há 16 mil anos. O delta do Nilo parece haver sido desprezado pelos primeiros colonizadores mediterrânicos, ao passo que as escavações provam que a Ásia Menor, os Balcãs, os arquipélagos e as planícies caucasianas eram habitadas vários milénios antes, 14.000 anos antes de Cristo. Nessa época, as terras eram férteis, bem irrigadas, e o clima era ideal. Ao que parece, o delta do Nilo não passava de uma terra tórrida e desértica para esses primeiros colonizadores.

Podemos mesmo supor que foi o excesso de população desses lugares ou qualquer acontecimento imprevisto que trouxe para ali seus primeiros habitantes.
Uma tabuinha descoberta em Creta por Schliemann declara: "Os egípcios descendem de Misar. Misar era filho de Thoth, o deus da História. Thoth era filho de um sacerdote da Atlântida. Edificou o primeiro templo de Sais e ensinou a sabedoria de sua terra natal".
Segundo o manuscrito Troano, a rainha Moo, para escapar da cólera de seu irmão Aac, dirigiu-se para o sol levante e atingiu por fim a colônia maia recente das margens do Nilo. Aí ela encontra Thoth, seu fundador, que se tornou seu amigo e preceptor religioso.
Segundo um papiro egípcio da época do faraó Sent da 2ª. dinastia, "O faraó Sent enviou uma expedição na direção oeste à procura de restos da Atlântida, de onde tinham vindo os egípcios há 3.350 anos, trazendo consigo toda a sabedoria de sua terra natal."
Rawlinson, em seu livro "*A origem das Nações*", escreve: "Os próprios egípcios proclamavam que seus antepassados eram estrangeiros que, em tempos muito remotos, tinham vindo se estabelecer às margens do Nilo".
Segundo Heródoto, "os egípcios se gabavam e diziam que os seus ancestrais das terras do Oeste eram o povo mais antigo da terra."
Diodoro da Sicília escreve no primeiro volume de sua *Biblioteca Histórica:* "Os próprios egípcios declaravam que seus antepassados eram

estrangeiros que, em tempos muito recuados, haviam-se estabelecido às margens do Nilo, trazendo com eles a civilização de sua terra natal, a arte da escrita e um idioma refinado. Tinham vindo da direção do sol poente e eram os mais antigos habitantes da Terra".

Plutarco, em seu livro *A Vida de Sólon,* diz: "Quando Sólon visitou o Egito, um sacerdote de Sais chamado Souchis e um sacerdote de Heliópolis chamado Psenophis lhe disseram que 9 mil anos antes as relações entre os egípcios e as Terras do Oeste haviam sido interrompidas devido à lama que havia tornado o mar intransitável após a destruição da Atlântida por tremores de terra e de um país do outro lado pelas inundações".

Quanto a Lepsius, ele encontra os mesmos símbolos sagrados nos ritos egípcios e nas cerimônias maias americanas.

Todos esses documentos permitem concluir que os primeiros habitantes do Baixo-Egito provinham da Atlântida, e os do Alto-Egito, da fndia, que as duas colônias receberam novos colonos da Mãe-pátria através da Índia, e de Mayax, que os habitantes de Mu foram os primeiros homens da terra, que a Atlântida foi destruída por tremores de terra e submersa, que se tornou intransitável, que Mu, a Mãe-pátria, era chamada no Egito, a Terra do Oeste, que tal continente existiu e que foi a primeira pátria do homem, e finalmente que o Egito foi uma colônia de Mu que, após a destruição desse continente, se tornou um império.

Osborn escreve: "É notório que no Egito nada indica um estado selvagem anterior. Todas as

autoridades estão de acordo em afirmar que por mais distante que remontemos à história do Egito, não encontramos nenhuma época primitiva, no decorrer da qual se desenvolvesse uma civilização. Tudo indica que os primeiros habitantes do Egito já eram seres altamente civilizados que, por uma estranha anomalia da História do homem, tivessem perdido uma grande parte de seu idioma e todo o sistema de escrita que havia contribuído para restabelecer sua civilização".

Tenho certeza que ao escrever essas linhas, Osborn confiava mais em sua imaginação do que nos estudos que tal assunto merece. Se ele tivesse lido as obras do filósofo grego Diodoro da Sicília, teria encontrado no primeiro capítulo que essas hipóteses eram destituídas de todo o fundamento, pois os egípcios haviam trazido uma linguagem escrita e haviam conservado a mesma no decurso de toda a sua história. O capítulo 64 do *Livro dos Mortos* foi escrito por Thoth no início da história do Egito. O alfabeto hierático dos egípcios foi dado anteriormente. Até os últimos séculos antes de Cristo certas letras são encontradas em todos os alfabetos simbólicos.

A trindade do Baixo-Egito

Osíris. Os egiptólogos estão longe de estar de acordo sobre a personalidade de Osíris. São muitos os que o consideram um mito; outros pensam que ele não passava de um símbolo e outros ainda afirmam que ele existiu como um homem comum. Alguns, por último, acham que ele foi um rei, não se sabe de onde. Os próprios egípcios declaram que ele existiu e lhe atribuem diferentes lugares de nascimento, mostrando assim que nada sabiam, a não ser que ele era o primeiro deus da trindade do Baixo-Egito.

Osíris era um homem, e sua história foi descrita pelos Naacals. Podemos ler em seus escritos: "Osíris nasceu na Atlântida há cerca de 22 mil anos. Tendo atingido a idade adulta, saiu da Atlântida e foi estudar nas universidades da Mãe-pátria; cursou uma escola naacal onde permaneceu até se tornar um Irmão Santo. A seguir retornou à Atlântida e aí eliminou de sua religião todos os excessos e extravagâncias. Tornou-se o chefe da igreja atlante e lá permaneceu até o fim de sua longa existência. O povo o amava pela sua doçura e pelo valor de seus ensinamentos, a ponto de querer destronar o seu rei para substituí-lo por Osíris, que recusou, e não quis mais ouvir falar nisso".

Por ocasião de sua morte, Osíris foi endeusado e seu nome foi dado à religião, assim como atualmente a religião cristã traz o nome de Cristo. Os escritos naacals mostram qual foi a causa da morte de Osíris, mas os egípcios possuem uma lenda própria. Segundo eles, a morte de Osíris foi

uma tragédia. Ele foi assassinado por um de seus irmãos chamado Set. Set tinha muita inveja de Osíris, devido ao amor que o povo lhe tributava, e essa inveja o levou ao crime. Cerca de dez mil anos depois da morte de Thoth o clero egípcio inescrupuloso resolve chamar Set de diabo, a fim de despertar o temor na alma do povo e reduzi-lo assim à escravidão. Antes disso, a idéia de um diabo era desconhecida. Tratava-se de uma luta entre a alma, ou poder divino, e os desejos materiais humanos.

Podemos ficar admirados que os ensinos de Osíris, de Buda e de Cristo sejam tão parecidos. Em muitos casos, eles são idênticos, palavra por palavra. Mas se refletirmos bem, isso não apresenta nada de extraordinário, pois todos eles pregam a primeira religião do homem, ensinada pelos Escritos Sagrados e Inspirados de Mu, a Mãe-pátria.

Os egípcios afirmam que Osíris nasceu no Egito, o que não passa de um mito, como vou provar. Thoth era o fundador do Baixo-Egito. Ele construiu o primeiro templo em Saïs e ensinou a religião osiriana, da forma que a havia trazido da Atlântida. Isso é confirmado no *Livro dos Mortos.*

Ísis. Na trindade divina do Baixo-Egito, Ísis era irmã e esposa de Osíris. Quem era ela realmente? Uma mulher que existiu, ou apenas um símbolo? É indiscutível que não era um símbolo, representando um conceito vindo dos confins das eras, dos primórdios do conhecimento humano. Na religião egípcia, Ísis representava a natureza, e esta era o princípio produtor do Criador, o princípio

feminino. Os egípcios lhe deram tantos atributos que fica bem que ela seja o símbolo feminino do Criador. Ela representava a criação de todas as coisas, a executora dos mandamentos do Criador.
Nunca a vi representada sob a forma de múmia; e descobri que os seres que viveram realmente são, com freqüência, representados como múmias, ou às vezes por um duplo ser com uma cabeça diferente indicando de quem se trata. O fato de que Ísis seja representada como a mulher de Osíris é puro símbolo.
Encontramos em um antigo texto egípcio: "Isis não pode morrer nunca, se bem que suas vestes possam mudar". Em outras palavras, ela pode ser conhecida sob nomes diferentes entre os povos e em épocas diversas.
Creio que Rider Haggard explica melhor que ninguém o significado oculto de Ísis. Em uma de suas obras, ele descreve uma cena que se passa frente à Esfinge após a vitória dos persas sobre os egípcios.
Os deuses egípcios, enfileirados em frente à Esfinge, lhe dizem: "Nós te dizemos adeus, Mãe Egito, nosso abrigo após milhares e milhares de anos. Dessa lama fomos criados, para essa lama vamos retornar".
Diz a Esfinge: "Dizei-me quem vos deu essas formas monstruosas, e quem os nomeou deuses"?
Os Deuses: "Os sacerdotes nos deram, e os sacerdotes nos fizeram deuses. Agora os sacerdotes foram mortos, e devemos perecer com eles, porque não passamos de deuses de barro, ó Egito!"

Chega Ísis: "Olhai para mim! Sou tua alma perdida, mas não foste tu, ó Egito, que me criaste, porque eu te criei obedecendo a uma ordem divina. Sou aquela que os homens conhecem sob o nome de Isis às margens do Nilo, mas que para todos os outros mundos além desse mundo é a natureza, a vestimenta visível do Deus Todo-Poderoso. Eu permaneço, portanto, e tu permaneces, ó Egito, porque embora nos dêem muitos nomes diferentes nos dias infinitos que estão para vir, como já tivemos nos dias infinitos do passado, permaneceremos eternamente".

Rider Haggard não nos diz se ele extraiu esse trecho de um documento antigo, mas não há dúvida que não se trata de invenção sua. Um trecho de frase sobressai, quando Ísis fala de uma "ordem divina". São as mesmas palavras empregadas nos Escritos Sagrados de Mu quando se refere à Criação.

Ísis era o símbolo da Lua. A Lua enfeitava sua cabeleira durante as cerimônias religiosas. A Lua era o antigo símbolo do princípio feminino do Criador, seu princípio produtor, que ordena às coisas viventes que apareçam.

A figura da página seguinte representa a tabuinha n° 150, de pedra mexicana de Niven, descoberta a seis quilômetros a noroeste da cidade do México, a uma profundidade de seis metros. Essa tabuinha tem mais de 12 mil anos. *Decifração* e *tradução:* A figura superior representa o Sol, princípio masculino do Criador, confirmado por seu símbolo, um círculo com um ponto ao centro, de cada lado da figura.

A figura inferior é a Lua, símbolo do princípio feminino do Criador, também confirmado pelos dois círculos com um ponto ao centro.
Os quatro cartuchos contêm um texto redigido na antiga escrita numérica oculta religiosa.

O Criador criou um que se tornou dois.
Os dois produziram três.
Desses três, descende toda a humanidade.

Explicação (Confirmado por uma repetição):
O Criador criou o homem. Depois Ele o dividiu em dois princípios, macho e fêmea. Os dois produziram três, e desses três, descende toda a humanidade.
Encontrei essa mesma idéia entre os hindus, os incas do Peru e os maias, bem como entre o povo que gravou a tabuinha de pedra mexicana há mais de 12 mil anos. O seu texto diz: "A Lua era a irmã esposa do Sol". Dessa maneira, o Sol e a Lua eram não apenas símbolos do Criador, mas também seus princípios. Esse simbolismo é muito antigo, mais velho que os egípcios e os autores das tabuinhas mexicanas. Sua origem remonta aos Escritos Sagrados de Mu, com mais de 70 mil anos.
Horus. Horus é o terceiro personagem da trindade egípcia. Era o filho de Osíris e de sua irmã, Ísis. Segundo certos textos egípcios, Horus teria sido um homem, segundo outros ele não passa de um símbolo do Sol, ou Ra. Nada encontrei com relação a Horus ou Ísis nas tabuinhas naacals, o que me leva a crer que eles eram apenas símbolos egípcios. O chefe da igreja do Baixo-Egito era

chamado Horus, assim como atualmente o chefe da igreja católica é chamado Papa. Na minha opinião, sendo Horus um dos símbolos do Sol e o Sol o símbolo da divindade, Horus era, em segundo grau, o símbolo religioso de Deus. Em seus primeiros tempos, o Egito era governado pela igreja, antes de se tornar um império.

Muitos egiptólogos atribuíram a Horus uma idade mais que respeitável. Ele teria nascido na época de Osíris, há 22 mil anos, e teria conservado seu vigor e saúde até a época de Menés, há 5 mil anos. Uma idade respeitável de 17 mil anos! Isso excede o contrasenso hindu sobre a idade de Rama, que teria durado apenas 10 mil anos. Comparado com esses, Matusalém não passa de uma criança!

Não posso dizer se o primeiro Horus era um homem ou um simples símbolo. É possível que o primeiro Horus tenha sido o filho de Osíris e que pela morte desse último tenha-se tornado o chefe hierático da igreja atlante, mas não tenho certeza.

Heródoto escreve em sua *História:* "Horus era o chefe hierático do Egito antes do reinado de Menés".

Segundo Manéthon, sacerdote-historiador egípcio: "O reino dos sábios do Egito foi de 10 mil anos. Os sábios eram os chefes hieráticos".

Nas obras de Manéthon, encontramos alusões aos seis diferentes Horus que foram chefes hieráticos. Em certas cerimônias, os egípcios substituíram Ra por Horus, mostrando com isso que Horus era o símbolo do Sol. Na Mãe-pátria, o chefe hierático tomava o nome de Ra Mu, e era o representante

da divindade, quando se tratava de assuntos religiosos. Assim, mais tarde no Egito, o chefe hierático recebeu o título de Horus.
Após os primórdios da história egípcia, e durante milênios, ao que parece, o Egito foi governado pela Igreja, com um Horus à sua frente. O último Horus do Baixo-Egito foi o que precedeu o rei Menés, segundo Manéthon. Quando foram unificados o Baixo e o Alto-Egito no reinado de Menés, ele possuía duas formas de religião: no Alto-Egito, o Sol era o símbolo mais sagrado; no Baixo-Egito, era a trindade, com Osíris como principal. Durante dois mil anos, a luta foi amarga entre os dois cleros, cada um tentando converter o outro. Os próprios reis tomavam parte nisso, alguns tomando o partido dos sacerdotes do Baixo-Egito, e outros dos do Alto-Egito. Essas narrativas se encontram na maior parte das histórias do Egito.
Já mencionei antes que a cupidez do clero egípcio forçou os padres a cometer os piores crimes da história da humanidade. Esse estado de coisas atingiu o seu auge quando o clero de Amon conseguiu amealhar riquezas incalculáveis. Essa riqueza lhes conferia um extraordinário poder, como sempre acontece; quando uma casta controla as riquezas do país, isso termina invariavelmente no declínio desse país. Não existe nenhuma exceção a essa regra em toda a História. Os próprios reis do Egito tornaram-se instrumentos nas mãos dos sacerdotes de Amon, que acabaram por usurpar o trono. Isso não alterou nada, realmente, pois daí por diante, toda vez que reinava um rei-sacerdote, quem mandava era um

sumo sacerdote-rei. Mas após haver usurpado o trono, os sacerdotes perderam logo todo o seu poder, porque o exército se revoltou e eles foram obrigados a fugir para a Etiópia.

Já se disse que os sacerdotes egípcios não confiavam nunca seus segredos religiosos ou seus mistérios sagrados aos profanos. Isso não é sempre verdade, porque numerosos filósofos gregos tiveram conhecimento dos segredos religiosos egípcios, e entre eles Sólon, Tales, Pitágoras, Heródoto, Eumolpho, Platão e talvez muitos outros.

O primeiro templo egípcio foi construído em Sais há 16 mil anos. Essa data é exata, porque ele foi erigido por Thoth no início da história do Egito, fato que é confirmado por uma tabuinha descoberta por Schliemann em Creta, que declara: "Os primeiros egípcios eram atlantes dirigidos por Thoth, o deus da História. Eles se instalaram às margens do Nilo em Sais, onde construíram seu primeiro templo". Essa tabuinha permaneceu em segredo, até que um neto do arqueólogo, o professor Paul Schliemann, realiza escavações em Sais. Eis a descrição que ele fez sobre suas descobertas:

"Escavamos o solo durante cinco meses para descobrir as ruínas do antigo templo de Saïs, no Egito. Entre outras coisas interessantes, expusemos uma câmara funerária das celebridades musicais da época. Em uma dessas catacumbas, datando provavelmente da 3ª. Dinastia, encontramos um grande sarcófago, bem como uma coleção verdadeiramente estranha de

instrumentos musicais. Ela continha também um papiro que ainda não foi decifrado, mas tenho a impressão que está escrito em um idioma musical egípcio que nos é desconhecido. Sobre o sarcófago, uma inscrição em hierógrifos diz que os instrumentos musicais pertenciam à orquestra do templo de Sais, e que foram utilizados para as cerimônias de coroação do faraó Amenemhat I. Entre esses instrumentos, existem uns que produzem sons imitando, por exemplo, o zumbido do vento, as vagas do mar, bem como o canto de certas aves e diversas vozes misteriosas da natureza.

"Nossa música ainda não atingiu um tal refinamento, e vejo apenas o célebre finlandês, Jean Sibelius, que tentou imitar, em suas últimas composições, as vozes da natureza. Mas para os compositores egípcios, isso era coisa corriqueira. Lá encontramos uma enorme trombeta de madeira que produz o som estranho de um leão rugindo; por outro lado, sua flauta produzia os sons mais doces a que me foi dado escutar. Ela possui um timbre envolvente, mágico, mesmo quando se toca apenas uma nota. Percebo que tal instrumento teria podido cativar e encantar o público, quando tocado por um virtuose.

"A maior parte desses instrumentos de uma antiga orquestra egípcia eram de madeira e de porcelana. Há apenas um de cobre, ou metal parecido. As cordas de suas harpas são feitas de um material totalmente desconhecido atualmente. São extremamente finas e resistentes e parecem um fio de prata. Além disso, existem outras que

nossos peritos químicos dizem que são feitos com cabelos humanos. Assim, as cordas das notas mais agudas do violino egípcio são feitas com cabelos muito longos tirados de uma beldade da época. Para executar o majestoso cântico do Sol, não se necessitava menos de 75 músicos e 84 cantores. O instrumento que parece ter sido o mais importante da orquesta produzia um som profundo, bastante envolvente. Esse instrumento é feito de um crânio humano oco para lembrar a goela de algum monstro sobrenatural. É claro que tal instrumento possuía um registro incalculável de sons, mas era preciso que o músico conhecesse o seu segredo, pois ele desempenhava um papel *sui-generis* na orquestra. Uma inscrição feita no menor dos ossos nos diz que ele podia produzir não apenas os sons dos outros instrumentos como também aqueles da voz humana. Era chamado a garganta morta. Desse modo, a minha descoberta é a primeira na história da arqueologia que apresenta informações tão precisas sobre a música dos tempos mais remotos. Ela apresenta uma arte antiga em uma nova época, e servirá para todos os compositores, músicos e cantores de nossa época, fazendo-os entrever um novo estilo e uma nova forma de expressão musical.

"Os egípcios trouxeram a cultura da Atlântida às suas colônias das margens do Nilo. Encontrei durante minhas escavações que quanto mais antigo é o Egito, mais ele é civilizado. A nação degenerou apenas após o desaparecimento da Atlântida".

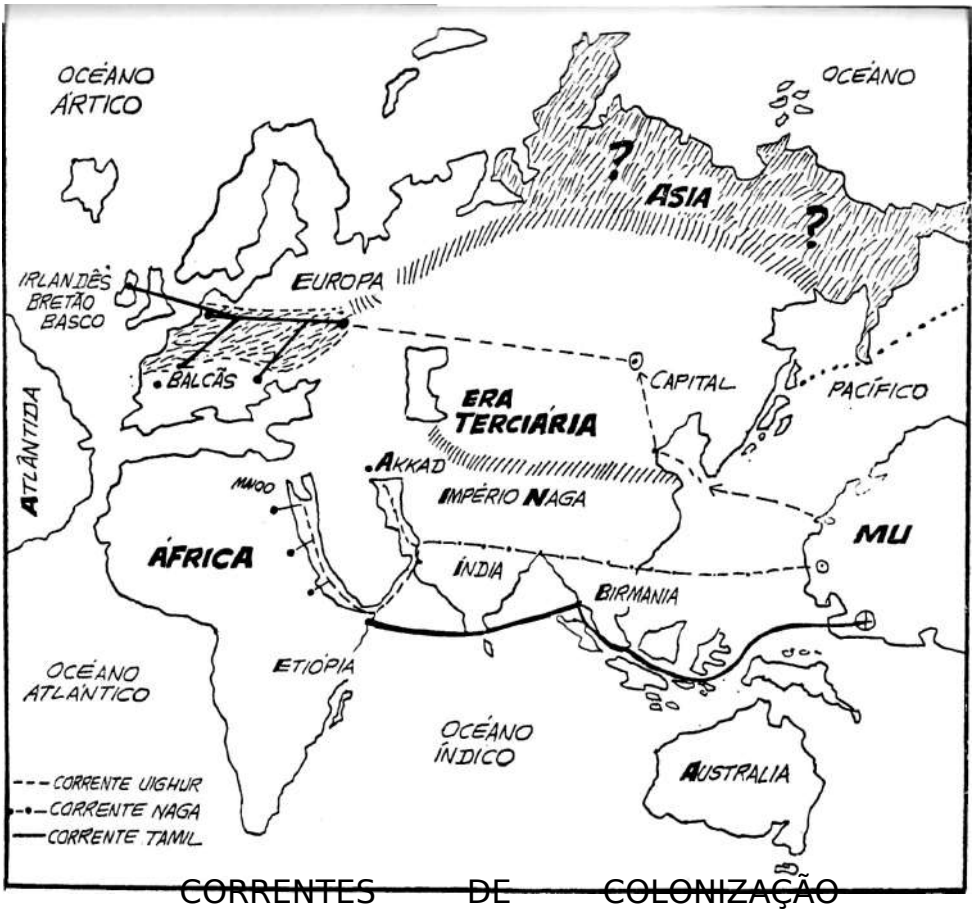
Em minhas obras, insisti sobre o fato de que após a destruição de Mu, a Mãe-pátria, todas as civilizações do mundo degeneraram ou se fossilizaram, não apenas no Egito, mas em toda parte, até na Índia.

CAPÍTULO XVII

Correntes Colonizadoras

Várias correntes colonizadoras partiram de Mu em direção ao oeste, sendo duas principais, duas secundárias e várias outras de menor importância.
A corrente mais conhecida passou pelo sul, indo de Mu para a Birmânia, desse país para a Índia, depois pela Babilônia e Alto-Egito (Núbia) para terminar no Nilo Branco e Nilo Azul. O povo que seguiu esse caminho era no começo conhecido pelo nome de nagas, mas posteriormente adotou o nome dado às suas diversas colônias.
Uma corrente secundária partiu de Mu para as ilhas malaias, e de lá para a Índia meridional por eles chamada de Drávida, e da Índia para a África. Habitaram o sul da Núbia. Esse povo era da raça negra, com traços finamente cinzelados e cabelos negros duros; eram chamados tamils.
Entretanto, a corrente colonizadora que partiu de Mu para o oeste passou pelo norte; esse caminho foi seguido pelos uighurs, os antepassados das raças arianas. O império uighur foi, sem dúvida, o primeiro e o mais vasto, o mais importante e o

mais poderoso de todos os impérios coloniais de Mu.
Por outro lado, um povo chamado quíchua maia iria estabelecer-se nas ilhas malaias, seguindo um caminho independente. A cor da pele dos quíchuasi era muito variável, indo do branco até bronzeado escuro. Eles parecem haver tomado parte em diversas correntes colonizadoras da Mãe-pátria, porque nós os encontramos na América Central, na América do Sul, nas ilhas do Pacífico e na Malásia. Os japoneses são descendentes de um dos ramos dos quíchuas.
Havia também os mongóis que colonizaram o norte da Ásia. Um segundo grupo de mongóis amarelos estabeleceu-se ao norte da Birmânia, no atual Vietnã, e os coolies chineses atuais são seus descentes.
Porém toda conclusão corre o risco de ser errônea. Antigamente a arqueologia era uma série de conclusões, e todo dia suas hipóteses eram anuladas em vista de novas descobertas. Toda descoberta não passa de um elo de uma corrente e assim deve ser considerada com cautela até que o elo seguinte seja encontrado, e assim por diante até que toda a corrente seja completa. As hipóteses possuem um valor intrínseco indiscutível, mas não há necessidade de serem apresentadas como verdades.



CORRENTES DE COLONIZAÇÃO OCIDENTAL PARTINDO DE MU

As tradições, as lendas, os escritos e os restos da antiga história da Índia se completam de tal forma que é impossível duvidar de sua veracidade. Todas as tradições afirmam que existiram colônias nas ilhas da Malásia. Os karangos de Java trazem com seus ritos e suas cerimônias religiosas a prova que seus ancestrais provinham da Mãe-pátria. Trata-se de uma tradição confirmada.

Falamos muito pouco sobre a antiga Birmânia. Ao que parece, ela compreendia toda a península

malaia, bem como os territórios do norte e do leste. As tradições nos informam que, na época da antiga Birmânia, o litoral meridional desse país não era o mesmo de hoje, havendo submergido certas terras e surgido outras. A Birmânia foi o primeiro ponto de parada dos colonizadores nagas. Seu nome é formado por duas sílabas do idioma de Mu, significando Terra Nova. Os nagas tiraram esse nome de seu símbolo do Criador, a naga, ou serpente de sete cabeças.

O historiador hindu Valmiki, que extraiu toda informação de antigos textos religiosos, diz: "Os maias provinham da Mãe-pátria, a uma lua de viagem na direção do sol levante. Chegaram primeiro na Birmânia, onde eram chamados nagas. Da Birmânia, foram para a Índia, no Deccan. Os Naacals, os Santos Irmãos professavam a religião e as ciências da Mãe-pátria, saíram de lá e seguiram primeiro para a Birmânia e depois para a Índia".

A antiga cidade da Mãe-pátria, de onde saíram os nagas, chamava-se Hiranipura. Podemos ver ainda os restos dessa cidade em uma das ilhas Carolinas, a leste da Birmânia. A primeira colônia naga maia na Birmânia remonta aos tempos mais remotos. As tabuinhas dos mosteiros do Himalaia relativas à primeira colônia dos uighurs ao norte da Birmânia declaram que essa colonização teve início há mais de 70 mil anos. A história conhecida da Birmânia começa muito mais tarde, há apenas mil ou mil e quinhentos anos, mas os restos das cidades antigas descobertos na Birmânia, bem

como as obras de Valmiki confirmam que ela é muito mais antiga.
O Camboja moderno fazia parte da antiga Birmânia; ele é atravessado pelo Mekong. Esse grande rio e seus afluentes estão repletos de inúmeros vestígios de antigas civilizações, mas é muito cedo para afirmar que uma delas era a primeira do mundo. Esses restos não parecem ter mais de 1.400 a 1.600 anos, fato que é confirmado pelos trabalhos e escavações de arqueólogos franceses. Em Angkor, um templo admirável chama a atenção dos turistas do mundo inteiro, porque se suas construções parecem relativamente recentes, sua beleza é incomparável. Os arqueólogos franceses, que estudaram essas ruínas, descobriram os restos de três eras. A última remonta ao século VII, a anterior, à época Khmer, e a primeira permanece em mistério.
Pode ser que essa primeira época seja a da primeira civilização, mas não posso ter certeza antes de ter examinado as ruínas e lido as inscrições nas pedras, no caso de existirem. As esculturas, a julgar pelas fotografias, lembram mais as obras dos antigos maias do Iucatã e da América Central. As mais notáveis se encontram em Angkor-vat, templo construído no templo dos khmers e concluído durante a primeira metade do século VII. É uma das construções mais notáveis do mundo, contendo mais de mil metros de esculturas, com centenas de milhares de estátuas. No livro de Hammerton, *Maravilhas do Passado,* volume I, o autor cita um artigo de Edmund Chandler, do qual apresento alguns trechos;

"Angkor é o lugar das antigas ruínas no Camboja. Os construtores de Angkor desapareceram da face da terra, sem deixar vestígios. Nenhuma tradição do Camboja moderno nos fala desses edificadores. O mistério dessas ruínas enigmáticas, longe de estar resolvido, é ainda mais obscurecido pelas declarações contraditórias dos arqueólogos franceses, enviados pelo seu governo para estudar a antiga arquitetura e a história do Camboja. Chamam de Khmer tal tipo de arquitetura. Os primeiros habitantes desse país eram chamados campias, e adoravam a serpente. Mais tarde, foram conhecidos pelo nome de khmen".

Chandler diz que eles desapareceram "sem deixar vestígios", mas a natureza os conserva. Ele acrescenta que esse povo adorava a serpente, mas isso é falso, como irei provar.

Pelo pouco que conheço sobre Angkor, parece-me indiscutível que os Khmers eram originários da Índia. A História nos ensina que certas ilhas da Malásia foram invadidas por colonizadores provenientes da Índia na mesma época; pois o Camboja fica próximo das colônias hindus da Malásia. Desejo citar novamente Chandler: "Sobre algumas dessas esculturas vemos Rama e Hanuman combatendo com fúria os Rakshas. A ferocidade revelada nos traços e gestos dos Rakshas é muito patente".

Na epopéia hindu *Rama e Sita,* encontramos: "Angkor-thom, que se encontra a cinco quilômetros ao norte de Angkor-vat, era a capital do império Khmer. Seus construtores são muito mais antigos que os de Angkor-vat. A cidade se

estende por vários quilômetros. Deslizamos por galerias tortuosas, batemos em colunas em espiral e, procurando não perder o equilíbrio, ficamos surpresos de irmos parar na pata de um elefante ou no corpo de alguma deusa esquisita".

Chandler declara que Angkor-thom era a capital do império Khmer e que os construtores são "muito mais antigos" que os de Angkor-vat. O império Khmer não durou mais de dois séculos. Parece-me bem arriscado falar em datas "muito mais antigas". Quanto às "deusas grotescas" de Chandler, elas eram figuras sagradas simbólicas, narrando uma história.

"Encontramos por toda a parte o capelo da cobra, a naga de sete cabeças, o gênio de Angkor. As vezes, ela forma uma enorme balaustrada horizontal sustada por arcos baixos; as fileiras dessas serpentes ornam os terraços e calçadas de Angkor, e aparecem sobre os frisos."

A serpente colocada no meio de um círculo é um dos símbolos mais antigos da Criação.

"No centro dessa floresta encontra-se um santuário quase tão impressionante como o de Angkor-vat, com suas 37 torres agrupadas em torno de um pagode. Cada uma traz quatro faces brâmanes, voltadas na direção dos quatro pontos cardiais."

Trata-se de uma construção simbólica, e as quatro faces são as quatro Forças Sagradas que governam o universo material. Se eu possuísse os detalhes das esculturas e dos baixos-relevos desse templo, poderia com certeza conhecer toda a sua história.

"O mistério que cerca as origens dos Khmers e seu desaparecimento é tão insondável quanto as ondas de emigração que foram feitas na bacia do Mekong."

A origem dos Khmers está claramente explicada na história dos países vizinhos, e o professor Fournereau estabeleceu perfeitamente que eles são originários da índia.

A melhor obra que conheço sobre Angkor é o livro de Helen Churchill Candee, *Angkor, a Magnífica;* a descrição bem minuciosa das ruínas é de um valor inestimável para o arqueólogo. O livro está escrito em um estüo encantador. Citarei apenas um trecho: "Isto é Naga. Não tem nada a ver com outros povos. O estilo é resultante de numerosos séculos e de crenças, a prova palpável de um passado religioso e de uma longa história. Não é a criação fantástica de um artista ou de um arquiteto, mas o símbolo de um semideus. Seus atributos, sua história deve ser decifrada em suas inscrições". Helen Candree está muito certa quando diz que esse templo é um símbolo, mas ela não colocou tal símbolo em seu devido lugar. Não representa um semideus, mas sim o próprio Criador. Uma das inscrições é esclarecedora: "Esse templo é dedicado a Naga, a serpente de sete cabeças, que por Sua vontade criou todas as coisas".

Examinando-se atentamente todas as esculturas dos templos de Angkor, encontramos um único brado: "Mãe-pátria! Mãe-pátria! Mu, a Mãe-pátria". O lótus real, a flor simbólica de Mu, é encontrado em todo lugar, bem como o tridente, o cetro real

do império do Sol. As cabeças da maior parte dos personagens trazem o símbolo numérico de Mu. Todas as construções, com exceção da última de Angkor-vat, estão voltadas em direção da Mãe-pátria bem-amada e respeitada. Em toda parte, os animais estilizados que os arqueólogos franceses chamam de "leões", estão voltados na direção leste e suas bocas formam a letra M do alfabeto hierático de Mu, e o M era o símbolo alfabético de Mu.

Vou agora tentar explicar a causa do desaparecimento repentino dos Khmers e a destruição de Angkor-thom.

Esse desaparecimento é fácil de compreender se examinarmos com cuidado os fenômenos geológicos em torno das ruínas de Angkor-thom e no vale do Mekong. Vemos por toda a parte que mais de um maremoto atingiu tal rio. Ao que parece, esse tem sido negligenciado pelos arqueólogos que têm se interessado por esses templos.

A antiga civilização da Birmânia foi destruída há cerca de 12 mil anos, durante a, formação dos cinturões gasosos e o levantamento das montanhas. A civilização Khmer foi destruída por um gigantesco maremoto que atingiu o vale do Mekong. Vemos ainda hoje traços desse cataclismo ao redor das ruínas de Angkor-thom. Esse maremoto foi certamente provocado por uma obstrução que se produziu no cinturão gasoso que passava sob a embocadura do Mekong e do Krakatoa. Os gases lançados por tal obstrução deviam encontrar uma outra saída e formar um

novo cinturão. Nessa ocasião, o leito do oceano se levantou, o que projetou as águas para a única saída possível, o leito do Mekong. Dessa forma, foi destruído o império Khmer.

CAPÍTULO XVIII

Índia — Livros Sagrados

A Índia, país do mistério e das ciências enigmáticas, é o berço da filosofia da Grécia antiga. O Bharata (antigo nome do Deccan), o glorioso Bharata conserva e transmite a civilização e os ensinamentos da Mãe-pátria durante quase 8 mil anos depois de as grandes forças vulcânicas haverem destruído Mu. Durante milhares de anos, foi a Índia que conservou com carinho a primeira civilização da Terra. Outras nações haviam recebido esta civilização, mas todas, com exceção da Índia, voltaram ao estado primitivo ou então desapareceram. Foi a Índia que permaneceu a primeira, em religião, filosofia, astronomia, ciência, música, arte e medicina, após a época da destruição da Mãe-pátria até 500 anos antes de Cristo. Nenhuma outra nação era capaz de rivalizar com ela, em algum ramo do saber. O mundo não sabe disso. Os historiadores são incapazes de reconhecer que a Índia possuía a mais antiga civilização do globo, e portanto os acadianos, os sumaríanos, os babilônios e os egípcios não passam de seus descendentes. Não é preciso citar os textos antigos ou as tradições.

Basta examinar o litoral ocidental da Índia para provar a idade respeitável de sua civilização porque lá, no fundo do oceano Indico e a algumas milhas ao largo das costas atuais, estão submersas sob as águas imensas estruturas imponentes. A História não fala dessa submersão, e portanto ela teve lugar, o fato é evidente, e é a prova que em tempos remotos a Índia possuía uma grande civilização. As provas estão lá. Então por que esse absurdo de querer que a civilização da Índia não passe de 4 a 5 mil anos?

No oceano Indico, ao largo das costas ocidentais da Índia, existe uma grande porção de terra submersa, cheia de edifícios. Assim como os vestígios das ilhas do Pacífico, essas construções são pré-históricas. O extremo setentrional dessa terra submersa está situado a cerca de 21° de latitude Norte, logo abaixo da embocadura do Indo, e se prolonga até o Equador. Essa grande ilha tinha uma forma mais ou menos oval. Os arquipélagos das Lacadivas e Maldivas se acham um tanto próximos dessa antiga terra. Nunca as visitei, portanto não posso dizer se tais ilhas faziam outrora parte dessas terras submersas e ou se foram formadas mais tarde pelos corais. Ao norte e ao sul desses arquipélagos existem pontos profundos no oceano cercados de canais mais profundos pelos quais os navios devem passar para ir à Índia. Esse fenômeno geológico nunca chegou ao meu conhecimento, através de algum geólogo, arqueólogo ou algum historiador. Quando as condições atmosféricas são favoráveis, podemos distinguir claramente, nas águas

límpidas pouco profundas, as ruínas de antigas construções no centro desse oval mencionado anteriormente. Essas terras submersas são bem conhecidas dos pescadores do litoral e, aliás, foram eles que me possibilitaram conhecer essa terra submersa. Os cientistas hindus também a conhecem, mas nenhum é capaz de explicar a existência dessas ruínas submersas, pois a história da Índia não faz menção de tal fato. Não é de admirar, pois a história da Índia não vai além de 3 mil anos antes de Cristo. Na Índia, em vários lugares, existem centenas, talvez até milhares de antigas tabuinhas datando de 15 mil a 30 mil anos. É bem possível que, ao decifrarmos todas, encontraremos uma descrição do afundamento dessa terra.

A perda do idioma da Mãe-pátria e a sua maneira de escrever foi devida à dominação ariana. Após os arianos haverem-se tornado os mestres da Índia, sua civilização decaiu, cada vez mais baixo, até atingir o nível em que foi encontrada há dois séculos, passando assim do ponto mais alto ao mais baixo; e por mais estranho que possa parecer, os historiadores situaram o início da civilização hindu no ponto exato em que começou sua decadência, há cerca de 4 mil anos.

Que distorção da verdade e dos fatos! Essas terras submersas com suas grandes construções são a prova cabal que a civilização da Índia remonta há dezenas de milhares de anos antes que os grosseiros montanheses arianos e primitivos do Kouch viessem pisar o solo do vale de Saraswatti na Índia, que havia sido o berço da

Babilônia e do Alto-Egito, 35 mil anos antes de nós!

Como não encontrei nunca nenhuma alusão a essa submersão, na Índia ou em outro lugar, é muito possível que ela teve lugar há cerca de cinco a sete mil anos, não restando nenhum documento escrito, em nenhuma parte do mundo. Portanto, essa submersão é um fato, porque podemos ver, como eu vi, as construções submersas. Na minha opinião, não pode haver dúvida; esta terra está bem localizada e a ilha atual de Ceilão emergiu das águas durante esse mesmo cataclismo.

A Índia não foi sempre chamada por esse nome. Na realidade, o nome atual é moderno, que não vai além de 2.300 a 2.400 anos. Entretanto, não sei dizer qual era o antigo nome da península indiana, nem mesmo se ela possuía algum nome. Em todos os documentos antigos que estudei, o império Naga, o reino Maharalta e o Drávida são os únicos nomes mencionados. O nome de Índia vem dos gregos. Quando Alexandre o Grande invadiu essa região em 325 anos antes de Cristo, seus exércitos descobriram ao noroeste do país um grande rio que os indígenas chamavam Sindhou. Os gregos transformaram esse nome, fazendo-o o Indou, e depois Hindou. Finalmente, o rio ficou conhecido com o nome de Indo, e os indígenas como Hindous ou Indianos. Essa região da Índia é chamada atualmente Sind.

Na tradução feita por Hipólito Fauché do *Ramayana,* podemos ler:

"O primeiro povo da Índia era o povo maia, que havia saído da Mãe-pátria; ele se estabeleceu

primeiro na Birmânia onde tomou o nome de Nagas, depois no Deccan, na Índia, onde eram chamados Danavas.[1]

"Os maias eram ousados navegadores cujos navios singravam os oceanos do Leste e do Oeste, e os mares do Nortee do Sul em tempos tão remotos que o Sol não havia ainda se elevado acima do Horizonte.[2]

Isso prova que em tempos muitos remotos, a civilização da Índia havia atingido um grau notável de progresso.

"Eram grandes arquitetos, construíam cidades e palácios imponentes. Os maias eram também guerreiros ardorosos, e conquistaram todo o sul da península indiana".

Venceram os Tamils, que chamavam seu país de Drávida. Essa guerra teve lugar dezenas de milhares de anos antes da chegada dos arianos na Índia. Vários milhares de anos depois, quando a Índia foi separada em uma multidão de pequenos reinados, os tamils reconquistaram a sua independência e fundaram dinastias.

"Os religiosos maias, os Naacals ou Irmãos Santos partiram de sua terra natal situada no leste como missionários da religião e da ciência da Mãe-

1 Os escritos naacals encontrados num jnosteiro tibetano indicam que os maias se estabeleceram na Índia há 70 mil anos, e que tinham uma tez morena e olhos negros penetrantes.

2 “Não havia ainda se elevado acima do horizonte" é uma frase simbólica. Ela não faz alusão ao astro solar, mas ao fato de que a colônia Maia da Índia passou à condição de império colonial. Com a coroa imperial eles adotaram um brasão, um sol levante com raios subindo do horizonte indicando que o império estava submisso à Mãe-Pátria, o império do Sol.

páftria. Foram primeiro para a Birmânia onde catequizaram os nagas, e a seguir para o Deccan, na Índia, de onde levaram seus ensinamentos e sua religião às colônias da Babilônia e do Egito."

Toda vez que penso na *Ramayana* tenho a impressão de que vou prejudicar um velho amigo, Valmiki, o Heródoto hindu, o qual estimo mais do que qualquer outro escritor da Índia, certamente porque tive a oportunidade de examinar os documentos muito antigos que inspiraram suas obras. Mentalmente, posso colocar uma ponte sobre o abismo do tempo e imagino estar vendo meu amigo sentado aos pés de seu antigo mestre, Narana, para ouvir diretamente dele, assim como fiz mais tarde com outro grande mestre, o tesouro da sabedoria contido nas antigas escrituras. O *Ramayana* foi escrito segundo os arquivos dos templos, segundo os textos ditados por Narana a Valmiki. Quando o autor desejava contar a história de *Rama* e *Sita* em verso, ele tomava algumas licenças poéticas. Para ser bem entendida, ela deveria ter sido escrita em prosa. A fim de torná-la mais compreensível, citarei:

"Então Valmiki foi visitar Narana, um Rishi, um dos sete sumos-sacerdotes da Índia, e deseja saber a história de Rama e Sita. Narana toma os arquivos do templo, e a lê para Valmiki".

De acordo com a descrição de Narana, Valmiki escreveu em verso a vida de Rama e Sita, uma das maiores epopéias jamais escritas pelo homem. Em seu poema, Valmiki indica que Rama era filho do Sol, mas em seus escritos em prosa ele se encarrega de explicar que "filho do Sol" quer

apenas dizer "filho da Mãe-pátria", o império do Sol; esse título colonial indicava que ele fazia parte da família real da Mãe-pátria.
Se *Rama* e *Sita* é o tema principal das obras de Valmiki, não é único. Existem também muitas histórias em prosa. Apresento aqui trechos de duas traduções, sendo a parte histórica de Hipólito Fauché, e *Rama* e *Sita* de Romesh Dutt.
"O tema de *Rama e Sita,* é uma exaltação da vida, viagens e explorações de Rama, seu amor por sua mulher Sita, o enlevo de Sita por Ravana, o rei-demônio do Ceilão, a derrota final de Ravana e a volta aos braços de Rama".
Em seu poema, Valmiki emprega muitos símbolos que são explicados em outros textos hindus. Eis um trecho da tradução de Romesh Dutt:

"Apesar das ameaças e das doces preces, Raven a tinha prisioneira de sua cólera,
"Como o planeta Budda capta a bela Rokini em sua passagem.
"De sua trêmula mão esquerda, Raksha segura seus longos cabelos,
"Com a direita, o impiedoso Raksha suspende a bela desfalecida.
"Os habitantes invisíveis do bosque contemplam a tragédia com horror.
"Vêem o poderoso Raksha armado arrastar a infeliz beldade indefesa,
"Colocá-la em sua carruagem celeste, atrelada com corcéis alados e rápidos,
"Dourado, refulgente, radioso como o carro celeste de Indra.

"Ameaças coléricas e doces preces Raven diz ao ouvido.
"Da bela raptada que se debate em sua cintura.
"São inúteis suas ameaças e preces, porque ela continua a gritar: 'Rama, Rama!'
"Na sombria e sinistra floresta onde seu nobre senhor desapareceu.
"Então a carruagem celeste sobe as colinas e além dos vales boscosos.
"Como uma serpente entre as garras de uma águia, Sita se debate lançando gritos.
"E a luta continua até que Rama, em seu furor,
"Lança o fogo chamejante de Brama,
"Alado como a flecha de Indra, fatal como o fogo celeste,
"Envolto em fumo e chamas,
"Para atingir o coração de ferro de Raven".

Manuscrito hindu, data desconhecida, antes de Cristo:
"Quando surgiu a aurora, Rama se preparou para partir na carruagem celeste que Pushpaka tinha mandado Vivpishand trazer. Essa carruagem movia-se sozinha; era grande e cuidadosamente pintada. Tinha dois andares e numerosas salas com janelas e estava enfeitada com bandeiras. Ao caminhar nos ares, emitia um som melodioso".
Manuscrito hindu, 500 anos antes de Cristo:
"Rawan, rei do Ceilão (?) voa sobre o exército inimigo e lança bombas, causando numerosos mortos.
De repente, Rawan é capturado e morto e sua máquina voadora cai em poder do chefe hindu Ram

Chandra, que voa com ela até sua capital, Adjudhia, no norte da Índia".

É evidente que essas duas narrativas provenientes dos mesmos arquivos do templo de Aybodia, bem como o poema de *Roma* e *Sita,* referem-se a acontecimentos que tiveram lugar há 20 mil anos.
No antiquíssimo livro hindu *Maha Bharata* (1.000 anos antes de Cristo) faz-se menção de "uma máquina voadora" feita por um rei a outro com quem possuía um tratado de amizade.
Os textos acima são as descrições mais detalhadas que encontrei referentes aos aviões dos hindus há 15 e 20 mil anos, além de um desenho com instruções para a construção de uma máquina voadora e seu motor. O combustível era tirado da atmosfera, de uma maneira simples e econômica. O motor parecia um pouco com nossa turbina atual. Uma vez posto em marcha, o motor não pára, até que seja desligado. Do contrário, continua a girar até que suas peças se desgastem. Essas naves voadoras podiam dar a volta ao mundo sem escalas, até que o seu mecanismo se gastasse. Sua autonomia de vôo era ilimitada, ou melhor, limitada apenas pelo grau de uso do metal. Encontrei textos falando de certos vôos que cobriam, sem escalas, mais de 5 mil quilômetros.
Todos os textos que fazem alusão a essas máquinas voadoras indicam claramente que elas eram autônomas, ou seja, que voavam por si mesmas; em outras palavras, fabricavam o seu próprio meio de propulsão. Não tinham necessidade de combustível. Baseados nessas

descrições, e a despeito de toda a nossa vaidade, parece-me muito bem que estamos com um atraso de 20 mil anos! Para nós, o lançamento de bombas de um avião é uma coisa recente, descoberta na primeira metade de nosso século, mas, no entanto, lemos aqui que isso era feito há 15 e 20 mil anos. Rawan foi abatido por uma arma circular que lança fogo e faz o ruído de um trovão, o que recorda bem nossos canhões e metralhadoras. Entretanto, nosso mundo se gaba de nunca ter possuído tantos cientistas e técnicos como atualmente. Isso é pura vaidade, agravada pela ignorância. Concordo plenamente com o cientista que disse um dia: "Nada existe de novo sob o Sol". Numerosos textos chineses da mesma época também mencionam máquinas voadoras.

Se alguns historiadores hindus modernos consideram o *Ramayana* e outros escritos como sendo mitos, o povo deve precaver-se. Nós conhecemos sua origem, sabemos que não se trata de mitos, mas sim a história simples daquela época, escrita no estilo então em voga. Essas narrativas estão repletas de símbolos, e como os historiadores não os compreendem, classificam-nos como sendo mitos.

Wheeler escreve em sua *História da índia:* "Os maias foram mais tarde conhecidos pelo nome de Nagas e Danavas." Wheeler poderia ter sido um pouco mais explícito e acrescentar que os maias eram nagas quando chegaram da Índia e tomaram mais tarde o nome de Danavas.

"As tradições dos nagas são bastante obscuras. Mencionam, entretanto, um antigo império Maia

ou Naga no Deccan, no lugar onde se situa atualmente a moderna cidade de Nagpoor." As tradições dos nagas não são tão obscuras. Eles fundaram o primeiro império hindu e o seu primeiro rei chamava-se Ra Ma. Quanto a saber as datas da fundação e da extinção desse império, temos apenas tradições, que segundo Wheeler são realmente obscuras.

A tradição reza que o império Naga foi *fundado* há mais de 35 mil anos. A julgar por outras lendas, direi que tal cifra é modesta. Um outro império continuou o império Naga e durou 10 mil anos. Alguns arquivos dos templos nos informam que ele desapareceu há cerca de 3 mil anos antes de Cristo, ou seja, há 5 mil anos.

No livro *Asiatic Research* (volume 2), H. T. Colebrook escreve: "Maia (o príncipe Maia) é considerado o autor de Souyra Sidhanta, o mais antigo tratado de astronomia da Índia. O príncipe Maia é representado recebendo sua ciência de uma encarnação parcial do Sol".

O príncipe Maia era filho de um dos primeiros reis do império Naga. A tradição quer que ele tenha "vivido há mais de 20 mil anos, e que tenha ido, quando jovem, prosseguir seus estudos na Mãe-pátria, onde aprendeu as ciências". Isso explica porque ele recebera seu saber de uma "encarnação parcial do Sol", mas é a palavra "encarnação" que está errada. Prossigamos com a citação:

"Essa obra sobre a qual se baseia toda a astronomia da Índia foi descoberta em Benares por Sir Robert Chambers. É uma obra datando da mais

remota antigüidade, pois é atribuída a um autor maia, cujos conhecimentos de astronomia mostram que ele nada ignorava de trigonometria, o que prova que essas ciências eram conhecidas nesses tempos remotos."

Na minha modesta opinião, o *Souyra Sidhanta* original foi escrito em Mu e trazido para a Índia pelo príncipe Maia quando voltou, após concluir os estudos.

O *Rig Veda* é um dos livros hindus mais antigos e teria sido escrito cerca de 1.500 anos antes de Cristo. *Rig* quer dizer verso (poesia) e *Veda,* saber. A ciência transmitida em versos. O Rig Veda possui, sem dúvida, duas origens: os arquivos dos templos e as lendas; portanto, ele evoca o passado e não o presente. Algumas de suas passagens fazem alusão a coisas que remontam há dezenas de milhares de anos, tais como foram narradas nos escritos da Mãe-pátria.

O *Rig Veda* possui vários trechos notáveis que coincidem com os Escritos Inspirados e Sagrados. Por exemplo: "o desejo toma forma em seu espírito". É uma alusão à Criação. No *Popol Vuh,* livro sagrado dos quíchuas, escrito na Guatemala, e extraído igualmente dos Escritos Sagrados, podemos ler: "O desejo de criar forma-se em seu espírito". Nos escritos Nahantl do Iucatã, a mesma idéia é assim formada: "Ele expressa o desejo de criar".

No *Rig Veda* podemos ler: "Aquele que mede a luz na atmosfera...", ao passo que na versão do *Nahantl* acha-se a seguinte: "Na atmosfera que contém a luz..." enquanto os Escritos Sagrados

dizem: "As flechas do Sol tornaram a encontrar as flechas da terra em sua atmosfera e deram vida à luz".

Tenho plena certeza, apesar de não possuir nenhuma prova cabal, que o *Rig Veda* original foi composto por um poeta naacal e depois caiu em poder dos arianos, que pretendiam passar como seus autores. Na época em que foi escrito o *Rig Veda,* os arianos não possuíam cultura suficiente para escrever tais versos, ao passo que os naacals eram capazes, por serem herdeiros da sabedoria e da ciência da Mãe-pátria.

Não tenho intenção de criticar os historiadores da Índia moderna, mas quero apenas tentar prevenir os leitores contra as obras sobre a Índia antiga, nas quais todos os autores, com exceção de Robertson, se contentam em remontar até às primeiras colônias dos arianos, e fazem partir daí a civilização da Índia. Podemos perguntar por que eles preferiram basear sua história em mitos, em lugar de fatos. A maior parte dos templos possuem arquivos do passado longínquo. Além disso, não faltam baixos-relevos e símbolos nas construções da Índia, que formam quadros descrevendo um acontecimento histórico.

Tudo isso basta para provar de onde provém as expressões que encontramos no *Rig Veda.*

A. E. Smith, em um ensaio sobre a literatura védica, escreve: "A idade da literatura védica é desconhecida mas remonta aos tempos mais remotos".

Smith tem bastante razão, pois são traduções da literatura da Mãe-pátria trazidas para a Índia pelos

Naacals dezenas de milhares de anos antes do *Rig Veda.* Alguns historiadores pretendem que a literatura védica tenha sido escrita pelos arianos. Isso é completamente impossível, porque, como já disse, os arianos não possuíam cultura suficiente para compor tais versos. Os arianos adquiriram uma certa cultura só depois que os brâmanes fundaram escolas e transmitiram um saber que haviam herdado dos naacals antes de os expulsar da Índia. Quantas extravagâncias os brâmanes introduziram na religião pura ensinada pelos naacals! Basta ler alguns textos.

Vamana, um dos sábios hindus, censura acremente os ritualistas brâmanes e os ascetas que esperam obter a saúde graças a cerimônias ritualísticas. "Por que seríeis vós melhores porque cobris vosso corpo de cinza? Vossos pensamentos deveriam estar dirigidos apenas a Deus; quanto ao resto, um asno pode portar-se melhor que vós dentro da manjedoura". E ainda: "Oh, como sois tolos! Por que fazieis bolinhos de vosso alimento para dar aos corvos em nome de vossos antepassados? Como pode um corvo que come restos, ser vosso antepassado?"

Robertson escreve em sua história da Índia, publicada em 1794: "Enquanto que entre os gregos e romanos o único método de notação de números era o emprego de letras do alfabeto, o que tornava os cálculos extremamente complicados e difíceis, os hindus, desde tempos imemoráveis, empregavam os dez algarismos, ou sinais, conhecidos atualmente em todo o mundo, e graças aos mesmos, conseguiam fazer todas as

operações da aritmética com a maior facilidade. Os arábes (ou mouros) introduziram essa forma de notação na Europa. Os mercadores abandonaram as letras que representavam os algarismos e a aritmética hindu tornou-se de uso geral na Europa".

Lemos mais adiante: "A época em que foram feitas tais tábuas astronômicas remonta à mais remota antiguidade e coincide com o começo da era célebre de Calyouhan, ou Collee Jaque que, segundo os textos hindus, começou em 3.102 antes de Cristo".

"Os brâmanes, como todos sabem, adotaram seu sistema de cosmogonia, sua astronomia e todas as ciências dos nagas altamente civilizados, os quais perseguiram em seguida impiedosamente".

Mais adiante ainda, Robertson fala da: "antiga e muito elevada civilização da Índia, cujos conhecimentos de *astronomia,* há 5 mil anos, ultrapassam de muito os nossos atuais".

Portanto, torna-se evidente que os brâmanes são culpados pela queda da índia, do seu mais alto até ao mais baixo grau de civilização. Quando os nagas desapareceram, com sua sabedoria e seus conhecimentos, os brâmanes começaram a decair. É assim provado que a perseguição dos nagas, sábios e professores dos brâmanes, foi o toque de recolher da civilização hindu e a fez perder a sua supremacia. Quando os nagas não puderam mais suportar as perseguições, os que foram capazes saíram, com seus livros e seus arquivos, para as montanhas do Norte, e se instalaram nos mosteiros da vertente sul do Himalaia. Mais tarde,

foram forçados a seguir mais para o norte e se estabeleceram no Tibete.
Robertson ainda nos diz: "A conclusão que se impõe ao espírito é a de que a astronomia hindu é baseada em observações feitas em tempos muito remotos, e quando comparamos os lugares exatos que eles atribuem ao sol, a lua e todos os outros corpos celestes dessa época com aquelas que figuram nas tábuas do Abade de La Caille e de Mayer, não podemos deixar de deduzir o que tenho me esforçado para estabelecer, relativamente à mais antiga civilização da Índia".
O que foi mencionado antes confirma minhas próprias pesquisas. Está perfeitamente provado que a civilização da Índia era uma das primeiras do mundo há dezenas de milhares de anos, vários milênios antes que os arianos viessem se estabelecer na Índia; tudo prova que os arianos eram bem inferiores aos nagas altamente civilizados, quando chegaram. Está provado que a civilização ariana deriva da dos nagas, que ensinou a esse povo as artes e as ciências. Os sacerdotes brâmanes aprenderam tudo o que puderam e depois perseguiram e dizimaram os nagas.
Segundo Chezy, o *Manava-dharma Sastra* foi escrito em 1.300 antes de Cristo, segundo antigas obras dos brâmanes. Na minha opinião, Chezy está equivocado. Trata-se indiscutivelmente de uma obra dos naacals. A obra faz menção a épocas que se situam há vários milênios antes do aparecimento dos brâmanes na índia. Sábios hindus competentes me disseram que esse livro

faz menção de uma época que remonta há 20 mil anos, o que foi confirmado pelas tabuinhas dos templos. Os brâmanes a quiseram plagiar e pretenderam ser seus autores.

O *Maha Bharata* é uma das grandes epopéias hindus. Ao que parece, a obra foi escrita no ano 1.000 antes de Cristo. Seu autor é desconhecido, e não pude descobrir nenhum texto nos templos que pudesse informar sobre sua origem. É muito provável que ele seja baseado em lendas. É a descrição da grande guerra movida pelos Bharatas no decorrer dos séculos XIII e XIV antes de Cristo contra os Kourous, cujo antigo império se estendia até a cabeceira do Ganges, e os Panchatas de uma tribo vizinha. O *Maha Bharata* tendo sido escrito no ano 1.000 antes de Cristo e a guerra dos Bharatas tendo lugar entre 1.400 e 1.500 antes de Cristo, é evidente que a obra foi publicada 500 anos depois dos acontecimentos, baseada em lendas. O *Maha Bharata,* assim como o *Ramayana,* não permaneceu em sua forma primitiva, mas sofreu alterações, e muitos detalhes e cenas foram acrescentados, e embora o tema principal continue sendo a guerra, ela possui também a descrição de outros acontecimentos.

Na tradução de Omen, à página 118, podemos ler: "Maia era o chefe dos arquitetos dos Danavas". Maia, o grande sábio arquiteto, era um príncipe dos nagas, que foram mais tarde chamados danavas, no orimeiro império colonial hindu, remontando há mais de 20 mil anos.

À página 133, lemos: "Arjama lutou contra uma tribo dos danavas, os nivata-kavachas, que eram

muito poderosos e contavam com uma população de 30 milhões de habitantes, e cuja cidade principal era Hiranypura".
Trata-se certamente de dois acréscimos feitos ao texto original. Os nivata-kavachas sendo danavas, então os nagas eram também maias.
Hiranypura é uma palavra composta de letras naga-maias e significa "o lugar daqueles que vivem sobre o mar", ou seja, marinheiros e navegantes. Um dos portos ocidentais da Mãe-pátria chamava-se Hiranypura. Podemos ver ainda hoje os vestígios dessa cidade nas ilhas Carolinas. Ela foi destruída há cerca de 12 a 13 mil anos, na mesma ocasião que a Mãe-pátria. Isso prova que a história da Índia remonta há mais de 15 mil anos, mas na realidade, os arquivos de um mosteiro do Tibete fazem remontar sua civilização há mais de 50 mil anos. Isso concorda com as inscrições descobertas no Iucatã. Assim como no Egito, "nunca houve na Índia uma época de selvageria, a partir da qual pudesse se desenvolver uma civilização". A Índia era a pérola da coroa da Mãe-pátria. Estou em desacordo com os historiadores da Índia, mas devo dizer que preciso estudar melhor o assunto antes de me pronunciar.
O *Dzyan* é um livro hindu escrito em sânscrito no ano 1.500 antes de Cristo. É atribuído aos brâmanes e se parece muito com suas obras. Nessa obra, as cópias feitas pelos naacals dos Escritos Sagrados de Mu serviram de base. As Estrofes de Dzyan constituem o texto antigo mais incompleto e mais ambíguo que conheci até hoje. Ele principia com os Es-

critos Sagrados e os modifica de propósito. Dir-se-ia que o mesmo foi escrito para inculcar no povo a dúvida, a desconfiança, o medo e a superstição. A maior parte de suas frases são também títulos de capítulos, deixando o capítulo sem texto. Os assuntos se sucedem à vontade, sem a menor continuidade. Se o seu autor quis apenas mencionar ao acaso diversos pensamentos, saiu-se muito bem, mas para o leitor é de todo impossível seguir o seu raciocínio. Tratando-se de uma obra para fomentar discórdias, ela é com certeza perfeita.

Em todos os capítulos do Dzyan encontramos páginas inteiras com os mesmos absurdos.

Os Escritos Inspirados e Sagrados de Mu, a Mãe-pátria, foram chamados pelos orientais de Livros da Idade do Ouro, ou, entre certos povos antigos, os Mistérios Sagrados. Apenas os mestres, os sumo-sacerdotes e alguns padres escolhidos tinham o direito de os ler. Eles eram interditos ao povo e ao baixo-sacerdócio.

Numerosos capítulos desses escritos foram bastante mutilados pelos sacerdotes sem escrúpulos por razões pessoais, apesar de invenções e contra-sensos terem sido transmitidos de uma geração a outra, durante milênios. Sir Edwin Arnold, no primeiro capítulo do livro A Luz da Asia, aborda o problema quando escreve: "As extravagâncias que desfiguram as religiões devem ser atribuídas a essa inevitável

degradação que o clero inflige sempre às grandes idéias das quais é encarregado. As religiões acabam por ser deformadas e corrompidas".
Se Sir Edwin tivesse sido capaz de decifrar e traduzir os Livros da Idade do Ouro, que ele chama "os escritos", teria se expressado ainda com maior violência. O clero hindu não é o único responsável, temos coisa pior com os egípcios, fenícios e astecas. Em muitos casos, é claro que a intenção dos sacerdotes hindus era mistificar o povo, de lhe infundir medo, a fim de dominá-lo de corpo é alma. O clero difundia apenas trechos mutilados das tabuinhas e pretendia oferecer as Escrituras Sagradas.
Como estou acusando os sacerdotes, seria justo provar minhas alegações. Basta dar alguns exemplos do conteúdo real dos Escritos Sagrados, e daquilo que os padres, após haverem expulso os Naacals, deram de alimento ao povo. Meu primeiro exemplo será um extrato do capítulo consagrado à Criação:
"Façamos o homem à nossa imagem e a ele seja dado o poder de reinar sobre a terra." "O homem foi criado e em seu corpo foi colocada uma parte imperecível ou espírito, e o homem se tornou como o Criador, possuindo seus poderes intelectuais." O que prova que o homem era uma criação especial.

Os padres, para atingir seus objetivos, prometiam longevidade extraordinária, e aqueles que desejassem viver mais tempo que o normal, lhes davam grandes somas. Isso ia bem, a riqueza afluía aos cofres do clero, e se o homem não vivesse tanto tempo quanto lhe havia sido prometido, isso era devido somente a não ter seguido bem as instruções do sacerdócio.

"O homem pode viver mil anos." Essa extravagância foi ensinada ao povo há milênios, e foi religiosamente transmitida até a nossa geração. O povo aprendia que era o seu corpo material que podia sobreviver, contanto que ele obedecesse bem às instruções do clero e pagar um pouco, ou apenas oferecer toda a sua fortuna terrena. Mas eis a tradução completa dessa tabuinha: "O homem pode viver mil anos. É o Homem, a centelha divina que sobrevive, e não seu corpo material, que retorna à terra, sua mãe". Quando Moisés traduziu essa frase, ele não a soube interpretar, e escreveu: "A vida de um homem é de 70 anos..."

Quando Valmiki escreveu o Ramayana, traduzindo o original, fez algumas omissões que modificaram inteiramente o sentido do texto. Imagino o trecho no qual ele diz: "E Rama reinou 10 mil anos". Valmiki esquece apenas três palavras: "os descendentes de". Eu próprio decifrei a tabuinha original, ou uma cópia muito antiga, com o auxílio de um

sacerdote do Tibete, e eis o que ela contém: "E os descendentes de Ram Chandra permaneceram em seu trono durante 10 mil anos". Em outras palavras, foi a dinastia de Rama que sobreviveu durante 10 mil anos e não o primeiro Rama.

"Por Sua Vontade o Criador fez todas as cousas." Partindo desse trecho, os padres ensinaram que todas as coisas faziam parte do próprio Criador, o que significa naturalmente que não há Deus, se tudo é Deus. Sendo assim, a adoração de um pedaço de madeira ou de uma pedra não é mais idolatria, porque a madeira e a pedra são Deus. E o selvagem canibal que adora seus amuletos está certo, porque o fetiche é Deus! É possível conceber pior idéia?

Os Escritos Inspirados e Sagrados estabelecem claramente, e repetem amiúde, que o homem é apenas uma parte do Criador, e apenas a alma, ou centelha divina, e não seu corpo material. Todas as criações, além do homem, são apenas criaturas, ou produtos da vontade do Criador. Um quadro é o produto de um artista, e não uma parte do próprio artista. Uma semente semeada por um jardineiro germina, cresce, produz flores e frutos. As flores e os frutos não são parte do jardineiro, mas o produto de seu trabalho. Em compensação, uma árvore dá folhas e flores, e as mesmas são parte da árvore. O mesmo acontece com a Terra, onde tudo, com exceção do homem,

não passal de um produto do Criador. O homem apenas é a folha que pertence à árvore.
Eis um dos ensinamentos mais absurdos dos primeiros Brâmanes: "O homem é uma parte do nada. Depois ele se tornou erva, depois um peixe, o peixe se tornou anfíbio, daí passou para o estado de réptil, deste para o de mamífero, e o homem é derivado desse mamífero". O trecho dos Escritos Sagrados que inspirou essa história é o seguinte: "Da Mãe-terra provém o corpo material, e à Terra ele retorna". Em tudo isso, não é explicado como o homem possui uma alma, porque tais padres eram incapazes de explicá-lo.
Comparando-se os antigos livros brâmanes e os Escritos Sagrados e Inspirados, compreende-se facilmente porque existem tantas seitas e religiões discordantes na Índia. A maioria difere grandemente da religião trazida pelos Naacals. O motivo disso está no número incalculável de traduções e interpretações dos Escritos Sagrados, cada uma dando margem a novas invenções, extravagâncias, acréscimos, omissões e contra-sensos, por culpa dos padres sem escrúpulos,
Encontramos outro exemplo desse tipo de infâmia entre o primeiro clero budista do norte da Índia.
Com o intuito de tornar o povo escravo, de corpo e alma, do sacerdócio, de se apossar

de todos os seus bens, o clero inventou doutrinas obscuras para substituir os puros e simples ensinamentos de Gautama Buda. Transformaram a religião budista do norte da Índia em uma doutrina metafísica, mística, mítica que ninguém conseguia entender.
Os padres imaginaram uma sucessão de Budas terrenos, com toda uma série de homólogos chamados Diani Budas, cujas emanações espirituais se chamavam Diani Bodisattvas. Mais tarde, a fim de completar sua obra acrescentando o medo à superstição, introduziram na religião budista a degradante adoração de Siva, o homem demônio mítico, e o temor do inferno. O Egito dera uma boa lição com seu homem-demônio Set e seu inferno mítico, lição que os hindus logo aproveitaram, compreendendo o interesse que poderiam ter para eles um diabo e um inferno.
Encontra-se também nos Escritos Sagrados de Mu a origem da virgem-mãe, no Quinto Madamento da Criação: "Destes ovos cósmicos surgiu a vida, conforme tinha sido ordenado". Num capítulo seguinte que explica a Criação, os ovos cósmicos são chamados as "virgens da vida". A frase original é "Hol Hu Kal". Hol: fechado; Hu: entranhas virgens; Kal: abrir. Tradução livre: perfurar ou abrir as entranhas virgens e, por extensão, abrir as entranhas virgens da Vida. Por este motivo, os antigos chamavam

as águas de "Mãe da Vida", pois até esta fase do desenvolvimento da terra, as entranhas da Vida tinham permanecido fechadas. O aparecimento da vida tinha aberto as entranhas virgens nas águas.
Mais tarde, quando as Quatro Grandes Forças primárias receberam o nome de Deus na teogonia dos antigos, eles lhes atribuíram um conceito semelhante a fim de seguir os ensinamentos dos Escritos Sagrados, isto é, que a vida, a dos deuses ou da natureza, é o resultado de Hol Hu Kal.
Os Escritos Inspirados e Sagrados foram redigidos a fim de ensinar aos primeiros homens a sua religião; conseqüentemente, a primeira religião da humanidade foi o ensinamento dos Livros Sagrados. A base desta fé era o amor. O amor do homem pelo Pai celeste e suas obras, o amor divino do Pai celeste por seu Filho, o homem.
Este ensinamento era simplificado, sem o menor traço de teologia. O mais ignorante podia compreender-lhe cada frase. Tudo era claro e preciso, sendo impossível não compreender profundamente tudo. O homem aprendia a considerar seu Pai Celestial não com medo, mas com confiança e, sobretudo, com amor, como uma criança se lança nos braços de seu pai terrestre. O amor era a primeira das doze grandes virtudes porque o amor governa o universo e o Pai Celestial é o Grande Amor.

Estudei estes ensinamentos e se alguém me perguntasse: "Onde se encontra o maior templo de Deus sobre a Terra?", eu seria obrigado a responder: "No coração do homem se encontra o templo mais perfeito para a adoração de Deus, o templo da meditação e do amor, o templo sempre disponível, a qualquer hora e em qualquer lugar, tanto de dia como de noite, numa cidade superpovoada como no deserto, pois o amor, a adoração e o templo não passam de um na glória do Pai". Dizei-me então que outro edifício poderia substituí-lo?

Numerosos símbolos representavam os atributos da Divindade, mas só havia dois para Deus apenas. É preciso que se compreendam bem estes dois grandes símbolos se quisermos acompanhar as diversas correntes de colonização da Mãe-pátria.

Estes dois símbolos eram, de uma parte, o Sol, e, de outra parte, a serpente sem ornatos. O Sol era o mais sagrado porque era o símbolo coletivo, ou monoteístico, enquanto que a serpente representava a Divindade somente na qualidade de Criador. No símbolo monoteístico o sol era chamado de Ra, escrito às vezes La. Quando se falava do Sol como astro solar, seu nome era o da língua do país. A princípio, o sol era representado por um simples círculo; mais tarde, porém, o círculo serviu para simbolizar diversas coisas, o universo, o infi-

nito, etc.; então, para especificar bem que se tratava do da Divindade, fizeram-se-lhe acréscimos. Os Nagas acrescentaram um ponto no centro e os Uighures, seus vizinhos do Norte, um pequeno círculo.
Quanto à serpente que simbolizava o Criador, os Nagas escolheram a naja e lhe atribuíram sete cabeças representando os sete mandamentos da Criação. Este símbolo era empregado aparentemente no sul da Mãe-pátria. No Norte, a naja era substituída por uma forma estilizada do Quetzacoatl chamado Khan, ou Dragão, muitas vezes emplumado. Encontramos na América do Norte numerosas versões da serpente de plumas.
Os dois diferentes sóis, as diversas estilizações da serpente muito nos ajudam a adivinhar a origem deste ou daquele povo antigo.
Todos os historiadores nos falam da invasão da Índia pelos Arianos. Isso causa confusão, pois permite imaginar que os Arianos enviaram um exército à índia e conquistaram o país. Não foi este o caso. Aliás, deparamo-nos com o mesmo erro quando se trata dos Incas do Peru que suplantaram os Aimarás. Ao invés de falar de invasão, seria melhor usar o termo "in-filtração", que daria uma idéia mais exata.
Os primeiros arianos da Índia foram um pequeno grupo que abandonou os vales gelados das montanhas do Hindu Kuch em

busca das planícies; instalaram-se entre os Nagas, no vale de Saraswatti, no Pundjab. Aí foram bem acolhidos e deram notícia disto aos seus parentes e amigos que haviam permanecido nas montanhas, os quais acorreram e continuaram a fazê--lo durante os séculos, em famílias inteiras, às centenas; os recém-chegados se instalaram a leste dos primeiros a chegar e, finalmente, invadiram todo o país e se estabeleceram em todo o norte da Índia.

Os historiadores não chegam a um acordo quanto à data de chegada dos primeiros arianos. Segundo E. G. Tillac, "a invasão ariana da Índia" se deu de 6.000 a 4.000 antes de Cristo, isto é, durante 2.000 anos. V. A. Smith é de opinião completamente diferente: "Os Arianos começaram a invadir a Índia em 1.500 antes de Cristo". Por alguns motivos que exponho adiante, creio que Smith está muito mais próximo da verdade.

Esses arianos foram conhecidos mais tarde pelo nome de hindus arianos. Os medos e os persas começaram a descer das montanhas entre 1.800 e 1.600 antes de Cristo e seu êxodo teve fim em 1.500 antes de Cristo. Os hindus arianos eram descendentes de um grupo de uighurs que foram atingidos pelas montanhas do Afeganistão, perto de Indu Kouch, na época da formação das mesmas. Os medos e os persas eram também seus descendentes, no norte.

Durante milênios, eles haviam vivido nesses lugares inóspitos, e haviam aumentado em número de tal forma que os vales não podiam mais atender às necessidades de uma população que crescia sem parar. Então desceram para os vales e planícies férteis da índia. Sendo bem recebidos pelos seus habitantes, ali permaneceram e fizeram vir seus conterrâneos. A vida difícil nas montanhas os havia fortalecido, mas não contribuíra para os melhorar socialmente. Obrigados a lutar sem cessar para sobreviver, haviam deixado de lado as ciências e a cultura. Ao que parece, haviam conservado a leitura e a escrita, mas quando chegaram à Índia, não passavam de grosseiros montanheses.

Assim, a migração dos arianos descia do Afeganistão e da Cachemira em direção às planícies da Índia, e os mesmos, durante séculos, repeliram os nagas para tomar seu lugar. O que sucedeu a esses indígenas? Para onde foram? Um grande número deles se juntou aos arianos, e esses casamentos produziram uma raça mestiça, cujo tipo é comum ainda hoje. É essa mescla que é classificada atualmente entre os arianos. Mas o que aconteceu àqueles que não se casaram, e que foram expulsos? Não pude encontrar nenhum documento, nenhuma lenda que me satisfizesse, mas vou arriscar uma hipótese, desprentensiosa.

O antigo reino Maharatta (Naga) se estendia das fronteiras norte da Índia em direção ao sul, até não sei bem onde. Tendo os Maharattas feito seu reaparecimento na história da Índia, eles se estabeleceram no que é hoje chamado a Índia Central, tendo sido repelidos para o sul pelos arianos. Nessa época, a capital do reino Maharatta chamava-se Gwalior, no Rajputana. O reino se estendia até Goa. Um texto sânscrito diz que os Maharattas foram repelidos também para o sul pelos arianos. Reencontramos os Maharattas entre 1.650 e 1.680 de nossa era, quando eles se libertaram dos conquistadores da Índia, os mongóis.

Os Maharattas, como já vimos, já estavam estabelecidos na Índia quando os arianos chegaram. Suas tradições afirmam que eles estavam entre Os primeiros habitantes; eram nagas, e são portanto descendentes dos primeiros colonos do norte da Índia. Nenhuma data precisa existe para indicar a existência do primeiro reinado Maharatta, mas ele deve remontar há mais de 10 mil anos. As lendas parecem indicar que o primeiro reino Maharatta era contemporâneo de vizinho império Ra Ma, que parece ter sucedido o império naga.

Uma outra pequena colônia hindu, que encontramos na província de Madras, em Ootakamound, e apresenta todas as características dos antigos nagas. São chamados Toudas. São pouco numerosos, menos de 2

mil, e estão em via de desaparecimento. São de raça branca, com traços finos, os homens são grandes e musculosos, possuem nariz reto, dentes sadios, e olhos grandes e expressivos. Não usam nenhum penteado, deixando os cabelos formarem um amontoado sobre a cabeça. São honestos, corajosos, inofensivos, e vivem pacatamente. Possuem um templo dedicado à Verdade, desprezam os brâmanes, devido com certeza a uma lembrança do passado.

No vale da Cachemira existe um povo chamado naias, que ainda adora a Divindade por intermédio do símbolo de Naga, a serpente de sete cabeças. Esses naias da Cachemira seriam os descendentes diretos dos antigos nagas? Nunca tive oportunidade de estudar sua história e suas lendas. Esse povo pode ser descendente de um pequeno grupo que, quando perseguido pelos arianos, saiu da Índia para se refugiar nas montanhas. Seria interessante conhecer sua origem.

Os brâmanes, como já disse, após haverem absorvido todos os conhecimentos possíveis dos naacals, os perseguiram. Robertson afirma que eles os exterminaram completamente. Isso não é totalmente verdadeiro. É verdade que eles fecharam os templos, escolas e universidades, mas não os exterminaram porque muitos dentre eles fugiram para o norte e para o Himalaia, às vezes até à Ásia Central, e lá fundaram

universidades, do outro lado do mundo, por assim dizer. Sobraram alguns poucos de seus descendentes, e entre eles os que conseguiram conservar e reter certas ciências, um pouco do saber da primeira civilização da terra. Entre essas ciências, existe uma que trata da força divina do homem, ao passo que as outras foram abandonadas ou esquecidas.

Em seus escritos, o Pandit Dayamand Saraswatti e o Swami Vivekananda afirmam que os nagas chegaram à Índia de Patala, e que Patala significa antípodas. Seja-me permitido contradizer esses ilustres hindus sobre o significado dessa palavra. Sem dúvida alguma, os nagas vieram de Patala, mas essa palavra não quer dizer antípodas; é composta de três vocábulos nagas, sendo que dois deles figuram no vocábulo da Mãe-pátria, e o terceiro é uma modificação naga do idioma original.

Pa, ou Paa: cobrir, recobrir, estender sobre... por extensão: brilhar sobre.

Ta: terra, solo, onde.

La: o sol.

Os nagas como os maias chamavam às vezes o Sol de La, em vez de Ra. Patala quer então dizer: "a terra do Sol", que é um dos nomes de Mu, a Mãe-pátria.

Quando a cidade de Babilônia foi construída pelos acadia-nos e sumerianos, eles a chamaram de La Ka, que significa "cidade do Sol" e, por extensão, "cidade do Senhor".

Quando Alexandre o Grande foi obrigado a desistir de sua conquista da Índia, construiu um porto devido a sua volta ao extremo do delta do Indo, e o chamou de Patala. A cidade continua a existir, mas foi modificada, tanto de aspecto como de nome, e chama-se atualmente Tatta.

CAPÍTULO XIX

A PRIMEIRA RELIGIÃO DO HOMEM

De que maneira o homem se tornou religioso? E qual foi a forma da primeira religião? São estas as perguntas que se impõem no momento. A história dos tempos antigos nos dá a resposta.

O espírito do homem primitivo era tão inculto que ele não podia compreender o significado de palavras abstratas tais como "infinito", "eternidade", "todo-poderoso", sem uma preparação especial. Para possibilitar ao homem a compreensão dessas palavras, foi-lhe ensinado de início a existência de uma Divindade e de um paraíso no outro mundo, que ele possuía uma alma toda poderosa e eterna. Os símbolos que o homem primitivo era capaz de entender, foram então escolhidos para representar a Divindade e cada um de Seus atributos, bem como o Céu. Foram dessa maneira estabelecidos os fundamentos de

numerosos panteões, cada um possuindo seus símbolos, que se insinuaram em todas as religiões no decurso dos séculos, e até na era cristã moderna.
As formas mais primitivas dos símbolos eram as linhas retas e as figuras geométricas. No início, havia poucos deles, mas com o passar do tempo seu número aumentou, tornaram-se mais complexos, até que chegamos à era egípcia onde eles se tornaram tão numerosos e complexos que somente a metade dos sacerdotes egípcios os compreendia.
Moisés concebeu a doutrina do monoteísmo, produto da religião de Osíris, mas continuou utilizando numerosos símbolos originais em seus ensinos; encontramos alguns atualmente nas sinagogas.
O Cristo ensinava por parábolas. Ele explicou claramente que pregava por parábolas porque era o único meio de ser compreendido pelo povo. As parábolas são símbolos verbais.
Quando o homem primitivo recorria a um símbolo, o mesmo não representava para ele o objeto que era visto, mas sim seu significado espiritual. Esse costume antigo e primitivo é sempre estimado por nós; empregamos também símbolos, como a Cruz para representar o Cristo.
Os símbolos que se encontram nas paredes do templo dos Mistérios Sagrados em Uxmal, no Iucatã, são de grande valor porque uma

das inscrições nos ensina que eles provêm da Mãe-pátria, as Terras do Oeste, o país natal do homem. Portanto, podemos afirmar sem receio que esses símbolos são cópias daqueles que eram utilizados no início dos ensinos religiosos do homem, hipótese confirmada pelo fato que os encontramos em grande número nas ruínas das ilhas do Pacífico. Esses símbolos tornam a unir os homens do mundo todo à Mãe-pátria da humanidade, "essa terra de Kui", ou seja, Mu.

O leitor sabe muito bem que essas figuras cosmogônicas complexas não poderiam ser imaginadas antes que o espírito do homem fosse suficientemente culto para as entender. Passaram-se, sem dúvida, milhares e milhares de anos entre a época que o homem primitivo aprendeu que o círculo representava o infinito e aquela em que os símbolos complexos se tornaram inteligíveis para um espírito mais esclarecido. Verificamos assim que há dezenas de milhares de anos o homem estava tão adiantado, intelectualmente, que era capaz de compreender esses símbolos complexos.

A sua diversidade e os seus significados comuns provam que eles tiveram uma mesma origem. Os documentos e as inscrições do Iucatã nos dizem que eles provinham das terras do Oeste, ao passo que os documentos egípcios, hindus e outros

escritos orientais informam que eles vinham da Mãe-pátria no leste.
Portanto, creio haver apresentado a prova irrefutável que a terra de Mu, as Terras do Oeste, a terra de Kui e o jardim do Éden da Bíblia são todos, uma coisa só.
Nesse capítulo, vou explicar vários símbolos sagrados, dando sua origem e seu primeiro significado. Eles interessam aos franco-maçons porque não apenas revelam as origens da franco-maçonaria como também sua grande antiguidade.
Nunca foi até hoje determinada a origem dessa irmandade; ela é indicada como tendo origem no Egito há 5.000 anos antes de Cristo. Mas o problema é saber de onde os Egípcios haviam aprendido essa doutrina. É uma página da história da religião que ninguém jamais elucidou. Mas isso será feito agora.
É crença geral que a franco-maçonaria teve o seu início no Egito, e que os símbolos que ela utiliza em suas cerimônias são de origem egípcia. Isto é errado; devemos retroceder ainda mais no tempo, há dezenas de milhares de anos antes que o homem chegasse à terra do Egito, para chegar à origem do que chamamos atualmente de franco-maçonaria.
As Escrituras Sagradas da Mãe-pátria, trazidas pelos Naacals às colônias de Mu de todo o mundo há mais de 70.000 anos, confiando na exatidão dos movimentos dos

corpos celestes, são os escritos mais antigos que existem sobre a origem da franco-maçonaria. A grande antiguidade dessa irmandade é provada não apenas pelas Escrituras Sagradas, mas por vários escritos, inscrições e templos orientais, e confirmada pelas tabuinhas mexicanas de Niven que, segundo alguns, têm mais de 12.000 anos de idade.

Todos esses documentos provam, de forma inegável, que a nossa franco-maçonaria de hoje é um fragmento da primeira religião do homem, a primeira expressão de adoração do Pai Celeste.

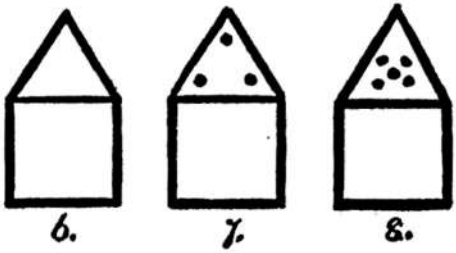
A base dessa religião era o amor e a adoração do Criador, nosso Pai Celeste, e o amor a todos os homens, nossos irmãos.

A primeira religião do homem era a mais simples em sua forma e a mais pura veneração do Grande Infinito, jamais ensinada na terra.

Era uma religião monoteísta, pois adorava apenas um único Deus, ou Criador, que possuía numerosos atributos, representados cada um por um símbolo. Mas, ao que parece, tomavam-se as maiores precauções para evitar a impressão de que havia mais de um Criador, ou Divindade, porque em todas as cerimônias o símbolo Lahun acha-se representado, significando "Dois em Um" ou "Tudo em Um".

Esses vestígios da primeira religião do homem foram transmitidos oralmente de

geração em geração durante cerca de 12.000 anos, após o desaparecimento de Mu, a Mãe-pátria.



Gostaria de chamar a atenção dos Mestres Maçons para um trecho das Escrituras Sagradas: "Para o homem, o Criador é incompreensível; sendo incompreensível, não pode ser representado nem denominado, Ele é o Sem Nome."

Essa passagem é extraída de uma cópia Naga.
Lao Tsé escreveu no ano 604 antes de Cristo: "O Tau que pode ser expresso por meio de palavras não é o Tau eterno. O nome que pode ser pronunciado não é o Seu nome eterno. Sem nome, Ele é o começo do céu e da terra. Agindo sem cessar, Ele não pode ser denominado. Ele é o Sem Nome".
Nos antigos escritos numéricos, o número 10 representa o Criador. Esse número não era pronunciado nem escrito, sendo um sacrilégio pronunciar ou escrever o número 10. Quando isso era necessário, escrevia-se o símbolo Lahun em seu lugar.

1.O círculo
O círculo é um dos três primeiros símbolos empregados para o ensino religioso do homem. Ele era considerado como o mais sagrado e representava o sol, chamado Ra; era o símbolo monoteísta ou coletivo de todos os atributos da Divindade. O Sol, assim como Ra, era considerado unicamente como um símbolo. Não era o sol que se adorava, mas sim a divindade que ele representava.
A Divindade era tão respeitada que Seu nome não era jamais pronunciado. Os maias, os hindus, os uighurs e todos os povos antigos falavam de Deus como o Ser nem nome. O círculo não tem começo nem fim. Que símbolo mais perfeito do que esse

poderia ter sido imaginado para tornar compreensível a um espírito inculto o significado do infinito e da eternidade?
É claro que se foi escolhido o sol como emblema da Divindade é porque é o objeto mais poderoso que estava patente à vista e à razão do homem primitivo. Ele representava o Todo-poderoso.
Encontramos o sol sobre as pedras das ruínas da Polinésia, sobre as paredes do templo dos Mistérios Sagrados, no Egito, Babilônia, Peru, e em todos os países antigos; era um símbolo universal.
Em todos os símbolos egípcios que representam a Divindade, as cabeças são coroadas por um disco, a imagem do sol Ra. Uma esfera vermelha era às vezes utilizada para coroar os pilares ou as estátuas erigidas em memória dos desaparecidos. As esferas vermelhas encontradas na Ilha de Páscoa servem de exemplo. Elas também representam Ra, o sol. Os antigos utilizavam a esfera vermelha como os cristãos atuais colocam a cruz sobre os túmulos.

2. O triângulo equilátero.

A origem e o significado dessa figura geométrica são extremamente interessantes. O triângulo equilátero é outro dos três primeiros símbolos empregados para o ensino religioso nos primeiros tempos. Ele remonta a mais de 50.000 anos.

Simbolizava ao mesmo tempo a trindade e o paraíso.
A lenda nos diz que ele teve por origem a conformação da Mãe-pátria, composta de três continentes separados. Segundo a lenda, eles surgiram das vagas em separado, em três vezes. Para explicar isso ao espírito ainda inculto da maioria dos homens, foi-lhes ensinado que três atributos diferentes do Criador haviam provocado o aparecimento de três terras, mas que existia apenas um Criador.
O triângulo equilátero foi escolhido para tornar compreensível ao homem o conceito da Trindade.
Ele simboliza também os céus, pois que o triângulo era a Trindade da Divindade, e que a mesma morava nos céus, sendo assim evidente que Deus estava nos céus.

3.O quadrado
É o terceiro dos três primeiros símbolos empregados para o ensino religioso. Simboliza a terra. Os quatro cantos representam os quatros pontos cardiais.
Encontramos esses três símbolos sagrados gravados nas pedras nas ruínas das ilhas do Pacífico e entre todos os povos antigos. Eles eram universais. Estão na base de todos os símbolos complexos que se complicaram ainda mais com a evolução do homem indo terminar nos diagramas cosmogônicos bem

conhecidos que simbolizam o conjunto das concepções religiosas.

4. Triângulo com três estrelas
Essa figura simboliza os céus com a Trindade em seu interior.

5. Triângulo com cinco estrelas
É o símbolo de Deus "integral", o Criador das Quatro Forças Primárias que obedecem ao Seu comando para estabelecer a ordem e a lei no caos do universo.

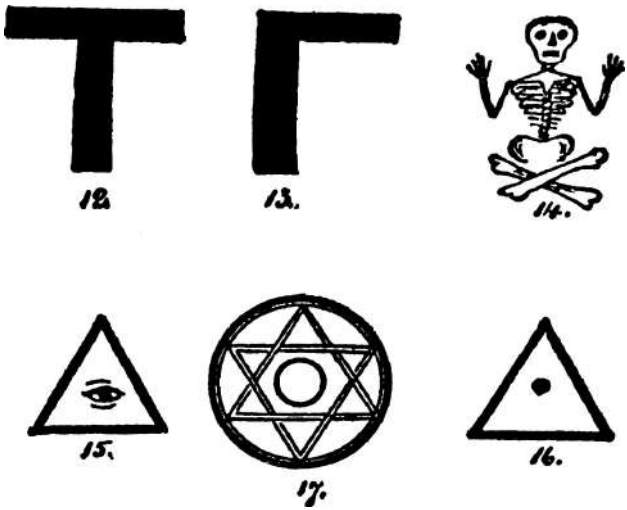
6. Triângulo em cima de um quadrado
É um símbolo mais complexo formado pelo quadrado (a Terra) e pelo triângulo equilátero (a Divindade), significando "os Céus acima da TERRA" uma concepção muito antiga que nunca nos abandonou. Naturalmente "acima" não se refere à altura mas a um nível de perfeição mais elevado.

7. Triângulo com três estrelas em cima de um quadrado.
Encontramos esse símbolo na extremidade da Sala Norte, a câmara de iniciação do templo dos Mistérios Sagrados em Uxmal.

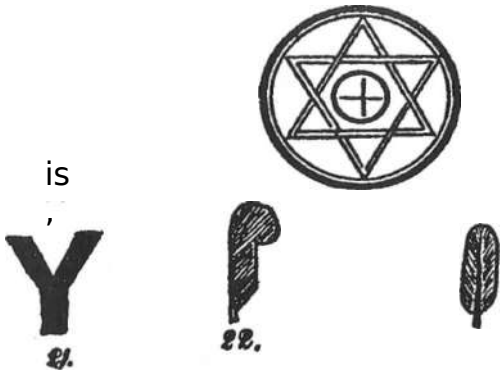
8. Triângulo com cinco estrelas em cima de um quadrado.
Podemos ver esse símbolo no fundo da Sala Sul, nesse mesmo templo. O iniciado passava na Sala Sul, vindo da câmara de

iniciação onde ele havia adquirido conhecimento dos mistérios da Trindade, e estava agora iniciado nos mistérios do número Cinco, Deus e suas forças. Era agora solicitado a passar na câmara central do santo dos santos onde se tornava adepto e mestre.

9, 10, 11. Círculo com figura central.
Esse é o símbolo do Criador, entre os Nagas (nº 9), Uighurs (nº 11) e outros povos (nº 10).



Antigos
símbolos sagrados



12. O Tau

O Tau não é apenas um dos símbolos mais interessantes mas também um dos mais antigos. É encontrado nos primeiros textos da Mãe-pátria, as Escrituras Sagradas. Ele simboliza ao mesmo tempo a ressurreição e aparição, ou seja, a renovação da vida e o aparecimento da terra sobre as águas. É uma imagem do Cruzeiro do Sul. Quando esta constelação surgia nos céus de Mu, ela trazia a chuva de há muito desejada. Com a chuva, as sementes germinavam, a folhagem ressecada se cobria de brotos que surgiam para dar flores e frutos. Era então tempo de abundância e regozijo em Mu, a ressurreição da terra. Encontramos o Tau tanto nas antigas tabuinhas Naacals como nas pedras mexicanas de Niven. Nos antigos escritos maias ele é geralmente representado sob a

forma de uma árvore com dois ramos, cheios de flores e frutos.

O Tau, originário de um antigo manuscrito Maia.

O Tau, originário de um antigo manuscrito Maia

Esse símbolo universal aparece igualmente nos manuscritos hindus, chineses, caldeus, incas, quíchuas, egípcios, etc. Ele desempenhava um papel importante nas antigas religiões. Nos templos, certos altares usados para oferendas de flores e frutos eram em forma de tau-

O nome e o modo de escrever esse símbolo nunca mudaram. Era escrito t, a, u na Mãe-pátria e é escrito assim atualmente. Em Mu, cada letra era pronunciada e se dizia ta-ou. Os polinésios conservam uma boa pronúncia desse nome.

13. O esquadro.

Essa figura é um dos símbolos mais importantes da franco-maçonaria e sua origem é extremamente antiga, remontando à época em que o homem recebeu seu primeiro ensino religioso. Quando foi isso? Não posso dizer, nem mesmo adivinhar.

Em duas tabuinhas Naacals muito antigas, uma encontrada no Tibete, e outra na Índia, informasse que o homem fez seu aparecimento sobre a terra no país de Mu há cerca de 200.000 anos; e em outros escritos Naacals, tudo parece indicar que essa instrução religiosa veio logo após sua chegada, mas o que significa "logo após"? É impossível calcular e para saber devemos esperar que o acaso nos revele. Seja qual for esse período, de mil ou dez mil anos, a extrema antiguidade do esquadro é evidente, provando assim a grande antiguidade do que nós chamamos de franco-maçonaria.

O esquadro é o hieróglifo de uma antiga palavra que significa construtor. Nos ensinos religiosos, as Grandes Forças Primárias eram também conferidas aos construtores, que construíam o universo e tudo o que ele contém.

Encontramos o esquadro também no Egito, na época de Menes (cerca de 5.000 anos antes de Cristo). Na América já existia há 12.000 anos ou mais, 7.000 anos antes que aparecesse no Egito. E na América há 12.000 anos ele já era muito antigo como provam as

tabuinhas Naacals que têm mais de 50.000 anos.
Era um dos símbolos do Deus Ptah, o mais velho dos deuses egípcios. Ptah possuía muitos títulos, entre os quais o de "o Construtor".

14. O Ka.
Esse símbolo, um esqueleto sentado, tão bem conhecido dos franco-maçons, encontra-se sobre uma cornija em cima da entrada da sala do santo dos santos no Templo dos Mistérios Sagrados em Uxmal. Esses símbolos da mortalidade eram empregados nas antigas cerimônias religiosas para que o adepto compreendesse que esse seria o seu fim e para lhe inculcar a necessidade de uma vida isenta de pecado que permitiria à alma passar facilmente para o outro lado.

15, 16. Triângulos com figuras centrais.
Eles simbolizam o "Olho onisciente" que olha do céu para baixo. Os egípcios criaram o olho onipresente de Osíris.

17, 18, 19. Triângulos entrelaçados.
Esses dois triângulos entrelaçados no interior de um círculo formam a figura central do diagrama cósmico da Mãe-pátria.

20. O triângulo duplo.

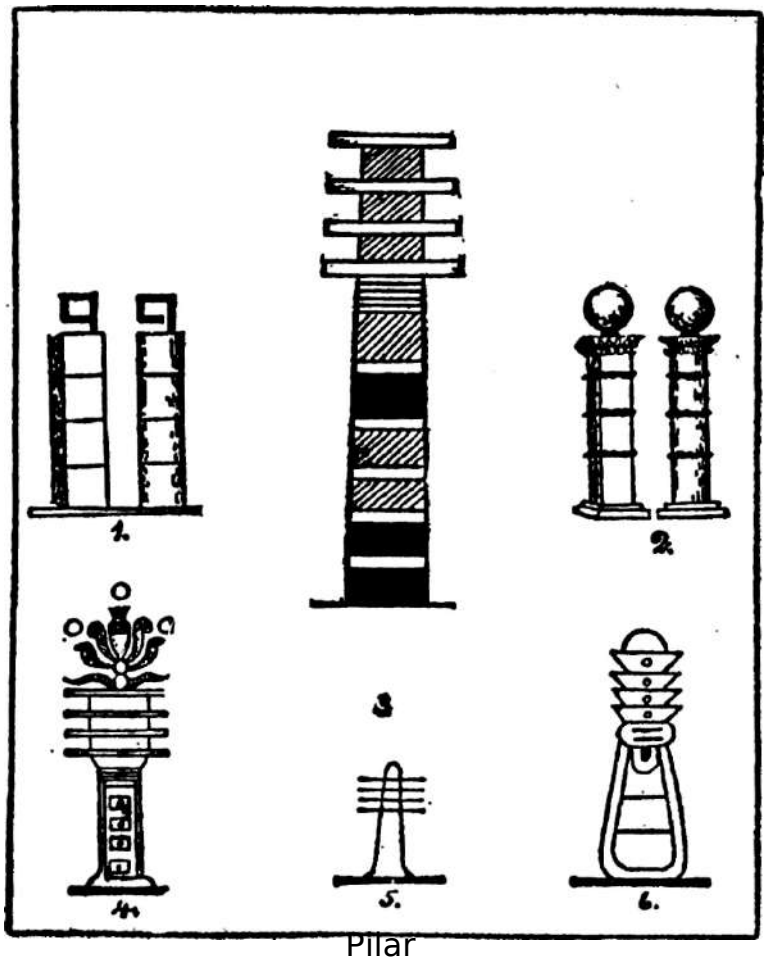
Os dois triângulos reunidos pela base eram o símbolo antigo de oferenda. Encontramos esse símbolo com freqüência nos altares da Lei, no interior dos templos.

21. O grande Y.
Extraindo suas concepções religiosas dos Uighurs, seus antepassados do lado paterno, os chineses substituíram o triângulo equilátero pela figura de um Y no tempo de Confúcio. Eles o chamavam o "Grande Termo", o "Grande Uno", o "Grande Y". "O Y não possui corpo nem forma, tudo o que possui um corpo e uma forma foi feito por aquele que não possui forma. O Grande Termo ou o Grande Uno são compostos de Três; Um é três, e Três é um."

22, 23. Penas
Desde os primeiros tempos, a pena desempenhou um papel notável no simbolismo. Na Mãe-pátria, a pena era o símbolo da verdade, assim como no Egito, onde ela era sempre azul.
A não ser nos últimos tempos da civilização egípcia, uma pena reta ornava sempre a coroa do rei ou a cabeça do sumo sacerdote. Em Mu, na Mãe-pátria, utilizava-se um penacho de três penas amarelas. A pena de avestruz apareceu mais tarde no Egito, com exceção das cabeças dos deuses antigos que conservavam a pena reta.

Pilares

Os pilares que serviam de emblema sagrado são, sem a menor dúvida, de origem muito antiga. Estou convencido que eles remontam ao primeiro templo erigido para adoração da Divindade.

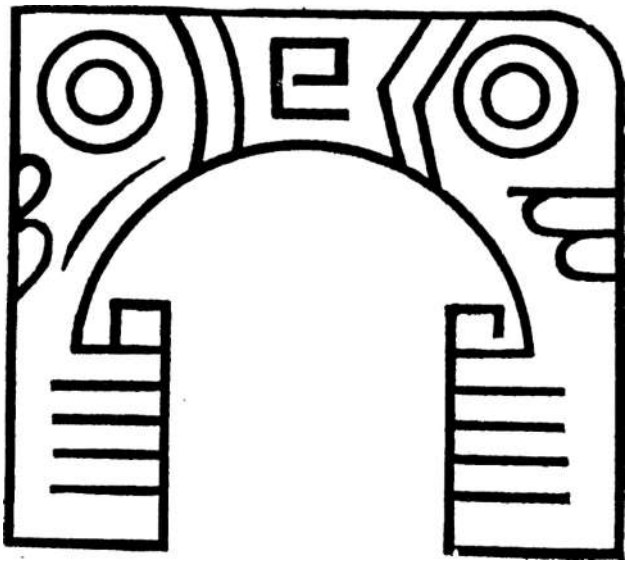


Pilar
es

Pilares

Nos tempos antigos, os pilares eram colocados na entrada dos templos. O seu

papel de emblemas sagrados é revelado pela obra de Niven: Cites enfouies du Mexique. Eis a entrada de um templo, a tabuinha 50 de Niven, flanqueada por dois pilares. Segundo a escrita numeral que os ornamenta eles simbolizam as Quatro Forças Sagradas. Esses sinais são confirmados pelos hieróglifos no cimo do arco, a letra hierática H no alfabeto da Mãe-pátria e o símbolo alfabético das Quatro Forças. O pilar era separado em quatro partes, cada uma na forma de um cubo. Esses eram cheios de símbolos. No pilar da esquerda, vemos um quadrado, o antigo símbolo da força. O pilar da direita trazia um hieróglifo significando realização, ou seja, que ele estava formado e acabado.



Tabuinha Nº 50. Entrada de um templo

Na qualidade de símbolos sagrados, esses pilares simbolizavam as Quatro Grandes Forças primárias, os mandamentos do Criador no início, e os dois símbolos no alto desses pilares explicam que obedecendo os mandamentos do Criador o universo conhecerá a força.

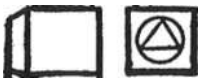
Foram entretanto os egípcios que iriam imaginar as formas mais complexas para os seus pilares. Eles possuem uma grande dose de simbolismo. Mas em todos os seus desenhos, eles guardam um aspecto marcante significando que esses pilares eram os emblemas das Quatro Forças Sagradas, geralmente quatro barras no alto. Em sua mitologia, os egípcios colocavam dois pilares na entrada do Amenti. Acima, alguns pilares egípcios, entre os quais os dois magníficos, que compõem a entrada do Amenti, são baseados no Papiro Ani. Os de nº 3 e 4 são extraídos do Livro dos Mortos.

Os egípcios chamavam-nos Pilares Tat, mas eles são mais conhecidos no mundo sob o nome de Totens. De fato, entre os egípcios, o primeiro pilar se chamava Tat que significa "à força", o segundo Tattu, que quer dizer "estabelecer". Juntas, essas duas palavras significam que esse lugar nunca havia sido estabelecido à força.

Na entrada do templo de Jerusalém foram levantados dois pilares (Reis 17: 21, 22): "E Salomão erigiu os pilares sobre o pórtico do templo, e erigiu o pilar direito e o chamou

Jachin; erigiu o pilar esquerdo e o chamou Boaz".
Ou, em hebraico, a palavra Jachin quer dizer "estabelecer" e a palavra boaz "à força".
Dessa maneira os pilares da Sala de Julgamento de Osíris e aqueles do templo de Salomão trazem o mesmo nome, as mesmas decorações, até mesmo as flores estilizadas, o que demonstra que Salomão copiou os pilares do Amenti para o seu templo de Jerusalém
Na Nova-Zelândia, os Moaris levantavam pilares na entrada de suas cidades, e os índios da América do Norte faziam o mesmo, no noroeste.
Platão nos diz, falando sobre a Atlântida: "Naquele lugar o povo se reunia cada cinco ou seis anos, e, sacrificando touros, jurava obedecer os mandamentos sagrados, gravados sobre os pilares do templo."
Forbes, em uma obra sobre o arquipélago malaio escreveu: "Em Java existe uma tribo chamada Karangos, e diz-se que são descendentes dos aborígines da ilha; os velhos e os jovens se entregam em segredo a uma procissão, quatro vezes por ano, em um bosque sagrado, os velhos para fazerem as suas devoções, os jovens para aprender os mistérios de seus antepassados. Nesse bosque se encontram as ruínas de terraços retangulares, limitados por blocos de pedra. Vemos aqui e acolá monumentos, pilares eretos, e em especial um pilar erigido no meio de um quadrado. Esse povo desprezado e

oculto obedece assim os ritos e os costumes herdados de seus longínquos antepassados repetindo com crença respeitosa uma litania que não compreendem. Essa mesma litania se encontra no Livros dos Mortos."
Chamo a atenção no texto para um pilar erigido no meio de um quadrado porque isso também se encontra no Livro dos Mortos



a) O pilar antigo. O primeiro pilar de que tive conhecimento está formado de quatro cubos colocados uns sobre os outros com símbolos em Cima. O pilar da esquerda era quadrado, e encimado por um quadrado, o da direita era redondo e trazia o símbolo "estabelecido". Eles simbolizavam as Quatro Forças Sagradas que estabeleceram solidamente a lei e a ordem no universo.

b) O cubo. Ele apresenta um interesse especial para os Mestres da franco-maçonaria. Encontramos uma descrição de sua descoberta no capítulo 64 do Livro dos Mortos.

Tradução de Pierret (cópia de Turim): "Esse capítulo foi descoberto em Hermópolis sobre um tijolo de terracota escrito em azul sob os pés do deus Thoth. A descoberta foi feita no tempo do rei Menkara que nunca mente, pelo príncipe Har-titi-f, nesse lugar, quando viajava para inspecionar os templos. O mesmo reproduzia um hino que o colocou em êxtase. Ele o levou ao carro do rei assim que viu o que estava inscrito no cubo: um grande mistério".

Esse cubo de pedra foi encontrado por William Niven em Santiago Ahuizoctla, junto com centenas de outras tabuinhas de pedra. Sua superfície tem 26,5 cm de lado.

William Niven é um Mestre da franco-maçonaria. Ele chamou a minha atenção para essa pedra.

No alto do cubo, há um símbolo, a letra hierática H quadruplicada e enrolada sobre si mesma. Isso pode ter dois significados: ou

é um adjetivo que aumenta, ou quer dizer quadruplicado no sentido físico.
Sou inclinado a aceitar esse segundo significado porque, na época desses escritos, quando se empregava um adjetivo, acrescentava-se um sinal a uma letra.

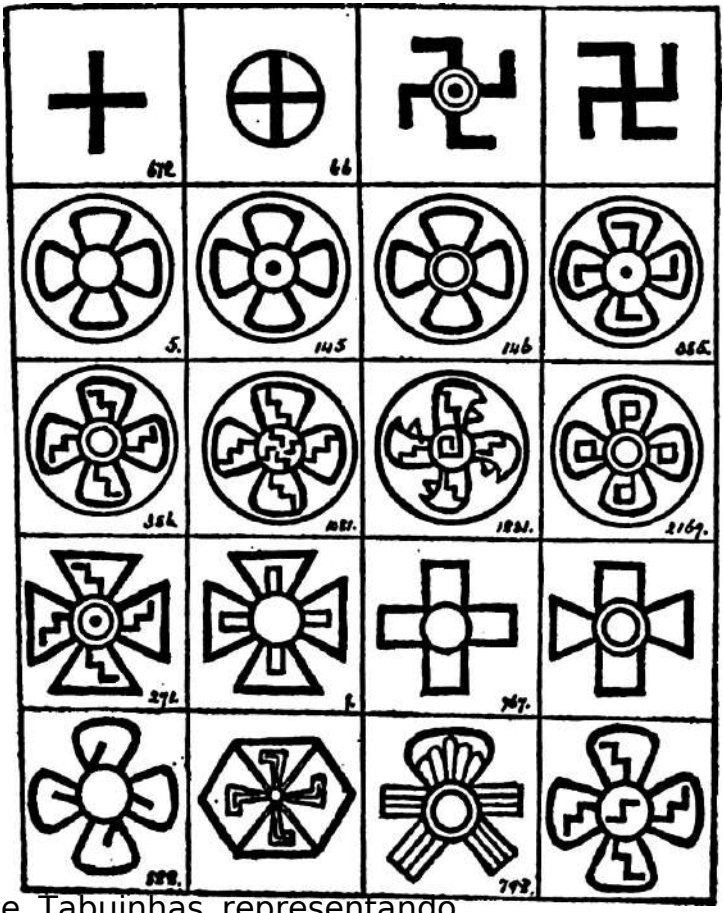
As Quatro Grandes Forças Primárias

Aparentemente, essas Forças chamadas Quatro Forças Sagradas nos escritos Naacals, desempenharam um papel primordial na religião do homem. É bem provável que toda a teologia antiga estivesse baseada em suas influências e elas deram origem a muitas ideologias.
Elas não estão mortas, estão sempre entre nós se bem que, desde o início, o seu aspecto tenha mudado de tempos em tempos e que elas tenham dado origem a muitos símbolos teológicos.
Nos tempos muito primitivos, era comum consagrar os templos a essas quatro forças. Nos planos de templos encontrados nas tabuinhas mexicanas de Niven verifica-se que elas são todas, sem exceção, dedicadas às Quatro Forças Sagradas, representando o poder do Criador, e os símbolos de sua Onipotência.
Descobri o primeiro símbolo das Quatro Forças Sagradas nos escritos Naacals com 70.000 anos. Era uma simples cruz. f Com o tempo essa cruz evoluiu e formou:

1. A Suástica (ou cruz gamada)
2. Uma forma da cruz de Malta
3. O círculo alado.

Todas essas cruzes simbolizam as Quatro Forças Sagradas.
Acho que já é oportuno dar uma explicação das Quatro Forças e determinar a diferença entre elas e os Sete Grandes Mandamentos da Criação, pois eu percebi que muitos de nossos grandes egiptólogos estavam redondamente enganados nesse particular. As Quatro Forças Sagradas eram as executoras dos sete mandamentos.
Em suma, o Criador deu sete mandamentos para as Quatro Forças executarem.
A antiga concepção era a seguinte: "No início, reinava o caos no universo, que estava mergulhado nas trevas e no silêncio. Pois o Criador, desejando criar mundos, ordena às suas Quatro Grandes Forças que estabeleçam a lei e a ordem no universo a fim de que as criações pudessem ser feitas. Após serem estabelecidas a lei e a ordem, as Quatro Forças Sagradas realizaram as criações segundo os desejos do Criador."
Esse parágrafo é extraído de um escrito Naacal muito antigo, reproduzido com exatidão nas tabuinhas mexicanas, provando claramente que a origem dessas tabuinhas é a mesma dos escrito Naacals, ou seja, as Escrituras sagradas e inspiradas de Mu.

Aparentemente, todos os povos antigos deram nomes diferentes às Quatro Forças Sagradas, conforme o seu idioma; alguns deles deram vários nomes. Eram chamadas de Quatro Sagradas, as Quatro Grandes, as Quatro Potências, as Quatro Forças, os Quatro Grandes Reis, os Quatro Grandes Marajás, os Quatro Grandes Construtores, os Quatro Grandes Arquitetos, os Quatro Grandes Geômetras, etc.
Um pouco mais tarde, foram chamadas de Quatro Grandes Pilares do Universo, os Quatro Gênios, etc, e ainda mais tarde os Amshaspands entre os Masdeístas, os Eloins e Serafins entre os hebreus, os Rabiri e Titãs na teogonia de Hesíodo e, atualmente, elas se tornaram os Arcanjos dos cristãos e dos maometanos.



Vinte Tabuinhas representando Cruzes

Vinte tabuinhas representando Cruzes.

Não apenas as Quatro Grandes Forças receberam vários nomes, mas também foram inventados os símbolos em forma de cruz para os representar. Os antigos mexicanos de Niven haviam dado livre curso à sua imaginação, e concebido desenhos encantadores (eu possuo mais de 100), mas a cruz gamada teve a preferência.
Entre muitos povos o círculo alado tornou-se a expressão favorita das Quatro Forças. Os egípcios imaginaram maravilhosos desenhos desse círculo alado.

A Cruz Gamada ou Suástica
É um "talismã" popular, um dos numerosos símbolos das Quatro Grandes Forças Primárias, um dos mais apreciados pelos antigos. Faz parte dos símbolos maçónicos. Mas a velha suástica teve seus inimigos. Durante muito tempo, os antigos sofreram tentando melhorá-la. Vejamos um pouco as fases pelas quais ela passou.

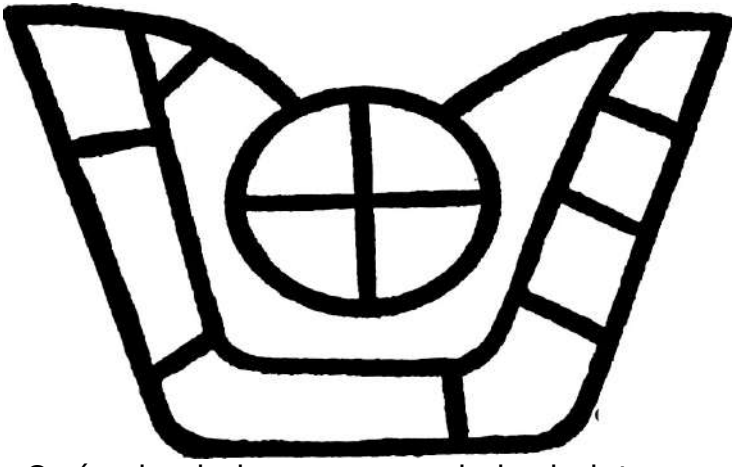
A Evolução e o significado da Suástica
Fig. 1. Símbolo original das Quatro Grandes Forças Primárias.
Fig. 2. É feita uma alteração, mas em que data? Eu não posso dizer. O círculo simboliza o Criador, portanto a cruz se encontrando dentro do círculo, significa que as Quatro Forças são as mesmas do Criador.
Fig. 3. Nessa figura, as extremidades da cruz saem do círculo, pois formam um ângulo reto — no sentido oeste — com o símbolo do Criador ao centro. Dessa forma, não se podia falar de Grandes Forças sem mencionar também o Criador.
Fig. 4. Nessa figura o símbolo do Criador foi suprimido, deixando um complexo formado pelos símbolos dos Quatro Grandes Construtores, reunidos de tal maneira a formar uma cruz, chamada de suástica, cuja forma chegou até nossos dias.

Os padres possuíam uma explicação especial para essa cruz, a qual não comunicavam aos profanos.

- Sinal significando Construtor.

- A cruz desmontada, mostrando os Quatro Construtores.
- Hieróglifo do Geômetra.
- Hieróglifo do Arquiteto.
- Significam os três degraus do trono.
- Os Quatro Construtores formando um quadrado.

Portanto, em sua totalidade, não significam somente os Quatro Grandes Construtores, mas também as Quatro Grandes Potências. E também este quadrado é o símbolo original da terra.
Explicação: Obedecendo o mandamento do Criador as Quatro Grandes Forças primárias construíram o universo e tudo o que este contém. Eles (os Quatro Grandes Construtores, os Arquitetos Celestes, os Geómetras, as Quatro Potências) construíram a terra e formaram a sua vida.

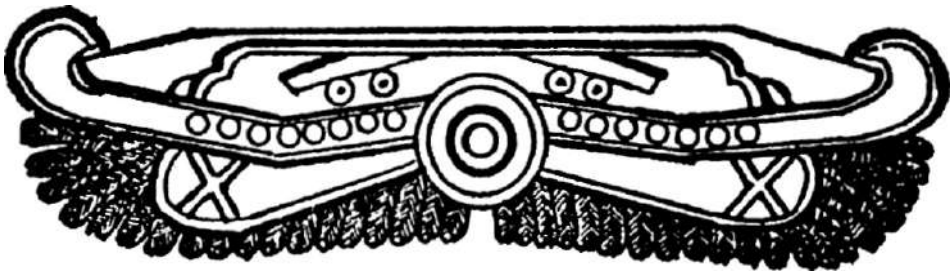


O círculo alado, com asas de borboleta. Tabuinha mexicana de Niven n? 66. O mais antigo círculo alado conhecido — sem dúvida o ancestral de todos os outros — remonta há mais de 10.000 anos antes de Cristo.

O círculo alado, com asas de borboleta. Tabuinha mexicana de Niven nº 66. O mais antigo círculo alado conhecido – sem dúvida o ancestral de todos os outros – remonta há mais de 10.000 anos antes de Cristo.

O Círculo Alado

É um dos últimos símbolos que representam as Quatro Forças, sem contar a nossa concepção moderna, o Arcanjo, representado como um ser de forma humana, com asas e uma trombeta. Todas as asas que ornam os círculos, nas ilustrações dadas a seguir, possuem penas.



Guatemalteco

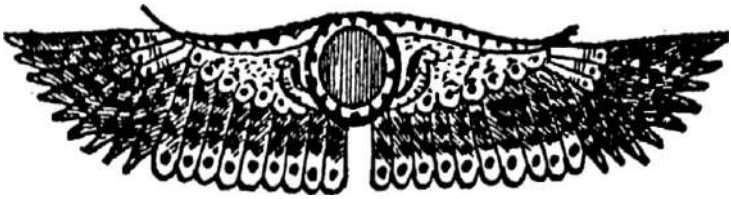
O exemplo mais remoto de círculo alado com plumas foi por mim descoberto num respeitável manuscrito hindu, que era uma cópia das Escrituras Sagradas, embora sua idade seja desconhecida. Ele representa uma cruz dentro de um círculo (segunda figura da suástica) trazendo um par de asas com plumas.

Entre as 2.600 tabuinhas encontradas por

Assírio

Niven no México, existe apenas um círculo alado e o mesmo não se parece com nenhum dos outros. Todos, na realidade, possuem asas de ave, mas esse do México possui asas de borboleta.

Para encontrar-se o círculo alado de forma mais perfeita, ser-nos-há preciso avançar no tempo até a época dos Assírios, Babilônios, Caldeus, e dos Egípcios, de 3.000 anos antes de Cristo até o ano 1.000 a.C.



Per
sa

O mais comum dos
egípcios

Círculo egípcio proveniente da câmara mortuária de Tutmés I

Grego

Círculo alado pintado no fundo da câmara mortuária da rainha Hatshepsut, a mesma que, quando jovem princesa, descobriu Moisés em seu berço de vime, à deriva sobre o Nilo. A curvatura indica uma proteção excepcional.
Outro símbolo, de idade desconhecida, foi-me enviado da Grécia.

CAPÍTULO XX

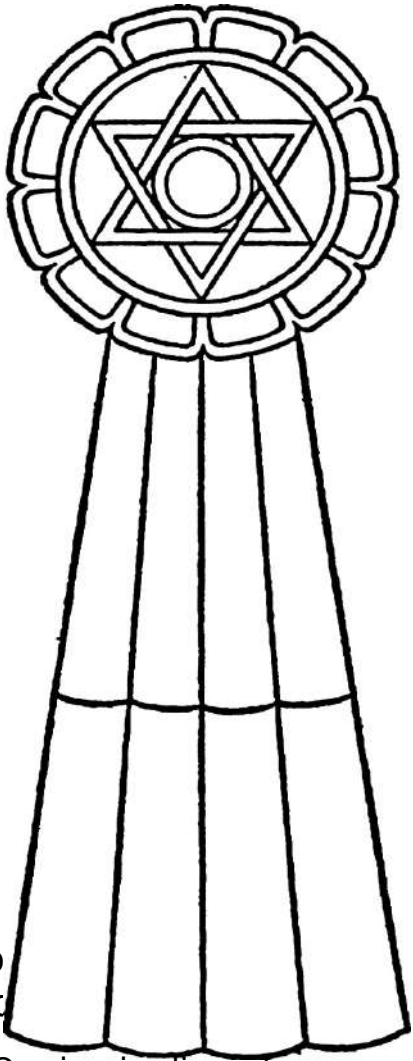
SÍMBOLOS

O Diagrama Cosmogônico da terra de Mu foi a primeira obra escrita pela mão do homem. Situo a sua data há mais de 35.000 anos, mas é impossível dizer por quanto tempo já vinha sendo ele utilizado nesta época.

Todos os povos antigos imitaram o diagrama da Mãe-pátria: os Maias do Iucatã, os Naga-Mayas da Índia, os Babilônios, os Assírios, os Egípcios e os Índios Pueblos do sudoeste da América do Norte.

Apenas uma destas cópias conservou sua feição simples, com seus significados originais — a dos Maias do Iucatã. Os outros povos, com exceção talvez dos Pueblos, acrescentaram figuras às mesmas e elaboraram dogmas. Atribuíram novos significados a certas figuras, de maneira que o símbolo belo e simples da Mãe-pátria deformou-se acentuadamente por culpa sobretudo de um clero egípcio sem escrúpulos. Primeiro inventaram o diabo, depois tiveram de lhe arrumar uma morada e imaginaram o inferno. Há cinco mil anos o diabo e o inferno eram desconhecidos. Os sacerdotes da Índia verificaram o efeito que estas invenções exerciam sobre o povo e se apressaram a fazer com que Set fosse acompanhado por Siva.

Em Mu o noviço devia aprender esta obra de cor e repeti-la como um credo para afirmar sua fé em Deus e no além.
Decifrando este diagrama cósmico ver-se-á que existe um círculo central encerrado dentro de dois triângulos equiláteros entrelaçados. Eles formam uma única figura pois tem um só significado. Estes dois triângulos acham-se por sua vez inscritos num círculo externo, deixando doze espaços entre os dois círculos. E este círculo externo por sua vez é circundado por doze festões. Pende desta figura uma fita dividida em oito partes.
O círculo central representa Ra, o sol, símbolo coletivo da Divindade, e como a Divindade está no céu, o círculo simboliza ao mesmo tempo a Divindade e o Céu.
Os doze espaços formados pelos dois triângulos entrelaçados, entre os dois círculos, simbolizam as doze portas do céu. Cada porta representa uma virtude; assim sendo, a alma deve possuir as doze virtudes a fim de franquear as portas do céu.
O círculo exterior é o símbolo do mundo intermediário, o além, o Amenti dos egípcios.



O primeiro livro do mundo. Diagrama Cosmogônico da terra de Mu, Mais de 35.000 anos de idade.

Os doze festões que circundam o mundo intermediário simbolizam doze tentações. A alma deve dar provas de ter vencido as doze tentações terrestres antes de poder atingir as doze portas do céu. A fita pendente significa que a alma deve elevar-se para atingir o céu, alçar-se a um nível maior de perfeição. A fita está dividida em oito partes que representam os oitos caminhos que o homem deve percorrer para que sua alma possa penetrar no mundo do além.
Não consegui descobrir quais eram as doze tentações e as doze virtudes.
Esta antiquíssima crença religiosa do povo de Mu significa, em linguagem moderna:
"Eu creio que há oito caminhos que devo percorrer para chegar ao céu. Depois de ter percorrido os oito caminhos (cujos nomes eram proferidos), chego às doze portas que levam ao mundo do além. Devo então dar provas de que venci as doze tentações terrestres (que eram mencionadas). Depois, passarei para o mundo do além e chegarei às portas do céu. Lá, deverei dar provas de ter aprendido e praticado as doze virtudes na terra (mencionava-as então). Então, serei conduzido pelas portas do céu até o trono de glória onde verei o Rei Celeste."
Dentre todas nossas seitas e religiões há uma só que seja mais simples e mais pura do que a do povo perdido da Mãe-pátria do Homem?

Figuras de Muitos Braços

Durante os anos que se seguiram à tradução das tabuinhas Naacals, encontramos a solução de enigmas constituídos por numerosas figuras que não tínhamos podido decifrar nas tabuinhas. Procurando a chave das antigas figuras simbólicas que os autores e arqueólogos chamam de "deuses grotescos" e "deusas grotescas" percebemos que os símbolos que não tínhamos podido decifrar se fundiam tão mtimamente nestes baixos-relevos que sua significação se tornava evidente. Eis um destes "deuses grotescos", com uma tradução dos símbolos revelando que a alegoria representa a aparição do homem sobre a terra de Mu.

Na Índia, de maneira mais particular, encontram-se com grande freqüência esculturas e pinturas de um personagem com diversos braços feitas sobre os muros dos templos e ilustrando os antigos manuscritos hindus, reproduzida até nossos dias em ornamentos e jóias.

Estas personagens não são ídolos, mas símbolos sagrados do Grande Criador e de Sua Criação. As alegorias têm um caráter muito complexo, como se verifica freqüentemente no estudo dos primeiros escritos do homem. Elas simbolizam o Infinito, o Criador, com sete grandes forças ou atributos, poderes, desejos, mandamentos, etc. Encontrei estas palavras empregadas em diversos documentos

antigos, como, por exemplo, "A Serpente de sete cabeças que são poderes ou mandamentos", "A Serpente coberta de plumas, cujos sete mandamentos criaram o mundo e criaram o homem para reinar sobre a terra".

As personagens de múltiplos braços de que falei acima originaram-se indiscutivelmente na Mãe-pátria, embora eu as tenha encontrado pela primeira vez entre os antigos brâmanes. É um fato bem conhecido na Índia que os brâmanes adquiriram sua cosmogonia, sua ciência e sua civilização com os Nagas. Os Maias da Índia, primeiramente chamados Mayas, depois Danavas, estabeleceram-se neste país procedendo da Mãe-pátria, milhares de anos antes que os arianos aí aparecessem. Os brâmanes e os Nagas também empregavam a Serpente de sete cabeças para simbolizar o Criador. Parece que uma figurinha humana era às vezes empregada para ilustrar alguma criação em particular.

Escolhi um baixo-relevo que representa uma destas figuras na cripta do templo de Ajanta, perto de Bombaim, que vou decifrar e traduzir. Ela é singularmente interessante porque simboliza a elevação da Mãe-pátria acima das águas, fértil e produtiva, imediatamente antes do aparecimento do homem; a figura central é um homem com sete pontos salientes, sendo sete o número da criação. Neste caso, escolheu-se um

símbolo mais elevado — um homem, em vez de uma serpente — pois o homem é uma criação especial, a quem foi concedido o poder de reinar sobre a terra. Isto está confirmado por esta alegoria que vou decifrar.

A figura central usa a antiga coroa sagrada, uma coroa de pérolas, atributo da Divindade, indicando que se trata de um rei. Ele está colocado no meio da criação, sendo, conseqüentemente, o rei da criação. Na mão superior esquerda ele segura um fruto e na mão direita o lótus real, flor simbólica da Mãe-pátria, indicando que Mu é habitável.

A personagem está de pé na água, dois símbolos distintos no-lo indicam — primeiro, as linhas horizontais irregulares sobre suas pernas e a parte inferior de seu corpo; em seguida, a serpente de uma só cabeça que ela segura na mão inferior direita.

Escultura simbólica

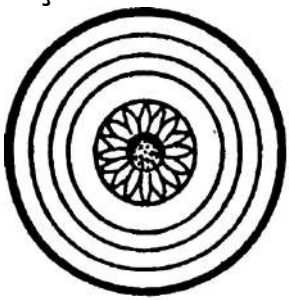
Vêem-se grãos caindo da cauda da serpente, simbolizando os ovos cósmicos dos antigos. Logo estes ovos se abrem. Assim vemos como a vida aparece e também que uma terra habitável existe acima das águas. Que terra é esta? Em baixo, à esquerda, vemos um cervo prestes a saltar; ora, o cervo era o antigo símbolo do primeiro homem. Por conseguinte, a alegoria representa a Mãe-pátria pouco antes do aparecimento do homem.

O artista procurou estabelecer uma diferença entre as criações da natureza e a criação especial do homem, pois as da natureza são mostradas em forma de grãos prestes a se abrirem enquanto que o homem é representado já completamente desenvolvido, sem ter de passar pelos avatares da evolução. Isto demonstra que não se considerava o homem como uma criação da natureza.
Este símbolo maravilhoso não se assemelha absolutamente a um ídolo, para quem o compreende. É uma imagem que confirma o que aprendemos da Bíblia, com a pequena diferença de que remonta a milhares de anos antes do povoamento do Egito.
Esta tradução não é completa, porém, por causa da mutilação da mão esquerda inferior que não permite ver o que ela segurava.

A Serpente de Sete Cabeças
É um dos símbolos mais antigos e, sem dúvida, o mais interessante. É originário da Mãe-pátria e simboliza o Criador e a Criação. Encontramo-lo, com nomes diferentes, em numerosos escritos, mas de cada vez faz-se menção das sete cabeças. Não consegui descobrir seu nome original na Mãe-pátria, mas nas obras hindus ele é chamado de Caisha e também de Narayana. Os Maias do Iucatã chamavam-no Ahac-chapat e hoje em dia, no Camboja, seu nome é Naga. Esta

última denominação é relativamente recente, pois dá à serpente o nome do povo.
Em Angkor-Thom (é preciso não esquecer que o Camboja fazia parte da antiga Birmânia) encontram-se ainda vestígios de um templo magnífico que pode ser classificado entre as maravilhas do mundo. A Serpente de sete cabeças aparece em numerosos lugares, mas a principal se encontra perto da entrada do templo. A grande álea é flanqueada por duas serpentes de sete cabeças, de três metros de altura, cuja cauda termina nas paredes do templo.
Ela têm constituído um enigma para quase todos os arqueólogos que as têm examinado e que, de forma quase unânime, declararam que os construtores deste templo eram adoradores de serpentes! Uma única pessoa, que não tem pretensões de arqueólogo, quase desvendou instintivamente o mistério. Helen Churchill Candee, em sua obra fascinante "Angkor the Magnificent", escreve: "São Naga. Não podem ser outra coisa. Sua forma é o resultado de séculos de lendas e de crenças, prova tangível de uma história e de uma religião esquecidas. Estas serpentes não são a criação fantástica de um artista ou de um arquiteto, mas o símbolo de um semideus. Seus atributos, sua história devem encontrar-se nas inscrições".
A Sra. Candee está absolutamente certa e todos os outros se enganam. Estas serpentes

são símbolos, mas ela não foi tão longe. Não simbolizam um semideus, mas o Grande Criador de todos os mundos.
No colo e nas costas exibem símbolos da Mãe-pátria delicadamente gravados. Pude traçar esboços destes símbolos há muito tempo — a viagem até o templo era então longa e penosa, através da selva, e diversas aventuras me sucederam; mas é esta, em geral, a sorte dos exploradores.
Símbolos gravados sobre a Grande serpente de sete cabeças



Ornamentos sobre a grande serpente de Sete Cabeças.
EM ANGKOR THOM
Figura Central:
Flor de lótus
Primeiro círculo: O sol cercado por seus raios
Raios:
Divididos em três 3 secções. Símbolos numéricos da Terra de Mu.

EM ANGKOR VAT Círculo externo:
O sol
Três círculos internos:
O número de Mu; assim como colônias e impérios coloniais Figura Central:

O Lótus Real, flor simbólica da Terra de Mu, a Mãe-Pátria.

Ganesha, o Senhor dos Campos e das Colheitas, Ganesha, o elefante. Símbolo do atributo da Divindade que vela pelas culturas, jardins e colheitas.

Por que, no Camboja, a Serpente de sete cabeças chama-se Naga? Só vejo uma explicação plausível: este desenho chegou à Birmânia procedente da Mãe-pátria há dezenas de milhares de anos, trazido pelos

Nagas. Um cataclismo aniquilou os Nagas e quando sua terra voltou a se tornar habitável um outro povo aí se instalou. Deram à serpente o nome de Naga, como lembrança do povo que a havia trazido.

Enquanto estamos em Angkor, examinemos outra escultura. As portas são guardadas por animais que arqueólogos sem imaginação batizaram de "leões". É evidente que estas feras estilizadas são simbólicas, se observarmos a forma de sua boca, um retângulo, outro símbolo de Mu. Estas feras acham-se de pé, voltadas para leste, na direção do túmulo de Mu. Em toda Angkor deparamos com este grito gravado na pedra: "Mu, Mu, Mãe-pátria"!

Eis Ganesha. Aqueles que não sabiam quem ele era, chamavam-no por diversos nomes. Os hindus, todavia, sabiam quem era este deus e ornavam suas imagens com flores, pois Ganesha era o símbolo do deus que velava pelas flores e pelas colheitas e cujo nome antigo era justamente "Senhor da terra e das colheitas".

Este símbolo provém da terra de Mu. Não sei como o chamavam lá; sem dúvida, Ra Ma (Deus das Terras) ou Ra Mana (Senhor dos campos e das colheitas). No Iucatã, a dinastia dos reis PPeu tomou-o como símbolo, proclamando que eles eram os senhores e proprietários da terra. Nos edifícios erguidos ao tempo da dinastia PPeu vêem-se numerosas cabeças de elefante.

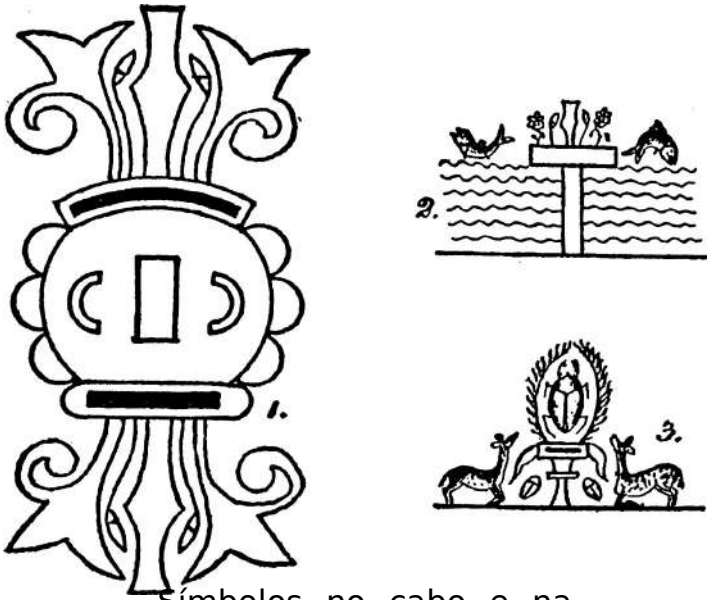
Faca Naga-hindu

Possuo uma faca que é, segundo creio, a faca mais velha do mundo e que deveria ter sido usada outrora por um antigo rei Naga. Conforme já expliquei, os Nagas eram Maias que da Mãe-pátria vieram para a índia passando pela Birmânia. Instalaram-se no Deccan e esta feitoria transformou-se posteriormente num império colonial de Mu chamado império Naga. A capital situava-se onde se encontra Nagpur.

Ignora-se a data da destruição do império Naga, e se ela ocorreu de forma violenta ou progressiva. As lendas indicam que ele desapareceu há 5.000 anos. Existem incontáveis documentos e tradições hindus. Valmiki afirma muito bem que foi este o primeiro império colonial da Mãe-pátria.

Um exame atento desta faca revela que a lâmina atual não é a que originalmente se prendia ao cabo. Esta lâmina não é de aço, mas de ferro temperado, presa ao cabo por meio de um rebite de cobre. Para que ela se fixasse bem, adicionaram um anel de cobre. Tudo indica que a lâmina original era de bronze ou de cobre temperado e suficientemente grossa para se sustentar sem o anel. O cabo da faca e a bainha são de prata e ricamente ornados de símbolos, hieróglifos e caracteres maias, que, sem dúvida, são de interesse ainda maior que o

despertado pela extrema antiguidade desta arma.
Os símbolos do cabo são alegorias que nos dizem quem eram as pessoas que fabricaram esta faca e de onde provinham.
A primeira figura (1) é o símbolo de Mu, a Mãe-pátria, exibindo a letra hierática K indicando os quatro pontos cardeais, o retângulo, o símbolo de Mu, cercado de lótus, a flor simbólica da Mãe-pátria. De uma e doutra banda, semi-sóis sem raios indicam uma colônia. Parece então evidente que a faca remonta ao tempo do império colonial Naga.
Na parte inferior do cabo (2) uma alegoria representa Mu erguendo-se nas águas, com dois peixes saltando à superfície, o primeiro dirigindo-se



Símbolos no cabo e na bainha da faca.

para o leste, o segundo para o oeste. Este símbolo indica que a Índia estava separada da Mãe-pátria por uma extensão de água e que os Nagas haviam atravessado o oceano para chegar à Índia; seu meio de transporte acha-se representado de maneira curiosa por estes peixes que não nadam, não voam, e sim saltam na superfície. Berosus, o antigo sacerdote e historiador caldeu dizia que os Akkad-Mayas eram metade homem, metade peixe.

A parte restante do cabo está gravada com motivos artísticos maias.

A parte superior da bainha (3) possui cinco faixas de caracteres maias e, em baixo uma alegoria, um hieróglifo complexo que deixará estupefatos todos os arqueólogos. Eu mesmo me surpreendi por tê-lo encontrado na índia. A figura central é um escaravelho que se eleva em raios de glória. Embaixo, vê-se o símbolo da terra, a letra hierática M, cercado de folhas pendentes, símbolos de sua produtividade. Sob a superfície da terra há dois escaravelhos novos que ainda não conhecem a luz.

De um lado e outro do escaravelho vertical vê-se o símbolo do primeiro homem, Keh, na forma de um cervo, em adoração. Isto mostra o primeiro homem a adorar o escaravelho.

Que é simbolizado pelo escaravelho?

É a primeira vez que o encontro na Índia, seja em escritos, seja em esculturas. Até então o escaravelho fora considerado como um símbolo puramente egípcio, representando o Criador, sendo chamado Kephera. Um escaravelho serve sempre de ornato à coroa de Kephera.
Ananã, escriba do rei e companheiro de Seti II, oferece, em um de seus papiros maravilhosamente ilustrados, o motivo pelo qual os egípcios escolheram o escaravelho como símbolo do Deus Criador:
"O escaravelho faz rolar pequenas bolas de terra com suas patas e nestas bolas deposita seus ovos. Os egípcios pensam que isto é um exemplo perfeito do Criador fazendo rolar o mundo e fazendo com que nele se produza a vida".
A frase em itálico seria estarrecedora para o sábio moderno se este compreendesse as origens e as influências das Forças, pois ela demonstra que os egípcios, há 3.000 ou 3.500 anos, compreendiam-se perfeitamente, o que tentarei demonstrar com o auxílio das traduções hindus. Anaha nos transporta a apenas 3.500 anos atrás, mas os ornamentos da bainha desta faca nos levam muito mais longe no tempo, antes que os egípcios pisassem o solo do Egito.
O símbolo na parte superior do cabo nos diz que este cabo e esta bainha foram fabricados quando os Nagas não passavam de uma colônia na Índia.

Tentarei agora fixar uma data aproximada para a colônia Naga antes de tornar-se ela um império colonial.
Uma das personagens mais importantes do império Naga ou Maia na Índia foi o príncipe Maia. Sua época é desconhecida. Embora tenha examinado muitos documentos que a ele se referem, nem um deles fornece uma data, mas, segundo as tradições, e elas são tão abundantes quanto as folhas de uma árvore, o príncipe Maia viveu há 15.000 ou 20.000 anos.
No Ramayana topamos com esta alusão a este príncipe: "Nos tempos antigos havia um príncipe dos Nagas cujo nome era Maia".
O príncipe Maia é o autor do Sourya Siddhanta, o mais velho tratado de astronomia da Índia. Sua antiguidade está estimada em um período que se situa entre 10.000 a 20.000 anos antes de nós.
No tempo desse príncipe, os Nagas formavam um império. Quando foram feitos o cabo e a bainha dessa faca, eles formavam uma colônia, anterior ao império, o que é claramente indicado pelos sóis pela metade e sem raios. E isso prova a grande antiguidade dessa arma.

Antiga tabuinha maia

Essa tabuinha é feita de arenito muito fino e duro. Os hieróglifos estão em relevo e espaçados cerca de dois milímetros um do

outro. O fundo, no interior do círculo, é amarelo pálido, e a base de pedra é recoberta por um verniz azul. Os hieróglifos são vermelho-escuros tão brilhantes quanto o vidro. Essa mistura de cores é encontrada com freqüência nas antigas relíquias maias.
A tabuinha tem cerca de oito centímetros de altura. A parte inferior é alargada para servir de base. Tratava-se evidentemente de um bibelô destinado a ficar bem visível dentro de casa.
Em minha opinião, essa tabuinha é um mistério porque ela não está gravada com letras hieráticas maias, mas com as dos maias da Mãe-pátria. Essa forma especial de escrita não era conhecida a não ser pelos sumo-sacerdotes, embora esses símbolos não pudessem ser entendidos a não ser por esta alta casta ou pelo herdeiro do trono iniciado nos mistérios sagrados.
Vou a seguir decifrar e traduzir a mesma, e história que ela nos conta.

1. O símbolo do Criador — o Grande Chefe — o Rei dos Reis — que se aplica a Mu, soberano de toda a terra. O Codex Cortesianus utiliza esse símbolo.
2. A letra hierática U do alfabeto da Mãe-pátria, símbolo da profundidade, do abismo.
3. Símbolo complexo formado pela letra U e pelo símbolo que indica uma rotação. Empregado toda vez que se tratava da destruição dessa terra e a sua submersão.

4. Símbolo da rotação, das vagas do oceano, antigo símbolo representando a água.
5. Símbolo complexo composto daquele do fogo das profundezas e o de um caminho subterrâneo.
6. É uma expressão: a terra de Kui.
7. Esse hieróglifo forma uma frase: a terra de Kui morta.
8. Esse hieróglifo forma uma frase: a terra de Kui morta e submersa.
9. Símbolo de um pilar e de um tremor de terra.
10. O Grande Governo tomba num abismo de fogo.

E eis a explicação:

A terra de Kui, grande governo da Terra, não existe mais. Ela foi sacudida por um tremor de terra e a terra oscilava como as ondas do oceano. Finalmente os pilares que a sustinham cederam e ela se submergiu num abismo de fogo. Ao mesmo tempo que o Grande Governo desaparecia, as chamas das profundezas se elevaram e a envolveram.

A seguir, as águas a recobriram e a terra de Kui, o Grande Governo, ficou submersa.

Tenho seguido estritamente o significado dos sinais dessa tabuinha e me contentei em traduzir o texto nela contido, em linguagem moderna, acessível ao profano.

O Grande Monólito de Tiahuanaco, na Bolívia

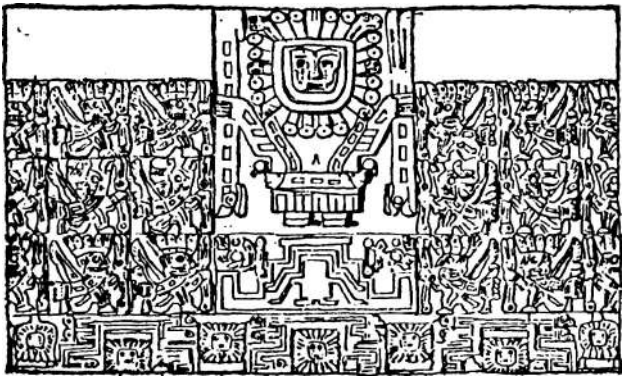
Essa pedra imensa é um dos grandes enigmas que todos os arqueólogos se esforçam por decifrar. Para eles, é uma das maravilhas do mundo. Colocado nas margens do lago Titicaca, a 3.800 metros de altitude, é o vestígio de um templo.

Muita coisa foi escrita sobre essa pedra e as opiniões dos diversos autores podem se resumir no seguinte: "Se apenas fosse possível decifrar e ler essa pedra, que história maravilhosa ela poderia nos contar sobre o passado longínquo".

Essa pedra descreve realmente uma maravilhosa história, porque ela conduz o leitor a mais de 16.000 anos de nossa época, para o tempo em que Mu, Mãe-pátria, reinava ainda sobre a terra, antes que ela fosse submersa no abismo de fogo para ser pranteada pela humanidade durante milhares de anos. Ela descreve a história das primeiras colônias do Egito, no Nilo, sob o reinado de Thoth, no início da história egípcia.

Na época em que esse templo foi construído com suas magníficas pedras esculpidas, os Andes não existiam, a Cordilheira não estava ainda colocada no meio das planícies da América do Sul. Foi o levantamento dessas montanhas que destruiu o país, as populações e esse templo, e partiu em dois essa pedra gigantesca.

O grande Monólito de Tiahuanaco



O grande Monólito de Tiahuanaco

Muitos outros autores atribuem a autoria dessa pedra aos Incas. Os Incas chegaram ao Peru e à Bolívia 15.000 anos antes da construção desse templo. Quando os Incas (Quíchuas) chegaram ao Peru, a Cordilheira dos Andes já existia há milhares de anos.
Essa pedra é realmente uma maravilha porque embora existisse um alfabeto hierático nela há muito tempo não se vê nenhuma letra. Ela apresenta a primeira forma de escrita do mundo, uma série de símbolos formando uma alegoria, e essa formando um texto. É muito raro encontrar uma escultura dessa época sem letras hieráticas numa parte da pedra; e entretanto sem essas letras a pedra é também fácil de ser lida como se fosse um livro atual... contanto que se conheça o significado dos símbolos.

Observando-se a reprodução dessa pedra esculpida, o que chama primeiro a atenção é uma cabeça humana estilizada, e o que prende a atenção é o número de vezes onde aparece o número três. Três, como já disse, era o símbolo numérico de Mu.
A cabeça está formada por três camadas sobrepostas formando um escudo, o de cima trazendo a figura humana. Por cima, há uma coroa de três Plumas, e debaixo um trono triplo. Sobre cada face, há três pontas. O peitoral, se pode ser assim chamado, contém três retângulos, símbolos alfabético e geométrico de Mu.
A ponta do cetro está adornada com três cabeças de aves. A forma da boca também é simbólica, em forma de retângulo.
Portanto, o nome de Mu é repetido nove vezes. A cabeça é rodeada de raios, colocados em grupos de quatro. Isso forma um círculo completo de raios, que é uma parte do símbolo de "Mu, o império do Sol". Cada raio termina em um círculo: Ahau, o rei dos reis, significando assim: "O imperador do Império do Sol era rei de todos os reis da terra".
As cabeças de aves, as araras que ornam o cetro são um símbolo colonial, o totem da rainha Moo de Mayax e, estando fixas no cetro, indicam que Mayax era um estado vassalo, ou um império colonial.
Sobre os raios dos cantos superiores vemos uma cabeça de leopardo, bem como em cada

um dos lados do escudo. O leopardo era o totem do príncipe Coh, irmão e marido da rainha Moo. Nos cantos inferiores, existem cabeças de serpente, símbolos da dinastia Can. Dessa forma, a figura central nos informa que a rainha Moo, com seu marido Coh da família Can, reinava em Mayax e que este era um império colonial de Mu.
A rainha Moo visitou a colônia maia de Sais, no delta do Nilo, durante o primeiro século de existência dessa colônia, e nela encontrou Thoth, seu fundador, segundo o manuscrito Troano. A colônia do Nilo foi fundada há 16.000 anos; por conseguinte, o grande monólito de Tiahuanaco foi esculpido há exatamente 16.000 anos.

CAPÍTULO XXI

ANTIGAS CONCEPÇÕES RELIGIOSAS

Um mito começa por uma concepção, uma idéia. O espírito imagina os fatos para a sua apresentação e para lhe dar corpo. Os mitos são a expressão da maneira pela qual o homem primitivo representava as coisas sob a influência do naturalismo.
Max Müller escreve em Early Religions: "Em certo sentido, toda religião é válida no seu início; eram as únicas religiões possíveis em um dado momento, compatíveis com a linguagem, o pensamento e os sentimentos

de cada geração, e com a idade do mundo. Devemos, portanto, interpretar da maneira mais benévola possível, os aparentes absurdos, as loucuras e os erros das antigas religiões. Desde que se tem notícia dos pensamentos e dos sentimentos do homem, o encontramos de posse de uma religião, uma fé e um culto, uma moral, uma visão extática, uma religião de esperança ou de crença, uma adoração dos deuses.

"A fim de compreender a religião de um povo primitivo, devemos por assim dizer tocar seu coração, sentir os fluxos de sua vida. Devemos colocar-nos em uníssono com esse antigo povo, ouvir seus hinos e suas preces, ser testemunha de seus ritos e de suas cerimônias; devemos esforçar-nos por conhecer seu ideal religioso. Quando Tales declarou que todas as coisas estão cheias de deuses, e desde que Buda nega a existência de todos os outros deuses com exceção do Ser Supremo, os dois exprimem suas convicções."

E na obra Ancestral Worship, Müller acrescenta: "O culto dos antepassados provém da fé universal dos povos primitivosna persistência da personalidade humana após a morte. Essa forma de culto parece ter sido comum a toda humanidade em certos estágios de seu desenvolvimento. As idéias religiosas dos hebreus atuais apresentam vestígios desse culto dos antepassados. É bem evidente que o Deus

particular do patriarca hebreu, o Deus familiar de Abraão com quem ele conversou e mantinha relações pessoais, representava uma divindade ancestral."
O estudo de numerosos documentos antigos me deixa convicto que esse culto dos antepassados provém da destruição de Mu. Esse culto, a adoração dos ancestrais, aparece acentuadamente nos ritos e cerimônias do Egito onde os símbolos da terra de Mu aparecem com freqüência.
É encontrado também nas inscrições de certos monumentos maias, e também no alfabeto grego.
Müller em sua obra Origin of Religious Laws nos diz: "A crença que o autor das leis religiosas gozava de uma maior intimidade com Deus que o comum dos mortais impregna as antigas tradições de numerosos países. Segundo Diodoro de Sicília, os egípcios acreditavam que suas leis haviam sido ditadas a Mnevis por Hermes. Os cretenses acreditam que Minos havia recebido as leis de Zeus. Os lacedemônios acreditavam que Apolo havia dado as leis a Licurgo, os arianos que Zaratustra as havia recebido do Bom Espírito. Segundo Gatei, Zamolscis as havia recebido da deusa Hestia e os judeus dizem que Deus entregou as tábuas da Lei a Moisés.[3]

3 Não há dúvida que as Sete Escrituras Sagradas *Inspiradas* de Mu originaram essa crença universal.

"Existiu uma religião primitiva ariana, semita, turaniana antes do aparecimento da divisão das raças primitivas pelo seu idioma, pelo culto e o sentimento nacional. O Deus Altíssimo recebeu o mesmo nome nas antigas mitologias da Índia, Grécia, Itália e Alemanha, e o conserva, quer seja adorado no Himalaia, nas cadeias de Dodone, no Capitólio ou nas florestas da Alemanha. Esse nome era Dyaus em sânscrito, Zeus em grego, Jovis em latim e Tiu em alemão.

"Dessa forma os antepassados da raça ariana, milhares de anos antes de Homero e os Vedas, adoraram um ser invisível com nome idêntico, o melhor, o mais elevado que puderam encontrar em seu vocabulário, sob o nome de Luz ou Céu. Depois disso, ninguém pode pretender que tudo não passava de um culto da natureza e de idolatria. Pois a religião não era nada disso, se bem que ela pudesse degenerar.

"Dyaus não significava o céu azul, pois o céu não era personificado; o significado era bem outro. Temos nos Vedas a invenção do Dyaus Pitar, o Zeus Pater grego e o latino Júpiter, que conservaram o mesmo significado quando esses idiomas foram modificados. Isso significa Pai do Céu, ou Pai Celeste."

A primeira religião do homem era um culto singelo e puro da Divindade. As extravagâncias que se introduziram mais tarde e a desfiguraram foram o resultado da inevitável degradação que o clero inflingiu

às grandes idéias. A religião original tornou-se discordante, tornou-se corrompida, cheia de invenções e erros.
Maneto, o historiador egípcio, nos diz que "o culto dos animais foi introduzido no Egito sob o reinado do segundo rei da Décima Primeira Dinastia".
Em todos os meus estudos sobre o Egito não pude encontrar o menor traço de um culto dos animais durante as primeiras dinastias, e foi raramente mencionado entre a época de Kufu e o reino de Ramsés II. Em compensação, vemos que durante os primeiros tempos os egípcios se puseram, ao que parece, a adorar os símbolos em lugar daquilo que eles representavam, o que foi o primeiro passo em direção do culto dos animais.
Maneto diz ainda: "Não foi senão durante a 18ª. Dinastia que as formas animais dos deuses foram colocadas nas câmaras funerárias dos mortos. Sob o reinado de Tutmés III, essas figuras são encontradas com freqüência, trazendo a cabeça do animal embalsamada. Após o reinado de Ramsés, o culto dos animais teve uma expansão extraordinária".
Eis aí o exemplo de um clero sem escrúpulos, ávido de poder e riquezas, que para atingir os seus fins degrada a religião pura, simples e bela de Osíris ensinada por Thoth em Saïs.

Segundo documentos antigos, parece que cerca de 2.000 anos antes de Cristo, todas as religiões do mundo degeneraram, chegando em certos países até a oferecer sacrifícios humanos. Apenas Moisés resiste e mantém o seu povo no caminho certo.

Nas antigas tradições, mesmo no tempo de Moisés, encontramos "a água em cima no firmamento e as águas embaixo", distinção feita pelo plural. Nesse caso, a água se relaciona com o éter que enche o espaço além da atmosfera.

Não pode ser posto em dúvida que todas as tradições da Criação, onde quer que as encontremos, possuem uma origem comum. Pouco importa que se trate de tradições bíblicas, dos hindus, dos caldeus, dos egípcios, dos maias, dos polinésios ou outras; a sua origem é a mesma e remonta ao primeiro homem, há dezenas de milhares de anos ou talvez mais ainda.

Um estudo detalhado de todas as tradições revela fatos notáveis. O mais surpreendente é sem dúvida o de que os polinésios, que estiveram separados do resto do mundo durante mais de 12.000 anos, possuem uma tradição da Criação concordando ponto por ponto com a descrição bíblica, até nos nomes do primeiro homem e da primeira mulher, dizendo que a mulher foi criada com os ossos do homem e que o homem é uma criação espiritual de Deus. Esses indígenas não puderam obter suas tradições do mundo

exterior. Eles já as possuem há mais de 12.000 anos. A tradição bíblica começa com Moisés há mais ou menos três mil anos, o que prova que ela foi comunicada a Moisés de algum modo. Os Naacals e os egípcios nos explicam sob que forma isso aconteceu e qual foi sua origem.

Serpentes

Desde os tempos mais remotos, a serpente tem sido adorada por quase todos os povos, porque ela encarnava a sabedoria divina.

Em todos os meus estudos, descobri que todos os mitos possuem uma base, e que esta base é uma lenda ou uma tradição. Os mitos, invenções, lendas e tradições da serpente são inúmeras.

Eusébio, autor da valiosa Histoire Ecclésiastique, nos diz que os egípcios chamavam o Criador de Kneph, e que ele era simbolizado por uma serpente. Isso explica por que a serpente era tão adorada pelos antigos; era o símbolo do Criador.

Em suas esculturas, os maias representam o Criador de todas as coisas protegido por uma serpente enrolada.

Os hindus tem muito a nos ensinar a esse respeito. O Manava Dharma Sastra é um livro hindu que identifica a serpente com o Criador. Em uma outra obra, Aytera Bhramana, lemos: "Sarpa Rajni, a rainha das serpentes, a mãe de tudo o que se move...", e ainda:

"Caisha, a serpente de sete cabeças, o Criador..."
Os maias da América representavam o Criador com Ah-ac-chapat, a serpente de sete cabeças.
No Popol Vuh, o livro sagrado dos quíchuas, encontramos: "O Criador, o Dominador, a Serpente coberta de plumas."
Após anos de pesquisa, e um estudo profundo de tudo o que se tem escrito sobre a serpente pelos autores modernos, o exame de numerosos documentos antigos, inscrições, lendas, tradições e mitos, após haver observado o lugar que ocupava a serpente nas antigas esculturas e construções, pude fazer as seguintes deduções:

1. Quase tudo que foi escrito por nossos cientistas e autores modernos não apresenta a menor parcela de verdade. Tudo não passa de hipótese.
2. A serpente ornada, com plumas, asas ou com várias cabeças, é apenas o símbolo do Criador e da Criação.
3. A serpente sem ornamento era o símbolo das águas.
4. A serpente circular era um dos símbolos do universo.

Vejamos quais são os motivos de minhas várias conclusões:

a) A serpente ornada. Já vimos que esse era o símbolo do Criador entre os maias, os hindus e os egípcios.

b) A serpente sem ornamento. Era um símbolo muito antigo das águas. Os maias nos ensinam que ela foi escolhida porque as ondulações de seu corpo imitam as ondas do mar. Esse símbolo é originário da Mãe-pátria, de onde foi levado para a Birmânia, Índia e Babilônia, e por outro lado ao Iucatã, à América Central, Grécia, Ásia Menor e Egito.

A serpente sem ornamento simbolizando as águas e essas sendo a origem da vida na natureza, era facilmente ligada ao Criador, nos espíritos dos primeiros homens. Entretanto, os antigos parecem ter tido o desejo de fazer uma distinção entre a Divindade e as forças criadoras da natureza, ornamentando a serpente que simboliza o Criador.

Nos antigos escritos, o sol é sempre representado simbolicamente em posição de luta e vitória contra a serpente das águas, que não possui ornamento.

Estudando esse simbolismo, muitos autores se equivocaram; não souberam diferençar o símbolo das águas daquele do Criador, pois ambos são serpentes. O Sol não luta contra a serpente das águas; de fato, ele não está em posição de luta. A lança, a flecha, são símbolos de atividade. A Força do Sol

penetra as águas e comunica vida aos ovos cósmicos nelas contidos.
Encontramos no Egito o deus Horus símbolo do Sol, golpeando a cabeça da serpente Aphophis — as águas — com uma lança.
Na Grécia, Apolo, o Sol, vence a serpente Piton, símbolo grego das águas.
Na Índia, Vishnu, o Sol, conquista Anatha a Serpente, símbolo das águas.
Essa concepção foi transmitida aos cristãos porque, em todas as épocas, a Igreja Romana representou a Virgem Maria dominando a serpente.
c) A serpente circular. A serpente em forma de círculo, mordendo a cauda, é um dos símbolos mais antigos do universo. Encontrei-a nas imagens Naacals. Os egípcios faziam uso dela às vezes para ornamentar a cabeça de seus símbolos da Divindade.
A Serpente de Sete Cabeças, símbolo do Criador e da Criação foi explicada com detalhes no primeiro capítulo desta obra.
A árvore e a serpente. Inúmeras lendas saturam a literatura antiga e moderna falando sobre a Árvore da Vida e a Serpente. Todas essas lendas se transformaram em mitos; e fizeram aparecer por fim sobre a árvore uma colheita de frutos.
Esses frutos se tornaram necessários para dar continuidade ao mito, porque sem eles, como poderia Eva ter tentado a Adão? Eles eram indispensáveis para causar a queda de

Adão, segundo o mito. Assim, ao final, a pobre mulher é acusada de ser a causa de todos os males que se abateram sobre o homem. Esse é um exemplo gigantesco de negligência por parte do homem, e Ezra é o culpado; se Ezra tivesse sabido ler corretamente os símbolos dos escritos de Moisés, teria dado uma versão completamente diferente da história da velha serpente e da Árvore da Vida.

A ilustração abaixo é uma Vinheta tirada das Escrituras Sagradas de Mu.

Devo assinalar de início, a respeito das primeiras concepções religiosa do homem, que lhe foi ensinado que não havia mais do que uma verdadeira vida sobre a terra, a alma do homem, chamada às vezes pelos antigos o Homem, ou o Homem Interno.

O corpo material do homem não passava de uma habitação provisória. Todas as outras formas do que nós chamamos vida tinham

também um caráter temporário: tirados da terra e a ela retornando.
Entre todas as criaturas terrestres, o homem era o único a possuir uma parte imortal que sobrevivia ao corpo material e vivia eternamente; portanto, a alma do homem era a única verdadeira vida sobre a terra.
O homem fez o seu aparecimento na terra de Mu; portanto, a única vida verdadeira apareceu pela primeira vez em Mu. O homem é também comparado a um fruto. As árvores possuem frutos, e o homem era o primeiro fruto de uma árvore, e esse fruto era a vida. A Terra de Mu era a Árvore da Vida. Assim, Mu é simbolizada por uma árvore, a árvore da vida.
A vinheta do documento Naacal mostra a árvore enlaçada por uma serpente, que contorna o tronco. A serpente se chama Khan, é uma serpente sem ornamento, que é o símbolo das águas. Isto nos mostra simbolicamente que Mu estava cercada pela água. Essa vinheta nos explica de forma inteligente o que era a Árvore da Vida e porque ela estava cercada por uma serpente.
Na lenda bíblica, os anjos brandiram dardos de fogo em torno do Jardim do Éden (Mu) para impedir que Adão e Eva a ele voltassem.
Nesse caso, Ezra não soube decifrar um complexo hieróglifo egípcio. Ele devia ter lido assim: Mu afundando em um abismo de

fogo. As chamas dos fogos das profundezas saíram e envolveram o seu corpo quando ela se submergiu. Submersa, ela não deixava que o homem reinasse mais no Jardim do Éden, pois Mu estava morta, desaparecida sob as águas.
Se os antigos atribuíram tantos símbolos à Divindade, é porque eles se consideravam indignos de pronunciar o Seu nome; eles O chamavam o Sem-Nome. Os diversos símbolos representam Seus numerosos atributos.
Iremos agora abordar um assunto que tem sido geralmente apresentado ao púbüco de uma forma própria a fazer nascer falsas impressões.

Cerimônias Religiosas e os Ritos Antigos
Não posso dizer se os autores foram incapazes de fazer uma boa tradução, ou se eles ignoram o assunto, e, além disso, tal coisa me é indiferente; mas qualquer que ela seja, o fato é que os escritos que têm sido publicados sobre esse assunto tentam geralmente diminuir as religiões antigas em lugar de transmitir ao leitor um respeito pelos nossos antepassados que tentaram tão fielmente compreender a Divindade. É isso o que torna tão fascinantes as obras de Max Müller. Invejo o seu poder de concentração e sua faculdade de deixar a sua alma falar, e de se ligar em espírito com as almas e os corações dos povos antigos a que se refere.

Todos os ritos e cerimônias praticados nos templos antigos eram simbólicos; é preciso nunca tomá-los ao pé da letra, como o fazem muito autores ignorantes. Eles simbolizam a vida que o homem deve levar para aspirar à perfeição para que, no fim, quando chegar a hora de passar ao Grande Além, ele possa fazê-lo com a consciência pura e um coração tranqüilo. Elas tendem a simbolizar para ele o que é o Céu, o que é Deus, e a glória que o espera se levou uma vida correta.

Muitas de suas concepções nos parecem ridículas, atualmente, senão formos capazes de nos colocar mentalmente ao seu lado, compreender sua mentalidade primitiva e imaginar que naquela época os ensinamentos e o modo de ensinar eram os mais complexos possíveis.

Max Muller tinha toda a razão quando escreveu: "Não deveríamos nunca julgar as antigas religiões pelas aparências". Isso é o que devemos ter em mente, nem jamais esquecer que aquilo que vemos é simbólico e não literal.

Entretanto, um grande erro altera e desfigura a fama das antigas religiões. Os maias, os egípcios, os fenícios e outros povos antigos transformaram, há cerca de 3.000 anos, o culto puro de Deus em horríveis formas de idolatria. Um clero sem escrúpulos ensinou de início a adoração de símbolos, depois de fetiches de madeira ou pedra, e por último — para completar — a

oferta de sacrifícios humanos a esses falsos deuses.
Diz-se que os primeiros livros do Antigo Testamento foram escritos por Moisés segundo os arquivos dos templos egípcios. Os hieróglifos e os símbolos eram a forma de escrever comum dos antigos. É o emblema de uma coisa, e portanto não deve ser tomado no sentido literal. É preciso repetir sempre que eles representam alguma coisa, mas não são essa coisa. Ê se esquecendo de estabelecer uma diferença entre o símbolo e o que ele representa que muitos autores e tradutores nos transmitiram interpretações errôneas e com muita freqüência, em matéria religiosa, fizeram passar por idolatria o que era de fato uma profunda veneração e um culto da Divindade. Pode-se, sobretudo, constatar isso nas traduções dos textos que tratam da religião osiriana. Entendo por religião osiriana aquela que foi pregada por Thoth em Saïs no começo da história do Egito, e não a que foi ensinada mais tarde pelos maus sacerdotes a partir da Décima Primeira Dinastia até a Décima Oitava.
Segundo o Antigo Testamento de Moisés, o homem é uma criação especial de Deus e fez o seu aparecimento no Jardim do Éden. Onde ficava tal jardim? Os limites bíblicos do mesmo são geograficamente impossíveis, o que qualquer pessoa pode verificar consultando um atlas e tentando localizá-lo.

Eis então um erro bíblico. Mas como foi possível cometê-lo? Moisés era um erudito, um Mestre, ele havia atingido os mais altos graus tanto na religião como na ciência. Teria sido impossível para ele repetir tais impossibilidades; devemos então procurar algures a origem dos numerosos erros da Bíblia.

Moisés, com toda certeza, escreveu uma descrição simples, com fatos também simples, em uma linguagem simbólica; uma história escrita de forma simbólica, mas verdadeira em todos os seus aspectos. Foram as traduções sucessivas que deturparam o seu sentido.

Os escritos de Moisés eram feito em hieróglifos egípcios e em letras hieráticas. Os cientistas hebreus me disseram que alguns estavam sobre tabuinhas de argila, e outros em papiros; repito o que me disseram.

Oitocentos anos após o Êxodo dos hebreus do Egito, Ezra, com uma equipe de escribas, reuniu todas as tabuinhas e todos os escritos referentes à história dos israelitas, e fez um livro que se tornou a Bíblia.

O que havia sido escrito por Moisés era, como vimos, hieróglifos. É surpreendente que Ezra e seus colaboradores tenham cometido tantos contra-sensos, uma vez que nenhum deles era capaz de compreender a fundo a escrita egípcia de Moisés? Apenas um Mestre teria podido compreender, e nem

Ezra nem sua equipe eram mestres. Sua incapacidade torna-se patente quando se comparam suas traduções com os documentos originais que encontramos no Egito, Caldéia, Índia e entre os maias. Moisés escreveu coisas sensatas; seus tradutores construíram um tecido de absurdos. Moisés escreveu no estilo simbólico de sua época e seus tradutores tentaram transcrever ao pé da letra suas palavras. O seu êxito não foi completo, e quando depararam com uma série de hieróglifos que não compreendiam, acrescentaram mitos ao texto histórico. Os limites do Jardim do Éden fazem parte de um desses mitos.

Descobri inúmeras provas que me permitem afirmar que Moisés escreveu os primeiros livros da Bíblia segundo os arquivos dos templos, trazidos para o Egito, da Mãe-pátria pelos Naacais, que chegaram através da Birmânia e da Índia, e que esses arquivos egípcios eram cópias das Sete Escrituras Sagradas e Inspiradas de Mu. Essas cópias estão escritas sobre tabuinhas de argila e tratam da Criação. O Jardim do Éden, o Dilúvio, o último grande cataclismo magnético e o levantamento das montanhas são acréscimos mais recentes.

Moisés não podia ter feito algum erro ao copiar novamente esses documentos, já que ele sem a menor dúvida deixou cópias perfeitas. Oitocentos anos mais tarde, uma

tentativa de tradução para o hebraico foi feita por homens que não compreendiam os antigos sinais esotéricos, razão da diferença entre o original e a sua tradução.
Ezra e seus escribas compreendiam tão pouco esses escritos que duvido muito que exista atualmente um único judeu que conheça o significado do carvão ardente e o que o sacrifício simboliza.
Antes da submersão de Mu, a palavra sacrifício era desconhecida, em todos os idiomas. Ela foi criada para descrever a destruição de Mu; e um fogo sobre um altar simbolizava a recordação da Mãe-pátria bem-amada.

O culto dos antepassados.
A origem comum desse culto tão difundido é tão reconhecido no mundo inteiro que penso não ser necessário prová-lo aqui; ficarei satisfeito demonstrando em que país ele teve o seu berço, e citarei alguns documentos de vários países.

Egito. "Papiro IV" (Museu de Boulak): "Trazei ofertas a teu pai e tua mãe que repousam no vale dos mortos; pois aquela que traz essas oferendas é também agradável aos deuses, como se as trouxesse para eles mesmos. Visitai com freqüência os mortos, a fim de que tu faças por eles o que eles poderiam fazer por ti.”

Índia. O "Dharma Lastra": "A cerimônia em honra dos Manes é superior, para os brâmanes, à adoração dos deuses; e as oferendas aos deuses que se fazem antes das oferendas aos Manes aumenta o seu valor."

China. Confúcio em seu livro "Khoung Tsen". "Todo o capítulo XDC é dedicado à descrição de uma cerimônia em honra dos antepassados, praticada duas vezes por ano, na primavera e no outono. No livro "Lun Yu", Confúcio diz: "É preciso fazer sacrifícios aos antepassados como se eles estivessem presentes."

Japão. No décimo quinto dia do sétimo mês japonês, é realizado um festival em honra dos antepassados, um repasto de fruta e legumes é colocado diante dos Itays, sobre mesas de madeira de formato curioso e que trazem inscrições comemorando os mortos.

Peru. "Fábulas e Ritos dos Incas" (páginas 36 a 50): "Essas festividades foram estabelecidas para comemorar os amigos e parentes desaparecidos. Eram celebradas com lágrimas, cantos fúnebres, música lânguida, e ia-se até aos túmulos dos mortos para lhes oferecer milho e chicaha que eram despejados nas fendas feitas na pedra do túmulo em cima de vasos colocados perto dos corpos- Os peruanos organizavam

grandes festivais em honra de seus mortos durante o mês de Aya-Marca."
Le Plongeon em seu livro "Central América", escreve: "Ainda hoje, os indígenas do Iucatã, de Petan e outras regiões da América Central onde é falada a língua maia, têm o hábito de, no começo de novembro, colocar nos ramos de certas árvores nas clareiras da floresta, nas trilhas e nos recantos isolados, bolos feitos de sua melhor farinha, em intenção das almas de seus parentes mortos".
R. G. Haliburton, autoridade no assunto de culto ancestral, escreve em sua obra intitulada "Festival of Ancestors": "(essas festas) se realizam hoje como outrora no início de novembro, entre os peruanos, hindus, os indígenas do Pacífico, os povos das ilhas Tonga, os australianos, os antigos persas, os antigos egípcios e em todas as nações do norte da Europa, prosseguindo durante três dias entre os japoneses, hindus, australianos, os antigos romanos e os antigos egípcios."
Esse fato surpreendente me faz perguntar: Como foi possível conservar essa uniformidade na data de sua manifestação desse culto e como foi ele perpetuado não apenas em lugares bem distantes uns dos outros, mas também durante um número incalculável de séculos depois dos peruanos e indochineses terem herdado esse costume primitivo de uma fonte comum?

Entre as colunas do templo dos Mistérios Sagrados em Uxmal, havia um grande altar, colocado na entrada da câmara interna, onde se tinha o costume de fazer ofertas aos Manes.
Esse costume nos informa qual é a fonte comum. As oferendas aos antepassados eram um ritual sagrado, praticado no templo dos Mistérios Sagrados. Nós já provamos que os ritos e as cerimônias desse templo vêm diretamente da Mãe-pátria.
Tal costume veio até nossos dias e nos é sempre caro,
pois nós não colocamos flores nos túmulos de nossos entes queridos falecidos? E isso não é feito no início do mês de novembro? Quantos são aqueles que sabem que ao levar flores e coroas aos seus mortos,' estão cumprindo um rito com mais de 12.000 anos?

Idiomas
Admite-se que a linguagem é o guia mais seguro para determinar as relações e afinidades entre os diferentes povos, mesmo que eles habitem lugares separados por vastas extensões de água e terra.
É admirável encontrarmos vocábulos maias em todos os idiomas do mundo. No Japão, a metade do idioma é cara-maia. O número de palavras varia, entretanto, de uma nação para outra.

Os cingaleses possuem muitas palavras maias originais, e todas as línguas européias estão cheias delas, sobretudo o grego cujo alfabeto é composto de vocábulos cara-maias. Mais de cinqüenta por cento do dialeto dos índios mexicanos é puro cara-maia. Um índio mexicano e um japonês podem entender-se de modo inteligente, sem auxílio de um intérprete, devido ao grande número de palavras iguais em seus idiomas. O mesmo se pode dizer dos incas. Os antigos idiomas acadiano e caldeu eram compostos em grande parte de cara-maia, bem como o egípcio. E o mesmo se pode dizer de todos os idiomas.

Naturalmente as palavras sofreram alterações com o tempo, mas as raízes permanecem. Por exemplo, encontramos com freqüência, no grego, a letra g substituindo o k maia, como o d no lugar do t maia e o r é freqüentemente empregado no lugar do l maia. Esse avatar é também encontrado em numerosos idiomas.

Em todas as palavras onde a letra c se pronuncia como k, pode-se ter certeza que essa palavra provém do maia. O idioma original sofreu as maiores modificações onde a arte de escrever era desconhecida e onde a gramática não era praticada ou esquecida.

"Havia um idioma original", diz Max Müller, o que é provado quando se estuda uma língua e suas origens. Em todas elas, encontramos palavras, raízes, vocábulos que são idênticos

e que geralmente têm o mesmo sentido, prova cabal de sua origem comum.
Cada uma dessas palavras universais nos vêm da língua mãe, o maia. Pode-se deduzir que essa linguagem foi o primeiro meio de expressão do homem.
É preciso notar que a língua maia atual não se parece mais com aquela de cinco ou dez mil anos atrás, assim como a língua de Shakespeare ou de Ronsard não se parecem com o inglês ou o francês de hoje. A língua maia atual recebeu inúmeros termos estrangeiros, após a mistura dos povos, e das conquistas. Dessa maneira, os vocábulos aztecas ou nahuatls foram acrescentados ao maia original.
O primeiro idioma do homem era muito simples, pobre, embora a mesma palavra tivesse vários significados. Decifrando os antigos documentos e inscrições, percebi que o significado da palavra depende de certa forma do lugar que ela ocupa na frase e, sem dúvida, a maneira de pronunciá-la também é importante.
Por exemplo, a palavra maia ma quer dizer "mãe", "terra", "país". Em egípcio, essa mesma palavra tem os mesmos significados; mas quando ela serve de prefixo aos nomes, verbos ou adjetivos, é uma negação. O mesmo acontece nos idiomas grego e cingalês.

Para dar um exemplo dos múltipos significados das palavras maias, escolhi algumas nas traduções de Brasseur:

Be: ir, partir, andar, progredir.
Chi: boca, abertura, margem, limite, fronteira.
Ka: alma, barreira, sedimentos, tudo que é lançado.
Kaachac: em excesso, abundância, cheio.
Kab: mão, braço, ramo, tudo que se estende.
Kak: acabar, fogo, queimar, destruir.
Kul: adorar.
Lai: se desembaraçar de.
Ni: ponta, pico, montanha.
On: circular.
On-onx: circular, turbilhão, tornado.
Paà: brecha, abertura, abrir.
Ta: onde, lugar, plano, terreno, planície.
Tan: na direção, antes, no centro.
Tel: profundo, profundeza, fundo, abismo.
Zi: frio, gelado, vapor, fumaça.
Ha: água, umidade.
Pe: vir de, na direção de.

Todas essas palavras antigas possuem vários significados, sendo extremamente difícil traduzir os documentos e inscrições antigos para exprimir em linguagem moderna os pensamentos dos primeiros homens. Embora possa ser desvendado o sentido geral, duvido muito que se possa

traduzir o significado exato em todos os seus detalhes.
As traduções dependem, em grande parte, do temperamento do tradutor. Se, por exemplo, existe uma parcela de espírito oriental, suas traduções serão figuradas, enfeitadas e com freqüência exageradas; ao passo que as obras de um tradutor fleumático serão mais frias, secas, bruscas, e bastante concisas.

Os quatro gênios
Trata-se também de uma concepção antiga. Encontramos os Quatro Gênios em todas as histórias e tradições da Criação. Até agora sua origem era desconhecida. As tabuinhas mexicanas, entretanto, nos informam sua história e sua origem.
Como já demonstrei, existem Quatro Grandes Forças primárias, que sob as ordens do Criador, organizaram a Criação e quando terminaram essas Quatro Grandes Forças deveriam tomar a seu cargo o universo físico. Os primeiros homens as chamavam os Quatro Pilares do Céu; ou seja, elas sustentavam e mantinham as criações recém-terminadas. Os antigos atribuíam um outro significado a esse nome; os Pilares do Céu eram para eles os Pilares d'Aquele que está no Céu.
O antigo símbolo da terra era um quadrado, cada canto representando os pontos cardiais. Dessa forma, o Céu era mantido

pelos Quatro Pilares que se encontravam nos quatro cantos da terra. Para se adaptarem a uma forma simbólica — a qual, eu ignoro — eles atribuíam a cada pilar um guarda. Esses guardas eram os Quatro Gênios.

Entre os maias:
Kan Bacab, o Bacab Amarelo, colocado ao leste.
Chac Bacab, o Bacab vermelho, colocado no oeste.
Zac Bacab, branco, colocado ao norte.
Ek Bacab, negro, colocado ao sul.

Entre os egípcios:
Para os egípcios havia Quatro Gênios do Amenti, colocados nos quatro pontos cardeais:
Amset, o gênio do leste.
Hapu, o gênio do oeste.
Tesautmutf, o gênio do norte.
Quabsenuf, o gênio do sul.

Entre os caldeus:
Os Quatro Gênios Protetores da raça humana, na crença dos caldeus, eram:
Sed-Alap, ou Kirub, representado por um touro em forma humana.
Lamas, ou Nigal, representados por um leão com cabeça humana.
Nattig, representado por uma cabeça de águia
Ustar, um homem.

Entre os hindus:
Indra, o Rei dos Céus, colocado ao leste. Varuna, o Deus das Águas, no oeste. Ruvera, o Deus da Riqueza, ao norte.
Yama, o Juiz dos Mortos, no sul.

Entre os chineses:
As quatro montanhas, Tse-Yo, colocadas nos quatro cantos do mundo chinês (como chamam seu país) eram:
Tai-Tsong, o Yo do leste.
Saing-Fou, o Yo do oeste.
Chen-si, o Yo do norte.
How-Kowang, o Yo do sul.

Tradição judia:
A concepção de quarto deuses, pilares ou gênios não é completamente rejeitada pelos judeus. Embora isso não seja nunca mencionado nos livros escritos por Moisés, não serve de base porque perderam-se algumas de suas obras, e nelas poder-se-ia encontrar alguma alusão aos quatro pontos cardiais. Mas posteriormente encontramos essa concepção entre os judeus, no livro de Ezequiel, I, 10 "Os quatro tinham uma aparência de homem, com rosto de leão, de boi e cabeça de águia." E, mais adiante: "A primeira figura era a de um anjo, a segunda de um homem, a terceira de um leão e a quarta de uma águia."

Trata-se de uma visão de Ezequiel. Escreveu essas linhas quando estava prisioneiro dos caldeus. Comparemos portanto sua visão com a religião dos caldeus, que existiu há milênios porque suas concepções vinham da Mãe-pátria, seja por intermédio da colônia do Cáucaso, seja pelos Naacals da Índia.

Caldeus: Quatro gênios: homem, touro, leão, águia.

Ezequiel: Quatro animais; homem, boi, leão, águia.

Se a visão de Ezequiel não provém da religião caldaica, gostaria de saber de onde ela provém! Quatro desses animais estão atualmente no Museu Britânico, trazidos das ruínas de Nínive. Ezequiel os conhecia certamente porque eles serviam de adorno nos edifícios mais importantes.

A trindade

A concepção da Trindade ou do Deus Triplo não foi transmitida depois da origem do homem. Ela foi conservada nas obras dos filósofos, e continua sagrada para muitos, entre eles os cristãos e os brâmanes.

O antigo símbolo da Trindade era um dos mais sagrados: o triângulo equilátero. Encontramo-lo em toda parte, em todos os formatos, fazendo alusão à Trindade e ao Céu.

Entre os maias, o triângulo equilátero representando a Trindade é encontrado entre as esculturas dos templos do Iucatã. Não consegui determinar de modo satisfatório os nomes originais da Trindade dos maias. Le Plongeon e outros autores dão-lhe três nomes, e mesmo cinco, representando Deus e suas Quatro Forças, mas eles me parecem incorretos porque esses nomes provêm de povos que viveram dezenas de milhares de anos depois da concepção da Trindade ou do Deus Triplo.
No Popol Vuh da Guatemala pode-se ler: "Tudo o que existe é obra de Tzkol o Criador que, por sua vontade, criou o universo e tendo outros nomes tais como Bitol, o fabricante, Alom, o engendrador e Quhalom, que dá a vida." Tzkol é, portanto, um deus coletivo.
No Sri Snatara dos hindus, o Grande Arum, o Sem-Nome, é representado como trindade por um triângulo equilátero.
Em outro livro hindu, Niroukta, afirma-se por três vezes que existem apenas três deuses, e esses deuses são chamados a Divindade Única. "Os deuses são apenas três". "Pradjapati, ou como é às vezes chamado, Mahatma, o Senhor de todas as criaturas, é o Deus Coletivo."
Os caldeus simbolizavam "Ensoph a Grande Luz" sob a forma de trindade, por um triângulo equilátero.

Entre os egípcios, a Trindade era formada por "Shu, Set e Horus".
Na Grécia, Platão e Orfeu fazem alusão à Trindade como sendo três reis. "Phanès, Uranus e Kronos".
Proclos afirma que "o Demiurgo ou Criador é triplo. As três partes que formam a trindade são os três intelectos ou reis. Aquele que existe, Aquele que possui e Aquele que tudo vê".
Pitágoras ensinava a seus discípulos que Deus era constituído de "números e harmonia". Ele os fez honrarem os números e o triângulo equilátero que traziam o nome de Deus.
Nas igrejas católicas, vemos às vezes em cima do altar-mor, um triângulo equilátero com um olho no meio. Esse olho acrescentado ao triângulo é originário do Egito, onde era o "olho onisciente de Osíris".
Durante longos anos fiz pesquisas na Índia tentando encontrar a origem da concepção da Trindade. Procurei essa concepção até na Mãe-pátria, sem poder descobrir sua origem. Certo dia, conversando com um velho amigo hindu, ele me disse: "Existe uma lenda sobre esse assunto. A lenda diz que a Mãe-pátria era formada por três terras, que cada terra havia sido criada por um deus diferente, e que havia sido necessários três deuses para criar o continente, mas que esses três deuses eram apenas um, estando ligados pelos lados de um triângulo."

Posso apenas repetir as palavras de meu velho amigo: "Isso pode ser verdade; mas também pode ser um mito. Nada sei a respeito".

CAPÍTULO XXII

A ORIGEM DO ESTADO SELVAGEM

No capítulo dedicado à destruição de Mu, expliquei como o estado selvagem começou em nosso mundo. O homem foi criado civilizado, e a destruição da Mãe-pátria afetou tão-somente os sobreviventes da catástrofe que se refugiaram sobre as ilhas estéreis que ficaram na superfície após a submersão das grandes cidades.

Uma nação perde o lugar que ela ocupa no concerto das nações quando o dinheiro se torna mais valioso para o seu povo do que a honestidade e a honra. Uma avidez universal, uma febre de lucro é o sinal precursor de algum grande desastre ou sublevação. As civilizações nascem e são esquecidas. Nada existe de novo sob o sol. O que é agora já foi. Tudo o que aprendemos e descobrimos já existia; nossas invenções e nossas descobertas não passam de re-invenções e redescobertas.

A hipótese mais valiosa para os cientistas de hoje é a de que o homem começou sendo um

animal e um selvagem e, depois por etapas, elevou-se e se tornou civilizado.
Não sou o único a supor que o estado selvagem é um produto da civilização, e que a civilização não nasceu do estado selvagem. São aqueles que nada conhecem dos selvagens que sustentam a tese de que a civilização surgiu do estado selvagem.
O barão von Humboldt, falando das tribos de índios que ele visitou ao longo do Amazonas e do Orenoco, observa com justeza:
"Eles não constituem a matéria-prima da humanidade; não foi desse estado que nós saímos. Esses infelizes seres são os últimos exemplares degenerados de uma raça que desceu a esse triste nível. O homem dentro da natureza primitiva é um ser condenado a morrer".
Um selvagem, abandonado à sua sorte, não evolui. Fica no mesmo ponto onde está e continua a cair. É apenas quando ele é posto em contato com a civilização que se torna possível uma evolução. O selvagem pode então fazer duas coisas: ou absorve essa civilização e evolui, ou adquire apenas os seus vícios, que somados aos vícios de selvagem, torna-o ainda mais selvagem e o faz cair mais ainda. Tais seres estão fadados a uma extinção rápida.
Duas causas podem provocar o estado selvagem entre os povos, e são ambas de natureza geológica.

No fim da era terciária, a crosta terrestre tinha ficado salpicada de antigas câmaras de gás arqueanas que haviam afundado bastante para se tornarem cinturões de gás e formar os enrugamentos e as montanhas. Antes dessa era, não havia montanhas, somente colinas. A terra habitável consistia de imensas planícies férteis, com uma população densa. A formação dos cinturões gasosos elevou a crosta terrestre e as montanhas apareceram. Um cinturão passando sob uma planície muito povoada provocava fendas e enrugamentos e matava quase toda a população. Entretanto, havia sobreviventes nessas montanhas recém-formadas.

Eles não podiam tornar a descer em suas planícies, porque a destruição havia sido total. Não havia mais água, nenhum alimento e seus sofrimentos chegaram a tal ponto que começaram a se entredevorar; dessa forma, como conseqüência de um fenômeno geológico (a elevação das montanhas) o canibalismo surgiu entre os homens. Em certos lugares, as montanhas arrastaram consigo planícies inteiras, sobre as quais viviam os homens e mulheres habituados a uma civilização refinada. Abandonados à sua sorte, tendo perdido tudo, esqueceram suas artes e ciências. Tornaram-se selvagens.

O exemplo mais flagrante é o do grande império Uighur na Ásia. A metade oriental do

mesmo submergiu nas águas do Dilúvio Bíblico, e todos pereceram. A seguir, a metade ocidental se elevou, formando a cadeia do Himalaia e de outras montanhas. Ficaram numerosos planaltos, onde os habitantes sobreviveram e acabaram encontrando o caminho das planícies. Os Uighurs que sobreviveram são os ancestrais das raças arianas. Na Índia e na China, as tradições descrevem o levantamento das montanhas, as grandes perdas de vidas humanas, e a sobrevivência dos que permaneceram nas montanhas após o grande levantamento.

Entre os Zulus da África do Sul, uma tradição reza que os seus ancestrais pertencem a um grupo que sobreviveu ao levantamento das montanhas do norte.

Na América do Sul, toda a cidade de Tiahuanaco se elevou juntamente com o imenso planalto que existe atualmente entre as duas cadeias dos Andes. Isso é revelado pelas inscrições da grande porta tão bem conhecida dos cientistas, nas margens do lago Titicaca.

Na maioria dos países montanhosos, existem tradições relativas ao enrugamento do solo. A Bíblia faz alusão ao levantamento das montanhas, num dos salmos de David (Salmo 90).

Os cientistas atuais, ao avaliar o caráter e o progresso de uma civilização, se apaixonam por pontas de flechas ou de lanças. Eles

pretendem que, porque as flechas e as lanças de sílex do neolítico são mais bem feitas do que as do paleolítico, os homens do neolítico eram, portanto, mais civilizados do que os do paleolítico.
Não digo que os cientistas se enganam, mas parece-me que isso nada prova, e não indica o progresso de uma civilização senão o contrário, ou seja, que os homens do paleolítico eram para mim mais civilizados que os do neolítico; numerosos fatos vão de encontro à teoria dos cientistas.
É perfeitamente razoável crer que, na época em que foram feitas as pontas de lanças ou de flechas do sílex, as condições eram parecidas com as de hoje, no ponto em que os indivíduos não são possuidores da mesma habilidade. Um mecânico, um artesão, um artista fabricam um objeto perfeito ao passo que o aprendiz, o leigo ou o ignorante são incapazes, e o que eles fazem é grosseiro. Os homens do paleolítico eram ignorantes, principiantes, mas eram menos civilizados? Pessoalmente, acho que não. Esses principiantes eram os sobreviventes de um povo altamente civilizado que ficaram, de repente, abandonados à sua própria sorte, no mais completo abandono, por uma das numerosas convulsões da terra durante o que chamamos de era paleolítica.
Dizer-se que quanto mais grosseiro for o instrumento ou a arma mais elevado é o grau de civilização que os fabrica, pode

parecer ilógico, sem dúvida; mas reflita o leitor e volva em imaginação aos tempos antigos, e veja como o homem, por mais de uma vez, teve que se utilizar totalmente de suas mãos, e recorrer às fontes naturais. Os instrumentos, as ferramentas, os utensílios, tudo desaparecera; nada restava, em absoluto, a não ser o cérebro e as mãos dos sobreviventes. Sem o menor conhecimento do artesanato e da mecânica, esses sobreviventes tiveram que fabricar os instrumentos apenas com as pedras que achavam no solo. O que poderiam eles fabricar a não ser as formas mais maleáveis, mais grosseiras, já que não tinham conhecimento nem experiência? Acho, portanto, que essas flechas e lanças grosseiras não indicam selvageria nem falta de civilização. Bem ao contrário, elas provam que uma alta civilização desceu ao nível do estado selvagem. Dessa maneira, os homens do paleolítico eram os sobreviventes de uma das maiores civilizações, mais civilizados que os homens do neolítico que os sucederam, e à medida que a arte e o artesanato progrediam, esses homens decaíam cada vez mais.

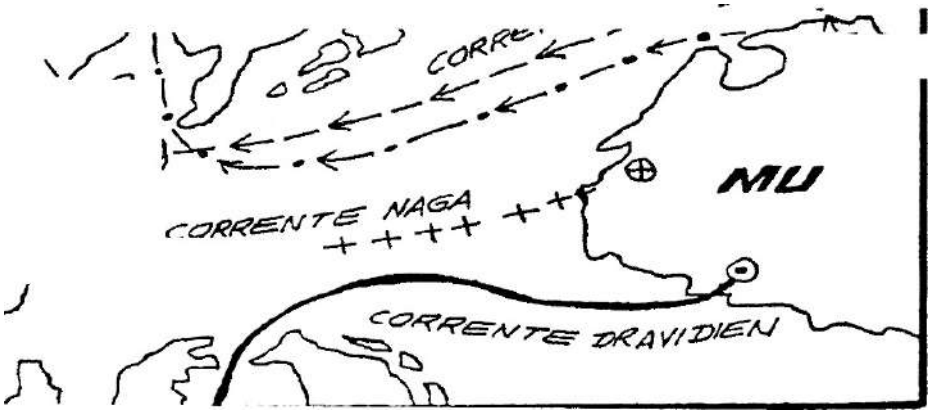
Os primeiros habitantes da Índia Meridional eram de raça negra, e se chamavam Tamils. Os etnólogos lhes dão também o nome de drávidas, derivado do nome dado à região. Eles provinham do sudoeste da Mãe-pátria e chegaram na Índia pelas ilhas malaias, e não

pela Birmânia, como os nagas; devem ter ficado algum tempo na Malásia, porque seu idioma é composto de vocábulos malaios.
Não descobri nenhum documento que me possibilite saber a época em que chegaram à Índia; teria sido antes ou depois dos nagas, ninguém o sabe. O idioma dos tamils era muito complexo, com numerosas etimologias.
Nenhum historiador ainda procurou saber realmente de onde vieram os tamils. Em geral, eles se esquivam do problema e contentam-se em dizer que "deviam, provavelmente, vir do centro da Ásia". Pergunta-se sobre o que se fundamenta esta hipótese. Não existe raça negra indígena na Ásia, e nunca existiu que eu saiba; assim, devemos supor que essa decisão foi tomada numa reunião informal de cientistas. Nesse caso, a passagem de Bering não pôde ser utilizada, então eles escolheram uma desculpa européia para declarar que eles provinham da Ásia Central, mas sem esclarecer de onde.
Em sua História da Índia, A. V. Smith escreve: "Algum dia ainda a história da civilização dravidiana será escrita por um autor competente perfeitamente à par das tradições e do idioma desse povo. É impossível fazer-se uma idéia exata da história antiga da Índia, se não forem estudadas as colônias não-arianas do Sul do país".

Smith está muito certo. Uma história da Índia na qual não figurassem os tamils pareceria com um edifício sem janelas. Visitei numerosos templos no sul, procurando lendas ou tabuinhas, mas nada encontrei verdadeiramente antigo. Um único documento fala desse povo: "Uma companhia de tamils freta navios e navega em direção ao sol poente. Chegaram em um grande país onde se estabeleceram". Nenhuma data é mencionada, nenhum detalhe de suas colônias ou do grau de seu progresso, nem mesmo se eles sobreviveram. Trata-se apenas de uma companhia que se faz ao mar e chega a um ponto favorável. O "grande país" é provavelmente a África.

MOSCOU
MAR NEGRO
MAR CÁSPIO
CARICANA
AKKADIENS
SUMERIENS
DECCAN
DRAVIDA
ÁFRICA
OCÉANO ÍNDICO

Mongóis
Amarelos



CAPÍTULO XXIII

O IMPÉRIO UIGHUR

O grande império Uighur, era o mais importante império colonial de Mu, o império do Sol, o maior que a Terra jamais conhecera fora do continente de Mu.
Sua fronteira oriental era o Oceano Pacífico, e ele estendia-se para o Ocidente até próximo ao local onde se ergue Moscou, mas seus postos avançados iam até a Europa Central e o Atlântico. Ao Norte, era limitado pelo Oceano Ártico e ao Sul pela Cochinchina, Birmânia, Índia e uma parte da Pérsia.
A história dos Uighurs é a das raças arianas, porque todas as raças arianas reais descendiam dos Uighurs, cuja civilização

atingira a Europa durante a era terciária. Quando o império foi destruído pelo grande cataclismo magnético e a erecção das montanhas, os últimos sobreviventes da humanidades ou seus descendentes fundaram novamente estabelecimentos na Europa. Isto se passou durante o pleistoceno. Os Eslavos, os Teutões, os Celtas, os Irlandeses, os Bretões, e os Bascos descendem todos de ancestrais Uighurs.

Na época em que o império Uighur estava em seu apogeu, as montanhas ainda não se tinham levantado e o deserto de Gobi era então uma bela planície bem irrigada. Ali é que os Uighurs tinham levantado sua capital, exatamente ao sul do lago Baikal. Em 1896, um grupo de exploradores achou-se, por via de informações recebidas no Tibete, sobre o local da antiga cidade de Khara Khota. Tinham-lhes dito que as ruínas da capital dos Uighurs estavam enterradas sob aquelas de Khara Khota. Perfuraram as ruínas, atravessaram uma camada de rochedos, de cascalho e de areia, com espessura de mais de 15 metros, e descobriram enfim vestígios da antiga capital. Encontraram numerosas relíquias, mas, não dispondo mais de recursos, tiveram de abandonar as pesquisas. Encontraram um arqueólogo russo, Kosloff, e informaram-no a respeito de sua descoberta. Em seguida, Kosloff organizou uma expedição e retomou os trabalhos em Khara

Khota. Fez um relato destas descobertas, do qual já falei no Capítulo XVI desta obra.
Em todos os países orientais, as lendas repetem-se e dizem, em substância: "Toda a Ásia Central, nela compreendidas as montanhas do Himalaia, era outrora um país de planícies, de terras cultivadas e de campos férteis, de florestas, de lagos e de rios, com belas estradas unindo as diversas cidades e vilas. Estas cidades eram magnificamente construídas, com templos imponentes, edifícios públicos, luxuosas moradias, e palácios dos dirigentes".
Hoje, pode-se ver bem nitidamente no deserto de Gobi os leitos ressequidos destes rios, canais e lagos por toda parte onde o grande cataclismo não arrastou toda a terra para deixar em lugar delas apenas rochas. Existe muitos desses lugares devastados nesta região.
A história lendária é muito confusa quanto à data exata da dominação dos Uighurs. Felizmente, não temos necessidade de fiar-nos nas lendas, porque num dos mosteiros do Tibete existem tabuinhas dos Naacals. Uma delas precisa: "Os Naacals, há 70.000 anos, trouxeram às cidades dos Uighurs cópias dos Escritos Inspirados e Sagrados da Mãe-pátria". A história lendária diz que os Uighurs da Mãe-pátria se instalaram primeiro na Ásia, sobre o litoral do Mar Amarelo de hoje. "Daí partiram para o interior das terras. Seu primeiro êxodo levou-os para

uma grande planície muito irrigada." (O deserto de Gobi). Depois disto, torna-se a encontrar seus vestígios em toda a Ásia Central, até ao Mar Cáspio, e até na Europa, até ao Oceano Atlântico.
Documentos escritos dizem-nos que os Uighurs tinham construído várias grandes cidades. Elas foram inteiramente destruídas ou estão hoje enterradas sob as areias de Gobi e das regiões circunvizinhas.
Certos textos chineses, trazendo a data de 300 a.C., descrevem-nos os Uighurs: "Tinham os cabelos louros e olhos azuis, a tez clara, a pele muito branca; no Sul alguns tinham os olhos e os cabelos escuros".
Vou agora tentar esclarecer a causa e a data da destruição da capital dos Uighurs, da transformação da planície fértil de Gobi em deserto de areia desolado.
Uma tabuinha muito antiga encontrada num mosteiro indica: "A capital dos Uighurs e todos os seus habitantes foram aniquilados por um dilúvio, uma inundação que recobriu todo o leste do Império, destruindo tudo à sua passagem". Este texto é confirmado pelos fenômenos geológicos.
Desde os tetos da antiga capital até as fundações da antiga Khara Khota, o solo é composto de rochas, de cascalho e de areia, formação provocada pela água, segundo a opinião de todos os geólogos do mundo. Ésta inundação era indiscutivelmente o grande maremoto norte do último cataclismo

magnético, o "dilúvio" da Bíblia. Em minha juventude, acompanhei uma expedição encarregada de efetuar uma exploração geológica desde o sul do lago Baikal até a embocadura do Lena e às ilhas do Ártico. Descobriu-se ao longo do caminho que muitos milênios antes uma imensa vaga cataclísmica de água, sem gelo, tinha-se abatido sobre o país, indo do Sul para o Norte. Não encontramos nenhum vestígio desta inundação além de 110° de longitude leste, mas o constatamos no limite de nossas viagens para o Leste. Por toda parte, as provas estavam nítidas, as vagas estenderam-se desabridamente do Sul para o Norte, e o vale do Lena parece ter sido o centro do maremoto.

Ao longo da embocadura do Lena encontra-se a ilha de Liakhov, que foi formada pelas ossadas e as presas de mamutes e de outros animais das florestas arrastados, pela maré, das planícies da Mongólia e da Sibéria e ah depositados. O exame dessas ossadas confirma-nos que essas águas não transportavam gelo, porque então os corpos e os ossos estariam espedaçados, quebrados, aniquilados; não se teria encontrado nenhum vestígio deles, como se deu no leste da América do Norte, e a ilha de Liakhov não teria nunca sido formada.

Este gigantesco maremoto produziu-se na época em que, ensina-nos a geologia, a era glaciaria reinava em todo o hemisfério norte.

Mas, segundo certos documentos, toda a parte oriental do império Uighur, compreendida aí a capital, foi inteiramente destruída e as populações aniquiladas, enquanto que o Oeste e o Sul permaneciam intactos.
Cadeias de montanhas cortam e recortam a Ásia central em todas as direções e elas são particularmente numerosas nas regiões ocupadas pelo império Uighur. Quando as montanhas se elevaram, a terra foi agitada por movimentos telúricos violentos, enquanto monstruosos rochedos abriam as entranhas do globo e vulcões vomitavam sua lava, contribuindo para a destruição geral. É impossível saber quantos de Uighur sobreviveram ao mesmo tempo ao dilúvio e à erecção das montanhas, mas certamente foram poucos. A história desses raros sobreviventes é contada em outro capítulo. As diversas montanhas que se elevaram na planície de Gobi modificaram o curso dos rios e dos riachos e transformaram-na no deserto árido que hoje conhecemos.
A história lendária diz-nos que os Uighurs estenderam seu domínio para todas as regiões da Europa central. O "Livro de Manu", um texto hindu muito antigo, ensina-nos que "os Uighurs tinham-se estabelecido ao Norte e a Leste do Mar Cáspio". Trata-se sem dúvida da migração de que fala Max Müller, que teria ocorrido durante o pleistoceno, a segunda migração dos

Uighurs na Europa. Parece-me inegável que os primeiros colonos da Europa oriental tenham sido os sobreviventes do império Uighur que tinham fugido das montanhas inóspitas. Max Müller confirma-o, aliás: "Os primeiros caucasianos tinham descido das montanhas da Ásia central". Acrescenta que este pequeno grupo chegara às planícies do Cáucaso durante o pleistoceno, isto é, após o levantamento das montanhas. Mas, como nós vimos mais acima, havia Uighurs na Europa antes da formação das montanhas.

O Tibete encontra-se na Ásia Central, entre a China, a leste, a Mongólia ao norte, a índia ao sul e Cachemira e Turquestão ao oeste. O deserto de Gobi forma uma parte de sua fronteira norte.

A Tibete, outrora, fazia parte do Império Uighur, antes do levantamento das montanhas. O país era então plano e fértil. Hoje, é um dos mais altos platôs do mundo, cercado de picos imponentes. Ao sul ergue-se a mais alta cadeia de montanhas do globo, o Himalaia, o "teto do mundo".

Se a Índia foi chamada "terra de mistério e de ciências enigmáticas", o Tibete é seu irmão gêmeo, senão seu rival.

Nos recantos mais inacessíveis de suas montanhas encontram-se mosteiros, retiros dos lamas, e templos. Isolados do mundo exterior, esses monges vivem em reclusão, desconhecidos de todos, exceto de alguns pastores que visitam seus vales. Alguns

desses monges afirmam que são os descendentes dos Naacals expulsos da Índia pelos Brâmanes há cerca de 3.000 anos. Parecem ter conservado a primeira religião e algumas das ciências cósmicas da primeira civilização do globo. Digo bem "alguns" porque os mosteiros que eles habitam podem ser contados nos dedos da mão. Não conheço mais do que três. A maioria dos outros professam uma forma de budismo.

Schliemann descobriu num antigo templo búdico, em Lhassa, um texto que evoca a destruição de Mu. Este documento é a tradução de um antiga tabuinha redigida numa mistura de pali e de tibetano. Não se sabe onde está o original, sem dúvida com centenas de outras numa sala do templo, enterrado sob a poeira dos séculos.

No coração do Himalaia, perto das fontes do Brahmaputra, existem vários templos e mosteiros, e um deles contém, diz-se uma biblioteca naacal completa, vários milhares de tabuinhas. Afirmaram-me que se tratava da biblioteca naacal que pertencera à capital dos Uighurs. Uma lenda estranha está ligada a essas tabuinhas. Falei dela um dia ao velho sábio hindu, um Rishi, e perguntei-lhe se tivera conhecimento disso. Disse-me que em sua juventude visitara esse mosteiro e que lhe tinham contado a história das tabuinhas, que eu lhes conto tal como ele me repetiu:

"Quando o grande dilúvio se abateu sobre o leste e o nordeste da Ásia, destruiu a capital dos Uighurs, afogando todos os seus habitantes e destruindo importante biblioteca que fora trazida da Mãe-pátria pelos Naacals. Muito tempo depois, os Naacals do Oeste, que o dilúvio não tinha atingido, visitaram as ruínas da capital, desenterraram as tabuinhas e transportaram-nas para um templo do Oeste. Elas ali ficaram até que as montanhas se ergueram, que destruíram o templo e enterraram de novo as tabuinhas. Muito tempo depois, os descendentes dos Naacals, que tinham sobrevivido à formação das montanhas, voltaram para desenterrá-las e levaram-nas ao templo onde elas estão hoje".

Este mosteiro e estas tabuinhas são bastante conhecidos dos orientalistas e, pelo que eu sei, três Ingleses e dois Russos visitaram o mosteiro.

Quando o Rishi me contou a lenda, perguntei-lhe se esta biblioteca era a única que existia. Ele respondeu-me: "Penso que não, meu filho. Temos uma lenda que afirma que quando nossa cidade de Ayhodia foi saqueada pelos inimigos, a biblioteca naacal estava nos arquivos secretos do templo e não foi descoberta pelos soldados. Portanto, se nossa tradição está correta, ela encontra-se ainda intacta nos dias de hoje sob as ruínas do templo, porque estas jamais foram exploradas".

Não deixemos a Ásia sem falar da China. Sua civilização é considerada uma das mais antigas do mundo, contudo, quanto à civilização chinesa propriamente dita, ela não remonta, absolutamente, senão a 5.000 anos. Acredita-se também que os chineses é que são os responsáveis por essa cultura, mas isto não é verdadeiro. Eles herdaram-na. Do mesmo modo, considera-se o chinês como um mongol; ele o é apenas pela metade, seus ancestrais eram Arianos brancos. No tempo do Império Uighur, muitos uighurs brancos esposaram moças amarelas, que habitavam em toda a extensão ao sul do seu império, e o descendentes, miscigenizados, destas uniões fundaram o primeiro império chinês. As tabuinhas explicam: "Os homens de Uighur esposaram as melhores mulheres dentre ás selvagens amarelas". É, incontestavelmente , uma péssima tradução, porque na época desses casamentos, jamais existira selvageria sobre a superfície do globo, então o original significava sem dúvida as "amarelas da raça inferior". Isto é confirmado pelas tradições que dizem que os "Mongóis amarelos eram muito inferiores aos Uighurs, sua civilização não se equiparava à deles". Numerosos chineses, atualmente, sobretudo nas classes superiores, têm a pele muito branca. É o sangue uighur que ressurge. O simples "coolie", os indivíduos das mais baixas

classes não têm uma gota de sangue uighur nas veias, e são descendentes diretos dos Mongóis amarelos.
Entre esses casais de raças diferentes, os pais uighurs faziam absoluta questão de educar seus filhos na tradição de seu país, se bem que quando o império chinês foi fundado, o foi por aqueles que tinham sangue uighur nas veias, e que tinham sido educados segundo a grande civilização uighur. A civilização chinesa, portanto, não é senão a civilização uighur, herdada de seus pais. Muitos escritos, nos templos chineses, confirmam o que fica dito antes, e o primeiro erudito chinês pode confirmá-lo. Existe ainda uma tradição muito viva na China, segundo a qual "os Chineses não viveram sempre na Ásia, mas vieram de um país distante, na direção do sol levante".
Inutilmente procurei uma coleção completa de lendas chinesas, que formasse, de algum modo, uma História lendária da China, mas, se ela existe, não a pude encontrar.
Sete ou oito mil anos antes da destruição do império Uighur, incontáveis pequenas nações criaram-se na Ásia oriental. Todos esses povos, aparentemente, eram do tipo mongol. A mais importante dessas nações era formada por uma raça tártara, cujos principais heróis são Gêngis-Khan e Cublai-Khan, que viveram há cerca de 600 anos. Confúcio, o grande filósofo chinês, viveu de 551 a 479 a.C., cerca de três séculos depois

do início da história escrita da China. O imperador Che Huang-te, 214 a.C., ordenou que todos os livros que se referissem à antiga China fossem queimados. Algumas obras de Confúcio e de Meneio desapareceram nas fogueiras. Foi este rei que construiu a grande muralha da China para repelir as hordas tártaras de Heung Noo e impedir seus ataques sobre a China do norte. Che Huang-te não pôde queimar todos os livros; alguns foram salvos e ocultos nos templos onde se conservaram religiosamente até os nossos dias, no mais absoluto segredo, não sendo acessíveis senão aos sacerdotes.

Para terminar, a respeito da Ásia oriental, um antigo documento afirma que o império Uighur era formado por um grande número de pequenos reinos, principados e Estados, cada um tendo à frente um rei ou governador, o todo formando, entretanto, um império, sob a suserania de Mu, o império do Sol. Se se considera a forma de governo norte-americano, não é difícil imaginar o império Uighur como os Estados Unidos do mundo

CAPÍTULO XXIV

ACÁDIOS, SUMÉRIOS, CALDEUS, ASSÍRIOS, MEDAS E PERSAS

A história da Babilônia é composta por aquelas dos Acádios, Sumérios, Caldeus, Assírios, Medas e Persas, dos quais um só povo sobrevive atualmente. Nossos historiadores e nossos sábios, para escrever a história do que eles chamam os "antigos impérios orientais", contentaram-se em examinar algumas tabuinhas e inscrições redigidas em escrita cuneiforme, depois em comparar suas traduções com as lendas bíblicas. Nenhum desses documentos remonta a mais do que 5.000 anos. Ora, a história da Babilônia começa pelo menos há 18.000 anos, quando um grupo de Nagas-Maias da Índia veio instalar-se às margens do Eufrates. Mais tarde, encontraram os últimos colonos partidos de Mu para o Leste, os Semitas.

Os primeiros acadianos eram esses mesmos Nagas-Maias chegados através do Golfo Pérsico; chamavam a região do vale do Eufrates, onde se tinham instalado, de Acádia, um palavra maia que significa "terra pantanosa", o que é exatamente a característica do delta deste rio. Uma vez estabelecidos, adotaram o nome que tinham dado ao seu novo país, e passaram a chamar-se acadianos. Arquivos de templos hindus falam deste estabelecimento, mas não fornecem datas. Documentos contemporâneos fixam datas que remontam a 18.000 anos, também me parece permitido dizer que o estabelecimento dos acadianos

remonta a esta época. Uma vez bem instalados, os acadianos subiram o Eufrates e foram mais tarde conhecidos pelo nome de Sumérios.
Sumer é outra palavra naga-maia que significa "terra chata" ou "plana". Tornavam-se assim os homens das planícies. Portanto é evidente que os acádios e os sumérios não eram senão um só e mesmo povo, sendo a única diferença que um grupo vivia no interior das terras e o outro à beira mar. Os historiadores, entretanto, insistem em pretender que os Acádios e os Sumérios eram duas raças diferentes, o que é falso.
Valmiki, em suas obras escritas 1.300 anos a.C. diz-nos que "esses colonos das margens do Eufrates (os Acádios e os Sumérios) deram a seu estabelecimento o nome de Babilônia, e chamaram à sua cidade principal Babilônia". Babilônia era também chamada Ka Ra, em naga-maia, significa "Cidade do Sil". Valmiki declara-nos, por outro lado, que "os Naacals trocaram a Índia pela Babilônia, onde eles ensinaram a religião e as ciências da Mãe-pátria".
Os Acádios e os Sumérios, os verdadeiros habitantes da antiga Babilônia, eram muito mais esclarecidos do que um povo semita que vivia ao norte de suas terras, e muito mais civilizados. Em Acádia, ao longo de todo o rio, grandes canaviais estendiam-se sobre vastos patamares, onde viviam animais selvagens. Para proteger-se destes

animais cruéis, construíram paliçadas em redor de suas casas e de suas vilas. Chamaram essas muralhas "Chaldi". Todas as suas escolas, todos seus templos eram assim cercados. O recinto chamava-se também "Chaldi". Em conseqüência, "Chaldi" foi o nome dado às elites, e também às universidades, "os templos do saber Caldeu". Estas escolas eram abertas a quem quisesse aprender, qualquer que fosse sua nacionalidade. Os alunos aprendiam a antiga língua naga-maia, os mistérios sagrados, as artes e as ciências. Muitos israelitas, quando estiveram no cativeiro na Babilônia, bem mais tarde, valeram-se desse privilégio e alguns atingiram o mais alto grau do saber, o de mestre e de adepto. Daniel foi um deles. O escrito sobre a parede, Mané, thecel, pharès, era naga-maia. Daniel compreendeu-a e pôde traduzi-la ao rei. Na corte de Nabucodonosor, quando ele era rei de Babilônia, os Caldeus estavam na mesma posição que os astrólogos e os mágicos, isto é, muito respeitados.

Ao fim de certo tempo, os Sumerianos e os Acadianos foram atacados e conquistados por uma horda semita vinda do Norte. Nenhum documento pôde fornecer-me o seu nome antes que se instalassem na Babilônia. Os historiadores dizem que eram Caldeus, mas o nome de Caldeus foi adotado por eles após sua conquista. Estes semitas, encontrando a civilização dos Acadianos e

dos Sumerianos tão superior à sua, assimilaram-nos em lugar de os fazer passar ao fio da espada ou de os pôr em cativeiros; foram, assim, postos em pé de igualdade com seus conquistadores, e casamentos ligaram vencedores e vencidos. Os sábios tiveram direito às maiores honrarias. Esta assimilação realizou-se tão bem que os Acadianos e os Sumerianos foram completamente absorvidos e desapareceram da história do mundo.

Os historiadores pretendem: "Existia uma civilização em Babilônia anterior à dos Caldeus, que era a dos Acadianos e dos Sumerianos. Estas raças foram conquistadas pelos Caldeus e desapareceram completamente". Nada mais errado. Os caldeus não eram uma nação, nem uma raça, mas uma seita, uma elite, homens de grande saber e de alta civilização.

Heródoto conta-nos: "Berosus, que era antigo sacerdote-historiador de Babilônia, escreveu que os primeiros habitantes de Babilônia eram estrangeiros de uma outra raça. Berosus faz em seguida distinção entre os estrangeiros e os babilônios, e entre os babilônios e os Assírios, e acrescenta: A civilização foi trazida à Mesopotâmia por Oannes e seis outras criaturas, meio-homens, meio-peixes, que subiram o rio desde o Golfo Pérsico".

Oannes, ou Hoa-ana, provém do naga-maia: na, água, a, ele, e na, casa. O que significa

"aquele que mora sobre a água", ou num barco.
Verifica-se, pois, que Berosus empregava a língua naga-maia, o que era natural, pois que ele era um "Chaldi", ou Caldeu. Explica que os primeiros habitantes de Babilônia subiram o Eufrates num barco, vindo do Golfo Pérsico, e Valmiki, como os arquivos dos templos hindus, nos ensina que estes homens vieram da Índia passando pelo Golfo Pérsico, provando assim que os primeiros Babilônios eram colonos maias vindos da Índia. Berosus diz também que a civilização foi trazida à Babilônia por aqueles que chegaram em seus barcos, confirmando assim os outros documentos que referem que a civilização da Acádia e da Suméria era muito mais avançada do que aquela dos Semitas que conquistaram o país.
Um antigo manuscrito grego que um professor de Atenas, sabedor de que eu me interessava pela mais alta antiguidade, me emprestou, relata o primeiro encontro entre os Sumérios e os Semitas, de uma maneira divertida: "Uma pequena companhia de semitas patrulhava ao longo das margens do rio. Eram soldados com armadura. No caminho, viram um barco que subia o rio, com sete homens à bordo; eram acadianos. Quando os acadianos viram estes soldados à margem, brilhantes em suas armaduras, tiveram tanto medo que se atiraram todos à água, e nadaram muito tempo sob a água.

Quando tornaram a subir à superfície, para respirar, voltaram-se; vendo que esses estranhos seres cintilantes continuavam sempre no mesmo lugar, os acadianos tornaram a mergulhar e quando subiram à superfície estavam longe das vistas dos soldados. Os semitas foram dizer a seus chefes que no rio havia criaturas desconhecidas, coisas esquisitas, meio-homens, meio-peixes". Mostrei minha tradução ao meu amigo grego e perguntei-lhe se não cometera nenhum contrasenso. Ele riu e garantiu-me que não me saíra inteiramente mal.

Ensinam-nos na História que a civilização da Babilônia remontaria a 7.000 anos a.C. É absurdo: os documentos hindus e os arquivos dos templos, que são sempre perfeitamente exatos, fazem alusão à colônia de Babilônia, que existia há 15.000 anos, e Brunsen demonstra que ela florescia há 14.000 anos. Babilônia é mais antiga que o Egito, e o Egito tem 16.000 anos. Pode ser, porém, que o historiador que dá a data de 7.000 a.C. tenha encontrado um documento que fale da época na qual os Semitas conquistaram os Acadianos e os Sumerianos, e os absorveram.

Durante milênios, os Sumérios e os Acádios constituiram a população culta da Babilônia. Cultivavam as artes e as ciências, inventaram a escrita cuneiforme e escreveram inúmeros livros. Seus

conquistadores semitas adotaram a língua maia deles, que não foi abandonada senão no século XII a.C., mas ela permaneceu a língua dos letrados até por volta dos séculos VII ou VI. Quando a paz, por fim, se estabeleceu, os Semitas adotaram o nome de Chaldi, ou Caldeus, que tomaram de empréstimo aos templos do saber. Jamais houve, portanto, nação caldeia, porque esse nome era apenas o de uma elite.

A História afirma que o primeiro império babilônio "foi fundado por uma raça de invasores semitas vinda do Norte e cuja origem constitui ainda um mistério". A História tem razão e não a tem. A origem desta raça semita vinda do Norte nada tem de misteriosa. Tinham deixado a Mãe-pátria, Mu, e primeiro se estabelecaram no Iucatã, onde deram à sua cidade o nome de Zahia; encontram-se vestígios dela a alguns quilômetros de Uxmal. Dali, um grupo emigrou para o Leste, e instalou-se nas planícies caucasianas, assim como à margem do litoral sul do Mar Cáspio. É neste país interior da Ásia menor que encontramos a montanha histórica da Bíblia, o monte Ararat, que ergue seu pico imponente a cerca de 3.000 metros acima da planície. Os egípcios chamaram este país de Zahia, derivado do nome da cidade do Iucatã. Sua população cresceu, e eles fizeram incursões para o Sul. Os semitas que venceram os Acadianos e os Sumérios vinham dos

estabelecimentos semitas do Cáucaso. De outro lado, o primeiro império babilônio não era formado unicamente por Semitas, porque os Acádios e os Sumérios tinham-se associado a eles, e acabaram por absorvê-los.

Os Assírios eram também de raça semita, originários do Cáucaso ou da colônia de Zahia. Tomaram seu nome de Assírios do país que eles ocuparam. A Assíria estendia-se entre o alto Tigre e os montes Zagros. No início de sua história, a Assíria era um Estado vassalo da Babilônia. O espírito guerreiro dos Assírios permitiu-lhes primeiro sacudir o jugo da Babilônia, e tornar-se independentes. Depois, eles empreenderam conquistas e obtiveram a supremacia na Babilônia.

A nova potência do império assírio provocou a queda do império da Babilônia, ainda que os babilônios tivessem conservado sua independência até por volta do século IX a.C. A orgulhosa e temível Assíria reinou pouco tempo, contudo, porque ela sucumbiu aos assaltos dos Medas, em 625 a.C.

Os sobreviventes dos Uighurs que tinham sido bloqueados nas montanhas subitamente levantadas no sudoeste do Império Uighur, fizeram sua aparição no palco da História cerca de oito a dez mil anos após a destruição de seu império. No curso desta era, as diversas pequenas comunidades proliferaram e tornaram-se fortes; quando os

sombrios vales montanhosos se tornaram muito pequenos para eles, para sua população que crescia incessantemente, foram obrigados a procurar novos meios de vida fora dali. O êxodo geral começou quando houve condições favoráveis, entre 2.000 e 1.500 a.C.

Eles deixaram suas habitações montanhosas em quatro companhias, seguindo os caminhos praticáveis que levavam às planícies. Os primeiros a deixar as montanhas foram sem dúvida os que viviam nas proximidades do Hindu Kouch. Desceram para a índia por duas rotas, um grupo passando pelo Afeganistão e a garganta do Kyber, o outro pela Cachemira em direção ao Penjab.

Na mesma época, seus vizinhos do Norte desciam para um país situado entre o deserto do Irã e o litoral nordeste do Golfo Pérsico. Foram os Persas. Seu país é montanhoso, formado por vastos platôs e grandes vales, mas não tão elevados quanto as montanhas que tinham abandonado.

O terceiro grupo desceu para um grande platô que se estende ao sul do Mar Cáspio, e ao leste da Armênia e dos montes Zagros. Este país chamava-se a Média, e seus novos habitantes tomaram o nome de Medas, depois de ter expulso os indígenas, os Citas.

Os Medas e os Persas eram Arianos que descendiam de tribos Ah ra ya da Mãe-pátria, pelos Uighurs. Medas e Persas

fundaram finalmente impérios. Estas duas populações descendiam dos últimos sobreviventes deste grande império colonial que se estendia do oceano Pacífico à Europa. Pela raça, pela língua e a religião, elas eram semelhantes, e isto é muito natural, pois que elas tinham a mesma origem.

Por volta de 600 a.C. os Medas tornaram-se poderoso império montanhês. Durante os primeiros dias da história da Pérsia, encontramo-la sujeita aos Medas. Ciro aparece então, funda o império persa, vence e destrona Astíages, rei da Média em 549 a.C., e foi a vez dos Medas tornarem-se vassalos dos Persas.

Os Medas e os Persas foram os últimos a ocupar Babilônia ao tempo em que ela reinava sobre um império. Sua chegada foi o toque de finados para os Semitas que eram senhores do país há milênios. Babilônia foi vencida e englobada no império persa em 539 a.C. O império persa desmoronou-se em 331, depois de durar 227 anos, durante os quais os Persas tinham-se lançado a uma orgia de conquistas, na intenção de reinar sobre o mundo inteiro. Tinham conquistado o oeste e o sudoeste da Ásia, o Egito e uma parte da Europa quando sua marcha triunfante foi sustada por Alexandre, o Grande. Era a segunda vez na história das nações que os Gregos punham fim, bruscamente, às pretensões de impérios ávidos por conquistar o mundo. A primeira

vez tinha sido a queda da Atlântida em 9.500 a.C.
A Babilônia é um dos maiores centros da História do mundo. Sobre esta terra encontraram-se as grandes correntes da civilização, Leste e Oeste, da Mãe-pátria, permitindo assim ao homem fazer o giro à volta do mundo. Encontramos entre os Acádios e os Sumérios a extremidade de uma das correntes ocidentais de colonização de Mu, entre os Medas e os Persas a extremidade de uma outra, e entre os Semitas o resultado da principal corrente oriental. Em nenhuma parte do mundo se encontraram tantas correntes. No Egito não havia senão duas, assim como na Europa ocidental.
É preciso não esquecer que não procuro escrever a história dos antigos impérios orientais. Tento simplesmente demonstrar que os diversos povos que, no correr dos séculos, controlaram a Babilônia, eram todos originários de Mu, eram, de fato, os filhos de Mu.

CAPÍTULO XXV

MÁSCARAS DE OURO

No México, o professor Alphonso Caso descobriu duas máscaras de ouro muito antigas na região do Monte Alban, perto de Oxaca, não longe da

pirâmide de Xochicalca. Estão gravadas com símbolos que evocam a submersão e o desaparecimento de Mu. A menor traz uma inscrição da qual apresento aqui o detalhe e a tradução:

1. Três barras. O símbolo numérico de Mu.
2. Olho fechado por uma força, posto em baixo.
3. Olho fechado no alto (a morte).
4. Nariz fechado pelas forças, obstruído.
5. A letra M, símbolo alfabético de Mu.
6. As Forças Primárias, arrastando para baixo.
7. Desagregação, submersão.

Assim, a máscara simboliza Mu, os olhos fechados no sono, Mu não enxergava mais, a respiração cessou porque as forças lhe obstruiram o nariz, e a letra M cobre sua boca.

Falta-me espaço para decifrar e dar a tradução da outra inscrição, mas seu sentido é o mesmo, expresso numa linguagem mais floreada.

Considerando a proximidade da grande pirâmide que é, como já deixei explicado, um monumento comemorativo dedicado a Mu, e os antigos templos, parece-me evidente que estes capacetes eram usados pelos sacerdotes durante as cerimônias comemorativas em intenção de Mu, seja nos

templos, seja na pirâmide. Estas máscaras não são muito antigas, e devem ser contemporâneas da pirâmide erigida após a destruição de Mu; não se pode dizer que são modernas, pois são bem anteriores aos Astecas.

Na Malásia, existem certas tradições segundo as quais o arquipélago malásio foi povoado por um grupo de Quíchuas-Maias vindos da Mãe-pátria. Esses colonos, por uma razão desconhecida, abandonaram um dia, em massa, a Malásia e foram estabelecer-se nas ilhas, mais ao Norte. Esses colonos são os ancestrais dos japoneses atuais. Não o negam, se bem que suas próprias tradições sejam um pouco diferentes, embora concordantes em muitos pontos.

Quando os japoneses se instalaram no Japão, eram um povo altamente civilizado, beneficiando-se de uma cultura herdada da Primeira grande civilização da terra, que eles conservaram até ao século passado antes de adotar a nova civilização. Hoje, estão em pleno progresso; o Japão é um dos países modernos do mundo, mas se se remonta a pouco mais de 100 anos, encontra-se entre eles um reflexo do que poderia ter sido Mu há 15.000 anos. A antiga bandeira do Japão descende em linha reta da Mãe-pátria. Representa o Sol, emblema de Mu, o império do Sol. Por outro lado, os Japoneses conservam muitos dos símbolos e

dos conceitos da Mãe-pátria, e diversos costumes que vêm da primeira civilização.
Muitas pessoas, e até mesmo sábios, consideram os Japoneses mongóis. É errado. Eles são tão diferentes dos Mongóis quanto o homem branco do negro. Descendem dos Quíchaus-Maias da Mãe-pátria, uma das tribos brancas. A língua japonesa contém 40% de palavras quíchuas-maias.
No sudoeste do Japão, Ceilão é uma pequena ilha muito bonita, que foi chamada a pérola da coroa da Índia.
Os Cingaleses atuais são recém-vindos. Este povo construiu sua primeira capital em Anarjaapura em 250 ou 200 a.C. Não encontrei nenhum documento que explique de onde ele vem, a não ser que o povo chegou ao Ceilão em barco. Sua língua é o italiano do Oriente, é doce e musical, a maioria das palavras principiando e terminando em vogal. Esta língua contém maior número de vocábulos herdados da Mãe-pátria do que qualquer outra em todo o mundo. Os Cingaleses atuais são indiscutivelmente de raça branca. Não são arianos; entre eles e os Arianos indianos encontrava-se uma raça negra, os Tamils, que ocupava todo o sul da Índia. Não encontrei nenhum dialeto parecido ao seu no Oriente, na Malásia ou nas ilhas do Pacífico. Sua língua era culta e eles estavam já muito civilizados quando chegaram ao Ceilão há apenas dois milênios.

A ilha está maravilhosamente situada, seu clima é ideal, sua terra fértil. Se estava deserta quando os Cingaleses vieram, por que os Tamils, que não estavam separados dela senão por estreito braço de mar, não a ocuparam? Mistério. Que eles pertencem a um ramo dos Nagas-Maias, não duvido disto um só instante, porque os nomes de todas suas cidades, de seus rios, etc, são palavras nagas-maias.

Como deixei dito mais acima, eles construíram sua capital, Anarjaapura, no norte da ilha. Mas logo foram invadidos por hordas de Tamils vindos da Índia, que saquearam a cidade e arrebataram as mais lindas de suas mulheres. Essas incursões tornaram-se tão freqüentes que os Cingaleses, não podendo mais suportá-las, retiraram-se para o interior das terras e construíram outra cidade. Não viveram aí longo tempo em paz porque os Tamils os cercaram, e o saque recomeçou. Os Cingaleses retiraram-se então para as montanhas, onde os Tamils não os podiam alcançar. Construíram uma terceira cidade, e chamaram-na Candee. Reinaram em seguida sobre todo o país montanhoso, até que os ingleses vieram ocupar o Ceilão.

Os Cingaleses sempre foram budistas, fiéis aos ensinamentos antigos, repelindo toda espécie de cisma. Candee, ou Kandy como hoje em dia se chama, é o centro da religião

budista. Ali se encontra um templo, simples mas admirável.
Caminhando mais longe para o Oeste, chegamos à África oriental, cuja história antiga é um livro selado, jamais aberto. Entretanto, se tudo o que contam os caçadores e os exploradores é verdadeiro, este país é um domínio de uma excepcional riqueza para o arqueólogo. Encontrei na Índia documentos que fazem alusão a companhias de Nagas-Maias partindo para a África, alguns estabelecendo-se às margens do Mar Vermelho, outros caminhando mais para o Sul, mas não contém o mais leve esclarecimento. Se nos reportamos à época em que os filhos de Mu colonizavam o mundo inteiro, parece inconcebível que, atingindo as costas africanas, não tenham explorado tanto o sul como o norte do país.
Viajantes contam suas descobertas. Eis um exemplo:
"Perto de Kilwa, sobre a costa oriental da África, a cerca de 500 quilômetros ao sul de Zanzibar, ergue-se uma falésia recentemente formada pelas vagas. No cume desta falésia encontram-se túmulos persas com idade de 700 anos, a julgar pelas datas que trazem. Sob esses túmulos, existe uma camada de destroços representando uma cidade. Mais abaixo, descobre-se uma segunda camada, ruínas de uma cidade mais antiga, e mais abaixo ainda os vestígios de uma terceira cidade, ainda mais antiga, que

remonta à mais alta antiguidade. Sob a última cidade, descobriu-se recentemente destroços de cerâmicas envernizadas semelhantes às que se encontram entre os indígenas hoje em dia".

Tive conhecimento de três descrições iguais a esta, mas nenhuma fala do estado do solo entre as cidades, nenhuma palavra é dita sobre o aspecto geológico. O caráter do solo entre as cidades soterradas é extremamente importante se se quer conhecer a idade destas cidades e a causa de sua destruição.

Ao longo das costas orientais da África, encontrei traços dos Fenícios, o que prova que ali se fazia comércio, e, portanto que esta região era povoada. É mesmo muito estranho que três cidades superpostas tenham sido achadas enterradas em regiões do globo bastante afastadas. Coloca-se então a seguinte pergunta: cada uma destas três civilizações era contemporânea das outras? Na América, na Ásia e na África? Neste caso, como estão tão afastadas umas das outras, a terra teria, nestes tempos tão recuados, sido sacudida por três grandes convulsões que, de cada vez, virtualmente destruíram a maior parte da humanidade?

Devo dizer que o que precede está baseado unicamente sobre relatos de viajantes, e não me responsabilizo pela sua veracidade. Vendo como comprei.

Passemos agora ao Pacífico. Os sábios não estão inteiramente de acordo sobre a origem

dos aborigines de Nova Zelândia, os Maoris. Pessoalmente, penso que a Nova Zelândia era uma das pequenas colônias longínquas de Mu. Ela encontra-se a cerca de um milhar de milhas ao sul da extremidade sudoeste da Mãe-pátria, uma distância que não era intransponível, se se recorda que os navios de Mu "sulcavam os oceanos de Leste e de Oeste, assim como os mares do Norte e do Sul".

Segundo toda probabilidade, os colonos desta longínqua Nova Zelândia deviam ser relativamente pouco numerosos, porém dos mais empreendedores. Sendo pouco numerosos, consagravam-se naturalmente aos trabalhos da terra mais do que às artes e às ciências. Não menos naturalmente, e como os colonos de hoje, faziam vir os produtos manufaturados da metrópole. Quando a Mãe-pátria foi destruída e submersa, os neo-zelandeses, camponeses, mostraram-se incapazes de manufaturar os produtos que estavam acostumados a receber, então foram obrigados a recorrer aos métodos primitivos. Como a Nova Zelândia era um vasto país, de incontáveis recursos naturais, estes homens encontraram meios de subsistência, e assim, esta colônia de Maoris não caiu tão baixo quanto os infelizes sobreviventes abandonados sobre os picos desolados do centro do Pacífico.

Os Maoris pertencem à raça polinésia branca. O'Brien diz-nos que a língua clássica da Polinésia é o dialeto dos Maoris. Supõe que os Maoris chegaram à Nova Zelândia das ilhas polinésicas, aonde tinham chegado vindos da Ásia. Penso que ele se engana duplamente. Como eu dizia anteriormente, tudo leva a crer que os Maoris foram estabelecer-se Nova Zelândia antes da destruição de Mu. Minha hipótese baseia-se nos seguintes fatos: primeiramente, os Maoris têm tradições que dizem respeito ao longínquo passado, que não se encontram em nenhuma das ilhas do Pacífico. Em segundo lugar, têm numerosos símbolos herdados diretamente de Mu, que não se encontram em nenhuma parte fora da Polinésia. É fácil, portanto, deduzir que os Maoris vieram, diretamente de Mu para a Nova Zelândia.

Eis um extrato do livro de bordo do capitão Cook, contando sua primeira viagem ao redor do mundo em 1770:

"Eles (os Maoris) não viveram sempre na Nova Zelândia. Há um tempo infinito, eles vieram, de Heawice."

Não consegui encontrar Heawice, em nenhuma das ilhas dos mares do Sul ou da Malásia. Heawice poderá ser, talvez, o nome da região da Mãe-pátria de onde eles teriam vindo. Pessoalmente não pode encontrar nenhum documento sobre eles, exceto o relato de Cook.

"Eles reconhecem um Ser Supremo e várias divindades subordinadas." Trata-se sem dúvida dos símbolos dos diferentes atributos da Divindade, que Cook não pôde compreender. "Eles comem carne humana, a carne de seus inimigos mortos em combate."
Os Maoris da Nova Zelândia, os descendentes da raça branca da Mãe-pátria, sobreviveram magnificamente às vicissitudes. Conheceram as adversidades, as provas e as tribulações, e suportaram-nas com a dignidade da antiga raça de que tinham saído. Sua metrópole de onde chegavam todos os seus recursos tendo desaparecido, encontraram-se desprovidos de tudo, perderam tudo, salvo sua terra e suas casas. Apesar deste golpe terrível da sorte, os milênios não conseguiram suprimir inteiramente o vestígio de sua antiga civilização. Conservaram sua inteligência, o melhor de sua natureza porque, graças à nova civilização trazida pelos ingleses, fizeram progressos consideráveis, e tudo leva a crer que retomarão logo seu lugar entre as raças mais esclarecidas e mais civilizadas da Terra.
Há um século, os Maoris viviam em estado selvagem. Hoje, os filhos desses bárbaros são cultos, ocupam postos importantes na economia e no governo da Nova Zelândia. A Grã-Bretanha orgulha-se de ter os Maoris como súditos, porque, sob sua tutela, fizeram grande progresso. Não se trata de

uma evolução nem de um desenvolvimento do espírito à luz da civilização moderna. Seus espíritos tinham-se desenvolvido na Mãe-pátria há milênios. Seu progresso rápido é devido simplesmente à libertação de seu cérebro aprisionado desde milhares de anos. É o despertar de um sono muito longo.

O Maori é um exemplo vivo que vem desmentir as teses dos sábios modernos, que pretendem que a civilização suceda à selvageria e desenvolve-se a partir da ignorância total durante gerações, durante centenas de milênios; o estado selvagem não pode aprimorar-se, e, sem ajuda exterior, não faz mais do que cair cada vez mais baixo. É somente quando a civilização entra em contato com a selvageria que se produz uma mudança.

Os sinais mais evidentes que ligam os Maoris à Mãe-pátria são a língua, as tradições, os símbolos sagrados, a religião e os totens. As lendas maoris são tão numerosas quanto apaixonantes. Eles conhecem, entre outras, a história de Caim e de Abel.

CAPÍTULO XXVI

O VELHO SÁBIO E A NATUREZA

Numerosos leitores pedem-me que lhes fale mais longamente do velho sacerdote, meu amigo. O que posso dizer? Simplesmente que este velho Rishi, por uma razão ou por outra, tomou-se de amizade por mim quando eu era rapaz. Ensinou-me a ler os antigos documentos e inscrições. Para ele era uma paixão, e para mim também.

Sobretudo, ele ensinou-me a aprender, pois, ao deixar-me, suas últimas palavras foram: "Vá pelo mundo, meu filho, e aprende o que foi escrito pela natureza. A natureza é a maior escola dada ao homem. A Natureza não elabora teorias. A Natureza nunca mente. A Natureza é a própria verdade. Cada pedra tem uma história escrita sobre suas paredes ruídas, e estas histórias são verdadeiras. Cada ramo de erva, cada folha, cada moita murmuram aos ouvidos de quem sabe ouvir. Ensinei-te um pouco a ler os antigos escritos, as inscrições e os símbolos, mas isto é apenas um começo, o BÊ-A-BA de teu alfabeto. Isto é apenas a soleira do Saber - E eu que me envaidecia por ter aprendido tanto!

Não posso recordar senão alguns dos numerosos incidentes que aconteceram durante minhas sessões com ele, aqueles que me impressionaram tanto que eu os anotei logo em seguida com medo de os esquecer. Suas explicações eram de maravilhosa clareza. Eis algumas.

O Sétimo Mandamento da Criação diz que o homem recebe um dom especial no momento de sua criação para que reine sobre a Terra. Uma amostra desse dom era uma Força ou Poder intelectual, fazendo dele uma cópia do Criador. Este poder divino conferido ao homem não devia somente servir-lhe para governar a matéria, mas também as forças terrestres naquilo que elas concernem ao homem. Mas não poude governá-las senão depois que aprendeu como controlar e utilizar seu grande poder divino. Para mostrar como as Forças se manifestam e se controlam, devo explicar sua relatividade.

Gostaria que meus leitores entendessem bem que não procuro pontificar, mas explicar os escritos, e as traduções dos documentos que descobri, redigidos há mais de 70.000 anos. Eles representam uma ciência que ultrapassa tudo o que podem conhecer os nossos sábios modernos, mas estão escritos com uma tal simplicidade que um colegial poderia entendê-los. Os antigos não empregavam telas de fumaça científicas para dissimular a ignorância ou mistificar ou impressionar o ouvinte com sonoras palavras. Os antigos conheciam muito bem o assunto de que tratavam, para precisar recorrer a tais subterfúgios. Dizem-nos eles que:

Todas as forças são vibratórias. Algumas possuem vibrações agudas, outras vibrações

baixas. Uma vibração elevada anula ou repele a mais baixa à qual ela está oposta. Em certos casos, ela domina, como o Rishi o demonstrará. As vibrações das forças terrestres formam as ondas da atmosfera. Algumas dessas ondas formam suas vagas na essência ou parte não analisável da atmosfera. Outras formam suas vagas na parte analisável. O comprimento e a rapidez das ondas-forças são determinadas pelas vibrações iniciais da Força. As ondas da Força Divina do homem se formam na essência. O homem é capaz de produzir vibrações mais aguçadas do que qualquer uma das forças terrestres; por conseqüência, quando ele pode controlar sua própria força, ele anula ou repele todas as forças terrestres. Darei mais adiante exemplos, e as respostas do velho Rishi às questões que lhe fiz sobre certos assuntos. Poderia encher um grande volume com todas minhas notas de certa época, mas alguns exemplos que vou dar bastam.

Há 100.000 anos conhecia-se o segredo de vencer e anular a força de gravidade que os antigos chamavam Força Magnética Fria. Digo ao Rishi que ouvira falar de selvagens, na África e nas ilhas do Pacífico, capazes de flutuar no ar, e pergunto-lhe se isto é verdade. Ele responde-me:
— Sim, meu filho, o homem pode vencer o que você chama de gravidade. Pode elevar

suas vibrações (projetar uma força) acima daquelas da força magnética fria da terra e anular seus efeitos. É esta força só que atrai e o prende à Terra. Quando a força magnética é anulada, o corpo do homem sendo de matéria e a matéria não tendo nenhum peso, pode elevar seu corpo e flutuar nos ares. Pode andar ou flutuar sobre a água como sobre a terra. O maior corpo celeste, o sol ou uma estrela, não tem peso no espaço. Jesus, o maior mestre que a Terra conheceu, provou o que eu digo quando caminhou sobre as águas, como narra a Bíblia. Servia-se simplesmente de uma ciência bem conhecida que era conhecida e praticada há 100.000 anos por nossos grandes ancestrais da primeira civilização da Terra. Meu filho, é preciso reencontrar estas antigas forças cósmicas antes do fim do mundo, porque sem elas o homem não pode ser perfeito. E o destino do homem é o de tornar-se perfeito antes do final dos tempos.

Já que ele fez menção de Jesus, permito-me uma pequena digressão. Interessará sem dúvida aos meus leitores saber onde e como Jesus passou seu tempo, durante suas ausências da História. Existem vários templos e mosteiros, na Índia e no Tibete, que possuem documentos sobre Jesus nessas épocas. Algumas lendas orientais falam também Dele. Um detalhe chamou-me a atenção. Em nenhum documento, nenhuma

lenda, ele não é chamado Cristo. Por toda parte, é Jesus, ou a palavra oriental equivalente.
Um documento escrito em pali, que se encontra no mosteiro Hemis em Leh, na Cachemira, e que não é um original, mas cópia relativamente recente, declara que "quando Jesus deixou seu país natal, foi primeiro para o Egito e durante dois anos estudou a religião osiriana. Do Egito, partiu para a Índia e visitou numerosas cidades, entre as quais Benarés e Lahore, e estudou os ensinamentos de Gautama Buda. Depois ficou doze anos num mosteiro do Himalaia onde estudou os Escritos Sagrados e Inspirados de Mu, a Mãe-pátria, e suas ciências cósmicas. E ao fim de doze anos, tornou-se um mestre".
Em outro mosteiro descobri documento dizendo que "Jesus tornou-se o maior mestre que nossa Terra conheceu". Hoje, o nome de Jesus é mais venerado neste mosteiro do que em qualquer outra seita da cristandade, simplesmente porque os antigos monges o conheciam melhor. Tinham uma lenda a respeito de Jesus. O superior deste mosteiro me disse que durante muito tempo ela foi transmitida oralmente. Depois, a fim de que não fosse esquecida, nem alterada, ela foi escrita, há 1.800 ou 1.900 anos. Este texto é o seguinte: "Quando Jesus se preparava para deixar o mosteiro, uma controvérsia se estabeleceu entre ele e os mestres a

respeito da reencarnação. Jesus afirmou que os Escritos Inspirados e Sagrados da Mãe-pátria diziam que não era "o corpo material do homem que se reencarnava, mas somente sua alma, ou espírito". Os mestres pretendiam que era ao mesmo tempo alma e corpo que reencarnavam, e que os mesmos átomos que formam o corpo serviam para fabricar o seguinte". Graças à amabilidade do superior deste convento, e, por favor, especial, obtive autorização para examinar as tabuinhas que evocavam esta controvérsia, e traduzi-las. Elas dizem: "O corpor material volta à terra de onde veio. Os elementos que o compunham servem então para formar outros corpos". Os mestres afirmavam que esses "outros corpos" eram corpos sucessivos daquele mesmo homem. Tudo reside, portanto na significação exata destas duas palavras. Estes "outros corpos" são corpos humanos, ou então corpos da natureza... sem alma?
Tomo então as tabuinhas seguintes e decifro-as. Descubro isto: "É o homem, o espírito que renasce. O homem imperecível é uma centelha divina em torno da qual uma casa, um corpo, é construído com elementos. Esta casa começa por células elementares que se formam e se reúnem e são juntadas pelos ziis da Força da Vida. Depois de determinado tempo, este composto elementar desgasta-se e retorna à Mãe Terra, libertando assim a centelha

divina. No instante determinado pelo Criador, um novo grupo de células elementares é reunido e uma nova casa é construida para abrigar a centelha divina. Sendo elementar, esta morada retorna também à Mãe Terra, libertando de novo a centelha divina- E isto continua, a centelha divina ocupando casa após casa até que ela seja chamada, e volte à sua Fonte Divina".

Estas tabuinhas fazem parte do capítulo sobre a reencarnação dos Escritos Inspirados e Sagrados de Mu. Elas são muito difíceis de traduzir, se se quer colocar em linguagem moderna todos os pormenores e as sutilezas. Não pretendo tê-lo conseguido. Meus esforços tendem a dar um significado geral correto. Creio ter chegado a isto. Quanto às sutilezas, confesso não as ter compreendido.

Os ensinamentos de Osíris e de Jesus são maravilhosamente semelhantes. Muitas passagens são idênticas, palavra por palavra. Mas não deve isto causar-nos, absolutamente, espanto, porque os dois tinham aprendido a primeira religião do homem nos Escritos Sagrados de Mu. Osíris e Jesus eram os dois instrumentos escolhidos por nosso Pai Celestial, o Grande Sem Nome, enviados por Ele sobre a Terra para ensinar a seus filhos o caminho da felicitade eterna.

Após esta digressão, volto ao meu querido Rishi, para ouvir suas sábias palavras.

Numa manhã radiosa, fui ao templo ver o meu velho amigo. Recebeu-me com seu encantador sorriso, e levou-me para o nosso banco favorito, sob as palmeiras. Durante um instante ficou em silêncio, depois voltando-se para mim, disse:

— Meu filho, é estranho que os cristãos conheçam e compreendam tão pouco a Bíblia. Tome por exemplo a lenda na qual a serpente de Moisés engole as serpentes dos sacerdotes, diante do Faraó. Eles tomam isto literalmente e falam de milagre, ao passo que Moisés e os sacerdotes praticavam as antigas ciências cósmicas para fascinar uns aos outros. Moisés saiu-se vencedor. Você compreenderá melhor se eu chamar isto de hipnotismo coletivo. Moisés e os sacerdotes detinham o poder de elevar suas vibrações acima daquelas do povo e do Faraó. Moisés era capaz de elevá-las mais do que os sacerdotes, porque era um grande mestre. Os sacerdotes estavam, pois sob o seu domínio e eram obrigados a ver tudo o que Moisés lhes sugeria. Fez com que vissem sua serpente engolindo as deles, e eles, viram-no, assim como o Faraó e todo o povo, que estavam também dominados por Moisés. Este pretenso milagre não é senão um milagre do espírito, provocado pelo poder de Moisés.

Sorrindo, o olho brilhante de malícia, ele tomou-me a mão e acrescentou:

— Meu filho, você não o entenderá nunca claramente se eu não lhe fizer uma demonstração. Segure minha mão; suas vibrações receberão as minhas e você verá nitidamente o que se passa.
A alguns metros de nós, dois "coolies" varriam o átrio do templo. Diante deles, havia dois galhos secos, caídos de uma árvore durante a noite. Assim que eles chegaram até os ramos, o Rishi murmurou:
— Olhe-os bem.
Os "coolies" abaixaram-se para apanhar os galhos mortos, mas assim que os tocaram, gritaram:
— Serpentes! Serpentes venenosas!
Saíram em disparada, e voltaram com duas grandes varas de bambu com as quais assentaram golpes violentos sobre os galhos, para matar as serpentes. Depois de tê-los deixado fazer em pedaços a madeira morta, o Rishi fez baixar suas vibrações e tudo voltou ao normal. Os "coolies" estavam aturdidos. Olhavam as varas de bambu que tinham nas mãos, e os pedaços de madeira. Depois coçaram a cabeça, perguntando-se sem dúvida o que teria ocorrido. O Rishi chamou-os e perguntou-lhes:
- Que é que vocês beberam?
- Aguardente de arroz. Só dois copos.
O Rishi contentou-se em balançar a cabeça, franzindo as sobrancelhas. Os dois "coolies" inclinaram-se até o chão e juraram que nunca mais beberiam mais do que um copo

de aguardente, depois voltaram ao seu trabalho.
Assim, três mil anos depois, eu assistira num templo hindu à demonstração feita por Moisés diante dos sacerdotes egípcios e do Faraó.
Um outro dia, quando estávamos em nosso banco e falávamos do passado distante da humanidade, um europeu enorme, faustoso, apareceu, acompanhado de numerosos servidores e aproximou-se de nós. Ajustando o seu monóculo, disse com arrogância.
- Venho ver o sumo-sacerdote deste templo e tenho cartas de apresentação. Você pode levar-me até ele, velhinho?
- Tenho a honra, respondeu o Rishi, de ser o sumo-sacerdote deste templo.
O inglês expücou então:
— Sou o professor X... da Universidade de Y... na Inglaterra. Escrevi uma obra sobre a Índia antiga e informaram-me que o senhor a conhece melhor do que qualquer outra pessoa na Índia. Quero que me dê todas as informações que puder. Eis minha carta de recomendação.
O Rishi abriu o envelope que lhe era estendido, leu a carta, e respondeu:
— Ficarei feliz em dar-lhe todas as informações que puder, isto é, repetirei o que dizem os arquivos de nosso templo.
Depois fez um sinal a um servidor e mandou trazer mesa e cadeiras. Sobre a mesa, os coolies puseram vários cadernos e um

número considerável de lápis bem apontados. O professor sentou-se, tirou seu chapéu, colocou sua bengala e seu guarda-chuva sobre a mesa, tomou um lápis e ajustou seu monóculo, dizendo:
— Escuto-o, velhinho, vamos ver o que você sabe.
— Como ignoro até onde o senhor se adiantou em sua obra, respondeu o Rishi, creio que seria melhor se o senhor me fizesse perguntas, e eu responderia segundo o que dizem nossos arquivos.
- Bem. Fale-me de...
- Nossos arquivos referem que...
- É inteiramente falso, ora essa! O professor A..., em seu livro sobre a Índia, afirma. ..
- O professor A... pode ter razão, e nossos documentos estarem errados... talvez.
- Agora gostaria de saber...
- Os arquivos de nosso templo dizem...
- Ainda falso! O professor B..., que estudou particularmente este assunto, diz...
- O professor B... pode ter razão, e nossos arquivos estarão errados talvez.
E isto continuou assim durante mais de uma hora. Por fim, o professor reuniu raivosamente suas anotações e ergueu-se resmungando:
— Viajei durante dois dias para obter informações de um homem que dizem saber tudo. Uma bela perda de tempo! Você não sabe nada, velhinho! Absolutamente nada!

Eu poderia saber dez vezes mais passando uma hora numa biblioteca!
O Rishi aproximou-se um pouco de mim, tomou a minha mão e franziu levemente os supercílios. Compreendi que alguma coisa estava para acontecer. O professor colocou seu chapéu na cabeça, apanhou seu guarda-chuva e abriu-o, depois segurou sua bengala. Deu um grito, atirou-a longe, e berrou:
— Meu Deus! Uma serpente! Como, diabo, pôde ela subir à mesa?
Um dos coolies foi apanhar a bengala e trouxe-lha, mas ele recuou medrosamente, gritando:
- Não chegue perto de mim com este imundo animal!
- Ora, vamos, professor, murmurou o Rishi. Será que o senhor ficou muito tempo ao sol?
Depois colocou a mão sobre a cabeça do professor, que desabou sobre uma cadeira, gemendo. O Rishi mandou que lhe trouxessem água, e deu-a a beber ao inglês. O professor bebeu, o Rishi relaxou seu controle, e logo o professor voltou ao normal. Ao fim de alguns minutos, ele estendeu a mão ao Rishi.
— Você não conhece nada da história da Índia, velho, mas sabe muito sobre medicina. O mundo médico deveria conhecer a sua poção.

Isto dizendo, virou-se nos calcanhares e deixou-nos. O Rishi seguiu-o com os olhos e murmurou:
— Logo, meu filho, vamos ter uma nova admirável história da Índia. Venha, vamos passear, quer? Todas essas histórias com o professor são muito pueris e indignas de atenção.
E a admirável história apareceu dois anos depois.
Empreguei a palavra "vibrações" para falar do trabalho do cérebro porque é a que mais se aproxima da palavra antiga empregada nos Escritos Sagrados de Mu.
Mesmo arriscando-me a não ser entendido, ou mesmo mal aplicado, quereria explicá-lo segundo os antigos escritos. Todo pensamento provoca um movimento do cérebro. Cada movimento da matéria é o resultado de uma força ativa, a força é o agente que realiza o movimento. As forças que se relacionam com o cérebro são as forças cósmicas, portanto um pensamento é o resultado do trabalho de uma força cósmica, segundo os Escritos Sagrados. Esta passagem estava acompanhada de uma ilustração que reproduzo aqui com sua tradução.

As Forças Cósmicas partem de um determinado ponto; algumas são limitadas à atmosfera terrestre, outras viajam em todo o universo com as Quatro Forças Sagradas.

Elas propagam-se sob a forma de ondas que se irradiam a partir de seu ponto de origem. Estas ondas são o resultado das vibrações das forças. As ondas das Forças Cósmicas formam-se na essência que é uma parte da atmosfera terrestre e que enche o espaço. Na atmosfera, as ondas e a força que elas contém perdem seu poder à medida que diminui a densidade da atmosfera. É nesta passagem que se diz que um movimento do cérebro é uma vibração de uma força.

As vibrações formadas na essência fazem toda a volta da terra, tão depressa ou mais depressa do que a luz. Quando esta onda de pensamento atinge outro cérebro sintonizado com as mesmas vibrações, o cérebro receptor compreende perfeitamente o pensamento enviado pelo emitente. É a telegrafia cósmica, ou telepatia. Dois cérebros postos, de algum modo, sobre o mesmo comprimento de ondas podem facilmente ter uma longa conversação muda. Meu velho padre Rishi e eu comunicamo-nos com freqüência deste modo; nunca nos mandamos recados escritos. Se ele quer ver-me no templo, sinto-o e para lá me dirijo, para o encontrar pronto a receber-me. Ele considerava este tipo de coisa como uma lição elementar, a letra A do alfabeto.

Um de nossos grandes financistas disse-me um dia que se eu pudesse ler assim o pensamento dos homens, poderia ganhar milhões em Wall Street. Enganava-se. É

impossível, porque desde que o dinheiro entre em cena o materialismo sobrepõe-se e o espiritual não pode mais agir, o que me lembra as palavras do Grande Mestre: "É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um homem rico entrar no céu".
O materialismo força o homem a acumular riquezas, e este mesmo materialismo o obriga, depois que ele as acumulou, a conservá-las, de modo que ele não tem mais tempo para aprimorar sua espiritualidade para preparar-se para sua volta à Grande Fonte. Ele deve "nascer de novo", reencarnar-se, para começar tudo outra vez.
O Rishi gostava, particularmente, de referir-se à nossa Bíblia. Conhecia de cor a maior parte dos primeiros capítulos; de fato, todos aqueles da Bíblia nos quais se trata de Forças Cósmicas. Considerava o Pai Nosso como a maior e a mais bela coisa jamais escrita. Não estava inteiramente de acordo com os evangelhos, mas retificava sempre sua opinião acrescentando que talvez tivesse havido erros de tradução.
Uma tarde, disse-me:
— Meu filho, pensei neste grande milagre bíblico, quando Shadrach, Mishach e Abednago caminham na fornalha sem se queimar, nem mesmo tocados pelas chamas. Isto não é um milagre; eles eram mestres. Como lhe disse, o homem tem o poder de erguer suas vibrações interiore acima

daquelas forças terrestres, e de anulá-las assim. Neste momento, pois, o calor do fogo não pode tocá-lo porque uma zona neutra se formou entre ele e a força do fogo, pela qual o calor não pode passar. As roupas do homem recebem suas vibrações, como você as recebe de mim quando lhe tomo a mão. Assim, sua roupa não mais pode ser tocada pelo fogo. Aqueles que aprenderam a controlar e usar suas vibrações interiores ou espirituais foram chamados mestres, porque eles dominam as ciências cósmicas. Os próprios mestres não são todos tão perfeitos. Shadrach, Mishach e Abednago eram grandes mestres, e quando foram postos na fornalha, elevaram suas vibrações acima daquelas da força do fogo, e em conseqüência as chamas não podiam tocá-los.

Perguntei-lhe então como esses Israelitas tinham podido tornar-se mestres.

— Estavam em cativeiro na Babilônia, meu filho. Havia lá inúmeros templos do saber, que eles chamavam Chaldi. Foram fundados por volta de 18.000 anos pelos Naacals que tinham deixado a Índia. Ensinavam gratuitamente a língua da Mãe-Pátria, os Escritos Inspirados e Sagrados, e as ciências cósmicas. Nessas escolas, o escravo era recebido do mesmo modo que o príncipe; desde que passavam a sua soleira, todos os homens eram iguais, tornavam-se irmãos de verdade, porque nos Chaldis eles estavam

simbolicamente sentados aos pés do Pai Celestial... Suponho agora que, como de hábito, seria necessário que eu lhe dê um exemplo concreto?
Sorrindo, chamou um dos seus servidores e pediu que lhe trouxesse um carvão em brasa. Assim que o carvão chegou, num fogão, tomou-me a mão, segurou o carvão ardente e colocou-o na palma de minha mão. Depois perguntou-me se eu sentia alguma sensação de queimadura. Disse-lhe que não. Pediu-me então que tentasse acender um cigarro nesse fogo, mas o cigarro recusou-se a acender-se. Finalmente ele virou minha mão e o carvão ardente caiu por terra. Depois ele me soltou a mão e convidou-me a apanhar o carvão para devolvê-lo ao fogareiro. Obedeci, inocentemente, e soltei-o logo, os dedos queimados. Sob os meus olhos, ele apanhou então o carvão com sua mão e o repôs sossegadamente no fogareiro, depois disse-me sorrindo:
— Agora, acenda o seu cigarro com ele.
E o cigarro acendeu-se logo!
Meu velho amigo perguntou-me então se eu acreditava nas ciências cósmicas. Posso assegurar-vos, caros leitores, que eu acreditava nelas firmemente, e que ainda acredito!
De outra vez, perguntei ao Rishi como era preciso fazer para obter a concentração do espírito.

— Liberte seu cérebro de todo trabalho material, disse-me. Para conseguir isto, é melhor deitar-se, a posição alongada sendo a mais propícia à relaxação de todos os músculos. Assim, seu cérebro não precisa mais ocupar-se com a anatomia do seu corpo. Coloque uma venda sobre os olhos, ou feche-os para que nada possa distrair sua atenção nem fazer trabalhar seu cérebro. Não coma nem muito nem pouco, os dois são contra-indicados. Se você come muito, seu estômago fica pesado e faz o cérebro trabalhar. Se não come, a fome também o deixa ocupado. Seu corpo material deve ser perfeitamente normal; a natureza deve agir sozinha, sem saltos. É preciso evitar todo ruído intempestivo, para não distrair o cérebro. Terá assim remetido os comandos de seu cérebro para o espiritual, e o lado material lhe é submetido. A concentração é difícil no começo, mas, quanto mais a pessoa se aplica, mais fácil ela se torna.

O que hoje se chama ciências ocultas apaixona tanto o profano quanto o sábio. Durante sete anos, tive o imenso privilégio de ser o único aluno de um dos maiores Rishis que viveram nos últimos dois mil anos, e que é entretanto desconhecido. Explicou-me voluntariamente e mesmo com prazer os diversos fenômenos místicos, mas nunca pude convencê-lo a ensinar-me como praticá-los. Respondia-me invariavelmente:

— Meu filho, ensino-lhe como aprender a antiga história do homem, mas não posso ir mais longe, porque você não está preparado para progredir em outras ciências.
Perguntei-lhe um dia:
- E é verdade que podemos realmente enxergar pessoas mortas há muito tempo, ou isto é fruto de nossa imaginação, miragens do cérebro?
- Não se trata de imaginação, nem de miragem, meu filho, mas de uma realidade. Certas pessoas recebem efetivamente visitantes do outro mundo. Todo mundo não possui a faculdade de vê-los; tudo depende do nível de suas vibrações. E certas pessoas jamais recebem visitas assim.
Falando por experiências, posso dizer a meus leitores que a objetiva fotográfica pode ver o que escapa ao olho humano, e registrá-lo. Este fenômeno aconteceu-me três vezes, e submeti as provas a grandes fotógrafos, pedindo-lhes uma explicação. Todos confessaram-se incapaz de dá-la. A mais completa destas fotos representava uma jovem mulher sentada em uma árvore; sua mãe reconheceu-a imediatamente e disse-me que ela morrera há dez anos, e que adorava ir sentar-se naquele mesmo galho de árvore.
Voltemos ao meu Rishi. Ele diz-me ainda:
- Diversos seres que se encontram no imenso além-túmulo podem revelar-se a você. Existem, primeiro, os que atingiram o

grau de mestre antes de desencarnar. Este pode aparecer para você e tem o poder de abaixar suas vibrações até o seu próprio nível, a fim de colocar-se em suas ondas. Pode você então vê-lo. Mas, com mais freqüência, os que aparecerão a você serão parentes ou amigos muitos queridos, pessoas que estiveram muito próximas de você na Terra, pela simples razão de que têm as mesmas vibrações. Estas visitas não são raras para aqueles cujos corações estiveram unidos sobre a Terra. Assim, meu filho, o amor é o grande mestre, aqui e do lado de lá. O amor é a imagem de nosso Pai Celeste, o amor é o reflexo do Pai Celeste no homem.

- Meu pai, não disse que, com o tempo, esses visitantes deixam de aparecer. Para onde vão, então?

— Não sei. Talvez partam para outros mundos, ou então reencarnam sobre esta Terra. Podem também ter voltado à Grande Fonte... Acontece-nos com freqüência sentir a presença destes visitantes do outro lado, sem os ver. Acontece-nos mesmo sentir sua presença tão próxima que poderíamos até tomar-lhes a mão.

Perguntei-lhe que circunstancias nos impediam de ver estes visitantes- Sua resposta não se fez esperar:

— Por que sua vibrações, mesmo estando tão próximas de nós que nosso cérebro as receba, não estão suficientemente em

uníssono que nos permita vê-los. E acontece ainda que eles não tenham vontade de mostrar-se. Pessoalmente, penso que aqueles que não desejam ser vistos são grandes mestres que se servem de nós como instrumento de comunicação e de informação, entre este mundo e o lado de lá.
Perguntei-lhe se podia dar-me um exemplo desse tipo de comunicação.
— Certamente. Acontece entre alguns artistas, pintores, escritores, sobretudo escritores. O mestre, qualquer que seja, envia suas vibrações sobre aquelas do cérebro do autor, e inspira-lhe o que deve escrever, e enquanto seu cérebro recebe estas vibrações ele não pode escrever outra coisa. Se tenta confiar em seu próprio raciocínio percebe, relendo, que não escreveu mais do que tolices. Não pode exprimir senão aquilo que lhe é inspirado pelo mestre. Está como que enfeitiçado. O invisível dirige-o. É o que os antigos chamavam "escritos inspirados", que são textos vindos do outro mundo, por meio de um agente invisível.
Outra vez, perguntei-lhe se era possível para o homem progredir nas ciências antigas a ponto de conseguir separar o homem espiritual do corpo material permitindo ao espiritual viajar no espaço e obter assim informações.
— Sim, meu filho, é muito fácil para aquele que se tornou mestre das ciências antigas,

mas para aquele que é apenas um neófito trata-se de uma empresa perigosa porque, não tendo alcançado a perfeição nas ciências, o homem espiritual arrisca-se a não mais encontrar o caminho de volta a seu corpo material. O corpo material, privado de seu espírito, de sua alma, volta à terra. É necessário uma vida inteira para tornar-se mestre neste domínio das ciências antigas, e você não deve aventurar-se nesse caminho.
Supliquei-lhe que me ensinasse esta arte, mas ele recusou-se categoricamente, dizendo:
— O tempo que você ficará comigo será dez vezes muito curto para que eu possa ensiná-la.
Deu-me, contudo, uma demonstração deste fenômeno.
Uma tarde, pouco antes de minha partida da Índia, meu velho amigo colocou a mão afetuosa sobre o meu ombro, e me disse:
— Meu filho, gostaria de fazer uma longa viagem comigo, esta noite?
Aceitei com alegria e, às 9 horas da noite, cheguei ao templo. Um dos servidores recebeu-me e me conduziu à cela do Rishi- A peça estava fracamente iluminada, incenso queimava, e volutas de fumaça perfumada subia para o teto. Vendo-me, o Rishi ergueu-se do sofá onde estava sentado, avançou e segurou minha mão. Despediu o servidor e ordenou-lhe que não nos perturbasse antes

do amanhecer. Quando a porta se fechou, ele atraiu-me para o sofá, e disse-me:
— Meu filho, vamos voltar atrás no tempo para ver-nos quando de nossa última encarnação.
Era a primeira vez que ele me fazia compreender que já tínhamos estado juntos sobre a Terra.
Sentamo-nos no sofá, minha mão na sua. Pediu-me que fechasse os olhos e concentrasse meu espírito, para tentar captar suas vibrações. Pouco a pouco, tive a impressão de perder os sentidos. Logo nós nos tornamos a encontrar, ele e eu, flutuando acima de um imenso país de cidades incontáveis. Dirigimo-nos para uma dessas cidades. Quando descemos à terra, caminhamos em ruas animadas; pareceu-me que dias, semanas, anos se escoavam. Depois, vi-me nos traços de um soldado, morto no campo de luta, atravessado por uma lança.
O Rishi, que era meu pai, viu-me chegar, trazido por homens; ergueu os braços ao céu, e gemeu:
— "Meu filho único, morto em combate!"
Enquanto ele assim gritava, minha alma partia. Seria necessário um volume para contar tudo o que vi durante essas semanas, meses e anos.
Despertei por fim e recobrei os sentidos em alguns minutos. Não quero fazer comentários sobre esta viagem. Não direi se

a acreditei real, se meu ser espiritual se separou de meu corpo material, ou não, ou se tudo isto não passou de uma visão provocada pelo hipnotismo. Meus leitores poderão tirar suas próprias conclusões.
Esta entrevista foi uma das últimas que tive com meu querido velho amigo. Perguntei-me muitas vezes depois se ele me queria tão bem quanto eu o queria. Não creio que fosse possível.

CAPÍTULO XXVII

OMEGA — A PEDRA ANGULAR

Se me perguntassem: "Há quanto tempo o homem apareceu sobre a terra?" eu responderia: "Sem dúvida alguma na era terciária".
Não posso dizer quantos anos decorreram desde então; ninguém o pode. O homem de hoje já não pode conceber em que época começou o pleistoceno, nem a duração de uma era geológica, assim como não pode dizer a idade do fóssil que está sobre a minha escrivaninha.
Segundo a lei da Criação, deve antes existir um estado, uma condição e ao mesmo tempo uma vida capaz de nela se desenvolver. A condição esteve sempre submetida às influências das Forças primárias da Terra.

Isso se verificou desde o começo da história do globo e a momento algum encontramos a nova criação atrasada em relação a essa condição, porque é esta que dá origem à criação ou ao desenvolvimento.
Em que momento as condições permitiram o aparecimento do homem? A Terra já era propícia à vida humana no fim do oligoceno e ainda mais, durante a última metade do mioceno e no começo do plioceno.
Isso se passou muito antes da formação dos grandes cinturões gasosos, muito antes da elevação das montanhas e muito antes da era glacial.
Creio já ter fornecido aos meus leitores muitas provas que demonstram que:
Primeiro: Em um momento da história de nosso planeta existiu um grande continente no meio do Oceano Pacífico onde hoje não vemos senão alguns arquipélagos.
Segundo: Esta terra tinha, nos tempos antigos, dois nomes: um geográfico e outro hierático. O nome hierático era Mu; o nome geográfico era as Terras do Oeste, ou Lemúria.
Terceiro: Foi sobre esta terra que o homem apareceu em nosso planeta.
Quarto: O homem foi uma criação especial e não obra da natureza. Ele apareceu completamente desenvolvido; só lhe faltava educação física e mental.
Que é, pois, o homem?

James D. Dana nos diz: "O homem não é um produto da natureza; é uma criação especial do Ser Infinito, do qual ele é a imagem".
Estou completamente de acordo com Dana, mas uma força irresistível me faz ir além.
Toda tentativa tendente a determinar em que data o homem surgiu sobre a terra, só pode ser fútil. Isso sempre foi um segredo e deve permanecer como tal, pois a primeira pátria do homem na Terra repousa, hoje, juntamente com esse segredo, no fundo do Oceano Pacífico. Entretanto, podemos esperar, graças às pesquisas arqueológicas e geológicas, poder um dia nos aproximar desta data de sua criação.
Demonstrei que o homem já vivia sobre a Terra e, a julgar pela qualidade e pela perfeição de suas obras, que já conhecia uma grande civilização na segunda metade da era terciária. Tudo indica que ele já vivia há muito tempo, milênios antes dessa era, o que o tornou contemporâneo dos primeiros macacos parecidos com o homem.
Se a evolução fosse possível — o que as velhas tabuinhas Naacals contestam mediante provas — ter-se-ia dado o contrário, isto é, os macacos é que seriam descendentes do homem. Ora, o homem, a mais complexa de todas as formas de vida e mais perfeita, foi criado com uma intenção especial, conforme demonstram as tabuinhas Naacal.

O homem é um animal da ordem dos mamíferos, distinto e diferente dos outros animais pelo fato de que a seu corpo se acrescentou uma força, ou alma, a fim de que ele reinasse sobre a Terra.
Este dom maravilhoso não foi atribuído a nenhuma outra forma de vida, o que prova de maneira inconteste que o homem é uma criação à parte, possuidora de uma força divina.
Com esta força, o homem recebeu o poder de colocar-se, quando aprendesse a utilizar essa força, ao lado do Ser Infinito, do qual ele possui em si uma parte. Portanto, o homem é filho de Deus.
Como todas as outras criaturas, o homem começou desde o primeiro degrau da escada; mas, contrariamente aos outros seres, foi-lhe dado o poder de elevar-se. O homem sempre esteve cercado de influências que se entrechocavam para o bem e para o mal. As boas influências só podem sugerir o bem. As más sugestões provêm das influências materiais ou elementares. Nem todas as influências materiais são más, mas só podem ser boas as da alma.
A julgar pela evolução do homem, apontada pela ciência e pela erudição, ele se aproxima agora do limiar do conhecimento. Quando o seu conhecimento for completo, — o que só se verificará quando o homem compreender e puder controlar certas forças terrestres que lhe permitirão compreender a

sua própria força — então as obras humanas ultrapassarão nosso nível atual de compreensão. Quando o homem tiver assimilado completamente esta força de alma que possui, será incapaz de pensamento e de ações más. Poderá então realizar tudo o que lhe for ditado por sua alma, porque esta não sofrerá influências más. As obras do homem serão boas, porque sua alma é incapaz de praticar o mal.

Até aqui não consideramos senão o passado do homem; consagramos alguns breves instantes a imaginar o seu futuro a fim de ver o que a sorte lhe reserva. Tudo indica que tempo* virá em que o homem controlará perfeitamente todos os elementos terrestres e muitas forças do globo, estado para o qual ele avança a passos largos. O poder de sua força de alma mal começa a ser concebido pelo homem atual.

Há muitos fenômenos estranhos, ou aparentemente estranhos, nos quais os objetivos são atingidos pela influência desta força da alma. E, entretanto, aquele que os realiza não sabe que o faz graças a esta força. Ele descobre possuir um poder, mas ignora a natureza do mesmo; dele só vê os resultados. De certa forma, ele está bastante evoluído para projetar a força de sua alma em uma direção limitada, mas sem a compreender. Os grandes mistérios dos hindus, dos polinésios, dos egípcios e os milagres da Bíblia são ou foram os

resultados da influência dessa força da alma.
O Cristo é o exemplo perfeito da força da alma que controla totalmente o espírito e o corpo. Apareceu sobre a Terra como outros antes d'Ele, para cumprir a grande Lei divina. O espírito do homem estava então condicionado. O Cristo foi posto sobre a Terra para servir de exemplo ao homem, para ensinar e demonstrar até que ponto o homem poderia se desenvolver. A evolução prossegue; o homem deve tornar-se perfeito, se não a grande Lei Divina terá fracassado. Mas como ela é divina, não pode fracassar.
É muito de lamentar que um grande número de nossos cientistas sejam ateus e defendam a teoria da evolução; o fato permanece de que o evolucionista sincero só pode ser ateu. É mais lamentável ainda que os cientistas o sejam, pois a ciência, bem compreendida, só pode demonstrar o poder e o mistério do Ser Supremo, a Divindade.
O escolho no qual a maioria dos sábios fracassa chama-se materialismo. Em seus estudos, eliminaram as forças e as suas influências, dizendo: "Uma força é o resultado dos movimentos atômicos". Exato, todas as forças o são, Salvo a primeira que desencadeou o mecanismo atômico.
É esta força que o ateu jamais descobriu, então ele arquiteta suas teses sem dar-se conta dela. Não descobriu senão as forças menores originárias dos movimentos

atômicos; jamais esteve em contato direto com Deus.
Os movimentos dos átomos são como as engrenagens de um mecanismo. Uma roda faz girar uma outra, que por sua vez faz girar outra ainda, e assim por diante ao infinito. Mas o que é que fez girar a primeira roda? Não foi uma outra, visto que ela é a primeira. Conseqüentemente, deve haver aí outra coisa. O quê? Uma força independente de todos os átomos.
O universo é uma seqüência de engrenagens atômicas. Que faz girar a primeira roda do universo? Uma força, a Grande Força primária, a Grande Força infinita, em uma palavra: Deus. O ateu não descobriu que Deus é a Grande Força primária, que faz girar as engrenagens graças a forças subsidiárias e que as forças atômicas não são mais do que as forças subsidiárias da Grande Força primária.
Assim, o ateu não considera senão o lado material das coisas. Deduz dele naturalmente que os elementos governam as forças. Portanto, as forças não contam, é inútil interessar-se por elas. Então o navio sem governo choca-se contra os recifes.
Se o ateu estudasse tão cuidadosamente as forças como os elementos, renovando constantemente a experiência, seguindo uma força depois de outra, chegaria à origem do movimento. Compreenderia então que possui em si mesmo uma força que não

é física, e que esta força não é outra senão a alma viva e mortal. Sabendo isto, compreenderia que ele é, não um pobre animal como pretende ser, mas um indivíduo que possui em si uma parte do Ser Supremo, um filho de Deus, assim como a folha é, também ela, uma parte da própria árvore.
O Cristo e Buda declararam que Eles não eram outra coisa senão "o que todos os outros podem vir a ser".
Com o seu conhecimento químico dos elementos, o sábio compreende que as partículas químicas que formam seu corpo devem eventualmente decompor-se, e deveria saber que esta decomposição liberta a alma. Conhecendo a mortalidade daquilo que o compõe, deveria saber que sua alma, como os elementos da natureza, não pode morrer.
Está escrito que todos os elementos químicos devem em uma dada ocasião se decompor, separar-se, voltar à sua forma original, ao ponto de onde vieram. Tendo os elementos liberado a alma de seus liames, deve esta retornar também à sua origem, uma vez que é governada pela mesma lei divina imposta aos elementos. Proveniente da Grande Fonte, o fim glorioso e triunfante da alma do homem só pode ser o seu retorno a Deus.

ÍNDICE

Prefácio
Cap. I — Alfa — O Início
Cap. II — O Continente Perdido
Cap. III — O país onde surgiu o Homem sobre a Terra
Cap. IV — Restos do continente perdido
Cap. V — Mu, o Império do Sol
Cap.VI — O lugar ocupado pela América do Norte entre as antigas Civilizações
Cap. VII — México: as cidades sepultadas de Niven .....
Cap.VIII — O lugar do lucatã entre as antigas civilizações
Cap. IX — Tabuinhas mexicanas
Cap. X — América do Sul — Peru — Brasil
Cap. XI — Atlântida
Cap. XII — A idade da civilização de Mu
Cap. XIII — A História geológica de Mu
Cap. XIV — Primeiros homens na Europa
Cap. XV — História dos gregos
Cap.XVI — O Livro Sagrado dos Egípcios — O Livro dos Mortos
Cap. XVII- — Correntes colonizadoras
Cap. XVIII — índia — Livros sagrados
Cap. XIX — A primeira religião do Homem
Cap. XX — Símbolos
Cap. XXI — Antigas concepções religiosas
Cap. XXII — A origem do estado selvagem
Cap. XXIII — O Império Uighur

Cap. XXIV — Acádios, Sumérios, Caldeus, Assírios, Medas e
Persas
Cap. XXV — Máscaras de ouro
Cap. XXVI — O velho sábio e a Natureza
Cap. XXVII — Omega — A Pedra Angular